

romance

Os moedeiros falsos

André Gide

Um marco da literatura moderna.
Prémio Nobel da Literatura 1947.

«Um dos melhores romances que
já li.»

John Steinbeck

Olhão

coleção | cântico final

 AMBAR®

Os moedeiros falsos

André Gide

Título do original: "Lês faux-monnayeurs"

Tradução: Celina Portocarrero

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Livraria Francisco Alves Editora S.A.

A Roger Martin du Gard
dedico meu primeiro romance
em testemunho de profunda amizade.

Primeira parte

PARIS

"Está na hora de achar que ouço passos no corredor", disse Bernard consigo mesmo. Ergueu a cabeça e ficou atento. Mas não: seu pai e seu irmão mais velho estavam retidos no Palácio da Justiça, sua mãe fazia visitas, sua irmã fora a um concerto, e quanto ao caçula, o pequeno Caloub, ficava diariamente encerrado num pensionato após a saída do liceu. Bernard Profitendieu ficara em casa a fim de se preparar para os exames, só lhe restavam três semanas. A família respeitava sua solidão; o demônio, não. Embora houvesse tirado o paletó, Bernard sufocava. Pela janela aberta para a rua, nada entrava além do calor. Sua testa estava inundada. Uma gota de suor correu ao longo de seu nariz e foi cair sobre uma carta que tinha nas mãos:

"Está se fazendo de lágrima, pensou ele. Mas é melhor suar que chorar."

Sim, a data era peremptória. Não havia dúvida possível: era bem dele, Bernard, que se tratava. A carta era endereçada à sua mãe; uma carta de amor escrita há dezessete anos, sem assinatura.

"O que significa esta inicial? Um V, que também pode ser um N... Seria o caso de interrogar minha mãe?... Vamos confiar em seu bom gosto. Posso muito bem imaginar que é um príncipe. Bonito papel, se descubro que sou o filho de um pobretão! Não saber quem é seu pai, eis o que nos livra do medo de se parecer com ele. Toda investigação traz consequências. Aproveitamos somente a libertação que advém disto. Não aprofundemos. Mesmo porque já tive o bastante por hoje."

Bernard dobrou a carta. Era do mesmo formato que as outras doze do maço. Uma fita rosa as amarrava, cujo nó ele não desatara, e que recolocou, fazendo-a deslizar sobre os papéis para prendê-los como antes. Repôs o maço no cofre e o cofre na gaveta do móvel. A gaveta não estava aberta, ele descobrira seu segredo pela parte de cima. Bernard reajustou as lâminas desconjuntadas da parte superior de madeira, que deveria ser recoberta por um pesado tampo de ônix. Calmamente, cuidadosamente, deixou-o cair, recolocou sobre ele dois candelabros de cristal e o enorme relógio que acabara de consertar.

O relógio bateu quatro vezes. Ele o havia acertado.

"O senhor juiz e o senhor advogado, seu filho, não voltarão antes das seis horas. Tenho tempo. É preciso que o senhor juiz, ao chegar a casa, encontre sobre sua

escrivaninha a bela carta na qual vou anunciar-lhe minha partida. Mas, antes de escrevê-la, sinto uma imensa necessidade de arejar um pouco minhas ideias - e de ir encontrar meu caro Olivier, para me garantir, pelo menos provisoriamente, um lugar para dormir. Olivier, meu amigo, chegou a hora, para mim, de pôr à prova sua afeição, e, para você, de mostrar o quanto vale. O que havia de belo em nossa amizade era que, até agora, nunca nos havíamos servido um do outro. Ora! Um favor agradável de se fazer não deveria ser difícil de se pedir. O aborrecido é que Olivier não estará sozinho. Azar! Saberei chamá-lo à parte. Quero assombrá-lo com minha calma. É diante do extraordinário que me sinto mais natural?*

A Rue T... onde Bernard Profitendieu vivera até aquele dia, fica bem próxima do Jardim do Luxemburgo. Lá, junto à Fonte Médicis, naquela aléia que a circunda, costumavam se encontrar todas as quartas-feiras, entre as quatro e as seis da tarde, alguns de seus colegas. Discutia-se arte, filosofia, esportes, política e literatura. Bernard andara muito depressa, mas, ao cruzar o portão do jardim, avistou Olivier Molinier e diminuiu imediatamente o passo.

A reunião, naquele dia, era mais numerosa do que habitualmente, com certeza devido ao bom tempo. Alguns que Bernard ainda não conhecia se haviam agregado. Cada um daqueles jovens, assim que se via diante dos outros, representava um papel e perdia quase toda a sua naturalidade.

Olivier enrubesceu ao ver aproximar-se Bernard, e, abandonando um tanto bruscamente uma moça com quem conversava, afastou-se. Bernard era o seu amigo mais íntimo, por isso Olivier tomava muito cuidado para não demonstrar que o procurava, às vezes fingia até mesmo não vê-lo.

Antes de ir ao seu encontro, Bernard devia enfrentar vários grupos, e, como também fingia não procurar Olivier, retardava-se.

Quatro de seus colegas cercavam um barbudinho de pincenê, sensivelmente mais velho que eles, que segurava um livro. Era Dhurmer.

- O que é que você quer? dizia este, dirigindo-se mais diretamente a um dos outros, mas claramente satisfeito por estar sendo ouvido por todos. Fui até a página

30 sem encontrar uma só cor, uma só palavra que pinte. Ele fala de uma mulher, e não sei nem mesmo se seu vestido era vermelho ou azul. Para mim, quando não há cores, é simples, não vejo nada. - E por necessidade de exagerar, ainda mais ao se sentir menos levado a sério, insistia: - Absolutamente nada.

Bernard não mais ouvia o falador. Achava inconveniente se afastar muito depressa, mas já prestava atenção a outros, que discutiam atrás dele e aos quais Olivier se reunira após ter deixado a moça; um desses, sentado num banco, lia a 'Ação Francesa'.

Como Olivier Molinier, entre todos esses, parece sério! No entanto, é um dos mais jovens. Seu rosto ainda quase infantil e seu olhar revelam a precocidade de seus pensamentos. Enrubesce facilmente. É terno. Mostra-se inutilmente amável com todos, não sei que secreta reserva, que pudor, mantém seus colegas à distância. Ele sofre com isto. Sem Bernard, sofreria ainda mais.

Molinier dedicara alguns instantes, como faz agora Bernard, a cada um dos grupos; por condescendência, mas nada do que ouve o interessa.

Debruçava-se por sobre o ombro do leitor. Bernard, sem se voltar, ouvia-o dizer:

- Você faz mal em ler os jornais, isso dá congestão. E o outro replicar, numa voz azeda:

1 Jornal diário francês (1908-1944), dirigido por Charles Maurras, órgão de um movimento político de inspiração monarquista e antidemocrática, que apelava para um nacionalismo integral. (N, da T.)

- E você, é só alguém falar em Maurras, que você fica verde. ;

Então um terceiro, num tom gozador, perguntar: ;

- Você acha graça nos artigos de Maurras? E o primeiro responder:

- Eles me encham, mas acho que ele está certo. Depois um quarto, cuja voz Bernard não reconhecia:

- Ora, você, tudo o que você não acha chato, acha que não tem profundidade.

O primeiro retrucava:

- Se você acha que é só ser imbecil para ser engraçado!
- Venha, disse Bernard, tomando Olivier bruscamente pelo braço. Levou-o para um pouco mais longe:
- Responda rápido, estou com pressa. Você me disse que não dormia no mesmo andar que seus pais?
- Já mostrei a porta do meu quarto, dá direto na escada, um andar antes do resto da casa.
- Você me disse que seu irmão também dormia lá?
- É, Georges.
- São só vocês dois?
- Só.
- O garoto sabe ficar calado?
- Se for preciso. Por quê?
- Escute. Saí de casa, ou pelo menos vou sair ainda esta tarde. Ainda não sei aonde irei. Por uma noite, você pode me acolher?

Olivier ficou muito pálido. Sua emoção era tão grande que ele não podia encarar Bernard.

- Posso, disse ele, mas não venha antes das onze. Mamãe desce sempre para nos dar boa-noite e fecha nossa porta à chave.
- Mas, então... Olivier sorriu:
- Tenho outra chave. Você bate de leve, para não acordar Georges, se ele estiver dormindo.
- O porteiro me deixará subir?
- Falarei com ele. Nós nos damos muito bem. Foi ele quem me deu a outra chave. Até logo.

Separaram-se sem se apertar as mãos. E enquanto Bernard se afastava, meditando sobre a carta que queria escrever e que o magistrado deveria encontrar ao chegar a

casa, Olivier, que não queria que o vissem se isolar apenas com Bernard, foi ao encontro de Lucien Bercail, que os outros

deixam de lado. Olivier gostaria muito dele, se não preferisse Bernard. Tanto quanto Bernard é audaz, Lucien é tímido. Sente-se que é fraco, parece só existir pelo coração e pelo espírito. Raramente ousa se aproximar, mas fica louco de alegria ao ver que Olivier se dirige a ele. Que Lucien faça versos, todos desconfiam; no entanto Olivier é, creio, o único a quem Lucien revela seus planos. Os dois foram até o terraço.

- O que eu queria, dizia Lucien, era contar a história, não de uma personagem, mas de um lugar - olhe, por exemplo, de uma aléia de jardim, como esta aqui, contar o que acontece nela - da manhã à noite. Viriam primeiro as babás, as amas-de-leite, com laços de fita. .. Não, não... Primeiro pessoas sombrias, sem sexo nem idade, para varrer a aléia, regar a grama, trocar as flores, enfim, o palco e o cenário antes da abertura dos portões, entende? Então, a entrada em cena das amas-de-leite. Os pirralhos fazem bolos de areia, brigam; as babás batem neles. A seguir, vem a saída dos colégios - e depois as operárias. Há pobres que vêm comer num banco. Mais tarde, os jovens que se procuram, outros que se evitam, outros que se isolam, os sonhadores. E depois a multidão, na hora da música e da saída das lojas. Estudantes, como agora. No fim da tarde, amantes que se beijam, outros que se separam chorando. Enfim, ao cair da noite, um casal de velhos... E, de repente, um rufar de tambor, hora de fechar. Todos sabem. Acabou a peça. Você entende: algo que daria a impressão do fim de tudo, da morte... Mas sem falar da morte, naturalmente.

- Claro, entendo bem, diz Olivier, que pensava em Bernard e não ouvira uma só palavra.

- E isso não é tudo, não é tudo! recomeçou Lucien com fervor. Eu queria, numa espécie de epílogo, mostrar a mesma aléia, à noite, depois que todos partiram, deserta, muito mais bela do que durante o dia. No silêncio profundo, a exaltação de todos os ruídos naturais: o ruído da fonte, do vento nas folhas, e o canto de um pássaro noturno. Primeiro pensei em fazer circularem sombras, talvez estátuas... mas acho que isso seria banal, o que é que acha?

- Não, nada de estátuas, nada de estátuas, protestou Olivier distraidamente. E então, sob o olhar triste do outro, exclamou calorosamente: - Pois olhe, meu camarada, se você conseguir fazer isso, será fantástico.

"Não há vestígio algum, nas cartas de Poussin, de qualquer obrigação devida por ele a seus pais. Jamais manifestou arrependimento por se ter afastado deles. Transplantado voluntariamente a Roma, perdeu qualquer desejo de volta, dir-se-ia mesmo qualquer lembrança."

Paul Desjardins (Poussin) ••

-'••• O sr. Profitendieu tinha pressa de voltar para casa e achava que seu colega Molinier, que o acompanhava pelo Boulevard Saint-Germain, andava devagar. Albéric Profitendieu tivera, no Palácio da Justiça, um dia especialmente cheio: inquietava-se ao sentir um certo peso do lado direito; o cansaço, nele, atacava o fígado, que tinha um tanto delicado. Pensava no banho que iria tomar, nada o descansava mais das preocupações do dia do que um bom banho de imersão; prevendo-o, não lanchara, por considerar que não é prudente entrar na água, ainda que morna, a não ser de estômago vazio. Afinal, aquilo talvez não fosse mais do que um preconceito, mas os preconceitos são os sustentáculos da civilização.

Oscar Molinier apressava o passo o máximo que podia e se esforçava para seguir Profitendieu, mas era muito mais baixo que ele e tinha pernas menos ágeis; além disso, com o coração um tanto coberto de gordura, perdia o fôlego com facilidade. Profitendieu, ainda em forma aos cinquenta anos, de estômago vazio e andar alerta, tê-lo-ia facilmente deixado para trás, mas levava muito a sério as convenções sociais. Seu colega era mais velho, mais antigo na carreira: devia-lhe respeito. Precisava, ademais, fazer-se perdoar por sua fortuna, que, desde a morte dos pais de sua mulher, era considerável, ao passo que o sr. Molinier tinha como único bem seus honorários de presidente do tribunal, honorários irrisórios e desproporcionais ao alto cargo que ocupava, com uma dignidade tão grande que chegava a lhe disfarçar a mediocridade. Profitendieu dissimulava sua impaciência, voltava-se para Molinier e o via enxugar o suor. Afinal, interessava-lhe muito o que dizia Molinier; mas seus pontos de vista não eram os mesmos, e a discussão se acalorava.

- Mande vigiar a casa, dizia Molinier. Ouça o que diz o porteiro e a falsa criada, tudo isso está muito bem. Mas esteja prevenido, pois, se aprofundar um pouco demais

essa investigação, o caso lhe escapará... Quero dizer, arrisca-se a ser levado muito mais longe do que imaginou inicialmente.

- Essas preocupações nada têm a ver com a justiça.

- Vamos, vamos, meu amigo! Ambos sabemos o que deveria ser a justiça, e o que ela é. Fazemos o máximo que podemos, é claro; mas, por mais que façamos, não chegamos a conseguir grande coisa. O caso do qual se ocupa hoje é especialmente delicado: entre os quinze acusados, ou que poderão sê-lo amanhã a uma palavra sua, há nove menores. E algumas dessas crianças, bem sabe, são filhos de famílias muito distintas. Eis por que considero, nestas circunstâncias, qualquer ordem de prisão inteiramente inábil. Os jornais políticos tomarão conta do caso, e estarão abertas as portas para todas as chantagens, todas as difamações. Será inútil resistir: apesar de toda a prudência, o senhor não poderá impedir que nomes próprios sejam mencionados... Não estou qualificado para lhe dar um conselho, pois sabe que mais facilmente eu o receberia do senhor, de quem sempre reconheci e apreciei os elevados pontos de vista, a lucidez, a retidão... Mas, no seu lugar, eis como eu agiria: procuraria um meio de dar fim a esse abominável escândalo apoderando-me de quatro ou cinco instigadores... Sim, sei que são presas difíceis, mas, que diabo, esse é o nosso trabalho. Mandaria fechar o apartamento, o cenário dessas orgias, e daria um jeito de prevenir os pais desses jovens desavergonhados, calmamente, secretamente, e com o único propósito de impedir as reincidências. Ah! Por exemplo, mande prender as mulheres! com isso concordo de bom grado. Parece que estamos lidando aí com algumas criaturas de inexplicável depravação, que convém retirar da sociedade. Mas, uma vez mais, não ponha a mão nos garotos, contente-se em amedrontá-los, cubra depois tudo isso com a etiqueta "tendo agido sem discernimento", e que eles fiquem por muito tempo espantados por só terem pago com o medo. Lembre-se de que três deles não fizeram ainda catorze anos e que seus

pais certamente os consideram anjos de pureza e inocência. Aliás, caro amigo, vejamos, aqui entre nós, será que já pensávamos em mulheres, nessa idade?

Ele havia parado, mais ofegante pela eloquência do que pela caminhada, e forçava Profitendieu, a quem puxava pela manga, a parar também...

- Ou, se pensávamos, recomeçou, era idealmente, misticamente, religiosamente, se posso falar assim.

Esses meninos de hoje, veja, não têm mais ideais... A propósito, como vão seus filhos? É claro, eu não me referia a eles ao dizer aquilo. Sei que deles, sob a sua vigilância e graças à educação que lhes deu, não há que recear tais perdições.

Realmente, até agora Profitendieu só tivera razões para se orgulhar de seus filhos, mas não tinha ilusões: a melhor educação do mundo não prevalece contra os maus instintos. Graças a Deus, seus filhos não tinham maus instintos, nem os de Molinier, certamente. Sendo assim, afastavam-se por si mesmos das más companhias e das más leituras. Pois de que adianta proibir o que não se pode impedir? Os livros cuja leitura proibimos, a criança os lê escondida. Seu sistema pessoal era bem simples: os maus livros, ele não proibia, mas dava um jeito para que seus filhos não tivessem nenhuma vontade de lê-los. Quanto ao caso em pauta, refletiria ainda, de qualquer modo prometia nada fazer sem falar com Molinier. Simplesmente, continuaria a ser exercida uma discreta vigilância, e, já que o mal vinha durando há três meses, podia perfeitamente continuar por mais alguns dias ou semanas. Ademais, as férias se encarregariam de dispersar os delinquentes. Até a vista.

Profitendieu pôde afinal apressar o passo.

Tão logo chegou a casa, correu ao banheiro e abriu as torneiras da banheira. Antoine esperava a volta de seu patrão, e achou um modo de cruzar com ele no corredor.

Aquele fiel servidor estava na casa havia quinze anos; vira crescerem as crianças. Tivera ocasião de ver muitas coisas, suspeitava de muitas outras, mas fingia não

perceber nada daquilo que lhe queriam ocultar. Bernard não deixava de ter certa afeição por Antoine. Não quisera partir sem lhe dizer adeus. E, talvez por irritação contra sua família, agradava-lhe confiar a um simples empregado aquela partida que os parentes ignoravam. Mas é preciso dizer, em defesa de Bernard, que nenhum dos seus estava então em casa. Além disso, Bernard não teria podido despedir-se deles sem que procurassem retê-lo. Receava as explicações. A Antoine,

podia simplesmente dizer: "Vou-me embora". Mas, ao fazê-lo, estendia-lhe a mão de um modo tão solene que o velho servidor se surpreendeu:

- O sr. Bernard não volta para jantar?

- Nem para dormir, Antoine. E, como o outro permanecesse indeciso, não sabendo bem o que deveria compreender, nem se devia interrogá-lo mais, Bernard repetiu com mais ênfase: "Vou-me embora", e então acrescentou: "Deixei uma carta sobre a escrivaninha de... Não consegui dizer: de papai, e se corrigiu: em cima da mesa do escritório. Adeus".

Ao apertar a mão de Antoine, estava emocionado como se ao mesmo tempo se desligasse de seu passado. Repetiu apressadamente adeus, e partiu, antes de deixar escapar os enormes soluços que lhe subiam à garganta.

Antoine imaginava se não seria uma grande responsabilidade deixá-lo partir assim - mas como poderia detê-lo?

Que aquela partida de Bernard seria para toda a família um acontecimento inesperado, monstruoso, Antoine sabia muito bem, mas seu papel de perfeito serviçal era o de não demonstrar seu espanto. Ele não deveria saber o que o sr. Profitendieu não sabia. Sem dúvida, poderia ter-lhe simplesmente dito: "O senhor sabe que o sr. Bernard foi embora?", mas perderia toda a sua superioridade, e isso não era nem um pouco agradável. Se esperava seu patrão com tanta impaciência, era para lhe dizer, num tom neutro, deferente, e como se fosse um simples recado que Bernard lhe houvesse encarregado de transmitir, esta frase que havia longamente preparado:

- Antes de ir embora, o sr. Bernard deixou uma carta para o senhor no escritório. Frase tão simples que corria o risco de passar despercebida; em vão havia procurado

algo mais forte, sem encontrar nada que fosse, ao mesmo tempo, natural. Mas como Bernard nunca se ausentava, o sr. Profitendieu, a quem Antoine observava discretamente, não pôde reprimir um sobressalto:

- Como? Antes de...

Controlou-se imediatamente; não podia deixar sua surpresa aparecer diante de um subalterno, o sentimento de sua superioridade não o abandonava. Concluiu num tom calmo, realmente magistral:

- Está bem.

E dirigindo-se para o gabinete:

- Onde disse que está a carta?

- Sobre a escrivaninha, senhor.

Profitendieu, logo ao entrar, viu realmente um envelope colocado de forma bem aparente defronte à poltrona onde costumava se sentar para escrever, mas Antoirie não abandonava tão depressa a presa, e o sr. Profitendieu não chegara a ler duas linhas da carta quando ouviu baterem à porta.

- Esqueci-me de avisar ao senhor que há duas pessoas à sua espera na saleta.

- Que pessoas? '''

- Não sei. -:

- Estão juntas?

- Parece que não.

- O que querem comigo?

- Não sei. Desejam vê-lo.

Profitendieu sentiu que sua paciência o abandonava.

- Já disse e repeti que não quero que venham me perturbar aqui - principalmente a esta hora. Tenho dias e horas de consulta, no palácio... Por que as deixou entrar?

- Ambas disseram que tinham algo urgente para dizer ao senhor.

- Estão aqui há muito tempo?

- Há quase uma hora.

Profitendieu deu alguns passos e passou uma das mãos na testa; a outra segurava a carta de Bernard. Antoine permanecia na porta, digno, impassível. Finalmente, teve a alegria de ver o juiz perder a calma e de ouvi-lo, pela primeira vez em sua vida, batendo o pé, vociferar:

- Deixem-me em paz! Deixem-me em paz. Diga-lhes que estou ocupado. Que voltem outro dia.

Antoine mal acabara de sair quando Profitendieu correu à porta:

- Antoine! Antoine!... E depois vá fechar as torneiras da banheira.

Precisaria mesmo de um banho! Aproximou-se da janela e leu:

"Senhor:

Compreendi, após certa descoberta que fiz por acaso esta tarde, que devo deixar de considerá-lo meu pai, o que é para mim um enorme alívio. Sentindo em mim tão pouco amor pelo senhor, durante muito tempo acreditei-me um filho desnaturado; prefiro saber que absolutamente não sou seu filho. Talvez o senhor ache que lhe devo reconhecimen-

to, por haver sido tratado como um de seus filhos, mas, antes de tudo, sempre senti entre eles e mim diferença de tratamento de sua parte, e, depois, tudo o que fez, conheço-o muito bem para saber que era por horror ao escândalo, para esconder uma situação que não o honrava muito - e, enfim, porque não poderia agir de outro modo. Prefiro partir sem rever minha mãe, por rezear, ao dizer-lhe adeus definitivamente, enternecer-me, e também porque diante de mim ela poderia sentir-se numa situação delicada - o que me seria desagradável. Não creio que sua afeição por mim seja muito forte: como passei a maior parte do tempo no pensionato, ela quase

não teve tempo de me conhecer, e como minha visão lhe recordava sem cessar algo de sua vida que teria preferido apagar, creio que me verá partir com alívio e prazer.

Diga-lhe, se tiver coragem, que não a quero mal por ter-me feito bastardo; que, ao contrário, prefiro isso a saber que nasci do senhor. (Desculpe-me por falar assim, minha intenção não é escrever insultos, mas o que digo vai lhe permitir me desprezar, e isso lhe fará bem.)

Se o senhor deseja que eu me cale quanto às secretas razões que me fizeram deixar o seu lar, peço-lhe que não procure me fazer voltar. A decisão de abandoná-lo, que tomo agora, é irrevogável. Não sei quanto possa ter-lhe custado manter-me até hoje; eu podia aceitar viver à sua custa enquanto permanecia na ignorância, mas nem é preciso dizer que prefiro nada receber do senhor no futuro. A ideia de dever-lhe seja o que for me é intolerável, e creio que, se fosse o caso de recomeçar, preferiria morrer de fome a me sentar à sua mesa. Felizmente, parece-me lembrar de ter ouvido dizer que minha mãe, quando o desposou, era mais rica do que o senhor. Sinto-me então no direito de pensar que vivi apenas à custa dela. Agradeço-lhe, desobrigo-a de todo o resto e peço a ela que me esqueça. O senhor certamente encontrará um modo de explicar minha partida junto àqueles que poderiam se surpreender. Permito-lhe acusar-me (mas bem sei que não esperará minha permissão para fazê-lo),

Assino com o ridículo sobrenome que é o seu, que gostaria de poder devolver, e que anseio por desonrar.

Bernard Profitendieu

; P.S. - Deixo em sua casa todos os meus pertences, que poderão servir para Caloub, mais legitimamente, espero-o."

O sr. Profitendieu arrastou-se, cambaleante, até uma poltrona. Queria refletir, mas os pensamentos turbilhonavam caoticamente em sua cabeça. Além disso, sentia uma leve fisgada do lado direito, abaixo das costelas. Não escaparia: era a crise de fígado. Haveria água de Vichy em casa? Se ao menos sua esposa já tivesse chegado!

Como lhe falaria sobre a fuga de Bernard? Deveria mostrar-lhe a carta? É injusta, essa carta, abominavelmente injusta. Deveria estar indignado. Queria considerar sua tristeza como indignação. Respira com força, e, a cada expiração, exala um "ai, meu Deus" rápido e fraco como um suspiro. Sua dor do lado se confunde com sua

tristeza, comprova-a e localiza-a. Parece-lhe que tem desgosto no fígado. Joga-se numa poltrona e relê a carta de Bernard. Ergue tristemente os ombros. É verdade que aquela carta é cruel, mas ele sente ali despeito, desafio, arrogância. Jamais nenhum de seus outros filhos, de seus verdadeiros filhos, teria sido capaz de escrever assim, do mesmo modo que ele próprio não teria sido capaz. Sabe-o bem, pois nada há neles que não reconheça em si mesmo. É verdade que sempre acreditara dever censurar o que sentia em Bernard de novo, de rude, de indomado... mas é inútil acreditá-lo ainda, sente perfeitamente que era exatamente por aquilo que o amava como nunca amara nenhum dos outros.

Há alguns instantes ouvia-se, na sala ao lado, Cécile, que, de volta do concerto, se pusera ao piano e repetia com obstinação a mesma frase de uma barcarola. Por fim, Albéric Profitendieu não aguentou mais. Entreabriu a porta do salão e, numa voz queixosa, quase suplicante, pois a cólica hepática começava a fazê-lo sofrer terrivelmente (além disso, sempre fora um pouco tímido com ela):

- Minha pequena Cécile, quer verificar se temos água de Vichy em casa? Se não houver, mande comprar. E, por favor, pare um pouco com seu piano.

- Você está doente?

- Não, não. Só que preciso refletir um pouco até a hora do jantar, e sua música me perturba.

E, por gentileza, pois seu sofrimento o torna meigo, acrescenta:

- É bem bonito o que você tocava. O que é?

Mas sai sem ter ouvido a resposta. Aliás, sua filha, que sabe que ele não entende nada de música e confunde Viens, Poupoule com a marcha de Tannhäuser (pelo menos

é o que ela afirma), não tem nenhuma intenção de responder. Mas eis que ele reabre a porta:

- Sua mãe ainda não chegou?

- Não, ainda não.

É absurdo! Ela chegaria tão tarde que ele não teria tempo de lhe falar antes do jantar. O que poderia inventar para explicar provisoriamente a ausência de Bernard?

Não podia entretanto dizer a verdade, contar aos filhos o segredo do erro passageiro de sua mãe. Ah! Tudo estava tão bem perdoado, esquecido, reparado! O nascimento de um último filho havia selado sua reconciliação. E de repente esse espectro vingador que ressurgiu do passado, esse cadáver que as ondas trazem de volta...

Será possível? O que é agora? A porta de seu escritório abre-se sem ruído. Rapidamente ele faz deslizar a carta para o bolso interior do paletó; o reposteiro se abre suavemente. É Caloub.

- Papai, diga-me... O que quer dizer esta frase latina? Não entendo nada...

- Eu já disse para você não entrar sem bater. E, depois, não quero que venha me perturbar assim a propósito de tudo. Você está se acostumando a pedir ajuda e a descansar nas costas dos outros, em vez de fazer um esforço pessoal. Ontem, era o problema de geometria, hoje é uma... de quem é a frase latina?

Caloub estende o caderno:

- Ele não nos disse, mas olhe, você vai reconhecer. Ele ditou, mas talvez eu tenha escrito errado. Queria pelo menos saber se está certo...

O sr. Profitendieu pega o caderno, mas está sofrendo demais. Afasta delicadamente o filho:

- Mais tarde. Vamos jantar. Charles já chegou?

- Ele foi para seu gabinete. (É no térreo que o advogado recebe sua clientela.)

- Vá dizer-lhe que venha até aqui. Vá, depressa. Um toque de campainha! A sra. Profitendieu chega afinal, desculpa-se por estar atrasada, precisou fazer muitas visitas. Ela se entristece por encontrar o marido doente. Que se pode fazer por ele? É verdade que está com péssima aparência. - Não poderá comer. Que vão para a mesa sem ele. Mas que depois da refeição ela venha vê-lo, com os filhos. - Bernard? - Ah! É verdade... seu amigo... você sabe, aquele com quem ele estudava matemática, veio buscá-lo para jantar.

• Profitendieu se sentia melhor. Receara a princípio estar doente demais para poder falar. No entanto era preciso dar uma explicação para o desaparecimento de Bernard. Sabia agora o que deveria dizer, por mais doloroso que fosse. Sentia-se firme e decidido. Seu único temor era que sua mulher o interrompesse com lágrimas, com um grito, que passasse mal...

Uma hora mais tarde, ela entra com os três filhos: aproxima-se. Ele a faz sentar-se ao seu lado, junto à poltrona.

- Trate de se controlar, disse-lhe em voz baixa, mas num tom imperativo. E não diga uma palavra, entendido? Conversaremos depois, sozinhos.

E, enquanto fala, segura uma das mãos dela entre as suas.

- Então, sentem-se, meus filhos. É embaraçoso ver vocês, aí, de pé à minha frente como para um exame.' Tenho algo muito triste a lhes dizer. Bernard nos deixou, e nós não o veremos mais... por algum tempo. É preciso que eu lhes conte hoje o que escondi de vocês a princípio, desejoso que estava de vê-los amar Bernard como a um irmão, pois sua mãe e eu o amávamos como nosso filho. Mas ele não era nosso filho... e seu tio, um irmão de sua verdadeira mãe, que ao morrer nos confiara o menino... veio buscá-lo esta tarde.

Um penoso silêncio se segue às suas palavras, e ouve-se Caloub fungar. Todos aguardam, pensando que falará mais. Mas ele faz um gesto com a mão:

- Saiam agora, meus filhos. Preciso conversar com sua mãe.

Depois que eles saem, o sr. Profitendieu fica muito tempo sem dizer nada. A mão que a sra.

Profitendieu deixou entre as suas está como morta. com a outra, ela levou um lenço aos olhos. Ela se encosta à grande mesa, e se vira para chorar. Através dos soluços que a sacodem, Profitendieu ouve-a murmurar:

- Você é cruel... Você o expulsou...

Ainda há pouco, estava resolvido a não lhe mostrar a carta de Bernard, mas diante desta acusação tão injusta, entrega-a:

- Tome, leia.

- Não posso.

- É preciso que leia.

Não pensa mais em sua dor. Segue-a com os olhos, durante toda a leitura, linha após linha. Ainda há pouco, ao

falar, quase não conseguia conter as lágrimas, agora até a emoção o abandona; observa sua mulher. Que pensa ela? com a mesma voz queixosa, através dos mesmos soluços, ela murmura ainda:

- Oh! Por que disse a ele? Você não deveria ter-lhe contado.

- Mas você está vendo que eu não lhe disse nada... Leia direito a carta dele.

- Já li... Mas então como foi que descobriu? Quem contou a ele?...

Mas como? É isso o que a preocupa? Ali se concentra toda a sua tristeza? Aquela dor deveria reuni-los. Que pena! Profitendieu, confuso, percebe os pensamentos de ambos tomarem sentidos divergentes. E, enquanto ela se lamenta, enquanto acusa, reivindica, ele tenta inclinar aquele espírito indócil em direção a sentimentos mais piedosos.

- Eis a expiação.

Levantou-se, por uma instintiva necessidade de dominar. Mantém-se agora ereíto, esquecido e despreocupado de sua dor física, e pousa gravemente, ternamente, autoritariamente, a mão no ombro de Marguerite. Bem sabe que ela nunca se arrependeu inteiramente do que ele sempre quis considerar uma fraqueza passageira, gostaria de dizer-lhe agora que esta tristeza, esta prova, poderá redimi-la, mas em vão busca uma fórmula que o satisfaça e que possa pretender ser compreendida. O ombro de Marguerite resiste à suave pressão de sua mão. Marguerite sabe muito bem que sempre, insuportavelmente, algum ensinamento moral deve sair, extraído por ele, dos mínimos acontecimentos da vida: ele interpreta e traduz tudo de acordo com seu dogma. Ele se inclina para ela. Eis o que gostaria de lhe dizer:

- Minha pobre amiga, veja: nada de bom pode nascer do pecado. De nada adiantou tentar encobrir seu erro. Infelizmente! Fiz o que pude por esse menino, tratei-o como a meu próprio filho. Deus nos mostra agora que era um erro pretender...

Mas se interrompe logo na primeira frase.

E ela sem dúvida compreende aquelas poucas palavras, tão cheias de sentido, pois recomeçou a soluçar, ainda mais violentamente do que antes, ela que há alguns instantes não mais chorava. Então ela se dobra, como prestes a se ajoelhar diante dele, que se abaixa e a segura. Que diz ela em meio às lágrimas? Ele se inclina até seus lábios. Ouve:

- Você está vendo... está vendo... Ah! Por que me perdoou...? Ah! Eu não deveria ter voltado!

Ele quase precisa adivinhar suas palavras. Então ela se cala. Não consegue dizer mais. Como

poderia ela lhe dizer que se sentia aprisionada naquela virtude que ele exigia dela, que sufocava, que não era tanto de seu erro que se arrependia agora, mas de se ter arrependido? Profitendieu se pusera de pé:

- Minha pobre amiga, disse num tom digno e severo, receio que você esteja um tanto obstinada esta noite. É tarde. Seria melhor que nos fôssemos deitar.

Ajuda-a a se levantar, acompanha-a até seu quarto, pousa os lábios em sua testa, depois volta então ao escritório e se atira numa poltrona. Estranho, sua crise de fígado se acalmou. Mas ele se sente exausto. Permanece com a cabeça entre as mãos, triste demais para chorar. Não ouve baterem, mas ao ruído da porta se abrindo, ergue a cabeça: é seu filho Charles.

- Vim dizer boa-noite.

Charles se aproxima. Compreendeu tudo. Quer que seu pai o saiba. Gostaria de demonstrar-lhe sua piedade, sua tristeza, sua devoção, mas quem imaginaria isso num advogado? É inteiramente incapaz de se exprimir. Ou talvez se torne incapaz exatamente quando seus sentimentos são sinceros. Beija o pai. A maneira insistente como pousa, como apoia a cabeça no ombro do pai e como se deixa ficar assim por algum tempo persuade a este de que ele compreendeu. Compreendeu tão bem que, erguendo um pouco a cabeça, pergunta, desastradamente, como tudo o que faz - mas tem a alma tão atormentada que não consegue impedir-se de perguntar:

- E Caloub?

A pergunta é absurda, pois, tanto quanto Bernard diferia dos outros, é evidente em Caloub o ar da família. Profitendieu bate no ombro de Charles:

- Não, não, fique tranquilo. Só Bernard. Então Charles, sentenciosamente:

- Deus expulsa o intruso para...

Mas Profitendieu o interrompe. De que lhe adianta falar assim?

- Cale-se.

Pai e filho nada mais têm a se dizer. Deixemo-los. São quase onze horas. Deixemos a sra. Profitendieu em seu quarto, sentada numa pequena cadeira pouco confortável.

Ela não chora, não pensa em nada. Gostaria de fugir também, mas não o fará. Quando estava com seu amante, o pai de Bernard, que não conheceremos, ela se dizia: Vamos, é inútil, você nunca será nada além de uma mulher honesta. Tinha medo da liberdade, do crime, do bem-estar: o que fez com que, dez dias depois, voltasse arrependida para casa. Seus pais tinham razão quando lhe diziam, antigamente: você nunca sabe o que quer. Deixemo-la. Cécile já está dormindo. Caloub examina sua vela com desespero; ela não durará o suficiente para que ele possa terminar o livro de aventuras, que o distrai da partida de Bernard. Eu estaria curioso para saber o que Antoine terá contado à sua amiga cozinheira, mas não se pode ouvir tudo. Eis a hora em que Bernard deve ir ao encontro de Olivier. Não sei bem onde ele jantou esta noite, nem mesmo sei se jantou. Passou sem problemas pelo porteiro, sobe a escada na ponta dos pés...

a

"Fartura e paz criam covardes; a dificuldade é sempre mãe da audácia." Q

" * •

' '-• Sbakespeare

Olivier se deitara para receber o beijo de sua mãe, que vinha todas as noites beijar os dois filhos menores, já em suas camas. Poderia ter se vestido para receber Bernard, mas receava acordar seu irmão mais moço. Georges geralmente adormecia rapidamente e acordava tarde, talvez até nem se apercebesse de nada de extraordinário.

Ao ouvir uma espécie de arranhar discreto na porta, Olivier pulou da cama, enfiou apressadamente os pés nos chinelos e correu para abrir. Não havia nenhuma necessidade de acender a luz, o luar clareava suficientemente o quarto. Olivier abraçou Bernard.

- Como esperei por você! Não podia acreditar que viesse mesmo. Seus pais sabem que não vai dormir em casa hoje?

Bernard olhava para a frente, no escuro. Sacudiu os ombros.

- Você acha que eu deveria ter-lhes pedido licença, é? O tom de sua voz era tão friamente irônico que Olivier

percebeu imediatamente o absurdo de sua pergunta. Ainda não compreendeu que Bernard saiu de casa "a sério", pensa que ele só pretende dormir fora naquela noite e não entende bem a razão daquela escapada. Interroga-o: - Quando Bernard pretende voltar para casa? - Nunca! - Tudo se torna claro para Olivier. Ele se preocupa muito em se mostrar à altura das circunstâncias e em não se deixar

surpreender por nada, mas apesar disso um "Que loucura o que você fez!" lhe escapa.

Não desagrada a Bernard surpreender um pouco seu amigo; ele é especialmente sensível à admiração que transparece naquela exclamação; mas dá de ombros novamente.

Olivier segurou-lhe a mão, está muito sério e pergunta ansiosamente:

- Mas... por que você saiu de casa?

- Ah! Isso, meu camarada, são problemas de família. Não posso contar. E, para não parecer sério demais, diverte-se em derrubar, com a ponta do sapato, o chinelo que Olivier balança na ponta do pé, pois sentaram-se na beira da cama.

- Então onde você vai viver?

Não Sei...

- E de quê?

- Veremos

- Você tem dinheiro? , "••

- Para almoçar amanhã

- E depois?

- Depois será preciso procurar. Ah! Encontrarei alguma coisa. Você vai ver, depois eu conto.

Olivier admira intensamente seu amigo. Sabe que ele tem um caráter decidido; no entanto, ainda tem dúvidas; sem recursos e logo forçado pelas necessidades, não irá procurar voltar para casa? Bernard o tranquiliza: tentará qualquer coisa, mas não voltará para junto da família. E como repete várias vezes e cada vez com mais selvageria "qualquer coisa", uma angústia oprime o coração de Olivier. Ele gostaria de falar, mas não ousa. Finalmente, começa, abaixando a cabeça e com voz insegura:

- Bernard... mesmo assim, você não tem intenção de... Mas se interrompe. Seu amigo ergue os olhos e, sem ver bem Olivier, distingue seu embaraço.

- De quê? pergunta. De que é que você está querendo falar? Diga. De roubar?

Olivier sacode a cabeça. Não é isso. Repentinamente, explode em soluços, abraça convulsivamente Bernard.

- Promete que não vai se...

Bernard o beija, depois o afasta rindo. Compreendeu:

- Isso eu prometo. Não, não me prostituirei. E acrescenta: - Admita no entanto que seria o mais fácil a fazer. Mas Olivier se sente tranquilo, sabe perfeitamente que estas últimas palavras só foram ditas por afetação de cinismo.

- E seus exames?

- É, isso me aborrece. De qualquer forma, quero me sair bem. Acho que estou preparado, será mais uma questão de estar em boa forma no dia da prova. Preciso resolver minha vida bem depressa. É um pouco arriscado, mas... sairei dessa, você vai ver.

Ficam em silêncio por alguns momentos. Caiu o segundo chinelo. Bernard fala:

- Você vai se resfriar. Deite-se.

- Não, você é quem vai se deitar.

- Tinha graça! Vamos, rápido - e força Olivier a entrar na cama desarrumada.

- Mas e você? Onde vai dormir?

- Em qualquer lugar. No chão. Num canto. É bom mesmo que me habitue.

- Não, escute. Quero contar uma coisa, mas não conseguirei se não sentir você bem junto de mim. Venha para a minha cama. E depois que Bernard, que num instante tirou as roupas, estava a seu lado: - Sabe, aquilo que falei o outro dia.. . Pois é. Fui lá.

Bernard entende logo. Estreita contra si o amigo, que continua:

- Pois bem, meu camarada, é nojento! É horrível... Depois, tive vontade de cuspir, de vomitar, de me arrancar a pele, de me matar.

- Exagerado...

- Ou de matar a mulher...

- Quem era? Você não foi imprudente, pelo menos?

- Não. É uma fulana que Dhurmer conhece bem, foi ele quem me apresentou. E a conversa dela era o que mais me enjoava. Não parava de falar. E como é imbecil! Não entendo por que não se fica calado, numa hora dessas. Eu tinha vontade de amordaçá-la, de estrangulá-la...

- Coitado! Mas, também, você deveria imaginar que Dhurmer só poderia mesmo lhe oferecer uma idiota... Era bonita, pelo menos?
- E você acha que olhei para ela?
- Você é um idiota. E é um amor. Vamos dormir... Mas, pelo menos, você...
- Puxa! Isso é o que mais me enoja: é que apesar de tudo eu tenha conseguido... como se eu a desejasse.
- Pois olhe, meu camarada, é de espantar!
- Cale-se. Se o amor é isso, estou cheio por muito tempo.
- Mas que criança!
- Queria ver se fosse com você.
- Ah! Você bem sabe que não ando procurando. Já disse: espero a aventura. Assim, friamente, não tenho o menor interesse em experimentar. O que não impede que
se eu... .
- Se você...
- Que se ela... Nada, vamos dormir. E vira bruscamente de costas, afastando-se um pouco daquele corpo cujo calor o constrange. Mas Olivier, um instante depois:
- Ei... você acha que Barres será eleito?
- Ora! Você se preocupa com isso?
- Estou me lixando! Mas olhe... ouça... Ele se apoia sobre o ombro de Bernard, que se vira. - Meu irmão tem uma amante.
- Georges?

O garoto, que fingia dormir, mas que escuta tudo, de ouvido atento no escuro, prende a respiração ao ouvir seu nome.

- Você está louco! Estou falando de Vincent. (Mais velho do que Olivier, Vincent acaba de terminar os primeiros anos de medicina.)
- Ele contou?
- Não. Descobri sem que ele soubesse. Meus pais não sabem de nada.
- O que diriam, se descobrissem?
- Sei lá. Mamãe se desesperaria. Papai lhe pediria para terminar ou casar-se.
- Bolas! Os burgueses honestos não entendem que se possa ser honesto de um jeito diferente do deles. Como foi que você descobriu?
- Assim: há algum tempo, Vincent sai à noite, depois que meus pais se deitam. Faz o mínimo de barulho possível para descer, mas reconheço seus passos na rua. Na semana passada, acho que na terça-feira, fazia tanto calor que não consegui ficar deitado. Fui para a janela, para respirar melhor. Ouvi a porta lá de baixo abrir-se e fechar-se. Debrucei-me e, quando ele passou sob o lampião, reconheci Vincent. Era mais de meia-noite. Foi a primeira vez. Quero dizer: a primeira vez que eu vi. Mas, desde que fiquei prevenido, vigio - oh! sem fazer de propósito... e quase todas as noites o ouço sair. Ele tem sua própria chave, e meus pais arrumaram nosso antigo quarto, meu e de Georges, como consultório para ele, para quando tiver clientes. Seu quarto fica ao lado, à esquerda do vestíbulo, enquanto todo o resto do apartamento fica à direita. Ele pode entrar e sair quando quer, sem que ninguém saiba. Geralmente não ouço quando volta, mas anteontem, segunda à noite, não sei o que eu tinha, pensava no projeto da revista de Dhurmer... Não conseguia dormir. Ouvi vozes na escada, imaginei que seria Vincent.
- Que horas eram? pergunta Bernard, não tanto por vontade de saber isso como para demonstrar interesse.
- Três da manhã, acho. Levantei-me e fui ouvir atrás da porta. Vincent conversava com uma mulher. Ou melhor, era só ela quem falava.

- Então como é que você sabia que era ele? Todos os inquilinos passam em frente à porta.

- Às vezes incomodam bastante, quanto mais tarde chegam, mais zoeira fazem para subir, não dão a mínima para quem esteja dormindo!... Mas só podia ser ele, ouvi a mulher repetir seu nome. Ela dizia... ih! não gosto de repetir aquilo...

- Ora, vamos...

- Ela dizia: "Vincent, meu amante, meu amor, o senhor não pode me abandonar!"

- Ela o tratava de senhor? '*; - É. Estranho, não acha?

- Continue.

- "O senhor não tem mais direito de me abandonar. O que quer que me aconteça? Para onde quer que eu vá? Diga-me alguma coisa. Oh! Fale comigo." E ela o chamava novamente pelo nome e repetia: "Meu amante, meu amante", numa voz cada vez mais triste e cada vez mais baixa. Então ouvi um barulho (eles deviam estar na escada) um barulho como de alguma coisa que cai. Acho que ela caiu de joelhos.

- E ele, não respondia nada?

- Deve ter subido os últimos degraus, ouvi a porta do apartamento se fechar. E então ela ficou ali por muito tempo, bem perto, quase encostada à porta do meu quarto.

Eu a ouvia soluçar.

- Você deveria ter aberto a porta.

- Não tive coragem. Vincent ficaria furioso se soubesse que estou a par de sua vida. E além disso tive medo de que ela ficasse embaraçada ao ser surpreendida chorando.

Não sei o que poderia ter dito a ela.

Bernard se voltara para Olivier.

- Eu, no seu lugar, teria aberto.

- Ah! Você sempre tem coragem para tudo. Tudo o que passa pela sua cabeça você faz.

- E você me censura por isso?

- Não, eu invejo você.

- Imagina quem poderia ser essa mulher? '

- Como posso saber? Boa noite.

- Ei... você tem certeza de que Georges não nos ouviu? sussurra Bernard ao ouvido de Olivier. Ficam atentos por um instante.

- Não, ele está dormindo, diz Olivier em sua voz normal. E além disso não teria entendido. Sabe o que ele perguntou a papai outro dia?... Por que as...

Dessa vez Georges não se controla mais, ergue-se na cama e, interrompendo o irmão:

- Imbecil! exclama. Então você não viu que eu estava fazendo de propósito? Mas claro, ouvi tudo o que vocês falaram. Ora, não precisam se apavorar. Sobre Vincent, eu já sabia disso há muito tempo. Só que, meninos, tratem de falar mais baixo agora, porque estou com sono. Ou calem-se.

Olivier se vira para a parede. Bernard, que não dorme, olha em volta. O luar faz o quarto parecer maior. Na verdade, ele mal o conhece. Olivier nunca fica ali durante o dia, e nas raras vezes em que recebeu Bernard, fê-lo no apartamento do andar de cima. O luar chega agora aos pés da cama em que Georges finalmente adormeceu; ele ouviu quase tudo o que disse seu irmão, tem com que sonhar. Acima da cama de Georges, pode-se

distinguir uma pequena estante de duas prateleiras, onde estão os livros do colégio. Sobre uma mesa, junto à cama de Olivier, Bernard vê um livro de formato maior; estende o braço, segura-o para olhar-lhe o título: "Tocqueville"¹; mas quando vai recolocá-lo sobre a mesa, o livro cai, e o barulho desperta Olivier.

- Você está lendo Tocqueville, agora? ' _

- Foi Dubac quem me emprestou.

- Está gostando? ;

- É um pouco chato. Mas tem coisas muito boas.

- Escute. O que vai fazer amanhã?

No dia seguinte, quinta-feira, os estudantes estão de folga. Bernard pensa em talvez se encontrar novamente com

¹ Charles Clérel de Tocqueville, jornalista político francês (1805-1859), membro da Academia francesa, autor de *De la démocratie en Amérique* e *L'Ancien Regime et la Révolution*. (N. da T.)

o amigo. Sua intenção é não voltar ao liceu, pretende abandonar as últimas aulas e se preparar sozinho para os exames.

- Amanhã, diz Olivier, vou às onze e meia à Estação Saint-Lazare, esperar o trem de Dieppe, para encontrar meu tio Édouard, que chega da Inglaterra. À tarde, às três horas, vou me encontrar com Dhurmer no Louvre. O resto do tempo, tenho que estudar.

- Seu tio Édouard?

- É, é um meio irmão de mamãe. Está fora há seis meses, e mal o conheço, mas gosto muito dele. Ele não sabe que vou esperá-lo, e tenho medo de não o reconhecer.

Ele não se parece nem um pouco com o resto da minha família, é uma ótima pessoa.

- O que ele faz ?

- Escreve. Li quase todos os seus livros, mas já faz bastante tempo que não publica nada.

- Romances? " , ",

- É, uns senhores romances. -Por que você nunca me falou neles?

-Porque você iria querer lê-los; e se não gostasse... ,, - E então... termine.

-Então, eu ficaria magoado, é isso.

- O que faz com que você diga que ele é ótima pessoa?

- Não sei bem. Já disse que quase não o conheço direito. É mais um pressentimento. Sinto que ele se interessa por muitas coisas que não interessam a meus pais, e que com ele se pode falar de tudo. Um dia, pouco antes de viajar, ele almoçou aqui em casa. Eu sentia que me olhava insistentemente, enquanto conversava com meu pai, e aquilo começava a me perturbar. Eu ia sair da sala - estávamos na sala de jantar, onde ficamos depois do café -, mas ele começou a interrogar meu pai sobre mim, o que me perturbou ainda mais. E de repente papai se levantou para ir buscar os versos que eu acabara de escrever e que tinha feito a idiotice de lhe mostrar.

- Versos seus?

- É, você sabe quais são. Aqueles versos que você achava que se pareciam com o Balcão. Eu sabia que não valiam nada, ou quase nada, e fiquei profundamente aborrecido

por papai fazer aquilo. Por um instante, enquanto papai procurava os versos, ficamos só nós dois na sala, o tio Édouard e eu, e senti que enrubesci terrivelmente

- ele também, aliás. Começou a preparar um cigarro, e então,

com certeza para me deixar mais à vontade, pois sem dúvida vira que eu enrubescera, levantou-se e pôs-se a olhar pela janela. Assobiava. De repente, disse-me: "Estou

muito mais embaraçado do que você". Mas acho que foi por gentileza. Afinal, papai voltou; entregou meus versos ao tio Édouard, que começou a lê-los. Eu estava tão

irritado que, se ele me tivesse feito elogios, acho que o teria insultado. Evidentemente, papai os esperava - os elogios; e, como meu tio não dizia nada, perguntou:

"E então, o que acha?" Mas meu tio disse-lhe, rindo: "Fico sem graça de falar com ele na sua frente".

Então papai saiu, rindo também. E quando ficamos novamente

a sós, ele me disse que achava meus versos muito ruins, mas ouvi-lo dizer aquilo me deixou contente, e o que me deixou mais contente ainda foi que, de repente, ele apontou dois versos, os dois únicos que me agradavam no poema, olhou-me sorrindo e disse: "Isto é bom". Não é ótimo? E se você soubesse em que tom ele disse isso!

Tive vontade de beijá-lo. Depois me disse que meu erro era partir de uma ideia, e que eu não me deixava guiar suficientemente pelas palavras. Não entendi muito bem no início, mas acho que agora sei o que ele queria dizer - e acho que tem razão. Explicarei a você numa outra hora.

- Entendo agora que você queira encontrá-lo quando ele chegar.

- Oh! Isso que contei não é nada, nem mesmo sei por que estou contando. Falamos ainda sobre muitas outras coisas. ;

- Você disse às onze e meia? Como sabe que ele chega nesse trem?

- Porque ele escreveu um cartão-postal a mamãe, e depois olhei no guia.

- Vai almoçar com ele?

- Ah, não. Preciso estar em casa ao meio-dia. Terei só o tempo de apertar-lhe a mão, mas é o bastante... Ah! Diga-me, antes que eu durma: quando vejo você novamente?

- Não nos próximos dias. Não antes que eu tenha dado um jeito em minha vida.

- Mas de qualquer modo... se eu puder ajudar...

- Se você me ajudasse? Não. Perderia a graça, o jogo. Pareceria que eu estava blefando. Durma bem.

"Meu pai era uma besta, mas minha mãe era espirituosa; ela era quietista; era uma mulherzinha suave que me dizia com frequência: Meu filho, você será maldito. Mas isso não a entristecia."

Fontenelle

Não, não era à casa de sua amante que Vincent Molinier ia todas as noites. Ainda que caminhe depressa, sigamo-lo. Do alto da Rue Notre-Dame-des-Champs, onde mora, Vincent desce até a Rue Saint-Placide, que lhe dá continuação; depois segue pela Rue du Bac, onde ainda circulam alguns burgueses retardatários. Pára na Rue de Babylone, diante de um portão, que se abre. Ei-lo em casa do conde de Passavant. Se não viesse aqui frequentemente, não entraria assim com tanta arrogância nessa mansão faustosa.

O lacaios que lhe abre a porta sabe muito bem quanta timidez se esconde sob aquela falsa segurança. Vincent faz pose e não lhe estende o chapéu, que, de longe, atira sobre uma poltrona. No entanto, não faz muito tempo que vem aqui. Robert de Passavant, que agora se diz seu amigo, é amigo de muita gente. Não sei muito bem como Vincent e ele se conheceram. Na escola, certamente, embora Robert de Passavant seja sensivelmente mais velho do que Vincent. Perderam-se de vista durante alguns anos, e depois, há bem pouco tempo, encontraram-se novamente, certa noite em que, excepcionalmente, Olivier acompanhava seu irmão ao teatro. No intervalo, Passavant oferecera sorvetes a ambos. Soubera então que Vincent terminara seu período de estágio, que estava indeciso, não sabendo se iria se apresentar como interno; as ciências naturais, para dizer a verdade, o atraíam muito mais do que a medicina, mas a necessidade de ganhar a vida... Enfim, Vincent aceitara prazerosamente a proposta

remuneradora que lhe fez pouco depois Robert de Passavant, para vir todas as noites cuidar de seu velho pai, a quem uma operação bastante grave deixara muito abalado: tratava-se de curativos a refazer, de sondagens delicadas, de injeções, enfim, não sei bem mais o quê, que exigiam mãos experientes. Mas, além disso, o visconde tinha razões secretas para se aproximar de Vincent, e este tinha outras mais para aceitar. A razão secreta de Robert, trataremos de descobri-la mais tarde; quanto à de Vincent, ei-la: uma grande necessidade de dinheiro. Quando se tem um coração sensível e

quando uma educação sadia incutiu desde cedo o senso de responsabilidade, não se faz um filho numa mulher sem se sentir um tanto comprometido em relação a ela, sobretudo quando essa mulher deixou o marido por sua causa. Vincent levava até então uma vida bastante virtuosa. Sua aventura com Laura lhe parecia, conforme a hora do dia, ou monstruosa ou absolutamente natural. Basta frequentemente a adição de uma quantidade de pequenos fatos, muito simples e muito naturais quando vistos separadamente, para se obter um total monstruoso. Ele repetia aquilo a si mesmo enquanto caminhava, e isso não resolvia seu problema. Certamente, nunca pensara em se responsabilizar definitivamente por aquela mulher, em casar-se com ela depois do divórcio ou em viver com ela sem desposá-la. Era forçado a admitir para si mesmo que não sentia por ela um grande amor, mas sabia que ela estava em Paris, sem recursos. Ele era o causador de sua ruína: devia-lhe, no mínimo, essa primeira assistência precária que lhe era tão difícil assegurar - hoje mais ainda do que ontem, mais do que nos últimos dias. Pois, na última semana, ainda possuía os cinco mil francos que sua mãe havia paciente e penosamente economizado para facilitar-lhe o início da carreira. Aqueles cinco mil francos teriam sido sem dúvida suficientes para o parto de sua amante, sua internação numa clínica, os primeiros cuidados para com a criança. De que demônio havia ele então seguido o conselho? A quantia, já destinada em pensamento àquela mulher, aquela quantia que ele lhe destinava, que lhe consagrava e da qual nada desviaria sem se sentir terrivelmente culpado - que demônio lhe dissera ao ouvido, certa noite, que aquela quantia talvez não fosse o bastante? Não, não fora Robert de Passavam. Robert nunca disse nada no gênero, mas sua proposta de levar Vincent a uma sala de jogo ocorrera exatamente naquela noite. E Vincent aceitara.

. Aquela espelunca tinha algo de perverso: tudo ali se passava entre a alta sociedade, entre amigos. Robert apresentou seu amigo Vincent a todos. Vincent, apanhado de surpresa, não pôde jogar alto naquela primeira noite. Quase não levava dinheiro consigo, e recusou as notas que o visconde lhe propôs como empréstimo. Mas, como ganhava, lamentou não haver arriscado mais, e prometeu voltar na noite seguinte.

- Agora, todos aqui o conhecem, não é mais preciso que eu o acompanhe, disse-lhe Robert.

Isso ocorria em casa de Pierre de Brouville, a quem geralmente chamavam de Pedro. A partir daquela primeira noite, Robert de Passavant colocara seu automóvel à disposição

de seu novo amigo. Vincent chegava por volta das onze horas, conversava com Robert por uns quinze minutos, fumando um cigarro, e subia então ao primeiro andar, ficando mais ou menos tempo junto ao conde, conforme o humor deste, sua paciência ou a exigência de seu estado. Depois, o carro o levava à Rue Saint-Florentin, à casa de Pedro, onde o apanhava uma hora mais tarde e o reconduzia, não exatamente à sua casa, pois recearia chamar a atenção, mas à esquina mais próxima.

Duas noites antes, Laura Douviers, sentada nos degraus da escada que conduz ao apartamento dos Molinier, esperara Vincent até às três da manhã: só então ele chegara.

Naquela noite, aliás, Vincent não fora à casa de Pedro. Nada mais tinha para perder ali. Há dois dias que não lhe restava nenhum centavo dos cinco mil francos. Prevenira

Laura; escrevera-lhe dizendo que nada mais poderia fazer por ela, que a aconselhava a voltar para junto de seu marido, ou de seu pai, e confessar tudo. Mas a confissão

parecia a Laura inteiramente impossível, e ela nem mesmo podia encará-la com sangue-frio. As ásperas censuras de seu amante só lhe despertavam indignação, e aquela

indignação só a deixava para dar lugar ao desespero. Naquele estado a havia encontrado Vincent. Ela quisera retê-lo, ele se desvencilhara de seus braços. Sem dúvida

precisara resistir, pois tinha um coração sensível; mas, mais voluptuoso do que amante, facilmente fizera da própria dureza um dever. Nada respondera às suas súplicas,

aos seus lamentos. E, como Olivier, que os ouviu, contou depois a Bernard, ela ficara, depois de Vincent ter fechado a porta, atirada sobre os degraus, no escuro,

a soluçar muito tempo.

Desde aquela noite, mais de quarenta horas se tinham

passado. Vincent, na véspera, não fora à casa de Robert de Passavam, cujo pai parecia estar melhor. Mas nessa noite um telegrama o chamara. Robert desejava revê-lo.

Quando Vincent entrou naquela sala que servia a Robert de gabinete de trabalho e de salão de fumar, onde passava a maior parte de seu tempo e que arrumara e decorara

a seu gosto, Robert estendeu-lhe a mão negligentemente, por sobre o ombro, sem se levantar.

Robert escreve. Está sentado diante de uma escrivaninha coberta de livros. À sua frente, a portajanela que dá para o jardim está aberta ao luar. Ele fala sem se voltar.

- Sabe o que estou escrevendo? Mas não diga nada... prometa... Um manifesto para abrir a revista de

Dhurmer. Naturalmente, não assino. .. ainda mais que é elogioso...

E depois, como certamente acabarão descobrindo que sou eu quem financia a revista, prefiro que não se saiba muito depressa que colaboro. Portanto: bico calado!

Mas estou pensando: não me disse que seu irmão escrevia? Como é mesmo seu nome?

- Olivier, disse Vincent.

- Olivier, claro, eu tinha esquecido... Mas não fique aí de pé. Puxe uma cadeira. Não está com frio? Quer que eu feche a janela?... Ele faz versos, não

é? Deveria trazê-los para mim. Naturalmente, não prometo publicá-los... mas de qualquer modo me surpreenderia se não fossem bons. Seu irmão tem um ar inteligente.

E, além disso, percebe-se que é bem-informado. Gostaria de conversar com ele. Diga-lhe para vir me ver, está bem? Conto com você. Um cigarro? - e oferece sua cigareira de prata.

- Obrigado.

- Agora escute, Vincent, preciso lhe falar muito seriamente. Agiu como uma criança na outra noite... e eu também, aliás. Não digo que tenha feito mal ao levá-lo

à casa de Pedro, mas sinto-me um pouco responsável pelo dinheiro que perdeu. Digo a mim mesmo que fui eu quem o fez perdê-lo. Não sei se é isso o que chamam de remorsos,

mas isso está começando a me perturbar o sono e a digestão, palavra! E penso naquela pobre mulher de quem me falou... Mas esse é outro departamento, não falemos

nisso, é sagrado. O que quero lhe dizer é que desejo, que quero, sim, sem dúvida, colocar à sua disposição uma quantia equivalente à que perdeu. Eram cinco mil francos,

não eram? E vai tentar a sorte novamente. Essa quantia, já disse, considero como se eu o houvesse feito perder, e como se eu lhe

devesse. Não tem que me agradecer. Devolver-me-á o dinheiro, se ganhar. Senão, azar. Ficaremos quites. Volte esta noite à casa de Pedro, como se nada houvesse. Meu

automóvel o levará até lá, e então virá apanhar-me aqui para me levar à casa de Lady Griffith, onde lhe peço que vá me encontrar depois. Estamos combinados. O carro

voltará para apanhá-lo na casa de Pedro.

Abre uma gaveta, apanha cinco notas que estende a Vincent:

- Vá, depressa.

- Mas, seu pai... :

- Ah! Ia esquecendo de dizer: ele morreu, há... Olha o relógio e exclama: - Diabos! Como é tarde! Quase meia-noite... Vá depressa. - Sim, há cerca de quatro horas.

Tudo isso dito sem nenhuma precipitação, pelo contrário, com uma espécie de negligência.

- E não vai ficar aqui para...

- Para o velório? interrompeu Robert. Não, meu irmão se encarrega disso, ele está lá em cima com a velha empregada, que se entendia com o defunto bem melhor do que eu...

E, como Vincent não se move, continua:

- Escute, meu caro amigo, não gostaria de parecerlhe cínico, mas tenho horror aos sentimentos obrigatórios. Eu havia fabricado em meu coração um amor filial sob medida para meu pai, mas esse amor, nos primeiros tempos, flutuava um pouco, e fui sendo levado a reduzir-lhe o ímpeto. O velho nunca me deu, na vida, nada além de aborrecimentos, contrariedades, constrangimentos. Se lhe restava um pouco de ternura no coração, certamente não foi a mim que ele a fez sentir. Meus primeiros impulsos em direção a ele, no tempo em que eu não conhecia o controle, só me valeram grosserias, que me ensinaram. Pôde ver por si mesmo: quando se cuida dele...

Alguma vez ele lhe disse obrigado? Obteve dele um mínimo olhar, um sorriso furtivo? Ele sempre acreditou que tudo lhe era devido. Oh! Era o que se chama de um temperamental.

Creio que fez sofrer muito minha mãe, a quem no entanto amava, se é que tenha alguma vez amado realmente. Creio que fez sofrer todos ao seu redor, seus empregados, seus cães, seus cavalos, suas amantes; seus amigos, não, pois não tinha nenhum. Sua morte fez todos dizerem ufá! Era, acho, um homem de grande valor em sua especialidade, como se diz, mas nunca

descobri qual era. Era muito inteligente, sem dúvida. No fundo, eu tinha por ele, e conservo ainda, uma certa admiração. Mas quanto a fazer a cena do lenço, a arrancar

lágrimas de mim mesmo... não, não sou mais tão criança para isso. Vamos! Vá de uma vez e encontre-me dentro de uma hora em casa de Lilian. - O quê? Preocupa-se por não estar a rigor? Mas como é bobo! Por quê? Estaremos sozinhos. Olhe, prometo-lhe ficar com este mesmo paletó. combinado? Acenda um charuto antes de ir. E mande-me logo o carro de volta, ele irá apanhá-lo depois.

Observou Vincent sair, deu de ombros e dirigiu-se então a seu quarto para vestir a casaca, que o esperava estendida sobre um sofá.

Num quarto do primeiro andar, o velho conde repousa sobre o leito mortuário. Colocaram um crucifixo sobre seu peito, mas esqueceram de lhe cruzar as mãos. Uma barba de alguns dias suaviza-lhe o ângulo do queixo voluntarioso. As rugas transversais que lhe sulcam a testa, sob os cabelos grisalhos penteados para o alto, parecem menos profundas e como que distendidas. Seus olhos se afundam nas órbitas, encimadas por tufos de sobrancelhas. Exatamente porque não mais o veremos, contemplo-o longamente. Uma poltrona está à cabeceira do leito, na qual Séraphine, a velha empregada, estava sentada. Mas ela se levantou. Aproxima-se de uma mesa onde um antigo candeeiro a óleo ilumina precariamente o cómodo; o candeeiro precisa de reparos. Um abajur dirige a luz para o livro que lê o jovem Gontran...

- O senhor está cansado, sr. Gontran. Deveria ir se deitar.

Gontran dirige um olhar muito suave a Séraphine. Seus cabelos louros, que ele afasta da testa, esvoaçam sobre as têmporas. Tem quinze anos; seu rosto quase feminino ainda exprime somente ternura, e amor.

- Ora! E você? diz ele. Você é quem deveria ir dormir, minha pobre Fine. Na noite passada já ficou de pé quase o tempo todo.

- Oh! Estou acostumada às noites em claro. E, além disso, dormi durante o dia, enquanto o senhor...

- Não, deixe disso. Não estou cansado, e me faz bem ficar aqui meditando e lendo. Conheci tão pouco papai, acho que o esqueceria completamente se não o olhasse bem agora.

vou velá-lo até que clareie o dia. Já faz quanto tempo, Fine, que você está em nossa casa?

- Estou aqui desde um ano antes de o senhor nascer, e o senhor logo vai fazer dezesseis anos.

- Você se lembra bem de mamãe?

- Se me lembro de sua mãe? Mas que pergunta! É como se o senhor me perguntasse se me lembro de meu nome. Claro que me lembro de sua mãe.

- Eu também me lembro um pouco, mas não muito bem... eu só tinha cinco anos quando ela morreu... Diga-me... papai falava muito com ela?

- Dependia dos dias. Seu pai nunca foi de conversar muito. E não gostava que lhe dirigissem a palavra. Mas, mesmo assim, ele falava um pouco mais do que ultimamente.

- Mas olhe, é melhor não remexer demais nas lembranças e deixar ao bom Deus o cuidado de julgar tudo isso.

- Você acha realmente que o bom Deus vai se preocupar com tudo isso, minha boa Fine?

- Se não for o bom Deus, quem o senhor quer que seja?

Gontran pousa os lábios na mão avermelhada de Séraphine.

- Sabe o que você deveria fazer? Ir dormir. Prometo acordá-la assim que amanhecer, e então irei eu dormir. Por favor.

Tão logo Séraphine o deixou sozinho, Gontran se atira de joelhos aos pés da cama. Afunda o rosto nos lençóis, mas não consegue chorar, nenhum impulso lhe agita o coração. Seus olhos permanecem desesperadamente secos. Então se levanta. Olha aquele rosto impassível. Gostaria de, naquele momento solene, sentir não sei o que de sublime e de raro, ouvir um comunicado do além, lançar o pensamento em regiões etéreas, supra-sensíveis - mas seu pensamento permanece preso ao chão. Olha para as mãos exangues do morto e pergunta-se por quanto tempo ainda as unhas continuarão a crescer. Choca-se com a visão das mãos separadas. Gostaria de aproximá-las, uni-las, fazê-las segurar o crucifixo. Eis uma boa ideia. Acha que Séraphine ficará bem espantada ao ver o morto de mãos cruzadas, e diverte-se de antemão com seu espanto; então, imediatamente, despreza-se por se divertir. Mesmo assim, debruça-se sobre o leito. Segura o braço do morto que está mais afastado. O braço já está rígido e se recusa a obedecer. Gontran quer forçá-lo a se dobrar, mas todo o corpo se move. Pega o

outro braço:

este parece um pouco mais maleável. Gontran trouxe a mão quase até o lugar devido, apanha o crucifixo, tenta enfiá-lo e prendê-lo entre o polegar e os outros dedos, mas o contato com aquela carne fria o faz fraquejar. Acha que vai passar mal. Tem vontade de chamar Séraphine. Abandona tudo o crucifixo jogado sobre os lençóis amassados, o braço, que volta inerte à sua posição original, e, no imenso silêncio fúnebre, ouve subitamente um brutal "Maldição!" que o enche de terror, como se alguém mais... Volta-se, mas não: está sozinho. Foi dele mesmo que explodiu aquela sonora blasfêmia, do fundo dele mesmo, que nunca havia blasfemado. Então, volta a se sentar e mergulha novamente em sua leitura.

"Eram uma alma e um corpo jamais aguilhoados."

Sainte-Beuve

Lilian, soerguendo-se, tocou com a ponta dos dedos os cabelos castanhos de Robert:

- Seus cabelos estão começando a rarear, meu amigo. Cuidado: tem apenas trinta anos. A calvície não lhe ficará nada bem. Você leva a vida a sério demais.

Robert ergue o rosto para ela e olha-a sorrindo.

- Não ao seu lado, garanto-lhe.

- Disse a Molinier que viesse nos encontrar?

- Sim, já que me pediu.

- E. .. emprestou-lhe dinheiro?

- Cinco mil francos, como lhe disse - que ele vai perder novamente em casa de Pedro.

- Por que quer que ele perca?
- Está na cara. Observei-o na primeira noite. Ele faz o jogo todo errado.
- Teve tempo para aprender... Quer apostar como hoje ele vai ganhar?
- Se quiser.
- Oh! Mas por favor não aceite isso como uma penitência. Gosto que o que se faz seja feito de boa vontade.
- Não se zangue. Está combinado. Se ele ganhar, o dinheiro será seu. Mas se perder, será sua a responsabilidade de me reembolsar. Está bem assim?

Ela apertou um botão de campainha.

- Traga-nos uma garrafa de tocai e três copos. -- E, se ele voltar apenas com os cinco mil francos, deixaremos que fique com eles, não é? Se não perder nem ganhar...

- Isso nunca acontece. É curioso como se interessa por ele.

- É curioso que não o ache interessante.

- Acha-o interessante porque está apaixonada por ele.

- Isso é verdade, meu caro! A você posso confessar. Mas não é por isso que ele me interessa. Pelo contrário: quando alguém me conquista intelectualmente, em geral fico fria.

Um criado reapareceu, trazendo numa bandeja o vinho e os copos.

- Beberemos primeiro à aposta; depois, beberemos novamente, com o vencedor.

O criado serviu o vinho e eles brindaram.

- Acho o seu Vincent um chato, recomeçou Robert.

- Ora! O "meu" Vincent! Mas, afinal, quem foi que o trouxe? E aconselho-o a não repetir por aí que ele o aborrece. Compreenderiam depressa demais por que está sempre com ele.

Robert, voltando-se um pouco, pousou os lábios sobre o pé descalço de Lilian, que o encolheu imediatamente e o escondeu sob o leque.

- Devo enrubescer? disse ele.

- Comigo, não vale a pena tentar. Não conseguiria. Ela esvaziou seu copo, e então:

- Quer que lhe diga, meu caro? Tem todas as qualidades do homem de letras: é vaidoso, hipócrita, ambicioso, versátil, egoísta...

- Lisonjeia-me.

- É, tudo isso é encantador. Mas nunca será um bom romancista.

- Por quê?

- Porque não sabe ouvir.

- Parece-me que a ouço muito bem.

- Ora! Ele, que não é escritor, ouve-me muito melhor. Mas, quando estamos juntos, sou eu mesma quem mais ouve.

- Ele quase não sabe falar.

- Por causa dos seus discursos intermináveis. Eu o conheço bem: não o deixa dar duas palavras.

- Sei de antemão tudo o que ele poderia dizer.

- Acha mesmo? Conhece bem sua história com aquela mulher?

- Oh! Os assuntos de coração são o que pode existir de mais aborrecido no mundo!

- Gosto muito também quando ele fala de história natural.

- A história natural é ainda mais aborrecida do que os assuntos de coração. Então ele lhe deu uma aula?...

- Se eu conseguisse repetir-lhe tudo o que ele me disse... É apaixonante, meu caro. Contou-me inúmeras coisas sobre os animais marinhos. Sempre tive curiosidade em relação a tudo o que vive no mar. Sabe que atualmente, na América, são construídos navios com vidros laterais, para se ver tudo ao redor, no fundo do oceano?

Deve ser maravilhoso. Podem-se ver corais vivos, as... as... como é o nome? - as madreperolas, esponjas, algas, bancos de peixes. Vincent disse que existem espécies de peixes que morrem quando a água se torna mais salgada, ou menos, e que há outras, ao contrário, que suportam as variações de salinidade e que ficam junto às correntes, onde a água se torna menos salgada, para comerem os primeiros, quando estes enfraquecem...

Deveria pedir para ele lhe contar... Garanto-lhe que é muito curioso.

Quando ele fala, torna-se extraordinário. Não o reconheceria... Mas você não sabe fazê-lo falar... É como quando ele conta sua história com Laura Douviers... É, é o nome daquela mulher. Sabe como ele a conheceu?

- Ele lhe disse?

- A mim dizem tudo. Sabe bem disso, homem terrível! E lhe acariciou o rosto com as plumas de seu leque fechado. - Sabia que ele tem vindo me ver diariamente, desde a noite em que o trouxe aqui?

- Diariamente? Não, sinceramente, não imaginava.

- No quarto dia, ele não resistiu mais: contou-me tudo. Mas, a cada novo dia, acrescentava algum detalhe.

- E isso não a aborrecia! É admirável.

- Já lhe disse que o amo. E segurou-lhe enfaticamente o braço.

- E ele... ama essa mulher? Lilian começou a rir:

- Ele a amava. Oh! Foi preciso que inicialmente eu parecesse me interessar vivamente por ela. Tive mesmo que chorar com ele. E no entanto estava com ciúmes terríveis.

Agora, não os sinto mais. Ouça como começou; estavam ambos em Pau, numa casa de saúde, um sanatório, para onde tanto um quanto outro haviam sido enviados porque se

acreditava que estivessem tuberculosos. No fundo, nenhum dos dois o estava realmente. Mas ambos se acreditavam muito doentes. Viram-se pela primeira vez deitados um ao lado do outro num terraço do jardim, cada um numa espreguiçadeira, junto aos outros doentes, que ficam deitados durante todo o dia ao ar livre, para se tratarem.

Como se acreditavam condenados, persuadiram-se de que nada do que fizessem traria consequências. Ele lhe repetia a todo instante que nenhum dos dois tinha mais de um mês de vida, e estavam na primavera. Ela estava lá sozinha. Seu marido é um professorzinho de francês na Inglaterra. Ela o deixara para ir a Pau. Estava casada havia três meses. Ele tinha gasto tudo o que possuía para mandá-la para lá. Escrevia-lhe diariamente. Ela é uma jovem de excelente família, muito bem-educada, muito reservada, muito tímida. Mas lá... Não sei exatamente o que Vincent possa lhe ter dito, mas no terceiro dia ela lhe confessava que, embora dormindo com o marido e possuída por ele, não sabia o que era o prazer.

- E ele, então, o que lhe disse?

- Ele segurou a mão que ela deixava caída ao lado da espreguiçadeira e apertou-a longamente contra os lábios.

- E, quando ele lhe contou isto, o que disse?

- Eu... foi horrível... Imagine que tive um acesso de riso. Não consegui me controlar, e não conseguia parar... Não era tanto o que ele me dizia que me fazia rir, era o ar interessado e consternado que eu achava que devia assumir para encorajá-lo a continuar. Receava demonstrar demais que me divertia. E, além disso, no fundo, era tudo muito bonito e muito triste. Ele estava tão emocionado ao falar! Nunca havia contado nada daquilo a ninguém. Seus pais, naturalmente, de nada sabem.

- Mas, minha amiga, deveria escrever romances...

- Claro, meu caro, se pelo menos eu soubesse em que língua!... Mas entre o russo, o inglês e o

francês, nunca poderei me decidir. - Enfim, na noite seguinte, ele foi ao encontro de sua nova amiga em seu quarto e lá revelou-lhe tudo o que seu marido não lhe soubera ensinar e que, creio, ele lhe ensinou muito bem. Só que, como estavam convencidos de que não tinham mais do que muito pouco tempo de vida, naturalmente não tomaram nenhuma precaução, e, naturalmente, ajudados pelo amor, começaram a se sentir muito melhor, os dois. Quando ela se deu conta de que estava grávida, ficaram ambos consternados. Isso foi no mês passado. Começava a esquentar. Pau, no verão, não é mais

suportável. Voltaram juntos a Paris. Seu marido acredita que ela está em casa dos pais, que dirigem um pensionato perto do Luxemburgo, mas ela não ousou revê-los.

Os pais, por sua vez, acreditam-na em Pau, mas tudo acabará em breve sendo descoberto. Vincent jurava inicialmente não abandoná-la, propôs-lhe partirem ambos para qualquer lugar, para a América, para a Oceânia. Mas precisavam de dinheiro. Foi precisamente então que ele o encontrou e que começou a jogar.

- Ele não me contou nada sobre isso.

- E, principalmente, não vá dizer a ele que eu falei... Ela se interrompeu, ficou à escuta:

- Pensei que fosse ele... Contou-me que, durante o trajeto de Pau a Paris, pensou que ela fosse enlouquecer. Ela acabara de compreender que estava grávida. Estava sentada diante dele no compartimento do trem, estavam a sós. Ela nada dissera desde a manhã; ele tivera que cuidar de tudo, para a partida; ela se deixava levar; parecia não ter consciência de nada. Ele lhe segurara as mãos; mas ela olhava fixamente para a frente, desvairada, como se não o visse, e seus lábios se agitavam.

Ele se inclinou para ela. Ela dizia: "Um amante! Um amante! Tenho um amante!" Repetia isso sem mudar de tom, e sempre voltavam as mesmas palavras, como se ela não mais soubesse outras... Garanto-lhe, meu amigo, que, quando ele me contou isso, eu não sentia mais nenhuma vontade de rir. Em toda a minha vida, nunca ouvi nada mais patético. Mas, apesar de tudo, enquanto ele falava, eu compreendia que se afastava de tudo aquilo. Dir-se-ia que seu sentimento se ia com as palavras. Dir-se-ia que ele se mostrava grato à minha emoção por ela substituir um pouco a sua.

- Não sei como deveria dizer isso em russo ou em inglês, mas assevero-lhe que em francês está perfeito.

- Obrigada. Eu sabia disso. Depois é que ele me falou de história natural, e tratei de persuadi-lo de que seria monstruoso sacrificar sua carreira a seu amor.

- Dito de outro modo, aconselhou-o a sacrificar seu amor. E propõe-se a ocupar o lugar desse amor?

Lilian nada respondeu.

- Desta vez, creio que é ele, recomeçou Robert, levantando-se... Uma palavra rápida antes que entre. Meu pai morreu há pouco.

- Ah! disse ela apenas.

- Não a atrairia tornar-se condessa de Passavant?

Lilian, com esta, jogou-se para trás, às gargalhadas.

- Mas, meu caro... creio que me lembro de que esqueci um marido na Inglaterra. Como? Eu não lhe havia dito?

- Talvez não.

- Existe um Lorde Griffith em algum lugar.

O conde de Passavant, que nunca acreditara na autenticidade do título de sua amiga, sorriu. Ela recomeçou:

- Mas confesse. É para encobrir sua vida que lhe vem à ideia propor-me isso? Não, meu caro, não. Continuamos como estamos. Amigos, sim? - e estendeu-lhe uma das mãos, que ele beijou.

- Mas ora, eu tinha certeza, exclamou Vincent ao entrar. O traidor vestiu casaca.

- É, eu havia prometido a ele ficar de paletó esporte, para que o seu não fizesse vergonha, disse Robert. Peço-lhe mil desculpas, caro amigo, mas de repente me lembrei de que estou de luto.

Vincent tinha a cabeça erguida; tudo nele transpirava triunfo, alegria. À sua chegada, Lilian se

erguera num salto. Ela o encarou por um momento e então atirou-se alegremente sobre Robert, cujas costas cobriu de socos, pulando, dançando e gritando (Lilian me irrita um pouco quando banca a criança desse modo):

- Ele perdeu a aposta! Ele perdeu a aposta!

- Que aposta? perguntou Vincent.

- Ele apostou que o senhor perderia outra vez. Vamos, diga-nos logo: ganhou quanto?

- Tive a extraordinária coragem, a virtude, de parar nos cinquenta mil e abandonar o jogo.

Lilian deu um rugido de prazer.

- Bravo! Bravo! Bravo! gritava. E lançou-se então ao pescoço de Vincent, que sentiu contra todo o seu corpo a maciez daquele corpo ardente, com um estranho perfume de sândalo. Lilian beijou-o na testa, nas faces, nos lábios. Vincent, cambaleando, afastou-se. Tirou do bolso um maço de notas.

- Tome, recupere seu empréstimo, disse, estendendo cinco a Robert.

- É a Lady Lilian que os deve, agora.

Vincent passou-lhe as notas, que ela atirou sobre o sofá. Estava ofegante. Foi até o terraço para respirar. Era

aquela hora duvidosa em que a noite termina, e em que o diabo faz as contas. Lá fora, não se ouvia um só ruído. Vincent sentara-se no sofá. Lilian voltou-se para ele, pela primeira vez chamando-o de você:

- E agora, o que você vai fazer?

Ele afundou o rosto entre as mãos e disse, numa espécie de soluço:

- Não sei mais.

Lilian aproximou-se dele e pousou a mão sobre sua cabeça, que ele ergueu: seus olhos estavam secos e ardentes.

- Enquanto esperamos, vamos brindar, disse ela, e encheu os três copos de tocai.

Depois que beberam:

- Agora, deixem-me. É tarde e não aguento mais. Ela os acompanhou em direção à ante-sala, e, como Robert ia na frente, introduziu na mão de Vincent um pequeno objeto

de metal e sussurrou:

- Saia com ele. Volte quinze minutos depois.

Na ante-sala cochilava um lacaio, que ela sacudiu pelo braço.

- Ilumine o caminho para estes senhores.

A escada estava às escuras. Teria sido simples, sem dúvida, utilizar a eletricidade, mas Lilian fazia questão de que, sempre, um criado visse saírem suas visitas.

O lacaio acendeu as velas de um grande candelabro, que segurou no alto, à sua frente, precedendo Robert e Vincent na escada. O carro de Robert esperava diante da porta, que o lacaio fechou atrás deles.

- Acho que vou voltar a pé. Preciso andar um pouco para reencontrar meu equilíbrio, disse Vincent quando o outro abriu a porta do carro e lhe fez sinal para que entrasse.

- Não quer realmente que eu o acompanhe? - Bruscamente Robert segurou a mão esquerda de Vincent, que ele mantinha fechada. - Abra a mão. Vamos! Mostre-me o que tem aí.

Vincent tinha a ingenuidade de temer ciúmes por parte de Robert. Enrubesceu ao abrir os dedos. Uma chavinha caiu na calçada. Robert apanhou-a imediatamente, olhou-a e, rindo, devolveu-a a Vincent.

- Ora, ora! disse, e sacudiu os ombros. Então, entrando no carro, inclinou-se para Vincent, que continuava embaraçado:

- Hoje é quinta-feira. Diga ao seu irmão que o espero

esta tarde, a partir das quatro horas - e fechou rapidamente a porta, sem dar a Vincent tempo para responder.

O carro partiu. Vincent deu alguns passos pelo cais, atravessou o Sena, chegou àquela parte do Jardim das Tulherias que fica fora das grades, aproximou-se de um laguinho e molhou o lenço, que levou à testa e às têmporas. Então, lentamente, voltou em direção à casa de Lilian. Deixemo-lo, enquanto o Diabo, divertido, observa-o introduzir, sem ruído, a pequena chave na fechadura.. .

Esta é a hora em que, num triste quarto de hotel, Laura, sua amante de ontem, depois de ter chorado longamente, gemido longamente, começa a dormir. Na ponte do navio que o traz de volta à França, Édouard, às primeiras luzes da aurora, relê a carta que recebeu dela, carta chorosa, na qual ela pede socorro. A costa serena de seu país natal já está à vista, mas, através da bruma, é preciso um olho treinado para enxergá-la. Nenhuma nuvem no céu, onde o olhar de Deus vai sorrir. A pálpebra do horizonte ruborizado já se ergue. Como vai estar quente em Paris! É hora de reencontrar Bernard. Ei-lo que desperta na cama de Olivier.

VI

"Somos todos bastardos; E aquele venerável homem a quem Chamei meu pai estava não sei onde Quando fui concebido."

Shakespeare

Bernard teve um sonho absurdo. Não se lembra do que sonhou. Não procura lembrar-se de seu sonho, mas sim sair dele. Entra no mundo real para sentir o corpo de Olivier pesar opressivamente contra si. Seu amigo, durante o sono de ambos, ou pelo menos durante o sono de Bernard, aproximara-se, e, além disso, a pouca largura da cama não permite muita distância; ele se virara; agora, dorme de lado, e Bernard sente sua respiração fazer-lhe cócegas no pescoço. Bernard veste apenas uma camisa curta; contra seu corpo, um braço de Olivier oprime indiscretamente sua carne. Bernard por um instante duvida de que seu amigo durma realmente. Suavemente, afasta-se. Sem acordar Olivier, levanta-se, veste-se e volta a se deitar sobre a cama. É ainda cedo demais para

partir. Quatro horas. A noite apenas começa a empalidecer. Mais uma hora de repouso, de impulso para começar intrepidamente o dia. Mas o sono se foi. Bernard contempla a vidraça azulada, as paredes cinzentas do pequeno quarto, a cama de ferro em que Georges se agita, sonhando.

"Dentro de um instante, diz a si mesmo, irei de encontro ao meu destino. Que bela palavra: aventura! O que deve advir. Tudo de surpreendente que me aguarda. Não sei se há outros como eu, mas, desde que estou acordado, gosto de desprezar os que dormem. Olivier, meu amigo, partirei sem o seu adeus. Rápido! De pé, valoroso Bernard! Está na hora."

Esfrega o rosto com uma ponta de toalha úmida, penteia-se, calça os sapatos. Abre a porta, sem ruído. Fora!

Ah! Como parece intensamente salutar o ar que ainda não foi respirado! Bernard segue ao longo das grades do Luxemburgo, desce a Rue Bonaparte, chega ao cais, atravessa o Sena. Pensa em sua nova regra de vida, cuja fórmula encontrou há pouco: "Se você não fizer isto, quem o fará? Se não o fizer imediatamente, quando será?" E pensa:

"Grandes coisas a fazer"; parece-lhe que vai em direção a elas. "Grandes coisas", repete para si mesmo, caminhando. Se ao menos soubesse quais!... Enquanto espera, sabe que tem fome: ei-lo perto do mercado. Tem catorze soldos no bolso, nem um tostão a mais. Entra num bar, pede um pãozinho e um café com leite, no balcão. Preço: dez soldos. Restam-lhe quatro; arrogantemente, deixa dois no balcão, dá os dois outros a um vagabundo que remexe numa lata de lixo. Caridade? Desafio? Pouco importa.

Agora, sente-se feliz como um rei. Nada mais possui, tudo lhe pertence! "Espero tudo da Providência, pensa. Se ao menos ela consentir, por volta do meio-dia, em servir diante de mira um belo rosbife suculento, dar-me-ei bem com ela (pois, ontem à noite, não jantou). "O sol saiu há bastante tempo. Bernard volta ao cais. Sente-se leve; se corre, parece-lhe que voa. Em seu cérebro, os pensamentos brotam voluptuosamente. Ele pensa:

"O difícil, na vida, é levar a sério por muito tempo a mesma coisa. Assim o amor de minha mãe por aquele a quem eu chamava meu pai - esse amor, no qual acreditei durante quinze anos, no qual ainda ontem acreditava. Ela também não pôde, bolas! levar a sério por muito tempo o seu amor. Gostaria de saber se a desprezo, ou se

a estimo ainda mais, por ter feito de seu filho um bastardo... E afinal, no fundo, não faço tanta questão assim de sabê-lo. Os sentimentos pelos progenitores, isso faz parte das coisas que é melhor não tentar esclarecer muito. Quanto ao como, é bem simples: tanto quanto me lembro, sempre o odiei; é preciso que hoje eu admita que não tive grande mérito nisso - e é tudo quanto lamento. É dizer que, se eu não houvesse forçado aquela gaveta, teria passado toda a vida acreditando que nutria por um pai sentimentos desnaturados! Que alívio saber!... Apesar de tudo, não forcei exatamente aquela gaveta, não pensava nem mesmo em abri-la... E, além disso, houve circunstâncias atenuantes: primeiro, eu me aborrecia terrivelmente naquele dia. E, depois, esta curiosidade, esta 'fatal curiosidade', como diria Fénelon, sem dúvida alguma herdei de meu pai verdadeiro, pois não há dela nenhum traço na família Profitendieu. Nunca conheci alguém menos curioso do que o senhor marido de minha mãe, a não ser, talvez, os filhos que ele lhe fez. Será preciso que eu repense sobre eles depois que tiver jantado. .. Erguer o tampo de mármore de uma mesinha e perceber que a gaveta se entreabre não é de modo algum o mesmo que forçar uma fechadura. Não sou um arrombador. Pode acontecer a qualquer um, isso de erguer o mármore de uma mesinha. Teseu devia ter a minha idade quando ergueu o rochedo 2. Em geral, o que impede que se faça isso com essas mesinhas é o relógio. Eu não pensaria em erguer o tampo de mármore da mesinha se não tivesse querido consertar o relógio... O que não acontece a qualquer um é encontrar armas lá debaixo, ou cartas de um amor culpado! Bolas! O importante era que eu soubesse. Nem todos podem se dar ao luxo, como Hamlet, de um espectro revelador. Hamlet! É curioso como diferem os pontos de vista, conforme se é fruto do crime ou da legitimidade. Voltarei a isso quando tiver jantado... Terá sido condenável de minha parte ler aquelas cartas? Se tivesse sido condenável... não, eu sentiria remorsos. E se eu não tivesse lido aquelas cartas, teria tido que continuar a viver na ignorância, na mentira e na submissão. Arejemos as ideias. Saíamos disto! 'Bernard! Bernard, esta vigorosa juventude...', como diz Bossuet³, faça-a sentar-se neste banco, Bernard. Como a manhã está bonita! Há dias em que o sol parece realmente acariciar a terra. Se eu conseguisse me desligar um pouco, sem dúvida, faria versos."

Deitado no banco, ele se desligou tão bem que dormiu.

1 François de Salignac de La Mothe - Fénelon -, prelado e escritor francês (1651-1715), foi preceptor do duque de Borgonha, e condenado por suas Máximas dos santos, favoráveis à doutrina quietista, que pregava a adoração a Deus e a inação da alma. (N. da T.)

2 Referência do autor à lenda da mitologia grega segundo a qual Teseu, ao erguer um rochedo junto ao mar, encontra a espada e as sandálias do rei Egeu, de Atenas, descobrindo assim ser este, e não o deus Poseidon, como antes acreditava, seu verdadeiro pai. (N. da T.)

3 Jacques Bénigne Bossuet, prelado, escritor e orador francês (1627-1704), preceptor do delfim, autor de extensa obra histórica e polêmica, combateu encarniçadamente o quietismo de Fénelon. (N. da T.)

VII

O sol já alto, pela janela aberta, vem acariciar o pé descalço de Vincent, sobre a grande cama onde, junto a Lilian, ele descansa. Esta, que não o imagina acordado, ergue-se, olha-o e se surpreende ao descobrir nele um ar preocupado.

Lady Griffith talvez amasse Vincent, mas amava nele o sucesso. Vincent era alto, bonito, esbelto, mas não tinha porte, não sabia se sentar, nem se levantar. Seu rosto era expressivo, mas ele se penteava mal. Ela admirava sobretudo sua audácia, a robustez de seus pensamentos; ele era sem dúvida muito instruído, mas lhe parecia inculto. Ela se inclinava com um instinto de amante e de mãe para aquela criança grande que se propunha formar. Fazia dele sua obra, sua estátua. Ensinava-o a cuidar das unhas, a repartir do lado os cabelos que ele antes penteava para trás, e sua testa, meio coberta, parecia mais pálida e mais alta. Enfim, ela trocara por gravatas decentes os modestos laços feitos que ele usava. Decididamente, Lady Griffith amava Vincent, mas não o suportava taciturno, ou "rabugento", como ela dizia.

Na testa de Vincent ela passeia suavemente seu dedo, como que para apagar uma ruga, prega dupla que, partindo das sobrancelhas, sulca duas barras verticais e parece quase dolorosa.

- Se você vem aqui me trazer lamentos, preocupações, remorsos, é melhor que não volte, murmura, inclinando-se para ele.

Vincent fecha os olhos como que diante de uma luz muito forte. O júbilo dos olhares de Lilian o ofusca.

- Aqui, é como nas mesquitas: tiram-se os sapatos ao entrar, para não trazer a lama de fora. Se você imagina que não sei em quem pensa! - E então, como Vincent quer cobrir-lhe a boca com a mão, ela se debate obstinadamente:

- Não, deixe-me falar-lhe seriamente. Refleti muito sobre o que você me disse outro dia. Acredita-se sempre que as mulheres não sabem refletir, mas você verá que isso depende de quais... O que me disse sobre os produtos de cruzamento... e que não se obtinha nada de importante pela mistura, mas muito mais pela seleção... Então? Decorei bem a lição?... Pois bem, acho que você alimenta um monstro, algo absolutamente ridículo e que nunca conseguirá desmamar: um híbrido de bacante e de Espírito Santo. Estou errada?... Você se sente mal por ter dado o fora em Laura: posso ler isso na dobra de sua testa. Se quer voltar para junto dela, diga-o de uma vez e deixe-me; eu terei me enganado a seu respeito, e deixarei que parta sem lamentar. Mas, se pretende ficar comigo, acabe com essa cara de enterro. Você me lembra certos ingleses: quanto mais suas ideias se emancipam, mais eles se agarram à moral; a ponto de não haver nada mais puritano do que alguns de seus livres pensadores... Você me acha insensível? Está enganado: compreendo muito bem que tenha pena de Laura. Mas então o que faz aqui?

Então, como Vincent se afastasse dela:

- Escute: vá para o banheiro e trate de deixar suas lamentações no chuveiro. Pedirei o chá, está bem? E quando você reaparecer, eu lhe explicarei algo que você parece não entender direito.

Ele se levantara. Ela saltou atrás dele.

- Não ponha logo a roupa. No armário, à direita do aquecedor, você encontrará albornozes, túnicas, pijamas... enfim, escolha.

Vincent reapareceu vinte minutos depois, coberto por um dejellaba de seda verde-pistache.

- Oh! Espere! Deixe-me arrumá-lo, exclamou Lilian, encantada. Tirou de um cofre oriental duas

longas echarpes roxas, passou a mais escura ao redor da cintura de Vincent, fez-lhe um turbante com a outra.

- Meus pensamentos são sempre da cor de minha roupa (vestira um pijama púrpura bordado em prata). Lem-

bro-me de um dia, quando eu era pequena, em San Francisco: quiseram me vestir de preto, com o pretexto de que uma irmã de minha mãe acabava de morrer, uma tia velha que eu nunca vira. Chorei o dia todo, fiquei triste, triste, imaginei que sentia uma dor profunda, que minha tia me fazia uma falta imensa... tudo por causa do preto.

Se hoje os homens são mais sérios do que as mulheres, é porque usam cores mais escuras. Aposto que seus pensamentos já não são os mesmos de há pouco. Sente-se aqui, à beira da cama, e quando tiver bebido um copo de vodca, uma xícara de chá, e comido dois ou três sanduíches, contarei uma história. Você me dirá quando deverei começar...

Ela se sentou no tapete, entre as pernas de Vincent, enrodilhada como uma coluna egípcia, com o queixo sobre os joelhos. Depois de também haver comido e bebido, começa:

- Eu estava no Bourgogne, você sabe, no dia em que ele naufragou. Tinha dezessete anos. É dizer-lhe a idade que tenho agora. Eu era uma exímia nadadora, e, para provar-lhe que não tenho o coração tão duro, direi que, se meu primeiro pensamento foi o de me salvar, o segundo foi o de salvar alguém mais. Não tenho nem mesmo certeza de que este não tenha sido o primeiro. Ou melhor, acho que não pensei em absolutamente nada, mas nada me repugna mais do que aqueles que, nesses momentos, só se preocupam consigo mesmos. Como as mulheres que dão gritos! Primeiro encheu-se um bote de salvamento principalmente com mulheres e crianças, e algumas destas davam tais berros que eram o bastante para fazer perder-se a cabeça. A manobra foi tão malfeita que o bote, em vez de descer horizontalmente sobre o mar, embicou de nariz, e caíram todos antes mesmo que ele se enchesse de água. Tudo isso se passava à luz de tochas, lanternas e projetores. Você não pode imaginar como era lúgubre. As ondas eram bem altas, e tudo o que não estava iluminado desaparecia do outro lado da colina de água, dentro da noite. Nunca vivi experiência mais intensa, mas estava tão incapaz de raciocinar quanto um terra-nova, acredito, que se atira na água. Nem mesmo

compreendo mais o que se passou, sei apenas que prestara atenção, dentro do bote, numa menina de cinco ou seis anos, um amor, e imediatamente, quando vi soçobrar a barca, foi a ela que decidi salvar. Ela estava antes com a mãe, mas esta

não sabia nadar direito, e além disso, se atrapalhava, como sempre nesses casos, com a saia. Quanto a mim, devo ter tirado a roupa maquinalmente. Chamavam-me para subir no bote seguinte. Devo ter subido, e depois com certeza lancei-me ao mar desse mesmo bote; lembro-me apenas de ter nadado bastante com a criança agarrada ao meu pescoço. Ela estava aterrorizada, e me apertava a garganta com tanta força que eu não conseguia mais respirar. Felizmente, fomos vistos por alguém no bote, e nos esperaram, ou remaram até nós. Mas não é por isso que estou contando esta história. A lembrança mais intensa que ficou, a que nunca mais conseguirei apagar de meu cérebro ou de meu coração, foi a seguinte: naquele bote, éramos, amontoados, uns quarenta, depois de terem sido recolhidos vários nadadores desesperados, como eu mesma. A água chegava quase a entrar no bote. Eu estava atrás, e mantinha contra mim a menina que acabara de salvar, para aquecê-la e impedi-la de ver o que eu mesma não podia deixar de ver: dois marinheiros, um armado com um machado e o outro, com facão de cozinha. E sabe o que faziam?... Cortavam os dedos, os pulsos de alguns naufragos que, com a ajuda de cordas, tentavam subir em nossa barca. Um desses dois marinheiros (o outro era um negro) virou-se para mim, que batia o queixo de frio, de pânico e de horror: "Se subir mais um só, estamos todos fedidos. O barco está cheio". Acrescentou que em todos os naufrágios é preciso fazer aquilo, mas que naturalmente ninguém comenta.

"Então, acho que desmaiei; de qualquer modo, não me lembro de mais nada, como quando se fica surdo depois de um barulho grande demais. E quando, a bordo do X... que nos recolheu, voltei a mim, compreendi que não era mais, que nunca poderia mais ser a mesma, a jovem sentimental de antes: compreendi que havia deixado uma parte de mim afundar com o Bourgoigne, que a inúmeros sentimentos delicados, dali para a frente, eu cortaria os dedos e os pulsos, para impedi-los de subir e fazer afundar meu coração."

Ela olhou Vincent de esguelha, e, arqueando o busto para trás:

- É um hábito a ser cultivado.

Então, como seus cabelos mal presos se haviam desfeito e caíam sobre os ombros, levantou-se, aproximou-se de um espelho e, continuando a falar, ocupou-se do penteado.

- Quando deixei a América, pouco tempo depois, eu parecia ser o velocino de ouro, partindo em busca de um conquistador. Posso ter-me enganado, posso ter cometido erros... e talvez esteja cometendo um hoje, ao falar com você como estou fazendo. Mas não vá acreditar, porque me entreguei a você, que me conquistou. Convença-se disto: abomino os medíocres, e só posso amar um vencedor. Se você me quer, que seja para ajudá-lo a vencer. Mas se é para sentir pena, consolar, mimar... é melhor que eu diga de uma vez: não, meu caro Vincent, não é de mim que você precisa, é de Laura.

Disse tudo isso sem se voltar, sempre continuando a arrumar seus cabelos rebeldes, mas Vincent encontrou seu olhar no espelho.

- Permita que eu só responda esta noite, disse ele, levantando-se e tirando as roupas orientais para vestir as de sair. Agora, preciso voltar logo para casa, antes que meu irmão Olivier tenha saído: tenho um recado urgente a dar-lhe.

Disse isso como uma maneira de se desculpar e para disfarçar sua partida, mas, quando se aproximou de Lilian, esta se virou, sorridente e tão bela que ele hesitou:

- A menos que eu deixe um bilhete que ele encontre à hora do almoço, disse.

- Vocês conversam muito?

- Quase nada. Não, é um convite para esta tarde, que devo transmitir-lhe.

- De Robert... Oh! E see. .. 2 - disse ela, sorrindo estranhamente. Sobre este também será preciso que voltemos a falar... Então, vá rápido. Mas volte às seis horas, pois às sete o carro dele virá nos apanhar para nos levar a jantar no Bois.

Vincent, caminhando, reflete. Descobre que, do saciamento dos desejos, pode nascer, acompanhando a alegria e como que se abrigando por trás dela, uma espécie de desespero.

1 Referenda ao velocino de ouro, pêlo do carneiro alado que, depois de sacrificado a Zeus, foi guardado por um dragão na Cólquida e resgatado por Jasão, com a ajuda de Medeia e dos argonautas, heróis da mitologia grega. (N. da T.)

2 "Ah! Compreendo..." Em inglês no original. (N. da T.)

"É preciso escolher entre amar as mulheres ou conhecê-las; não há meio-termo."

Chamfort

No Expresso de Paris, Édouard lê o livro de Passavant: A barra fixa - recém-lançado, e que acaba de comprar na estação de Dieppe. Certamente há um exemplar à sua espera em Paris, mas Édouard está impaciente para conhecê-lo. Fala-se muito dele. Nunca nenhum de seus próprios livros teve a honra de ser exposto nas livrarias das estações. Já lhe haviam dito quais as providências que bastaria tomar para consegui-lo, mas ele não se empenhou. Repete para si mesmo que não faz a menor questão de que seus livros apareçam nas livrarias das estações, mas é preciso que se repita isso mais uma vez, ao ver ali o livro de Passavant. Tudo o que faz Passavant o incomoda, e tudo o que é feito em torno de Passavant: os artigos, por exemplo, em que o livro é elevado às nuvens. Sim, parece de propósito: os três jornais que compra, assim que desembarca, trazem elogios a A barra fixa. Um quarto contém uma carta de Passavant, protesto contra uma crítica um pouco menos lisonjeira do que as outras, publicada anteriormente nesse mesmo jornal: Passavant defende seu livro e o explica. Essa carta irrita Édouard ainda mais do que os artigos. Passavant pretende esclarecer a opinião pública; isto quer dizer que, habilmente, ele a dirige. Nunca nenhum dos livros de Édouard suscitou tantos artigos, se bem que nunca Édouard fez nada para conquistar as boas graças dos críticos. Se estes o tratam friamente, pouco lhe importa. Mas ao ler os artigos sobre o livro de seu rival, é preciso que mais uma vez se repita que pouco lhe importa.

í

Não é que deteste Passavant. Encontrou-o algumas vezes e achou-o encantador. Passavant, aliás, sempre foi muito amável com ele. Mas os livros de Passavant lhe desagradam: Passavant parece-lhe menos um artista que um fanfarrão. Chega de pensar nele...

Édouard tira do bolso do paletó a carta de Laura, aquela carta que relia na ponte do navio. E que relê mais uma vez:

"Meu amigo:

Na última vez em que nos vimos - foi, como deve se lembrar, no St. James's Park, a 2 de abril, na véspera de minha partida para o Midi -, fez-me prometer que lhe escreveria se me encontrasse em apuros. Mantenho minha promessa. A quem mais poderia recorrer? Aqueles nos quais gostaria de me apoiar são principalmente aqueles de quem devo ocultar meu infortúnio. O que foi minha vida desde que deixei Félix, talvez eu lhe conte um dia. Ele me acompanhou a Pau e voltou então sozinho para Cambridge, para o seu curso. O que me aconteceu lá, sozinha e abandonada a mim mesma, convalescente, na primavera... Ousarei confessar-lhe o que a Félix não posso dizer? Chegou a hora em que deveria ir ao encontro dele. Infelizmente, não mais sou digna de revê-lo. As cartas que lhe escrevo há algum tempo são mentirosas, e as que recebo dele só falam de sua alegria por me saber melhor. Por que não continuei doente? Por que não morri por lá?... Meu amigo, fui obrigada a me render às evidências: estou grávida; e o filho que espero não é dele. Deixei Félix há mais de três meses; de qualquer modo, a ele não poderei enganar. Não ousar voltar para junto dele, Não posso. Não quero. Ele é muito bom. Certamente me perdoaria, e não mereço, não quero que me perdoe. Não ousar voltar para junto de meus pais, que me acreditam ainda em Pau. Meu pai, se soubesse, se percebesse, seria capaz de me amaldiçoar. Ele me rechaçaria. Como afrontaria eu sua virtude, seu horror ao pecado, à mentira, a tudo o que é impuro? Tenho também medo de desolar minha mãe e minha irmã. Quanto àquele que... mas não quero acusá-lo: quando ele me prometeu ajuda, estava em condições de fazê-lo. Mas, para poder me ajudar mais, ele infelizmente começou a jogar. Perdeu a quantia que deveria se destinar à minha manutenção, ao meu parto. Perdeu tudo. Pensei inicialmente em partir com ele, para qualquer lugar, viver com ele, por algum tempo, pelo menos, pois não queria aborre-

cê-lo, nem ser um peso para ele; acabaria conseguindo um meio de ganhar a vida, mas não posso fazê-lo agora. Sinto que ele sofre por me abandonar e que não pode agir de outra maneira, tanto que não o acuso, mas ainda assim ele me abandona. Estou aqui sem dinheiro. Vivo a crédito, num pequeno hotel. Mas isto não pode continuar.

Não sei mais o que fazer. Infelizmente, caminhos tão deleitáveis só poderiam conduzir aos abismos... Escrevo-lhe para o endereço em Londres que me deu, mas quando esta carta o alcançará? E eu que tanto queria ser mãe! Não faço senão chorar o dia inteiro. Aconselhe-me, só conto com você. Socorra-me, se lhe for possível, e se não... Infelizmente, em outros tempos eu teria tido mais coragem, mas agora não serei apenas eu a morrer. Se não vier, se me escrever 'Nada posso fazer', não o censurarei nem um pouco. Ao dizer adeus, tentarei não lamentar demais a vida, mas creio que nunca compreendeu direito que sua amizade por mim continua sendo o que tive de melhor - nem compreendeu que o que eu chamava de minha amizade tinha um outro nome em meu coração.

Laura Félix Douviers

P.S. - Antes de pôr esta carta no correio, irei revê-lo mais uma vez. vou esperar por ele esta noite, em sua casa. Se você receber isto, será então realmente porque... adeus, adeus, não sei mais o que escrevo."

Édouard recebeu essa carta na manhã de sua partida. Isto é, decidiu-se a partir tão logo a recebeu. De qualquer forma, não tinha a intenção de prolongar por muito tempo sua estada na Inglaterra. Não pretendo absolutamente insinuar que ele não teria sido capaz de voltar a Paris especialmente para socorrer Laura, digo que está feliz por voltar. Esteve terrivelmente privado de prazer, nos últimos tempos, na Inglaterra; em Paris, a primeira coisa que fará será ir a um bordel; e, como não quer levar para lá papéis pessoais, apanha sua mala na prateleira de bagagens e abre-a para guardar a carta de Laura.

O lugar desta carta não é entre um paletó e algumas camisas. Apanha, sob as roupas, um caderno quase todo preenchido com sua própria letra; procura, bem no início, estas páginas, escritas no ano passado, que relê, e entre as quais ficará a carta de Laura.

Diário de Édouard

"18 de outubro

Laura não parece ter noção de seu poder. Para mira, que penetro no segredo de meu coração, fica claro que até hoje não escrevi uma só linha que ela não tenha indiretamente inspirado. Junto a mim, sinto-a ainda infantil, e toda a habilidade de meu discurso se deve

unicamente a meu constante desejo de instruí-la, de convencê-la, de seduzi-la.

Não vejo nada, não ouço nada, sem imediatamente pensar: o que diria ela? Abandono minha emoção e conheço apenas a sua. Parece-me mesmo que, se ela não estivesse aqui para me definir, minha própria personalidade se desfaria em contornos por demais vagos; não me reúno nem me defino senão em torno dela. Por qual ilusão pude acreditar até hoje que a formava à minha semelhança? Ao passo que, ao contrário, era eu quem me dobrava à sua, e não me apercebia! Ou melhor: por um estranho cruzamento de influências amorosas, nossos dois seres, reciprocamente, se deformavam. Involuntariamente, inconscientemente, cada um de dois seres que se amam se molda àquele ídolo que contempla no coração do outro... Quem quer que ame realmente renuncia à sinceridade.

Foi assim que ela me enganou. Seu pensamento acompanhava o meu por toda parte. Eu lhe admirava o gosto, a curiosidade, a cultura, e não sabia que era somente por amor a mim que ela se interessava tão apaixonadamente por tudo aquilo pelo qual ela me via arrebatado. Pois ela nada sabia descobrir. Cada uma de suas admirações, hoje o percebo, não era para ela senão um canapé onde podia deitar seu pensamento junto ao meu; nada ali respondia à exigência profunda de sua natureza. 'Eu só me embelezava e enfeitava para você', dirá ela. Precisamente, eu queria que fosse só para si mesma e que ela cedesse, ao fazê-lo, a alguma íntima necessidade pessoal.

Mas de tudo o que acrescentava a si própria para mim, nada restará, nem mesmo um arrependimento, nem mesmo uma sensação de falta. Chega um dia em que o ser verdadeiro reaparece, cujas roupas emprestadas o tempo lentamente despe; e, se o outro tiver se apaixonado por esses enfeites, ele não mais estreita contra seu coração nada além de uma fantasia inabitada, de uma lembrança... nada além de luto e de desespero ,

Ah! com quantas virtudes, com quantas perfeições te

adornei!

Como é irritante essa questão da sinceridade! Sinceridade! Quando falo nisso, penso apenas na sinceridade dela. Se me volto para mim, deixo de compreender o significado dessa palavra. Nunca sou senão aquilo que acredito ser e isso varia sem cessar, de modo que, frequentemente, se eu não estivesse aqui para aproximá-los, meu ser da manhã não reconheceria o da tarde. Nada poderia ser mais diferente de mim do que eu mesmo. É unicamente na solidão que por vezes o substrato me aparece e que

atingo uma certa continuidade essencial; mas então me parece que minha vida se entorpece, que pára, e que vou literalmente deixar de ser. Meu coração só bate por simpatia, vivo unicamente por outrem; por procuração, eu poderia dizer, por matrimónio, e nunca me sinto viver com maior intensidade do que quando escapo de mim mesmo para me tornar qualquer um.

Essa força antiegoísta de descentralização é tal que volatiliza em mim o senso de propriedade - e, por conseguinte, de responsabilidade. Tal ser não é daqueles aos quais se desposa. Como fazer com que Laura compreenda isso?"

"26 de outubro

(Nada para mim tem realidade, senão poética (e atribuo a essa palavra seu sentido pleno) - a começar por mim mesmo. Parece-me às vezes que não existo realmente, mas que simplesmente imagino que sou. Aquilo em que mais custo a crer é em minha própria realidade. Escapo-me sem cessar, e não compreendo bem, quando me observo agir, que aquele que vejo agir seja o mesmo que observa, e que se surpreende, e duvida que possa ser ator e espectador ao mesmo tempo)

A análise psicológica perdeu para mim todo o interesse a partir do dia em que me dei conta de que o homem sente aquilo que imagina sentir. Daí a pensar que ele imagina sentir o que sente... Vejo-o bem em meu amor: entre amar Laura e imaginar que a amo - entre imaginar que a amo menos, e amá-la menos, que deus veria a diferença?

No terreno dos sentimentos, o real não se distingue do imaginário. E, se é suficiente imaginar-se que se ama, para amar,

;

do mesmo modo basta dizer-se que se imagina amar, quando se ama, para imediatamente amar um pouco menos, e mesmo para se afastar um pouco daquele que se ama - ou para retirar-lhe alguns cristais. Mas para se dizer isso não será já preciso amar um pouco menos?

Será dentro de tal raciocínio que X, em meu livro, se esforçará para se afastar de Z - e, sobretudo, se esforçará para afastá-la dele."

"28 de outubro

Fala-se incessantemente da brusca cristalização do amor. A lenta descricalização, sobre a qual nunca ouço falar, é um fenómeno psicológico que me interessa muito mais. Julgo que se pode observá-lo, ao fim de um período mais ou menos longo, em todos os casamentos de amor. Não será preciso recear isso para Laura, sem dúvida (e tanto melhor), se ela desposar Félix Douviers, como a aconselham a razão, sua família e eu mesmo. Douviers é um professor honesto, cheio de mérito, e muito capaz em sua profissão (ocorre-me que ele é muito apreciado por seus alunos) - em quem Laura irá descobrir, com o uso, um número ainda maior de virtudes, já que, a princípio, ela se iludirá pouco. Quando fala nele, creio mesmo que, ao elogiá-lo, ela o faz de menos. Douviers vale mais do que ela acredita.

Que admirável tema de romance: ao final de quinze anos, de vinte anos de vida conjugal, a descricalização progressiva e recíproca dos cônjuges! Por mais que ame e deseje ser amado, o apaixonado não se pode fazer passar pelo que realmente é, e, além disso, não vê o outro - e sim, em seu lugar, um ídolo que ele adorna, e diviniza, e cria.

Adverti então Laura, contra si e contra mim mesmo. Procurei persuadi-la de que nosso amor não nos poderia assegurar, a nenhum dos dois, uma felicidade duradoura. Espero tê-la quase convencido."

Édouard ergue os ombros, fecha o diário sobre a carta e os coloca na mala. Guarda também ali sua carteira, depois de retirar uma nota de cem francos, que lhe serão sem dúvida suficientes até o momento em que irá apanhar a mala, que pretende deixar no guarda-volumes ao chegar. O aborrecido é que sua mala não possa ser fechada à chave, ou,

pelo menos, que ele não tenha mais a chave para fechá-la. Sempre perde as chaves de suas malas. Ah! Os funcionários do guarda-volumes estão muito atarefados durante o dia, e nunca sozinhos. Ele a resgatará por volta das quatro horas, deixá-la-á em sua casa e então irá consolar e socorrer Laura; cuidará de levá-la para jantar.

Édouard cochila; seu pensamento toma insensivelmente outro caminho. Pergunta-se se teria adivinhado, à simples leitura da carta de Laura, que seus cabelos são escuros. Diz a si mesmo que os romancistas, com a descrição demasiado exata de suas personagens, perturbam mais a imaginação do que lhe são úteis, e que deveriam deixar que

cada leitor criasse de cada uma delas a imagem que mais lhe agradasse. Pensa no romance que está preparando, que não se deve parecer com coisa alguma que tenha escrito até então. Não está certo de que Os moedeiros falsos seja um bom título. Fez mal em anunciá-lo. Absurdo esse hábito de informar os títulos "em preparo", a fim de seduzir os leitores. Não seduz ninguém, e restringe... Não está tampouco certo de que o tema seja muito bom. Pensa nisso incessantemente, e há muito tempo, mas ainda não escreveu uma só linha. Em compensação, transcreve num bloco suas notas e reflexões.

Tira da mala o bloco de anotações. Do bolso, tira uma caneta. Escreve:

"Despojar o romance de todos os elementos que não pertençam especificamente ao romance. Assim como a fotografia, recentemente, livrou a pintura da preocupação com certas exatidões, o fonógrafo certamente desembaraçará amanhã o romance de seus diálogos narrativos, dos quais o realista frequentemente se vangloria. Os acontecimentos exteriores, os acidentes, os traumatismos, pertencem ao cinema; é preciso que o romance lhes ceda. Mesmo a descrição das personagens não me parece pertencer convenientemente ao género. Sim, realmente, não me parece que o romance puro (e em arte, como em tudo, só a pureza me interessa) deva se ocupar dela. Não mais do que o drama. E que não me venham dizer que o dramaturgo não descreve suas personagens porque o espectador é levado a vê-los representados vivos no palco, pois quantas vezes não nos sentimos perturbados, no teatro, pelo ator, e sofremos por este se parecer tão pouco com aquele do qual, sem ele, tínhamos uma ideia tão clara. - O romancista, em geral, não dá suficiente crédito à imaginação do leitor".

Que estação acaba de passar em disparada? Asnières, Guarda o bloco de anotações na mala. Mas decididamente a lembrança de Passavant o atormenta. Retira novamente o bloco de anotações. Escreve ainda:

"Para Passavant, a obra de arte não é tanto um fim quanto um meio. As convicções artísticas que ele demonstra só se tornam tão veementes por não serem profundas; nenhuma exigência secreta de temperamento as inspira; respondem às sugestões da época; sua palavra de ordem é: oportunidade.

A barra fixa. O que em breve parecerá mais antigo será o que a princípio terá parecido ser mais moderno. Cada condescendência, cada afetação é a promessa de uma ruga. Mas é assim que Passavant agrada aos jovens. Pouco lhe importa o futuro. É à geração de hoje

que ele se dirige (o que é sem dúvida melhor do que se dirigir à de ontem) mas, como só se dirige a ela, o que é escrito se arrisca a passar com ela. Ele sabe disso, e não se promete a sobrevivência, e isso é o que faz com que se defenda tão violentamente, não apenas quando o atacam, mas que proteste até contra cada restrição dos críticos. Se sentissem sua obra durável, ele a deixaria defender-se por si mesma, e não procuraria justificá-la incessantemente. Que digo? Ele se felicitaria pelas incompreensões, pelas injustiças. Mais trabalho para os críticos de amanhã."

Olha o relógio. Onze e trinta e cinco. Deveríamos estar chegando. Curioso para saber se, por impossível que seja, Olivier o espera à chegada do trem? Nem conta com isso. Como presumir que Olivier tenha podido tomar conhecimento do cartão em que anunciava aos pais sua volta -• e no qual incidentalmente, negligentemente, distraidamente em aparência, precisava o dia e a hora - como quem armasse uma cilada ao destino, e pelo prazer da excitação?

O trem pára. Rápido, um carregador! Não, sua mala não está tão pesada, e o guarda-volumes não fica tão longe. .. Presumindo que ele estivesse lá, poderiam ambos, em meio à multidão, se reconhecer? Viram-se tão pouco! Contanto que ele não esteja muito mudado!... Ah! justos céus! seria ele?

IX

Nada teríamos a deplorar do que se seguiu, se ao menos a alegria que Édouard e Olivier sentiram ao se reencontrar houvesse sido mais manifesta. Mas uma singular incapacidade de avaliar sua importância no coração e no espírito de outrem lhes era comum e a ambos paralisava; de modo que cada um, imaginando-se o único emocionado, inteiramente dominado por sua própria alegria e como que embaraçado por senti-la tão intensa, só se preocupava em não demonstrá-la excessivamente.

Foi o que fez Olivier. Em lugar de contribuir para a alegria de Édouard falando-lhe do entusiasmo com que viera ao seu encontro, achou conveniente referir-se a algo que exatamente tivera para fazer ali perto naquela mesma manhã, como que para se desculpar por ter vindo. Escrupulosa em excesso, sua alma facilmente se persuadiu de que talvez Édouard achasse sua presença importuna. Tão logo mentira, enrubesceu. Édouard percebeu esse rubor, e, como a princípio segurara o braço de Olivier

num aperto apaixonado, imaginou, também por escrúpulo, que esse era o motivo que o fazia enrubescer.

Dissera a princípio:

- Esforçava-me para acreditar que você não estaria aqui, mas no fundo tinha certeza de que viria.

Acreditou que Olivier visse presunção nessa frase. Ao ouvi-lo responder com um ar desembaraçado:

"Eu tinha exatamente que vir até aqui perto", largou o braço de

Oli-

vier, e sua exaltação imediatamente arrefeceu. Teria querido perguntar a Olivier se havia

compreendido que aquele cartão, endereçado a seus pais, havia sido escrito

para ele. A ponto de interrogá-lo, faltava-lhe coragem. Olivier, receando aborrecer Édouard ou

causar má impressão falando de si mesmo, calava-se. Olhava para Édouard

e se surpreendia com um certo tremor em seus lábios, e então imediatamente baixava os olhos.

Édouard ao mesmo tempo desejava aquele olhar e temia que Olivier o julgasse

velho demais. Rolava nervosamente nos dedos um pedaço de papel. Era o talão que lhe haviam

acabado de entregar no guarda-volumes, mas ele não lhe prestava atenção.

"Se fosse seu talão de depósito, dizia-se Olivier ao vê-lo amassá-lo assim e jogá-lo fora

distraidamente, ele não o jogaria fora assim." E virou-se apenas por um

instante para ver o vento levar aquele pedaço de papel para longe deles, pela calçada. Se tivesse

olhado por mais tempo, teria podido ver um rapaz apanhá-lo. Era

Bernard, que, desde a saída da estação, os seguia... Entretanto, Olivier se lamentava por nada

encontrar para dizer a Édouard, e o silêncio entre eles parecia-lhe

intolerável.

"Quando chegarmos a Condorcet, repetia-se, eu direi: 'Agora, preciso ir; até a vista.'" Então, defronte

ao liceu, resolveu ir até a esquina da Rue de Provence. Mas

Édouard, para quem aquele silêncio era igualmente penoso, não podia admitir que se separassem

daquele modo. Conduziu seu companheiro até um café. Talvez o vinho

do Porto que lhes foi servido os ajudasse a superar seu embaraço.

Brindaram.

- Ao seu êxito, disse Édouard, erguendo o copo. Quando são os exames?

- Daqui a dez dias.

- E você se sente preparado? Olivier deu de ombros.

- Nunca se sabe. Basta não estar passando bem no dia...

Não ousava responder: "Sinto-me", por medo de demonstrar muita segurança. O que também o perturbava era ao mesmo tempo a vontade e o temor de tratar Édouard com mais intimidade. Contentava-se em dar a todas as suas frases um estilo indireto no qual, pelo menos, o "senhor" era excluído, de modo que não dava assim a Édouard a ocasião de pedir-lhe que o tratasse por você, como gostaria; o

que no entanto havia conseguido, bem se lembrava, alguns dias antes de sua partida. :

- Estudou bastante?

- Estudei. Mas não tanto quanto poderia.

- Os bons estudantes sempre têm a sensação de que poderiam estudar mais, disse Édouard sentenciosamente.

Dissera aquilo sem pensar, e então, de imediato, achara sua frase ridícula.

- Continua a escrever poesia?

- Às vezes. . . Precisaria muito que me aconselhassem. Erguia os olhos para Édouard, queria dizer "que o senhor me aconselhasse", "que você me aconselhasse". E o olhar, no lugar da voz, dizia-o tão bem que Édouard imaginou que ele tivesse dito aquilo por deferência, ou por gentileza. Mas por que tinha ele que responder, e tão bruscamente?

- Ora! Conselhos, é preciso saber dá-los a si mesmo, ou buscá-los com os colegas; os dos mais velhos não valem nada.

Olivier pensou: "Não os pedi, por que ele protesta?"

Cada um deles se exasperava por nada demonstrar que não fosse seco, forçado, e cada um deles, sentindo o embaraço e o nervosismo do outro, imaginava ser deles o objeto e a causa. De tais encontros nada de bom pode resultar, se nada vem em seu socorro. Nada veio.

Olivier acordara mal naquela manhã. A tristeza que sentira ao despertar, por não mais ver Bernard a seu lado, por tê-lo deixado partir sem se despedir, aquela tristeza, por um instante dominada pela alegria de reencontrar Édouard, crescia nele como uma onda escura, submergia todos os seus pensamentos. Teria desejado falar de Bernard, contar a Édouard tudo e mais alguma coisa, interessá-lo em seu amigo.

Mas o menor sorriso de Édouard o teria magoado, e a expressão teria traído os sentimentos apaixonados e tumultuados que o agitavam, se não se arriscasse a parecer exagerada. Calava-se, sentia seu rosto se endurecer; teria desejado se atirar nos braços de Édouard e chorar. Édouard se enganava quanto àquele silêncio, quanto à expressão daquele rosto contraído. Amava demais para não perder totalmente a naturalidade. Quase não ousava olhar para Olivier, que desejava apertar nos braços e acarinhar como a uma criança; e ao encontrar seu olhar melancólico:

"É isso, pensava, eu o aborreço... Eu o canso, eu o atormento. Pobrezinho! Só espera uma palavra minha para partir." E essa palavra, irresistivelmente, Édouard a disse, de pena do outro:

- Agora você deve ir. Seus pais o esperam para almoçar, tenho certeza.

Olivier, que pensava o mesmo, enganou-se por sua vez. Levantou-se precipitadamente, estendeu a mão. Pelo menos queria dizer a Édouard: "Quando verei você novamente? Quando verei o senhor novamente? Quando é que a gente se vê de novo?..." Édouard esperava por aquela frase. Nada veio. Só um banal: - Adeus.

"

O sol acordara Bernard. Ele se levantara do banco com uma violenta dor de cabeça. A gloriosa intrepidez da manhã o havia abandonado. Sentia-se abominavelmente só e com o coração cheio de alguma coisa desagradável que se recusava a chamar de tristeza, mas que lhe enchia os olhos de lágrimas. O que fazer? E aonde ir?... Se ele se encaminhou para a Estação Saint-Lazare, na hora em que sabia que para lá iria Olivier, foi sem

intenção definida e sem outro desejo além do de reencontrar seu amigo. Censurava-se por ter saído tão bruscamente pela manhã: Olivier poderia ter ficado magoado. Não era ele o ser que Bernard preferia na terra?... Quando o viu pelo braço de Édouard, um sentimento curioso fê-lo segui-los e, ao mesmo tempo, impediu-o de se deixar ser visto. Incomodava-o a sensação de estar sobrando, e no entanto gostaria de se ter juntado aos dois. Édouard parecia-lhe encantador: pouco mais alto que Olivier, a postura um pouco menos jovem. Foi a ele que decidiu abordar: esperava, para tanto, que Olivier se fosse. Mas abordá-lo com que pretexto?

Foi nesse momento que viu o pedaço de papel amassado escapar da mão distraída de Édouard. Quando o apanhou, quando viu que era um talão de depósito... ora, eis aí o pretexto procurado!

Viu os dois amigos entrarem no café, ficou por um instante perplexo, e depois, retomando seu monólogo:

"Um adiposo normal só teria pressa em entregar-lhe este papel", disse a si mesmo.

'< "How weary, stale, flat and unprofitable .; ;

Seem to me ali the uses of this world!"1,

ouvi dizer Hamlet. Bernard, Bernard, que pensamento o atinge? Ontem mesmo você vasculhava uma gaveta. Em que caminho se embrenha? Muito cuidado, meu rapaz... Muito cuidado, pois ao meio-dia o funcionário do guarda-volumes que atendeu Édouard vai almoçar, e será substituído por outro. E você não prometeu ao seu amigo ousar tudo?

Ele refletiu, entretanto, que uma excessiva precipitação poderia pôr tudo a perder. Surpreendido logo ao chegar, o funcionário poderia achar suspeita aquela pressa; consultando o registro do depósito, poderia achar pouco natural que uma bagagem, deixada no guarda-volumes poucos minutos antes do meio-dia, fosse retirada logo depois. Enfim, se algum transeunte, algum importuno o houvesse visto apanhar o papel... Bernard resolveu descer até a Concorde, sem se apressar; o tempo que teria levado um outro para almoçar. Acontece com frequência, não é mesmo, que alguém deixe sua mala no guarda-volumes durante o almoço e vá apanhá-la logo a seguir? Não sentia mais a enxaqueca. Passando por um terraço de restaurante, apoderou-se sem cerimônia de um

palito (estavam em pequenos feixes sobre as mesas), que foi mastigar diante do balcão do guarda-volumes, para ter um ar saciado. Feliz por ter a seu favor sua boa aparência, a elegância de seu terno, a distinção de suas maneiras, a franqueza de seu sorriso e de seu olhar, enfim, esse algo mais na atitude que se sente naqueles que, criados no bem-estar, não precisam de nada, tendo tudo. Mas tudo isso se amarrota, a dormir sobre bancos.

Levou um susto quando o funcionário lhe pediu dez cêntimos de pagamento pelo depósito. Não tinha mais um soldo. O que fazer? A mala estava ali, sobre o balcão. A menor insegurança daria o alarme e também a falta de dinheiro. Mas o demônio não permitirá que ele se perca: desliza sob os dedos ansiosos de Bernard, que vão vasculhando bolso por bolso, num simulacro de busca desesperada, uma pequena moeda de dez soldos, esquecida ali não se sabe

; "Quão enfadonhos, insípidos, monótonos e inúteis Parecem-me todos os costumes deste mundo!" Em inglês no original. (N. da T.)

quando, no bolsinho do colete. Bernard a estende ao funcionário. Nada deixou transparecer de seu embaraço. Apodera-se da mala e, num gesto simples e honesto, embolsa os trocados que lhe são entregues. Ufa! Está com calor. Onde irá? Suas pernas tremem e a mala lhe parece pesada. O que fará?... Lembra-se subitamente de que não tem a chave. Não, não, não, não forçará o fecho, não é um ladrão, que diabo!... Se ao menos soubesse o que há ali dentro. Ela pesa em seu braço. Está pingando de suor. Pára um instante, descansa seu fardo na calçada. Claro, pretende devolver aquela mala. Mas queria interrogá-la primeiro. Aperta o fecho ao acaso. Oh! Milagre! A concha se entreabre, deixando entrever esta pérola: uma carteira, que deixa entrever algumas notas. Bernard se apodera da pérola e fecha imediatamente a ostra.

E agora que tem com quê, rápido! um hotel. Rue de Amsterdam, sabe que há um por perto. Está morto de fome. Mas antes de se sentar à mesa, quer deixar a mala em segurança. Um rapaz que a leva precede-o na escada. Três andares, um corredor, uma porta, que ele fecha à chave sobre seu tesouro... Desce.

Sentado diante de um filé, Bernard não ousava tirar de seu bolso a carteira (nunca sabemos quem nos está observando!), mas, no fundo daquele bolso interno, sua mão esquerda a apalpava amorosamente.

"Fazer com que Édouard compreenda que não sou ladrão, aí é que está o nó. Que tipo de cara será Édouard? A mala talvez nos informe. Sedutor, sem dúvida. Mas há um monte de caras sedutores que não gostam nem um pouco de brincadeiras. Se ele achar que sua mala foi roubada, com certeza não deixará de ficar contente por revê-la. Ficará grato a mim por devolvê-la, ou não passa de um canalha. Saberei fazer com que se interesse por mim. Comamos logo uma sobremesa e subamos para examinar a situação. E deixemos uma emocionante gorjeta ao garçom."

Alguns instantes depois, estava novamente no quarto.

"E agora, mala, a nós dois!... Uma muda de roupa completa. Um pouco grande para mim, sem dúvida. A fazenda do terno é discreta e de bom gosto. Roupa de baixo, acessórios de toalete. Não tenho certeza de que devolverei tudo isso algum dia. Mas o que prova que não sou ladrão é que os papéis que aqui estão vão me ocupar muito mais. Leiamos primeiro este."

Era o caderno no qual Édouard havia guardado a triste carta de Laura. Já conhecemos as primeiras páginas; eis o que vinha adiante:

XI

Diário de Édouard

"1.º de novembro

Há quinze dias... - fiz mal em não anotar isso imediatamente. Não é que não tenha tido tempo, mas tinha o coração ainda cheio de Laura - ou, mais exatamente, fazia questão de não afastar dela meu pensamento; e, além disso, não me agrada anotar aqui nada que seja episódico, fortuito, e ainda não me parecia que o que vou narrar pudesse ter uma sequência, nem, como se diz, ter consequências; ao menos recusava-me a admiti-lo, e era para prová-lo, de algum modo, que me abstinha de falar disso em meu diário; mas percebo claramente, e é inútil defender-me, que a imagem de Olivier magnetiza hoje meus pensamentos, desvia-lhes o curso, e que, se não fosse por ele, eu não poderia nem me explicar inteiramente, nem me compreender inteiramente.

Eu voltava esta manhã da casa Perrin, onde tinha ido examinar as provas da reedição de meu antigo

livro. Como o dia estava bonito, eu passeava pelo cais à espera da hora do almoço.

1

Um pouco antes de chegar defronte ao Vanier, parei junto a uma exposição de livros de segunda mão. Os livros não me interessavam tanto quanto um jovem ginasiano, de

cerca de treze anos, que remexia nas prateleiras ao ar livre, sob o olhar plácido de um vigia, sentado numa cadeira de palha à porta da loja. Eu fingia contemplar

a exposição, mas, com o canto dos olhos, também vigiava o garoto. Ele usava um sobretudo velho, cujas mangas muito curtas deixavam à mostra as do paletó. O grande

bolso lateral pendia, embora se pudesse perceber que estava vazio; nos cantos, a fazenda estava esgarçada. Imaginei que aquele sobretudo já deveria ter servido a

vários irmãos, e que tanto seus irmãos quanto ele tinham o hábito de colocar coisas demais nos bolsos. Pensei também que sua mãe devia ser muito negligente, ou muito

ocupada, por não ter reparado naquilo. Mas, nesse momento, tendo o garoto mudado um pouco de posição, vi que o outro bolso estava todo cerzido, grosseiramente, com

uma linha preta, grossa e resistente. Imediatamente, ouvi as reprimendas maternas: 'Não ponha dois livros ao mesmo tempo no bolso, você vai estragar esse sobretudo.

Seu bolso está rasgado outra vez. Na próxima, não o consertarei mais, estou avisando. Olhe só o que você está parecendo!..." Todas as coisas que também me dizia

minha pobre mãe, e que eu também não ouvia. O sobretudo, aberto, deixava à mostra o paletó, e meu olhar foi atraído por uma espécie de pequena condecoração, um pedaço

de fita, ou melhor, uma roseta amarela, que ele usava na lapela. Registro tudo isso por disciplina, e exatamente porque me aborrece registrá-lo.

A um dado momento, o vigia foi chamado ao interior da loja; ficou lá apenas um instante, e voltou a sentar-se em sua cadeira, mas esse instante fora suficiente para

permitir ao menino deslizar para o bolso de seu casaco o livro que tinha nas mãos; então, imediatamente, recomeçou a remexer nas prateleiras, como se nada houvesse.

No entanto, ele estava inquieto; ergueu a cabeça, percebeu meu olhar, e compreendeu que eu havia visto tudo. Pelo menos, disse a si mesmo que eu poderia ter visto;

não tinha certeza absoluta, mas, na dúvida, perdeu toda a segurança, enrubesceu e começou a encenar um pequeno jogo, em que se esforçava por demonstrar todo o seu

desembaraço, mas que provava seu extremo constrangimento. Eu não desviava o olhar. Tirou do

bolso o livro roubado, guardou-o novamente, afastou-se alguns passos, retirou do interior do paletó uma pobre carteirinha surrada, na qual fingiu procurar o dinheiro que sabia muito bem não estar ali; fez uma careta significativa, um trejeito teatral, dirigido a mim, evidentemente, que que-

ria dizer: 'Droga! Não tenho com que pagar', com este pequeno acréscimo: 'Estranho, achei que tinha...', tudo isso um pouco exagerado, um pouco forçado, como um ator que tem medo de não se fazer ouvir. E finalmente, posso quase dizer que sob a pressão de meu olhar, aproximou-se novamente da prateleira, tirou afinal o livro do bolso e bruscamente recolocou-o no seu lugar de origem. Tudo foi feito tão naturalmente que o vigia não percebeu nada. Então o menino ergueu novamente a cabeça, esperando estar livre desta vez. Mas não, meu olhar estava sempre presente, como o olho de Caim; só que o meu olho sorria. Eu queria falar com ele, esperava que saísse da frente da loja para abordá-lo; mas ele não se movia, e permanecia parado diante dos livros, e compreendi que não se moveria enquanto eu o olhasse daquele modo. Então, como se faz no jogo dos quatro cantos, para levar a caça fictícia a mudar de esconderijo, afastei-me alguns passos, como se já tivesse visto o suficiente. Ele partiu por sua vez, mas, nem bem se afastou, eu o alcancei.

- Que livro era aquele? perguntei-lhe à queima-roupa, colocando entretanto em minha voz e em meu rosto o máximo de amenidade que consegui.

Ele me olhou bem nos olhos, e senti desfazer-se sua desconfiança. Talvez não fosse bonito, mas que belo olhar ele tinha! Eu via ali todos os sentimentos se agitarem como ervas no fundo de um riacho.

- Um guia da Argélia. Mas custa caro demais. Não tenho tanto dinheiro.

- Quanto?

- Dois francos e cinquenta.

- Mas se não tivesse visto que eu observava, você se safaria com o livro no bolso.

O garoto teve um movimento de revolta, e, resistindo, num tom muito vulgar:

- Não, mas, por acaso... o senhor estaria me tomando por um ladrão?... - com uma convicção capaz

de me fazer duvidar do que havia visto. Senti que perderia a partida, se insistisse. Tirei três moedas do bolso:

- Vamos! Vá comprá-lo. Eu espero.

Dois minutos mais tarde, ele saía da loja, folheando o objeto de sua cobiça. Tomei-o de suas mãos. Era um antigo guia Joanne, de 71.

- O que você vai querer fazer com isso? disse eu, devolvendo-o. É velho demais. Não deve mais servir.

Ele retrucou que sim, e que, além disso, os guias mais

recentes custavam muito mais caro, e que, 'para o que ele faria', os mapas daquele serviriam muito bem. Não procuro transcrever aqui suas palavras exatas, pois perderiam seu caráter, despojadas do extraordinário sotaque suburbano com que ele falava, e que me divertia ainda mais porque suas frases não deixavam de ter elegância.

Necessário abreviar muito este episódio. A precisão não deve ser obtida pela minúcia da narrativa, mas, na imaginação do leitor, por dois ou três traços, exatamente no lugar certo. Creio, entretanto, que seria importante fazer com que tudo isto fosse contado pelo menino; seu ponto de vista é mais significativo do que o meu.

O garoto está ao mesmo tempo aborrecido e envaidecido com a atenção que lhe dou. Mas o peso do meu olhar desvia-lhe um pouco a direção. Uma personalidade por demais terna e ainda inconsciente defende-se e se refugia atrás de uma pose. Nada é mais difícil de se observar do que os seres em formação. Seria preciso olhá-los unicamente de esguelha, de perfil."

O garoto declarou repentinamente que 'o que ele mais gostava' era 'de geografia'. Suspeitei que por trás daquele amor se dissimulava um instinto de vagabundagem.

- Você gostaria de ir lá? perguntei-lhe.

- Claro! disse ele, erguendo um pouco os ombros. Ocorreu-me a ideia de que ele não era feliz junto aos

seus. Perguntei-lhe se vivia com os pais. - Sim. - E não se dava bem com eles? - protestou

francamente. Parecia um pouco inquieto por se ter exposto demais um pouco antes. Acrescentou:

- Por que está me perguntando isso?

- Por nada, respondi imediatamente; depois, tocando com a ponta do dedo a fita amarela em sua lapela:

- O que é isso?

- É uma fita, como está vendo.

Minhas perguntas decididamente o importunavam. Virou-se bruscamente para mim, hostilmente, e num tom zombeteiro e insolente, do qual eu nunca o imaginaria capaz e que realmente me desnorteou:

- Mas diga-me... acontece-lhe sempre, isso de ficar paquerando estudantes?

Depois, enquanto eu balbuciava confusamente alguma espécie de resposta, ele abriu a mala de colégio que trazia

11

debaixo do braço, para guardar ali sua aquisição. Havia lá livros de estudo e alguns cadernos encapados uniformemente de papel azul. Apanhei um, era o da aula de história. O garoto havia escrito, na capa, seu nome em letras maiúsculas. Meu coração deu um salto ao reconhecer o nome de meu sobrinho:

GEORGES MOLINIER

(O coração de Bernard deu igualmente um salto ao ler estas linhas, e toda esta história começou a interessá-lo prodigiosamente.)

Será difícil, nos Moedeiros falsos, admitir que aquele que fará minha personagem tenha podido, mantendo boas relações com sua irmã, não conhecer os filhos dela.

Sempre tive uma enorme dificuldade em distorcer a verdade. Até mesmo mudar a cor dos cabelos me parece um blefe que, para mim, torna o verdadeiro menos verossímil.

Tudo se baseia, e eu o sinto em todos os fatos que a vida me oferece, em dependências tão sutis que

me parece sempre que não se poderia mudar um só deles sem modificar todo o conjunto. Não posso no entanto contar que a mãe daquele menino é apenas minha meia irmã, nascida de um primeiro casamento de meu pai; que não a vi enquanto meus pais estiveram vivos; que assuntos de herança provocaram nossa aproximação ... Tudo isso é entretanto indispensável, e não vejo o que poderia inventar de diferente para evitar a indiscrição. Eu sabia que minha meia irmã tinha três filhos; conhecia apenas o mais velho, estudante de medicina; mesmo assim só de vista, pois, atacado de tuberculose, ele precisara interromper os estudos e estava em tratamento em algum lugar do Midi. Os dois outros nunca estavam lá nas horas em que eu ia visitar Pauline; o que estava à minha frente era certamente o mais moço. Nada deixei transparecer de minha surpresa, mas, afastando-me subitamente do pequeno Georges, depois de ouvi-lo dizer que iria almoçar em casa, saltei para um táxi, para chegar antes dele à Rue Notre-Dame-desChamps. Imaginei que, chegando àquela hora, Pauline me faria ficar para almoçar, o que não deixou de acontecer. Meu livro, do qual eu trouxera uma cópia da casa Perrin, e que poderia lhe oferecer, serviria como pretexto para aquela visita intempestiva.

Era a primeira vez que eu fazia uma refeição em casa de Pauline. Estava errado ao desconfiar de meu cunhado.

Não creio que ele seja um jurista notável, mas sabe não falar de sua profissão tanto quanto não falo da minha quando estamos juntos, de modo que nos entendemos muito bem. Naturalmente, ao chegar lá naquela manhã, eu não disse uma palavra sobre o encontro que acabara de ter:

- Isto me dará oportunidade, espero, de conhecer meus sobrinhos, disse eu, quando Pauline me pediu que ficasse para almoçar. Pois, sabe, há dois que não conheço ainda.

- Olivier, disse-me ela, só chegará um pouco mais tarde, pois tem uma aula; iremos para a mesa sem ele. Mas acabo de ouvir Georges chegar. vou chamá-lo. E, correndo até a porta da sala contígua:

- Georges! Venha cumprimentar seu tio.

O garoto se aproximou, estendeu-me a mão, beijei-o... Admiro a força de dissimulação das crianças:

ele não demonstrou nenhuma surpresa, poder-se-ia crer que não me reconhecia. Apenas enrubesceu muito, mas sua mãe deve ter imaginado que era por timidez. Pensei que ele talvez estivesse embaraçado por reencontrar o 'secreta' de pouco antes, pois deixou-nos quase imediatamente e voltou para a sala ao lado; era a sala de jantar, que, percebi, serve de sala de estudos para os meninos, entre as refeições. Reapareceu no entanto logo depois, quando seu pai entrou no salão, e aproveitou-se do momento em que passávamos para a sala de jantar para aproximar-se de mim e apertar-me a mão sem ser visto pelos pais. Imaginei a princípio ser um sinal de camaradagem, que me divertiu; mas não: ele abriu a mão que fechei sobre a sua, introduziu nela um bilhete que certamente acabara de escrever, e então dobrou meus dedos sobre o papel, apertando-os com força. É evidente que levei o jogo adiante: escondi o bilhete num bolso, de onde só pude tirá-lo depois do almoço. Eis o que li:

'Se contar a meus pais a história do livro, eu (ele riscara: o detestarei) direi que o senhor me fez propostas'.

E mais abaixo: '

'Saio todo dia do liceu às dez h.' "

Interrompido ontem pela visita de X... Sua conversa deixou-me num estado horrível.

Refleti muito sobre o que me disse X... Ele não conhece nada da minha vida, mas expus-lhe longamente meu plano dos Moedeiros falsos. Seu conselho sempre é salutar, pois ele se coloca sob um ponto de vista diferente do meu.

Receia que eu caia na artificialidade e que abandone o assunto real em favor da sombra- deste assunto em meu cérebro. O que me inquieta é sentir a vida (minha vida) separar-se aqui de minha obra, minha obra afastar-se de minha vida. Mas isso não pude dizer a ele. Até agora, como deve ser, meus gostos, meus sentimentos, minhas experiências pessoais, alimentavam tudo o que eu escrevia; em minhas frases mais bem construídas, eu sentia bater meu coração. Atualmente, entre o que sinto e o que penso, o elo foi rompido. E desconfio que seja exatamente a dificuldade que sinto em deixar falar hoje meu coração o que lança minha obra no abstrato e no artificial. Refletindo sobre isso, o significado da fábula de Apolo e Daphne tornou-se subitamente claro para mim: feliz, pensei, daquele que pode abraçar ao mesmo tempo os

louros e o próprio objeto de seu amor¹.

Narrei meu encontro com Georges tão extensamente que precisei parar no momento em que Olivier entrava em cena. Só comecei esta narrativa para falar dele, e só consegui falar de Georges. Mas, no momento de falar de Olivier, compreendo que o desejo de adiar esse momento era a causa de minha lentidão. Desde que o vi, naquele primeiro dia, desde que ele se sentou à mesa da família, desde meu primeiro olhar, ou mais exatamente desde o seu primeiro olhar, senti que aquele olhar se apoderava de mim e que eu não dispunha mais de minha vida.

Pauline insiste em que eu venha vê-la com mais frequência. Pede-me encarecidamente que me ocupe um pouco de seus filhos. Deixa entrever que o pai os conhece mal.

Quanto mais converso com ela, mais me parece encantadora. Não entendo mais como pude passar tanto tempo sem frequentar sua casa. Os filhos foram educados na religião católica, mas ela se lembra de sua primeira educação protestante, e embora ela tenha deixado o lar de nosso pai comum no momento em que minha mãe ali entrou, descubro entre nós inúmeros pontos de semelhança. Ela colocou seus filhos como pensionistas na casa dos pais de Laura, onde eu próprio morei durante muito tempo. O Pensionato Azais, aliás, jacta-se de não ter política religiosa própria (no meu tempo, podiam-se encontrar lá até mesmo turcos), embora o idoso

¹ Nova referência de Gide à mitologia grega. Daphne, ninfa pela qual se apaixonou Apolo e a quem este perseguia, foi transformada em um loureiro no instante em que ele a alcançou. Os louros, em sentido figurado, significam vitórias ou glória. (N. da T.)

Azais, velho amigo de meu pai, que a fundou e ainda a dirige, tenha anteriormente sido pastor.

Pauline recebe notícias bastante boas do sanatório em que Vincent convalesce. Ela lhe fala a meu respeito, disseme, em suas cartas, e gostaria que eu o conhecesse melhor, pois apenas o vi de relance. Concentra grandes esperanças em seu filho mais velho; o casal faz todos os sacrifícios possíveis para permitir-lhe estabelecer-se em breve - quero dizer: ter um consultório particular para receber os pacientes. Enquanto isso não é possível, ela encontrou a solução de reservar para ele uma parte do pequeno apartamento que ocupam, instalando Olivier e Georges no andar de baixo, num quarto à parte, que estava vago. O grande problema é saber se, por razões de saúde, Vincent terá que renunciar ao estágio de residente.

Para dizer a verdade, Vincent pouco me interessa, e, se falo muito a seu respeito com sua mãe, é apenas em consideração a ela, e para que possamos, logo em seguida, ocuparnos mais longamente de Olivier. Quanto a Georges, trata-me friamente, mal responde quando lhe falo e lança-me, quando nos cruzamos, um olhar indefinivelmente desconfiado. Parece que ficou zangado comigo por eu não ter ido esperá-lo à porta da escola - ou que se zangou consigo mesmo por suas investidas.

Não vejo muito Olivier. Quando vou visitar sua mãe, não ousa ir vê-lo na sala onde sei que estuda; se o encontro por acaso, fico tão sem jeito e confuso que não encontro nada para dizer, e isso me deixa tão infeliz que prefiro ir ver sua mãe nas horas em que sei que ele não está em casa."

XII

Diário de Édouard (Continuação)

"2 de novembro

Longa conversa com Douviers, que sai comigo da casa dos pais de Lauta e me acompanha até o Odéon pelo Jardim do Luxemburgo. Ele prepara uma tese de doutorado sobre Wordsworth', mas, por algumas frases que me diz, sinto que as qualidades mais essenciais da poesia de Wordsworth lhe escapam. Deveria ter escolhido Tennyson². Sinto algo de insuficiente em Douviers, algo de obtuso e de palerma. Julga sempre as coisas e os seres pelo que aparentam; talvez porque ele próprio sempre aparente o que é.

- Sei, disse-me ele, que é o melhor amigo de Laura. Eu certamente deveria sentir ciúme. Não consigo. Pelo contrário, tudo o que ela me disse a seu respeito me fez, ao mesmo tempo, compreendê-la melhor e desejar tornar-me seu amigo. Perguntei outro dia se não achava que o senhor estava zangado comigo por eu me casar com ela.

Respondeu-

' William Wordsworth, poeta inglês (1770-1850) que, em sua poesia romântica, rejeitou a fraseologia do século XVIII em favor do pitoresco da linguagem familiar e cotidiana. (N. da T.)

2 Lorde Alfred Tennyson (1809-1892), considerado o poeta aristocrático e nacional da era vitoriana. (N. da T.)

me que, pelo contrário, o senhor a havia aconselhado a fazê-lo (acho que ele me disse isso assim mesmo, sem rodeios).

- Gostaria de lhe agradecer - e que não achasse isso ridículo, pois o faço com muita sinceridade - acrescentou, esforçando-se para sorrir, mas com a voz trémula e lágrimas nos olhos.

Eu não sabia o que responder, pois me sentia muito menos emocionado do que deveria estar, e completamente incapaz de uma efusão recíproca. Devo ter-lhe parecido um pouco seco, mas ele me aborrecia. Apesar de tudo, apertei o mais calorosamente que pude a mão que ele me estendia. Essas cenas em que uma das personagens abre seu coração mais do que lhe é pedido são sempre penosas. Certamente ele imaginava conseguir minha simpatia. Se tivesse sido um pouco mais perspicaz, teria percebido seu erro; mas eu já o via grato por seu próprio gesto, do qual acreditava surpreender o reflexo em meu coração. Como eu nada dizia, e talvez embaraçado com meu silêncio:

- Conto, acrescentou a seguir, com a mudança para Cambridge para impedi-la de fazer comparações, que me seriam desvantajosas.

O que queria ele dizer com aquilo? Eu me esforçava por não compreender. Talvez ele esperasse um protesto, mas isso só teria servido para nos enredar ainda mais.

Ele é daquele tipo de pessoa cuja timidez não consegue suportar os silêncios, e que acredita dever preenchê-los com uma investida exagerada; daquelas que em seguida dizem: 'Sempre fui franco com você'. Ora bolas, o importante não é tanto ser franco, mas sim permitir que o outro o seja. Ele deveria perceber que sua franqueza era exatamente o que impedia a minha.

Mas se não consegui tornar-me seu amigo, pelo menos creio que será um excelente marido para Laura; pois, afinal de contas, são exatamente suas qualidades o que estou aqui reprovando. A seguir, falamos sobre Cambridge, onde prometi ir visitá-los.

Que absurda necessidade teve Laura de lhe falar de mim?

Admirável propensão à dedicação, na mulher. O homem que ela ama não é, na maioria das vezes,

para ela, mais do que uma espécie de cabide onde pendurar seu amor.

com que sincera facilidade Laura efetua a substituição! Compreendo que ela se case com Douviers: fui um dos primeiros

a lhe aconselhar que o fizesse. Mas sentia-me no direito de esperar um pouco de mágoa. O casamento será dentro de três dias.

Alguns artigos sobre meu livro. As qualidades que me são mais facilmente reconhecidas são exatamente aquelas das quais tenho mais horror... Terei feito bem em deixar reeditar essas velharias? Elas não correspondem mais a nada do que amo agora. Mas só agora o percebo. Não me parece que eu tenha exatamente mudado; mas sim que somente agora tomo consciência de mim mesmo: até agora eu não sabia quem eu era. Será possível que eu sempre precise de que um outro ser me sirva de revelador?! Esse livro se cristalizou à imagem de Laura, e é por isso que não quero mais me reconhecer nele.

Essa perspicácia, feita de simpatia, que nos permitiria preceder as estações, será que nos é proibida? Que problemas inquietarão amanhã aqueles que chegam? É para eles que quero escrever. Fornecer alimento às curiosidades ainda indefinidas, satisfazer as exigências que não são ainda precisas, de modo que aquele que hoje é apenas uma criança surpreenda-se amanhã por me encontrar em seu caminho.

Como gosto de sentir em Olivier toda essa curiosidade, toda essa impaciente insatisfação pelo passado...

Parece-me às vezes que a poesia é a única coisa que lhe interessa. E sinto, relendo-os através dele, como são raros os nossos poetas que se tenham deixado guiar mais pelo sentimento da arte do que pelo coração ou pelo espírito. O curioso é que, quando Oscar Molinier me mostrou os versos de Olivier, dei a este o conselho de procurar se deixar guiar mais pelas palavras ao invés de tentar submetê-las. E agora me parece que é ele quem, em contrapartida, me instrui.

Como tudo o que escrevi anteriormente me parece hoje tristemente, aborrecidamente e ridiculamente racional!"

"5 de novembro

A cerimônia foi realizada. Na pequena capela da Rue Madame, onde eu não ia havia muito tempo. Família VedelAzals completa: avô, pai e mãe de Laura, suas irmãs e seu irmão mais moço, mais inúmeros tios, tias e primos. Família

Douviers representada por três tias de luto fechado, das quais o catolicismo teria feito três freiras, que, segundo o que foi dito, vivem juntas, e com quem vivia também Douviers desde a morte de seus pais. No coro, os alunos do pensionato. Outros amigos da família completavam a sala, no fundo da qual fiquei; não muito longe de mim vi minha irmã com Olivier; Georges devia estar no coro com os colegas de sua idade. O velho La Pérouse ao órgão: seu rosto envelhecido, mais bonito, mais nobre do que nunca, mas seus olhos sem aquela admirável chama que me transmitia seu fervor, na época de suas aulas de piano. Nossos olhares se cruzaram, e senti, no sorriso que me dirigia, tanta tristeza, que prometi a mim mesmo falar-lhe à saída. Algumas pessoas se movimentaram, e um lugar junto a Pauline ficou vago. Olivier imediatamente me fez um sinal, empurrou sua mãe para que eu pudesse me sentar a seu lado; então, tomou-me a mão e segurou-a longamente. É a primeira vez que ele age tão familiarmente comigo. Manteve os olhos fechados durante quase todo o interminável discurso do pastor, o que me permitiu contemplá-lo longamente: ele se parece com aquele pastor adormecido de um baixo-relevo do museu de Nápoles, cuja fotografia tenho sobre minha escrivaninha. Eu teria acreditado que ele próprio dormia, sem o frémito de seus dedos: sua mão palpitava na minha como um pássaro.

O velho pastor achou que deveria contar a história de toda a família, a começar pela do avô Azais, de quem ele havia sido colega de classe em Estrasburgo antes da guerra, e depois na Faculdade de Teologia. Achei que ele não conseguiria se sair bem de uma frase complicada em que tentava explicar que, assumindo a direção de um pensionato e se dedicando à educação de crianças, seu amigo não havia por assim dizer abandonado a atividade pastoral. Então a outra geração teve a sua vez. Falou igualmente em termos edificantes da família Douviers, da qual parecia não conhecer grande coisa. A excelência de sentimentos empalidecia as falhas oratórias, e ouviam-se vários membros da assistência assoando-se. Eu tinha vontade de saber o que pensava Olivier; imaginava que, educado no catolicismo, o culto protestante deveria ser novo para ele, e que sem dúvida vinha pela primeira vez àquele templo. A singular faculdade de despersonalização que me permite sentir como minha a emoção de outrem forçava-me quase a assumir as sensações de Olivier, as que eu imaginava que ele devia ter, e embora

ele mantivesse os olhos fechados, ou talvez exatamente por causa disso, parecia-me ver em seu lugar e pela primeira vez aquelas paredes nuas, a abstraía e pálida luz em que estava mergulhada a assistência, o destaque cruel do púlpito contra a parede branca ao fundo, a retidão das linhas, a rigidez das colunas que sustentam as tribunas, o próprio espírito daquela arquitetura angulosa e descolorida, da qual pela primeira vez me apareciam a áspera severidade, a intransigência e a parcimônia. Para não tê-lo sentido antes, era preciso que eu estivesse habituado àquilo desde a infância... Lembrei-me repentinamente de meu despertar religioso e de minhas primeiras devoções, de Laura e daquela escola dominical em que nos encontrávamos, ambos monitores, cheios de zelo e mal discernindo, naquele ardor que consumia em nós todo o impuro, o que pertencia ao outro e o que era próprio de Deus. E imediatamente me senti desolado por Olivier não haver conhecido esse primeiro desnudamento sensual que lança a alma tão perigosamente longe, além das aparências, por ele não ter lembranças semelhantes às minhas; mas senti-lo estranho a tudo aquilo ajudava-me a escapar. Apaixonadamente, apertei aquela mão que ele ainda deixava na minha, mas que naquele momento retirou bruscamente. Reabriu os olhos para me olhar, e então, com um sorriso de malícia inteiramente infantil, que atenuava a extraordinária seriedade de seu rosto, cochichou, aproximando-se de mim - exatamente quando o pastor, lembrando os deveres de todos os cristãos, prodigalizava aos novos esposos conselhos, preceitos e piedosas admoestações:

- Eu pouco me importo, sou católico.

Tudo nele me atrai e permanece em mim misterioso.

À porta da sacristia, encontrei o velho La Pérouse. Ele me falou um tanto tristemente, mas num tom em que não havia nenhuma censura:

- Acho que me esqueceu um pouco.

Aleguei não sei que ocupações para me desculpar por ter ficado tanto tempo sem ir vê-lo; prometi minha visita para depois de amanhã. Tentei levá-lo à casa dos Azais, convidado que estava para o chá que oferecem depois da cerimônia, mas ele me disse que se sentia melancólico e que receava encontrar um sem-número de pessoas com quem deveria, mas não poderia, conversar.

Pauline levou Georges; deixou-me com Olivier:

- Confio-o a você, disse-me ela rindo, o que pareceu

aborrecer um pouco Olivier, que virou o rosto. Ele me levou para a rua:

- Não sabia que conhecia tão bem os Azais. Surpreendi-o bastante ao dizer-lhe que havia sido interno no pensionato durante dois anos.

- Como pode ter preferido aquilo a qualquer outro arranjo de vida independente?

- Eu achava cómodo, respondi vagamente, não podendo dizer-lhe que naquele tempo Laura me ocupava os pensamentos e que eu teria aceito os piores regimes pelo contentamento de suportá-los ao lado dela.

- E não sufoca na atmosfera daquele buraco? E, como eu não respondia:

- Aliás, nem sei direito como eu mesmo a suporto, nem como é que ainda estou lá... Mas como externo. E já é demais.

Precisei explicar-lhe a amizade que me unia ao diretor daquele 'buraco', o seu avô, cuja lembrança ditou mais tarde a escolha de sua mãe.

- Aliás, acrescentou ele, não tenho como fazer comparações, e com certeza todas essas clausuras dão na mesma; acho até, pelo que me disseram, que a maioria das outras é pior. O que não impede que eu fique contente quando sair. Não teria entrado se não estivesse precisando recuperar o tempo em que estive doente. E há muito tempo que só volto mesmo por amizade a Armand.

Soube então que o irmão mais moço de Laura era seu colega. Disse a Olivier que quase não o conhecia.

- E no entanto ele é o mais inteligente e o mais interessante da família.

- Ou seja, aquele pelo qual você mais se interessa.

- Não, não; garanto-lhe que ele é muito original. Se quiser, iremos conversar um pouco com ele em

seu quarto. Espero que ele ouse falar na sua frente.

Havíamos chegado ao pensionato.

Os Vedei-Azais haviam substituído o tradicional jantar de núpcias por um simples chá, menos dispendioso. O parlatório e o escritório do pastor Vedei estavam abertos à multidão de convidados. Apenas alguns íntimos tinham acesso ao exíguo salão particular da sra. Vedei, mas, para evitar a invasão, haviam trancado a porta entre o parlatório e o salão, o que fazia Armand responder àqueles que lhe perguntavam por onde poderiam ir ao encontro de sua mãe:

- Pela chaminé.

Havia um mundo de gente. Morria-se de calor. Fora alguns 'membros do corpo docente', colegas de Douviers, sociedade quase que exclusivamente protestante. Odor puritano muito especial. A exalação é também intensa, e talvez até ainda mais asfíxiante, nas reuniões católicas ou judias, já que entre si eles relaxam. Mas entre os católicos percebe-se com mais frequência uma apreciação, entre os judeus uma depreciação de si mesmos, das quais os protestantes só me parecem ser capazes muito raramente.

Se os judeus têm o nariz grande demais, os protestantes têm o nariz entupido, não há dúvida. E eu mesmo não me apercebi da peculiar qualidade dessa atmosfera enquanto nela permaneci mergulhado. Um não sei quê de inefavelmente alpestre, paradisiaco e idiota.

Ao fundo da sala, uma mesa transformada em bufê. Rachel, irmã mais velha de Laura, e Sarah, sua irmã caçula, ajudadas por algumas moças casadouras, suas amigas, serviam o chá...

Laura, assim que me viu, levou-me para o escritório de seu pai, onde já havia um verdadeiro sínodo. Refugiados no vão de uma janela, pudemos conversar sem ser ouvidos.

No parapeito, havíamos outrora inscrito nossos nomes.

- Venha ver. Continuam ali, disse-me ela. Acho que ninguém nunca reparou neles. Quantos anos tinha?

Abaixo dos nomes, havíamos inscrito uma data.

- Vinte e oito.

- E eu, dezesseis. Passaram-se dez anos.

O momento não era adequado para revolver aquelas lembranças; eu me esforçava para mudar de assunto, enquanto ela me reconduzia àquilo com ansiosa insistência; então, repentinamente, como que receando enternecer-se, perguntou-me se eu ainda me lembrava de Strouvilhou.

Strouvilhou era um pensionista atrevido, que atormentava muito os pais de Laura naquela época. Supunha-se que ele fizesse algum curso, mas quando lhe perguntavam qual, ou para que exames estava se preparando, respondia com negligência:

- Eu vario.

Fingíamos, no começo, tomar por brincadeiras suas insolências, como que para torná-las menos cortantes, e ele próprio as acompanhava com uma gargalhada; mas aquele riso logo se tornou mais sarcástico, ao mesmo tempo em que suas tiradas se tornavam mais agressivas, e eu não entendia bem como e por que o pastor tolerava um pensionista daqueles, a menos que fosse por razões económicas, ou porque nutrisse por Strouvilhou uma espécie de afeto mesclado de piedade, e talvez uma vaga esperança de conseguir convencê-lo, quero dizer, convertê-lo. E eu compreendia menos ainda por que Strouvilhou continuava a morar no pensionato, quando poderia perfeitamente ir para outro lugar, pois não parecia estar retido como eu, por uma razão sentimental; mas talvez fosse pelo prazer que evidentemente sentia naqueles duelos com o pobre pastor, que se defendia mal e o deixava sempre em posição de vantagem.

- Lembra-se do dia em que ele perguntou a papai se, quando pregava, usava o paletó debaixo da

veste?

- Se me lembro! Ele fez a pergunta tão tranqüilamente que seu pobre pai não viu nela nenhuma malícia. Estávamos à mesa, revejo tudo tão bem...

- E papai lhe respondeu candidamente que a veste não era muito grossa, e que ele temia resfriar-se sem seu paletó.

- E o ar compungido que Strouvilhou assumiu! E como foi preciso forçá-lo para fazê-lo declarar finalmente que 'aquilo não tinha evidentemente muita importância', mas que, quando seu pai fazia gestos amplos, as mangas do paletó apareciam sob a veste, e que aquilo fazia um efeito deplorável em alguns fiéis.

- O que fez com que papai pronunciasse um sermão inteiro com os braços colados ao corpo e perdesse todos os seus efeitos eloquentes. E, no domingo seguinte, pegou um fortíssimo resfriado, por haver tirado o paletó. Ah! E a discussão sobre a figueira estéril do Evangelho e as árvores que não dão frutos... 'Eu não sou uma árvore frutífera. Sombra é tudo o que produzo, senhor pastor: eu o cubro de sombras.'

- Isso, também, foi dito à mesa.

- Claro: nunca o víamos a não ser durante as refeições.

- E foi dito num tom muito impertinente. Foi então que meu avô o expulsou. Lembra-se de como ele se levantou de repente, ele, que normalmente ficava com o nariz enterrado no prato, e, com o braço estendido, disse: 'Saia'?

- Ele parecia enorme, aterrorizante; estava indignado. Acho realmente que Strouvilhou teve medo.

- Ele jogou o guardanapo na mesa e desapareceu. Partiu sem nos pagar, e desde aquele dia ninguém mais o viu.

- Tenho curiosidade de saber o que foi feito dele.

- Pobre vovô, recomeçou Laura, com certa tristeza, como me pareceu belo naquele dia! Ele lhe tem muita afeição, você sabe. Deveria subir ao seu escritório para vê-lo por um instante. Tenho certeza de que lhe daria muito prazer.

Transcrevo tudo isso de imediato, sabendo como é difícil, depois de algum tempo, reencontrar a exatidão do tom de um diálogo. Mas a partir daquele momento comecei a ouvir Laura mais distraidamente. Acabara de entrever, bem longe de mim, é verdade, Olivier, que eu perdera de vista desde que Laura me levara para o escritório de seu pai. Ele tinha os olhos brilhantes e o rosto extraordinariamente animado. Eu soube mais tarde que Sarah se havia divertido fazendo-o beber, uma atrás da outra, seis taças de champanha. Armand estava com ele, e ambos, através dos grupos, perseguiam Sarah e uma jovem inglesa da idade de Sarah, pensionista dos Azais há mais de um ano. Sarah e sua amiga saíram afinal da sala, e, pela porta aberta, vi os dois rapazes se lançarem em sua perseguição, pela escada. Eu ia sair também, cedendo às instâncias de Laura, mas ela fez um gesto na minha direção:

- Escute, Édouard, queria dizer-lhe ainda... - e subitamente sua voz se tornou muito grave - ficaremos talvez muito tempo sem nos rever. Queria saber se ainda posso contar com... sua amizade.

Nunca senti mais vontade de beijá-la do que naquele momento, mas contentei-me em beijar-lhe a mão tema e impetuosamente, murmurando:

- Aconteça o que acontecer. - E, para esconder-lhe as lágrimas que sentia me subirem aos olhos, fugi rapidamente em busca de Olivier.

Ele espreitava minha saída, sentado junto a Armand num degrau da escada. Estava certamente um pouco tonto. Levantou-se, puxou-me pelo braço:

- Venha, disse-me. Vamos fumar um cigarro no quarto de Sarah. Ela está esperando.

- Daqui a pouco. Antes preciso ir ver Azais. Mas não sei qual é o quarto.

- Ora, o senhor o conhece bem, é o antigo quarto de Laura! exclamou Armand. Como era um dos melhores quartos da casa, colocaram nele a pensionista, mas como ela não tem dinheiro suficiente, divide-o com Sarah. Puseram duas camas, para manter as aparências, mas foi inútil...

- Não ouça o que ele diz, falou Olivier, rindo e sacudindo-o. Está bêbado.

- Você pode falar, com certeza! recomeçou Armand. Então, o senhor vem, não é? Estamos esperando.

Prometi ir.

Desde que está usando os cabelos cortados à escovinha, o velho Azais não se parece mais nem um pouco com Whitman¹. Deixou para a família do genro o primeiro e o segundo andares do imóvel. Da janela de seu escritório (mogno, repes e marroquim), domina de cima o pátio e fiscaliza as idas e vindas dos alunos.

- Veja como me mimam, disse-me, mostrando sobre a mesa um enorme ramo de crisântemos que a mãe de um dos alunos, velha amiga da família, acabava de lhe oferecer.

A atmosfera do cómodo era tão austera que parecia que ali as flores deveriam murchar imediatamente. - Deixei a sociedade por alguns instantes. Estou ficando velho, e o barulho das conversas me cansa. Mas estas flores vão me fazer companhia. Elas falam ao seu modo, e sabem dizer da glória do Senhor melhor do que os homens. (Ou qualquer coisa do género.)

O respeitável homem não imagina o quanto pode encher os alunos com frases desse tipo, tão sinceras nele, que desencorajam a ironia. As almas simples como a de Azais são sem dúvida, para mim, as mais difíceis de compreender. Desde que sejam, nós mesmos, um pouco menos simples, vemos coagidos, diante delas, a uma espécie de comédia; é pouco honesto, mas o que se há de fazer? Não podemos discutir, chegar a um ponto comum; somos constrangidos a aquiescer. Azais impõe ao seu redor a hipocrisia, por menos que se partilhe sua crença. Eu me indignava, nos primeiros tempos em que convivi com a família, ao ver seus netos lhe mentirem. Fui pelo mesmo caminho.

O pastor Prosper Vedei é muito ocupado; a sra. Vedei, um pouco simplória, mergulhada numa quimera poéticoreligiosa, na qual perde todo o sentido da realidade; foi o avô quem tomou nas mãos a educação, bem como a instrução, dos jovens. Uma vez por mês, na época em que eu

¹ Referência do autor a Walt Whitman, poeta americano (1819-1892) que exaltou em seus versos a sensualidade e a liberdade, e que aparece, nas fotos clássicas, com longos cabelos e barbas brancos. (N. da T.)

morava com eles, assistia a uma explicação tempestuosa que terminava em patéticas efusões.

- De agora em diante, nos diremos tudo. Entramos numa nova era de franqueza e de sinceridade. (Ele emprega facilmente várias palavras para dizer a mesma coisa velho hábito que lhe ficou de seu tempo de pastor.) Não ocultaremos segundas intenções, pensamentos dissimulados, aqueles feios pensamentos do fundo da cabeça. Podemos nos olhar bem de frente, olhos nos olhos. Não é? combinado.

Depois do que, todos afundavam um pouco mais, ele na credulidade, e suas crianças na mentira.

Aqueles discursos eram dirigidos em especial a um irmão de Laura, mais moço do que ela um ano, cuja energia se inflamava e que se iniciava no amor. (Ele foi fazer comércio nas colônias, e perdi-o de vista.) Numa noite em que o velho repetira novamente aquela frase, fui ao seu encontro, no escritório; tentei fazê-lo compreender que aquela sinceridade que exigia do neto tornava-se, por outro lado, impossível devido à sua intransigência. Azais ficou então quase zangado:

- Ele só tem é que não fazer nada de que precise ter vergonha de confessar, exclamou, num tom que não admitia réplicas.

No mais, é um excelente homem; até mesmo mais do que isso: um modelo de virtudes, e o que se chama um coração de ouro; mas seus julgamentos são infantis. Sua grande estima por mim vem do fato de não me saber amasiado com ninguém. Não me escondeu que esperava me ver desposar Laura; não tem certeza se Douviers é o marido que lhe convém, repetiu-me várias vezes: - Sua escolha me surpreende; - depois acrescentou: - Enfim, acho que é um rapaz honesto... Que lhe parece?... - Ao que respondi:

- Certamente.

À medida que uma alma mergulha na devoção, ela perde o sentido, o gosto, a necessidade, o amor da realidade. Observei isso igualmente em Vedei, por pouco que tenha falado com ele. O deslumbramento de sua fé os torna cegos diante do mundo que os rodeia, e diante de si mesmos. Quanto a mim, que tudo o que desejo é ver claro, fico perplexo diante da imensa falsidade em que pode se deleitar um devoto. ,

Quis fazer Azais falar sobre Olivier, mas ele se interessa principalmente pelo pequeno Georges.

- Não deixe que ele perceba que sabe o que vou lhe dizer, começou ele; aliás, para ele é muito

honroso... Imagine que seu jovem sobrinho e alguns de seus colegas constituíram uma espécie de pequena associação, uma aliança de estímulo mútuo; só admitem nela aqueles que julgam dignos e que deram provas de virtude; uma espécie de Legião de Honra infantil. Não acha isso encantador? Cada um deles usa no paletó uma fitinha, bem discreta, é verdade, mas que mesmo assim percebi. Fiz o menino vir ao meu escritório, e quando lhe pedi a explicação para aquela insígnia, ele ficou, a princípio, perturbado. A querida criança esperava receber uma reprimenda.

Depois, muito vermelho e bastante confuso, contou-me sobre a formação desse pequeno clube. São coisas, veja bem, das quais não se deve sorrir; arriscar-nos-íamos a magoar sentimentos muito delicados... Perguntei-lhe por que ele e seus colegas não faziam aquilo abertamente, às claras. Disse-lhe que admirável força de propaganda, de proselitismo, poderiam ter, que belo papel poderiam desempenhar.. . Mas nessa idade eles gostam do mistério... Para inspirar-lhe confiança, contei-lhe, por minha vez, que, no meu tempo, isto é, quando eu tinha a idade dele, liguei-me a uma associação desse género cujos membros usavam o belo nome de 'cavaleiros do dever': cada um de nós recebia do presidente da liga um caderno de notas no qual inscrevia suas fraquezas, suas faltas, com absoluta sinceridade. Ele se pôs a sorrir, e percebi que a história dos cadernos lhe dava uma ideia; não insisti, mas não ficaria surpreso se ele introduzisse o mesmo sistema entre seus companheiros. Veja, é preciso saber lidar com essas crianças; e isso se faz antes de tudo mostrando-lhes que as compreendemos. Prometi-lhe nada falar daquilo com seus pais, fazendo com que se comprometesse a contar a sua mãe, a quem faria muito feliz. Mas parece que ele e os colegas se deram a palavra de honra de nada dizer. Teria sido inábil de minha parte insistir. Mas, antes de nos separarmos, oramos juntos a Deus para que abençoasse sua liga.

Pobre, querido, velho pai Azais! Estou convencido de que o garoto o enrolou e que não há uma só palavra de verdade naquilo tudo. Mas como poderia Georges ter respondido de outro modo?... Tiraremos isso a limpo.

Não reconheci o quarto de Laura. Haviam mudado a forração; a atmosfera estava inteiramente mudada. Sarah também me parecia irreconhecível. No entanto, eu acreditava conhecê-la bem. Ela sempre demonstrou ter muita confiança em mim. Sempre fui para ela aquele a quem se pode dizer tudo. Mas passei longos meses

sem voltar à casa dos Vedei. Seu vestido deixava à mostra os braços e o pescoço. Ela parecia crescida, afoita. Estava sentada numa das camas, junto a Olivier, encostada nele, que se deitara sem cerimônia e que parecia dormir. Certamente estava bêbado, e certamente eu sofria por vê-lo assim, mas ele me parecia mais belo do que nunca. Bêbados, estavam mais ou menos os quatro. A inglesinha dava gargalhadas, num riso agudo que me doía nos ouvidos, às mais absurdas frases de Armand. Este dizia qualquer coisa, excitado, envaidecido por aquele riso e rivalizando com ele em tolice e em vulgaridade; fingindo querer acender seu cigarro no vermelho das faces de sua irmã ou nas de Olivier, igualmente ardentes, ou de nelas queimar os dedos quando, num gesto desavergonhado, aproximava seus rostos e forçava-os a se tocar. Olivier e Sarah se prestavam àquela brincadeira, e isso me era extremamente penoso. Mas estou me antecipando...

Olivier ainda fingia dormir quando Armand bruscamente me perguntou o que eu pensava de Douviers. Eu me havia sentado numa poltrona baixa, simultaneamente divertido, excitado e embaraçado com sua embriaguez e sua falta de modos; além disso, lisonjeado por terem me pedido para vir, exatamente quando não parecia que meu lugar fosse junto deles.

- Estas senhoritas aqui presentes... continuou ele, já que eu não encontrava o que responder e me contentava em sorrir complacentemente para não destoar. Nesse momento, a inglesa quis impedi-lo de falar, e perseguiu-o para tapar-lhe a boca com a mão; ele se debateu e gritou: Estas senhoritas se indignam diante da ideia de que Laura deverá dormir com ele.

A inglesa largou-o e, numa fúria simulada:

- Oh! Não deve acreditar no que ele diz. É um mentiroso.

- Procurei fazê-las compreender, recomeçou Armand, mais calmo, que, por vinte mil francos de dote, não se poderia esperar encontrar algo melhor, e que, como verdadeira cristã, ela deveria considerar sobretudo as qualidades da alma, como diz nosso pai, o pastor. Sim, meus filhos, e

então o que seria da repopulação, se se devesse condenar ao celibato todos aqueles que não fossem Adónis... ou Oliviers, diríamos, para nos referirmos a uma época

mais recente?

- Que imbecil! murmurou Sarah. Não o ouça, ele não sabe mais o que diz.

- Digo a verdade.

Jamais eu ouvira Armand falar desse modo; eu o imaginava, imagino-o ainda, de natureza delicada e sensível; sua vulgaridade me parecia afetada, devida em parte à embriaguez e mais ainda à necessidade de distrair a inglesa. Esta, inegavelmente bonita, devia ser bem tola para se divertir com tais inconveniências. Que tipo de interesse poderia Olivier encontrar ali?... Prometi-me que, assim que estivesse novamente a sós com ele, não lhe esconderia meu aborrecimento.

- Mas o senhor, recomeçou Armand, virando-se bruscamente para mim, o senhor, que não liga para o dinheiro e que tem o bastante para se pagar sentimentos nobres, consentiria em nos dizer por que não se casou com Laura? Já que o senhor a amava, ao que parece, e que, como todos sabem, ela se derretia toda pelo senhor?

Olivier, que até esse momento tinha fingido dormir, abriu os olhos, nossos olhares se cruzaram, e, certamente, se não enrubesci foi porque nenhum dos outros estava em condições de me observar.

- Armand, você é insuportável - disse Sarah, como para me pôr à vontade, pois eu não encontrava nada para responder. Depois, sobre a cama onde inicialmente estivera sentada, deitou-se com todo o corpo encostado ao de Olivier, de modo que suas cabeças se tocaram. Armand imediatamente deu um pulo, apoderou-se de um grande biombo fechado aos pés da cama, junto à parede, e, como um palhaço, abriu-o de modo a ocultar o casal, e então, sempre pilheriando, inclinando-se na minha direção, mas em voz alta:

- O senhor talvez não soubesse que minha irmã é uma puta, não?

Era demais. Levantei-me; empurrei o biombo, atrás do qual Olivier e Sarah imediatamente se ergueram. Ela estava despenteada. Olivier se levantou, foi até o banheiro e molhou o rosto.

- Venha por aqui. Quero mostrar-lhe uma coisa, disse Sarah, tomando-me o braço.

Abriu a porta do quarto e me levou até o patamar.

- Imaginei que isto pudesse interessar a um romancista. É um caderno que encontrei por acaso, um diário íntimo de papai. Não compreendo como ele o deixou por aí, qualquer um poderia lê-lo. Fiquei com ele para que Armand não o visse. Não lhe diga nada. Não é muito grande. Pode lê-lo em dez minutos e devolvê-lo a mim antes de sair.

- Mas, Sarah, disse-lhe eu, olhando-a fixamente, isso é terrivelmente indiscreto.

Ela deu de ombros.

- Ora, se pensa assim, ficará bem decepcionado. Só há um momento em que se torna interessante... e assim mesmo... Veja, vou lhe mostrar.

Tirou de dentro da blusa uma minúscula agenda, datada de quatro anos atrás, que folheou por um momento e me entregou aberta, apontando-me um trecho.

- Leia depressa.

Vi inicialmente, abaixo de uma data e entre aspas, esta citação do Evangelho:

'Aquele que é fiel nas pequenas coisas sê-lo-á também nas grandes'. E depois: 'Por que sempre deixar para o dia seguinte esta decisão que quero tomar de não mais fumar? Ainda que fosse apenas para não entristecer Mélanie (é sua esposa). Meu Deus, dai-me forças para me libertar da tirania desta vergonhosa escravidão!' (Creio que cito com exatidão.) - Seguia-se o registro das lutas, súplicas, orações, esforços, sem dúvida inteiramente vãos, pois se repetiam a cada dia. Virava-se mais uma página, e, subitamente, o assunto era outro.

- É patético, não acha? - disse Sarah com um imperceptível trejeito de ironia, depois que terminei a leitura.

- É muito mais curioso do que você pensa, não pude deixar de dizer, mesmo me censurando por falar. Imagine que, há menos de dez dias, perguntei ao seu pai se ele nunca havia tentado deixar de fumar. Achava que estava fumando demais e... Enfim, sabe o que ele

me respondeu? Disse-me primeiro que achava que exageravam muito os efeitos perniciosos do fumo, que, no que lhe dizia respeito, nunca o haviam afetado; e, como eu insistisse: 'Sim, disse-me afinal; umas duas ou três vezes decidi parar por algum tempo. E conseguiu? - Mas naturalmente, disse ele como se fosse o óbvio - já que havia tomado essa decisão'. É prodigioso! Talvez afinal de contas ele não se lembrasse, acrescentei, não querendo deixar que Sarah percebesse o quanto eu suspeitava haver ali de hipocrisia. •

- Ou talvez, replicou Sarah, isso prove que 'fumar' foi colocado aí em lugar de outra coisa.

Seria realmente Sarah quem falava assim? Eu estava perplexo. Olhava-a, quase não ousando compreendê-la... Nesse momento, Olivier saiu do quarto. Havia se penteado, arrumado as roupas, e parecia mais calmo.

- Vamos embora? disse, sem cerimónia, diante de Sarah. É tarde.

Descemos, e, assim que chegamos à rua:

- Tenho medo que me despreze, disse-me. Poderia imaginar que gosto de Sarah. Mas não... Bem, não a detesto, isso também não... Mas não a amo.

Eu segurara seu braço e o apertava sem nada dizer.

- É preciso também que não julgue Armand pelo que ela possa ter dito hoje, recomeçou. É uma espécie de papel que ele representa... a contragosto. No fundo, ele é muito diferente... Não consigo explicar-lhe. Ele tem uma espécie de necessidade de destruir tudo aquilo de que mais gosta. Não faz muito tempo que age assim. Acho que ele é muito infeliz, e que é para escondê-lo que faz pouco-caso. É muito orgulhoso. Seus pais absolutamente não o compreendem. Queriam fazê-lo pastor.

. Epígrafe para um capítulo dos Moedeiros falsos:

'A família... esta célula social'.

Paul Bourgeí (passim)

Título do capítulo: 'O regime celular'.

Sem dúvida, não existe cárcere (intelectual) do qual um espírito vigoroso não se evada; e nada que conduza à revolta é definitivamente perigoso - ainda que a revolta possa desfigurar o caráter (ela o inclina, o desvia ou o encoleriza, e aconselha uma astúcia ímpia); e a criança que não cede à influência familiar usa, para se livrar dela, o embrião de sua energia. Mas, ao menos, a educação que contraria a criança, ao aborrecê-la, fortifica-a. As vítimas mais lamentáveis são as da adulação.

Para detestar o que lhe lisonjeia, quanta força de caráter não é preciso? Quantos pais já vi (a mãe, em especial) se comprazerem em reconhecer em seus filhos, encorajar neles, suas repugnâncias mais tolas, seus preconceitos mais injustos, suas incompreensões, suas

fobias... À mesa: 'Mas não coma isso; você está vendo que é gordura. Descasque. Não está bem cozido...' Na rua, à noite: 'Ih! Um morcego... Cubra a cabeça, rápido! ele vai entrar nos seus cabelos', etc. Para eles, os besouros mordem, os gafanhotos picam, as minhocas causam espinhas. Absurdos equivalentes em todos os terrenos, intelectual, moral, etc.

No trem suburbano em que vim de Auteuil anteontem, ouvi uma jovem mãe cochichar ao ouvido de uma menininha de dez anos, que ela paparicava:

- Você e eu, eu e você; os outros, que se danem.

(Ora, bem sei que eram gente do povo; mas o povo também tem direito à nossa indignação. O marido, num canto do vagão, lia o jornal, tranquilo, resignado, talvez nem mesmo como.)

Pode-se imaginar veneno mais pérfido?

O futuro pertence aos bastardos. - Quanto significado nesta expressão: 'Filho natural!' Somente o bastardo tem direito ao natural.

O egoísmo familiar... pouco menos ignóbil que o egoísmo individual."

"6 de novembro

Nunca pude inventar nada. Mas estou diante da realidade como o pintor com seu modelo, dizendo-

lhe: faça tal gesto, assumo tal expressão que me convém. Os modelos que a sociedade me fornece, se lhes conheço bem a mola propulsora, posso fazê-los agir de acordo com minha vontade; ou, pelo menos, posso propor à sua indecisão problemas que resolverão a seu modo, de tal forma que sua reação me instruirá. É como romancista que me atormenta a necessidade de intervir, de operar sobre seu destino. Se eu tivesse mais imaginação, comporia enredos: provoco-os, observo os atores, e então trabalho sob sua sugestão."

"7 de novembro

De tudo o que escrevi ontem, nada é verdade. Resta isto: que a realidade me interessa como uma matéria plástica; e tenho mais olhos para o que poderia ser, infinitamente mais, do que para o que foi. Inclino-me vertiginosa-

mente sobre as possibilidades de cada ser, e lastimo tudo que o manto dos costumes atrofia."

Bernard precisou interromper sua leitura por um instante. Sua visão se turvava. Ele perdia o fôlego, como se houvesse esquecido de respirar durante todo o tempo em que lia, de tanta atenção que prestava. Abriu a janela e encheu os pulmões, antes de um novo mergulho.

Sua amizade por Olivier era evidentemente uma das mais intensas. Não tinha amigo melhor e não gostava tanto de mais ninguém no mundo, já que não podia amar seus pais. Seu coração, na verdade, se agarrava a isso de uma forma quase excessiva. Mas Olivier e ele absolutamente não concebiam do mesmo modo a amizade. Bernard, à medida que prosseguia em sua leitura, espantava-se cada vez mais, maravilhava-se cada vez mais, mas um pouco dolorosamente, com a diversidade da qual se mostrava capaz aquele amigo que ele acreditava conhecer tão bem. Olivier nada lhe dissera sobre tudo aquilo que era contado nesse diário. De Armand e Sarah, apenas suspeitava a existência. Como Olivier se mostrava, com eles, diferente do que era com ele!... Naquele quarto de Sarah, naquela cama, teria reconhecido seu amigo? À imensa curiosidade que precipitava sua leitura misturava-se uma tormentosa inquietação: desdém ou despeito. Um pouco daquele despeito que sentira há pouco ao ver Olivier pelo braço de Édouard: um despeito por não ser ele. Pode levar longe, esse despeito, e provocar muita bobagem. Como todos os despeitos, aliás.

Prossigamos. Tudo o que eu disse acima não foi senão para arejar um pouco as páginas desse diário. Agora que Bernard já respirou bastante, voltemos. Ei-lo que mergulha novamente em sua leitura.

XIII

Vauvenargues

Diário de Édouard (Continuação)

"8 de novembro

O velho casal La Pérouse mudou-se novamente. Seu novo apartamento, que eu ainda não conhecia, fica num sobrado, naquele pequeno desvio que faz o Faubourg SaintHonoré antes de cruzar o Boulevard Haussmann. Toquei a campainha. La Pérouse veio abrir-me a porta. Estava em mangas de camisa e usava na cabeça uma espécie de boina branco-amarelada, que afinal reconheci como sendo uma velha meia (da sra. de La Pérouse, sem dúvida), cujo pé amarrado balançava-se como a borla de um gorro contra seu rosto. Tinha na mão um atiçador curvo. Evidentemente, eu o surpreendia lidando com o fogo; e, como ele parecia um pouco embaraçado:

- Prefere que eu volte mais tarde? disse-lhe.

- Não, não... Entre aqui. - E empurrou-me em direção a uma sala estreita e comprida, cujas duas janelas dão para a rua, exatamente à altura dos lampiões. - Eu esperava uma aluna exatamente para esta hora (eram seis horas), mas ela me telegrafou avisando que não viria. Estou tão contente por vê-lo!

Pousou o atiçador numa mesinha e, como para se desculpar por estar vestido daquele modo:

- A empregada da sra. de La Pérouse deixou que o aquecedor se apagasse; ela só vem pela manhã; precisei esvaziá-lo...

- Quer que eu o ajude a acendê-lo?

- Não, não... Vai se sujar... Mas deixe-me ir vestir um paletó.

Saiu trotando, a passinhos curtos, e voltou quase que de imediato, coberto por um paletó fino, de alpaca, sem botões, com as mangas arrebitadas, tão velho que não se teria coragem de dá-lo a um pobre. Sentamo-nos.

- Está me achando mudado, não é mesmo? Gostaria de protestar, mas não encontrava nada para

lhe dizer, dolorosamente afetado pela expressão exausta daquele rosto que conhecera tão belo. Ele continuou:

- Sim, envelheci muito nos últimos tempos. Começo a perder um pouco a memória. Quando repasso uma fuga de Bach, preciso recorrer ao caderno...

- Quantos jovens se contentariam com o que o senhor ainda tem!

Ele recomeçou, sacudindo a cabeça:

- Oh! Não é apenas a memória que enfraquece. Veja: quando caminho, parece-me que ainda ando bem depressa; mas, na rua, todos agora me ultrapassam.

- É, disse-lhe eu, que atualmente todos andam muito mais depressa.

- Pois não é mesmo?... É como nas aulas que dou: as alunas acham que meu ensino as atrasa, querem ir mais depressa que eu. Elas me abandonam... Hoje em dia, todos têm pressa.

Acrescentou numa voz tão baixa que quase não o ouvi:

- E eu quase não tenho mais.

Eu sentia nele tal angústia que não ousava interrogá-lo. Ele continuou:

- A sra. de La Pérouse não quer compreender isso tudo. Diz-me que não faço as coisas direito, que não faço nada para conservá-las, e menos ainda para conseguir novas.

- Essa aluna que o senhor esperava... perguntei inabilmente.

- Ah! Essa é uma que eu preparo para o conservatório. Ela vem estudar diariamente.

- Quer dizer que ela não lhe paga.

- A sra. de La Pérouse já me censura o bastante! Ela

não compreende que essas aulas são as únicas que me interessam: sim, essas que realmente sinto prazer em... dar. Há algum tempo que reflito muito. Olhe... há algo que eu queria perguntar-lhe: por que existem tão poucos velhos nos livros?... Isso se deve, creio, a que os velhos não são mais capazes de escrever, e que, quando se é jovem, não se faz caso deles. Um velho não interessa a mais ninguém... E, no entanto, haveria coisas bem curiosas a serem ditas sobre eles. Veja: há certos atos de minha vida passada que apenas começo a compreender. Sim, apenas começo a compreender que eles absolutamente não tiveram o significado que eu imaginava outrora, ao fazê-los... Somente agora compreendo que durante toda a minha vida fui logrado. A sra. de La Pérouse me enrolou, meu filho me enrolou, todos me enrolaram, o bom Deus me enrolou...

Caía a noite. Eu já quase não distinguia os traços de meu velho mestre; mas subitamente brilhou a luz do lampião vizinho, que me mostrou sua face reluzente de lágrimas.

Afligi-me inicialmente com uma pequena mancha em sua têmpora, como uma cavidade, como um buraco, mas, a um leve movimento que fez, a mancha mudou de lugar, e percebi que era apenas a sombra de um florão da balaustrada. Pousei a mão em seu braço descarnado; ele tremia.

- Vai se resfriar, disse-lhe. Realmente não quer que acendamos o fogo?... Vamos.

- Não... É preciso endurecer-se.

- Mas o que é isso? Estoicismo?

- Um pouco. Era porque tinha a garganta delicada que nunca quis usar lenço no pescoço. Sempre lutei contra mim mesmo.

- Tudo bem, quando se sai vitorioso, mas se o corpo sucumbe...

Ele segurou-me a mão e, num tom muito grave, como se me dissesse um segredo:

- Então seria a verdadeira vitória.

Sua mão largara a minha. Ele continuava:

- Estava com medo de que partisse sem vir me ver.

- Partisse para onde? perguntei.

- Não sei. Está sempre viajando. Há algo que eu queria lhe dizer... Pretendo partir em breve, eu também.

- Como? Está com intenções de viajar? disse eu desajeitadamente, simulando não o compreender, apesar da gravidade misteriosa e solene de sua voz. Ele assentiu:

- Sabe muito bem o que quero dizer... Sim, sim,

sei que a hora está próxima. Começo a ganhar menos do que custo, e isso me é insuportável. Há um certo ponto que prometi a mim mesmo não ultrapassar.

Falava num tom um pouco exaltado, que me inquietou:

- Será que também acha que está errado? Nunca pude compreender por que a religião nos proíbe isso. Tenho refletido muito ultimamente. Quando eu era jovem, levava uma vida muito austera; aplaudia-me por minha força de caráter a cada vez que resistia a uma solicitação. Não compreendia que, imaginando libertar-me, tornava-me cada vez mais escravo de meu orgulho. Cada um daqueles triunfos sobre mim mesmo era uma volta à chave que dava na porta de meu cárcere. Era o que queria dizer há pouco, quando lhe dizia que Deus me enrolou. Ele me fez tomar por virtude o meu orgulho. Deus zombou de mim. Ele se diverte. Acho que brinca conosco como um gato com um camundongo. Envia-nos tentações às quais sabe que não poderemos resistir, e, quando de qualquer modo resistimos, ele se vinga de nós mais ainda. Por que ele nos quer mal? E por que... Mas estou aborrecendo-o com meus problemas de velho.

Tomou a cabeça nas mãos, como uma criança que fica emburrada, e permaneceu silencioso por tanto tempo que cheguei a desconfiar que se houvesse até mesmo esquecido de minha presença. Imóvel diante dele, eu receava perturbar sua meditação. Apesar do ruído próximo da rua, a calma daquela salinha me parecia extraordinária. Apesar da claridade do lampião que nos iluminava fantasticamente de baixo para cima, como luzes da ribalta

num teatro, as tiras de sombra, dos dois lados da janela, pareciam fazer crescer as trevas, fazê-las congelar-se, ao nosso redor, como por um frio intenso se congelam as águas tranquilas; fazê-las congelar-se até em meu coração.

Quis enfim sacudir minha angústia, respirei ruidosamente, e, pensando em ir embora, pronto para me despedir, perguntei, por gentileza e para quebrar o encanto:

- A sra. de La Pérouse vai bem?

O velho pareceu acordar. Repetiu inicialmente:

- A sra. de La Pérouse... interrogativamente: dirse-ia que essas sílabas haviam perdido para ele todo o significado; então, subitamente, inclinando-se para mim:

- A sra. de La Pérouse atravessa uma crise terrível... que me faz sofrer muito.

- Uma crise de quê?... perguntei.

- Oh! De nada, disse ele, erguendo os ombros, como

se fosse óbvio. Está ficando completamente louca. Não sabe mais o que inventar.

Eu há muito tempo suspeitava da profunda desunião daquele velho casal, mas não esperava conseguir maiores detalhes:

- Meu pobre amigo, disse, penalizado. E... há quanto tempo?

Ele refletiu por um instante, como se não compreendesse direito minha pergunta.

- Oh! Há muito tempo... desde que a conheço. Mas, corrigindo-se quase que imediatamente: - Não; para dizer a verdade, foi somente com a educação de meu filho que tudo começou a dar errado.

Fiz um gesto de espanto, pois imaginava o casal La Pérouse sem filhos. Ele ergueu a cabeça, que mantinha entre as mãos, e, num tom mais calmo:

- Nunca lhe falei de meu filho?... Escute, quero dizer-lhe tudo. Hoje, é preciso que saiba tudo. O que vou lhe contar, não posso dizê-lo a mais ninguém... Sim, foi com a educação de meu filho, bem vê que já se passou há muito tempo. Os primeiros anos de

nosso casamento haviam sido encantadores. Eu era muito puro quando desposi a sra. de La Pérouse. Amava-a com inocência... sim, essa é a melhor palavra, e não admitia reconhecer nela nenhum defeito. Mas nossos pensamentos não eram os mesmos quanto à educação dos filhos. Toda vez que eu queria repreender meu filho, a sra. de La Pérouse tomava o partido dele, contra mim; por ela, tudo lhe seria permitido. Punham-se ambos de acordo, contra mim. Ela o ensinou a mentir... com apenas vinte anos, ele arrumou uma amante. Era uma aluna minha, uma jovem russa, muito boa musicista, a quem eu me afeiçoara muito. A sra. de La Pérouse estava a par, mas de mim tudo era escondido, como sempre. E, naturalmente, não me apercebi de que ela estivesse grávida. Nada, estou lhe dizendo, eu não desconfiava de nada. Um belo dia, dizem-me que minha aluna está doente, que passaria algum tempo sem vir. Quando falo em ir visitá-la, dizem-me que se mudou, que está viajando... Não foi senão muito depois que eu soube que ela havia ido à Polónia, para o parto. Meu filho partira ao seu encontro... Viveram juntos vários anos, mas ele morreu antes de se casar com ela.

- E... ela? O senhor a viu novamente? Dir-se-ia que ele batia com a cabeça contra um obstáculo:

- Não pude perdoá-la por ter me enganado. A sra. de La Pérouse continua se correspondendo com ela. Quando eu soube que ela estava na miséria, enviei-lhe algum dinheiro... por causa da criança. Mas disso a sra. de La Pérouse não sabe. Ela própria, a outra, não soube que aquele dinheiro vinha de mim.

- E seu neto... ?

Um estranho sorriso passou-lhe pelo rosto; ele se levantou.

- Espere um instante, vou lhe mostrar seu retrato.

- E saiu novamente a correr, com passinhos curtos, a cabeça para a frente. Quando voltou, seus dedos tremiam ao procurar a foto numa grande carteira. Inclinou-se para mim, estendendo-a, e, baixinho:

- Apanhei-a da sra. de La Pérouse sem que ela o percebesse. Acha que a perdeu.

- Que idade ele tem? perguntei.

- Treze anos. Parece mais velho, não é? É muito delicado.

Seus olhos estavam novamente cheios de lágrimas; estendia a mão para a foto, como que desejoso de retomá-la depressa. Inclinei-me em direção à claridade insuficiente do lampião; deu-me a impressão de que o menino se parecia com ele: reconhecia a larga testa abaulada, os olhos sonhadores do velho La Pérouse. Imaginei dar-lhe prazer dizendo-o; ele protestou:

- Não, não, é com meu irmão que ele se parece, com um irmão que perdi...

A criança estava curiosamente vestida com uma blusa russa rebordada.

- Onde ele vive?

- Mas como quer que eu saiba? exclamou La Pérouse numa espécie de desespero. Já lhe disse que me escondem tudo.

Ele havia apanhado a fotografia e, depois de olhá-la por um instante, recolocara-a na carteira, que deixou cair no bolso.

- Quando sua mãe vem a Paris, só se encontra com a sra. de La Pérouse, que me responde, se a interrogo: é só perguntar a ela. Diz isso, mas, no fundo, ficaria desolada se eu a visse. Sempre foi ciumenta. Tudo o que estava ligado a mim, ela sempre fez questão de me tirar... O pequeno Boris estuda na Polónia, num colégio de Varsóvia, acho. Mas viaja frequentemente com sua mãe. - Então,

num transporte arrebatado: -- Diga-me! Teria acreditado ser possível amar uma criança que nunca se viu?... Pois bem, este menino é hoje o que tenho de mais caro no mundo. .. E ele não sabe de nada!

Grandes soluços entrecortavam suas frases. Ele se levantou da cadeira e se atirou, quase caiu, em meus braços. Eu teria feito qualquer coisa para trazer alívio a sua angústia, mas o que poderia (eu fazer? Ergui-me, pois sentia seu corpo magro escorregar contra mim, e achei que iria cair de joelhos. Segurei-o, abracei-o, embalei-o, como a uma criança. Ele se acalmara. A sra. de La Pérouse chamava da sala ao lado.

- Ela vem para cá. Não faz questão de vê-la, não é mesmo?... Aliás, ela ficou completamente surda.

Vá embora depressa. - E, acompanhando-me até o patamar: - Não passe muito tempo sem vir (havia súplica em sua voz). Adeus, adeus."

"9 de novembro

Uma espécie de trágico tem até hoje, parece-me, passado quase despercebido à literatura. O romance ocupou-se dos reveses da sorte, da boa ou da má fortuna, das relações sociais, do conflito das paixões, dos caracteres, mas não da própria essência do ser.

Transportar o drama ao plano moral foi entretanto o esforço do cristianismo. Mas não há, falando-se claro, romances cristãos. Há os que se propõem a fins edificantes, mas isso não tem nada a ver com o que quero dizer. O trágico moral - que, por exemplo, torna tão formidável a frase evangélica: 'Se o sal perde seu sabor, com o que o restituiremos?' É esse o trágico que me interessa."

"10 de novembro

Olivier vai prestar seus exames. Pauline gostaria que ele a seguir entrasse para a Escola Normal. Sua carreira está toda traçada... Por que não é ele sozinho, sem pais, sem apoio? Eu o faria meu secretário. Mas ele não liga para mim, nem sequer percebe o interesse que tenho por ele; e eu o embaraçaria, se o fizesse senti-lo.

Exatamente para não embaraçá-lo, finjo diante dele uma espécie de indi-

ferença, de distanciamento irônico. Só quando ele não me está vendo é que ousou contemplá-lo à vontade. Sigo-o às vezes na rua, sem que ele o saiba. Ontem, andava assim atrás dele; ele deu meia-volta subitamente, e não tive tempo de me esconder:

- Onde vai tão depressa? perguntei-lhe.

- Oh! A lugar nenhum. Nunca pareço tão apressado como quando não tenho o que fazer.

Demos alguns passos juntos, mas sem encontrar nada para nos dizer. Sem dúvida ele estava aborrecido por ter sido encontrado."

"12 de novembro

- Ele tem seus pais, um irmão mais velho, amigos... Repito-me isso o dia todo, e que não tenho o que

fazer aqui. De tudo o que lhe faltasse eu saberia supri-lo, sem dúvida, mas nada lhe falta. Ele não precisa de nada; e, se sua gentileza me encanta, nada nela me permite que eu me engane... Ah! Frase absurda, absurda, que escrevo sem o querer, e em que se entrega a duplicidade de meu coração... Parto amanhã para Londres. Tomei subitamente a decisão de partir. Está na hora.

Partir porque se tem demasiada vontade de ficar!... Um certo amor à dificuldade e horror à benevolência (falo daquela para consigo mesmo) são talvez, da minha primeira educação puritana, aquilo do que mais custa me libertar.

Comprado ontem, na Smith, um caderno já bem inglês, que se seguirá a este, no qual não quero escrever mais nada. Um caderno novo...

Ah! Se eu pudesse não me levar!"

XIV

"Algumas vezes acontecem na vida acidentes dos quais, para se sair bem, é preciso ser um pouco louco."

La Rochefoucauld

Foi pela carta de Laura, introduzida no diário de Édouard, que Bernard concluiu sua leitura. Ficou assombrado: não podia ter dúvidas de que aquela que ali clamava sua angústia não fosse a amante em prantos de que Olivier lhe falara na véspera à noite, a amante abandonada por Vincent Molinier. E Bernard compreendia subitamente que era ele ainda o único, graças à dupla confiança de seu amigo e do diário de Édouard, a conhecer as duas faces da intriga. Era uma primazia que não conservaria por muito tempo. Sua decisão foi tomada de imediato: sem se esquecer de nada do que havia lido anteriormente, Bernard passou a dar atenção apenas a Laura.

"Pela manhã, o que deveria fazer me parecia ainda incerto; agora não tenho mais dúvidas, disse a si mesmo, saindo apressadamente do quarto. O imperativo é, como diz o outro, categórico: salvar Laura. Meu dever talvez não fosse apoderar-me da mala, mas, tendo-a apanhado, certamente tirei da valise um vivo sentimento do dever.

O importante é surpreender Laura antes que Édouard a tenha revisto, e apresentar-me a ela, e

oferecer-me de forma tal que ela não venha a crer que eu seja um patife.

O resto virá por si. Tenho em minha carteira, agora, com que mitigar o infortúnio tão magnificamente quanto o mais generoso e o mais compassivo dos Édouards. A única coisa que me embaraça é a forma. Pois, nascida uma Vedei, e apesar de grávida fora da lei, Laura deve ser delicada. Imagino-a facilmente

uma dessas mulheres que se revoltam, que nos atiram ao rosto seu desprezo e rasgam em pedacinhos as notas que lhes estendemos benevolmente, mas num envelope insuficiente. Como apresentar-lhe essas notas? Como apresentar a mim mesmo? Eis o problema. Desde que se sai da legalidade dos caminhos habituais, que complicação!

Para me imiscuir numa trama tão escabrosa, sou decididamente um pouco jovem. Mas, bolas! Isto é o que virá a meu favor. Inventemos uma declaração cândida, uma história que provoque a sua compaixão e o seu interesse por mim. O aborrecido é que essa história deverá servir igualmente para Édouard; a mesma, e sem me contradizer. Ora!

Encontraremos um jeito. Contemos com a inspiração do momento..." Chegara à Rue Beaune, ao endereço dado por Laura. O hotel era dos mais modestos, mas limpo e de aspecto decente. Segundo a indicação do porteiro, subiu três andares. Diante da porta do 16, parou, quis preparar sua entrada, procurou frases. Nada lhe ocorreu.

Então, forçando a coragem, bateu à porta. Uma voz doce como a de uma freira e um pouco temerosa, pareceu-lhe, disse: : - Entre.

Laura estava vestida muito simplesmente, toda de preto. Dir-se-ia que estava de luto. Nos poucos dias em que estava em Paris, esperava confusamente por alguma coisa ou alguém que viesse tirá-la do impasse. Enganara-se, não havia dúvida, sentia-se perdida. Tinha o triste hábito de contar com os acontecimentos mais do que consigo mesma. Não era covarde, mas sentia-se totalmente sem forças, abandonada. À entrada de Bernard, levou uma das mãos ao rosto, como faz aquele que retém um grito ou quer preservar os olhos de uma claridade forte demais. Estava de pé, recuou um passo e, encontrando-se assim junto à janela, agarrou a cortina com a outra mão.

Bernard esperava que ela o interrogasse. Mas ela se calava, esperando que ele falasse. Ele a olhava; tentava em vão sorrir, com o coração batendo.

- Desculpe-me, senhora, disse finalmente, por vir perturbá-la assim. Édouard X... que sei que conhece, chegou a Paris hoje pela manhã. Tenho algo urgente a lhe comunicar.

Pensei que poderia me dar seu endereço, e... desculpe-me por vir pedir-lhe isso assim sem cerimónia.

Se Bernard fosse menos jovem, Laura sem dúvida teria

ficado assustada. Mas era ainda uma criança, de olhos tão francos, testa tão clara, gestos tão temerosos, voz tão insegura, que diante dele já o temor cedia à curiosidade, ao interesse e àquela irresistível simpatia que desperta um ser inocente e belo. A voz de Bernard, à medida que ele falava, readquiria um pouco de segurança.

- Mas eu não tenho o endereço, disse Laura. Se ele está em Paris, virá me ver sem demora, espero. Diga-me quem é. Direi a ele.

É o momento de arriscar tudo, pensou Bernard. Passou-lhe pelos olhos algo de louco. Olhou Laura bem de frente;

-- Quem sou eu?... O amigo de Olivier Molinier... - Hesitava, ainda indeciso, mas, vendo-a empalidecer a l esse sobrenome, ousou: - De Olivier, irmão de Vincent, 'seu amante, que covardemente a abandona...

Precisou parar: Laura cambaleava. Suas duas mãos, atiradas para trás, buscavam ansiosamente um apoio. Mas o que acima de tudo transtornou Bernard foi o gemido que ela deixou escapar: uma espécie de lamento quase inumano, semelhante mais ao de um animalzinho ferido (e subitamente o caçador se envergonha, sentindo-se carrasco), grito tão estranho, tão diferente de tudo o que Bernard poderia esperar, que ele estremeceu. Compreendeu subitamente que ali se tratava de vida real, de uma dor verdadeira, e tudo por que havia passado até então pareceu-lhe ser apenas farsa e comédia. Uma emoção crescia nele, tão nova que não lhe era possível dominar, subia-lhe à garganta... Mas ora! Ei-lo a soluçar? Será possível? Ele, Bernard!... Atira-se para a frente, para segurá-la, e ajoelha-se diante dela, e murmura através dos soluços:

- Ah! Perdão... Perdão. Eu a magoei... Soube que estava sem recursos e... queria ajudá-la.

Mas Laura, arquejante, sente-se desfalecer. Procura com os olhos onde se sentar. Bernard, que tem os olhos erguidos para ela, compreendeu seu olhar. Salta em direção a uma pequena poltrona aos pés da cama; com um gesto brusco trá-la até junto dela, que se deixa cair

pesadamente.

Aqui interveio um incidente grotesco, que hesito em contar. Mas foi esse incidente que decidiu as relações entre Bernard e Laura, tirando-os inesperadamente do embaraço.

Não busco portanto enobrecer artificialmente essa cena:

Pela diária que pagava Laura (quero dizer: pelo que o hoteleiro cobrava dela), não se poderia esperar que os mó-

veis do quarto fossem elegantes, mas ter-se-ia o direito de acreditá-los sólidos. Ora, a pequena poltrona baixa, que Bernard empurrava para Laura, cambaleava um pouco. Isso significa que ela tinha uma grande propensão a dobrar um dos pés, como faz o pássaro sob a asa, o que é natural para o pássaro, mais insólito e lamentável para uma poltrona, e esta então escondia o melhor possível sua enfermidade sob uma espessa franja. Laura conhecia sua poltrona e sabia que era preciso lidar com ela com extrema precaução; mas não pensava mais naquilo, em sua perturbação, e não se lembrou a não ser ao senti-la balançar sob seu corpo. Deu subitamente um gritinho, inteiramente diverso do longo gemido de há pouco, escorregou para o lado e, no momento seguinte, encontrou-se sentada no tapete, entre os braços de Bernard, que se apressava a socorrê-la. Confuso, mas mesmo assim divertido, ele precisara ajoelhar-se. O rosto de Laura ficou então bem junto ao seu; ele a viu enrubescer. Ela fez um esforço para se erguer. Ele a ajudou.

- Não se machucou?

- Não, obrigada; graças à sua ajuda. Esta poltrona é ridícula, já foi consertada duas vezes... Acho que, recolocando o pé bem reto, ela ficará direita.

- Vou arrumá-la, disse Bernard. - Pronto! Quer experimentá-la? - E então, corrigindo-se: - Ou, permitame... É mais prudente que eu a experimente primeiro. Veja, está firme, agora. Posso sacudir as pernas (o que fez, rindo). Então, erguendo-se: - Sente-se; e se me permite ficar por mais um instante, vou buscar uma cadeira.

Sentome a seu lado e impedirei que caia, não tenha medo... Gostaria de fazer algo mais para ajudá-la.

Havia tanta veemência em suas palavras, tanta reserva em suas maneiras, e em seus gestos tanta

elegância, que Laura não pôde deixar de sorrir:

: - Ainda não me disse seu nome. ,-

. .. - Bernard. ;

- Sim, mas seu sobrenome, o nome de sua família? ,

- Não tenho família.

- Enfim, o nome de seus pais.

- Não tenho pais. Quero dizer: sou o que será esta criança que está esperando: um bastardo.

O sorriso abandonou subitamente o rosto de Laura, perturbada por aquela insistência em entrar na intimidade de sua vida e violar seu segredo:

- Mas, afinal, como sabe?... Quem lhe disse?... Não tem o direito de saber...

Bernard não podia mais recuar. Falava agora em voz alta e ousada:

x - Sei ao mesmo tempo o que sabe meu amigo Olivier e o que sabe seu amigo Édouard. Mas cada um deles só conhece até agora uma metade de seu segredo. Sou provavelmente o único, além da senhora, a conhecê-lo por inteiro. .. Compreenda que é preciso que eu me torne seu amigo, acrescentou mais suavemente.

- Como os homens são indiscretos, murmurou Laura tristemente. - Mas... se não esteve com Édouard, ele não pode ter-lhe contado. Ele lhe escreveu, então? Foi ele que o mandou aqui? ...

Bernard -se contradissera, falara rápido demais, cedendo ao prazer de fanfarronar um pouco. Sacudia negativamente a cabeça. O rosto de Laura se ensombrecia cada vez mais. Nesse momento, ouviu-se bater à porta.

Quisessem eles ou não, uma emoção comum cria um elo entre dois seres. Bernard sentia-se preso numa armadilha, Laura se aborrecia por ser surpreendida acompanhada.

Entreolharam-se como se entreolham dois cúmplices. Bateram novamente à porta. Ambos disseram juntos:

- Entre.

Há alguns instantes, Édouard escutava atrás da porta, espantado por ouvir vozes no quarto de Laura. As últimas frases de Bernard o haviam esclarecido. Não podia ter dúvidas quanto ao seu sentido, não podia ter dúvidas de que quem falava daquele modo fosse o ladrão de sua mala. Sua decisão foi imediatamente tomada. Pois Édouard é um desses seres cujas faculdades, que no ramerrão cotidiano se embotam, sobressaltam-se e se retesam de imediato diante do imprevisto. Abriu então a porta, mas ficou à soleira, sorrindo e olhando alternativamente para Bernard e Laura, que se haviam ambos levantado.

- Permita-me, cara amiga, disse ele a Laura, com um gesto como que para adiar as efusões. Tenho inicialmente algumas palavras a dizer a este senhor, se ele quiser vir por uns instantes ao corredor.

O sorriso tornou-se mais irónico assim que Bernard se aproximou.

- Imaginei encontrá-lo aqui.

Bernard compreendeu que estava perdido. Restava-lhe apenas ser audacioso, o que fez, sentindo que arriscava seu último trunfo:

- Eu esperava encontrá-lo aqui.

- Em primeiro lugar, se ainda não o fez (pois quero crer que veio para isso), vai descer e pagar a conta da sra. Douviers com o dinheiro que encontrou em minha mala e que deve ter com o senhor. Não suba antes de dez minutos.

Tudo isso era dito com bastante gravidade, mas num tom que nada tinha de ameaçador. Entretanto, Bernard recuperava sua firmeza.

- Vim realmente para isso. Não se enganou. E começo a crer que tampouco eu me enganei.

- Que quer dizer com isso?

- Que é exatamente como eu esperava.

Édouard tentava em vão assumir um ar severo. Divertia-se enormemente. Fez uma espécie de saudação zombeteira:

- Agradeço-lhe. Resta examinar a recíproca. Penso, já que está aqui, que leu meus papéis.

Bernard, que, sem pestanejar, sustentava o olhar de Édouard, sorriu por sua vez com audácia, divertimento, impertinência, e, inclinando-se:

- Não tenha dúvidas. Estou aqui para servi-lo. Então, como um gnomo, lançou-se pelas escadas. ;.

Quando Édouard entrou no quarto, Laura soluçava. Ele se aproximou. Ela encostou a cabeça em seu ombro. A manifestação da emoção o aborrecia, era-lhe quase insuportável.

Surpreendeu-se a bater-lhe suavemente nas costas, como se faz com uma criança que tosse:

- Minha pobre Laura, dizia ele, vamos... vamos... Seja sensata.

- Oh! Deixe-me chorar um pouco, isso me faz bem.

- Ainda assim é preciso saber o que vai fazer agora.

- Mas o que quer que eu faça? Aonde quer que eu vá? com quem quer que eu fale?

- Seus pais...

- Mas já os conhece... Seria levá-los ao desespero. Fizeram tudo pela minha felicidade.

- Douviers?...

- Nunca ousarei revê-lo. Ele é muito bom. Não ima-

gine que não o amo... Se soubesse... Oh! Diga-me que não me despreza demais.

- Mas pelo contrário, minha pequena Laura, pelo contrário. Como pode imaginar isso? - E recomeçava a bater-lhe nas costas.

- É verdade que a seu lado não sinto mais vergonha.

- Há quantos dias está aqui?

- Não sei mais. Vivi somente para esperá-lo. Em alguns momentos, não podia mais. Agora, parece-me que não poderei ficar aqui nem mais um dia.

E soluçava cada vez mais, quase gritando, mas numa voz estrangulada.

- Leve-me.

Édouard estava cada vez mais embaraçado.

- Escute. Laura. Acalme-se. O... o outro... não sei nem mesmo como se chama...

- Bernard, murmurou Laura.

- Bernard vai voltar num instante. Vamos, reanime-se. Ele não deve vê-la assim. Coragem. Vamos inventar algo, prometo. Vamos! Enxugue os olhos. Chorar não adianta nada. Olhe-se no espelho. Está toda congestionada. Passe um pouco de água no rosto. Quando a vejo chorar, não consigo pensar em nada... Olhe, ei-lo, eu o ouço.

Foi até a porta e abriu-a para deixar entrar Bernard, e, enquanto Laura, dando as costas à cena, ocupava-se diante da penteadeira fazendo voltar a calma a seus traços:

- E agora, senhor, posso perguntar-lhe quando me será permitido tomar posse de minhas coisas?

Isso foi dito olhando Bernard bem de frente, sempre com o mesmo ar de ironia sorridente nos lábios.

- Tão logo o desejar, senhor. Mas é preciso que lhe confesse que essas coisas que lhe faltam, são-lhe certamente menos necessárias do que a mim. É o que compreenderia, estou certo, se apenas conhecesse minha história. Saiba somente que, desde esta manhã, estou sem teto, sem lar, sem família, e pronto a me atirar na água se não o houvesse encontrado. Segui-o durante muito tempo esta manhã, quando conversava com Olivier, meu amigo. Ele me havia falado tanto a seu respeito! Eu queria abordá-lo.

Procurava um álibi, um meio... Quando jogou fora seu talão de depósito, eu bendisse o destino. Oh! Não me tome por um ladrão. Se apanhei sua mala, foi sobretudo para entrar em contato.

Bernard fizera todo aquele discurso quase num só fôlego. Uma chama extraordinária animava suas palavras e seus

traços: dir-se-ia que era a bondade. Pelo sorriso de Édouard,

parecia que este o achava encantador.

- E agora?... - disse ele. Bernard percebeu que ganhava terreno:

- E agora, não estaria precisando de um secretário? Não posso crer que não me saísse bem nessa função, já que a exerceria com tanta alegria.

Dessa vez Édouard começou a rir. Laura os olhava, divertida.

- Ora, ora! Isso é digno de ser visto, e vamos refletir sobre o assunto. Venha encontrar-me amanhã, a esta mesma hora, aqui mesmo, se a sra. Douviers o permitir...

pois também com ela deverei decidir várias coisas. Está num hotel, imagino. Oh! Não quero saber onde. Pouco me importa. Até amanhã.

Estendeu-lhe a mão.

- Senhor, disse Bernard, antes de deixá-lo, permitame talvez lembrá-lo de que mora no Faubourg Saint-Honoré um pobre e velho professor de piano, de nome, creio eu, La Pérouse, a quem, se fosse visitar, daria grande prazer.

- Ora, vejam, para um começo, isso não está nada mal, e está desempenhando suas futuras funções da maneira certa.

- Então... Realmente, consentiria?

- Falaremos sobre isso amanhã. Adeus. . -r:

Édouard, depois de se demorar por alguns instantes junto a Laura, foi à casa dos Molinier. Esperava rever Olivier, com quem gostaria de falar sobre Bernard. Viu somente Pauline, embora prolongasse desesperadamente sua visita.

Olivier, naquele mesmo final de dia, cedendo ao insistente convite que acabava de lhe transmitir seu irmão, dirigia-se à casa do autor de A barra fixa, à casa do conde de Passavant.

- Receava qike seu irmão não lhe houvesse transmitido o recado, disse Robert de Passavant ao ver entrar Olivier.
- Estou atrasado? disse este, que avançava timidamente e quase na ponta dos pés. Conservava nas mãos o chapéu, que Robert apanhou.
- Deixe isto aqui. Fique à vontade. Venha: nesta poltrona, acho que não estará mal. Nem um pouco atrasado, a julgar pelo relógio; mas meu desejo de vê-lo estava adiantado em relação a ele. Fuma?
- Obrigado, disse Olivier, recusando o estojo que lhe estendia o conde de Passavant. Recusava por timidez, embora muito desejoso de experimentar aqueles finos cigarros perfumados a âmbar, russos sem dúvida, que via arrumados no estojo.
- Sim, estou contente por ter podido vir. Receava que estivesse assoberbado com os preparativos para seu exame. Quando será?
- Em dez dias, o escrito. Mas já não tenho estudado muito. Acho que estou preparado e temo sobretudo apresentar-me cansado.
- Recusar-se-ia então a ocupar-se desde já de outra coisa?
- Não... se não fosse demasiado absorvente.
- Vou dizer-lhe por que lhe pedi que viesse. Antes de tudo, pelo prazer de revê-lo. Havíamos esboçado uma conversa, outra noite, no teatro, durante o intervalo...

O

que me disse interessou-me muito. Não se lembra, certamente?

- Sim, lembro-me, disse Olivier, que acreditava só ter dito asneiras.
- Mas hoje, tenho algo de concreto a lhe dizer... Imagino que conhece um certo judeu chamado Dhurmer, não é? Ele não é um de seus colegas?
- Estive com ele até agora. •- Ah! São amigos?
- Sim, devíamos nos encontrar no Louvre para falar de uma revista da qual ele deve ser o diretor.

Robert soltou um riso alto e afetado.

- Ah! Ah! Ah! Diretor... Essa é forte! Ele anda depressa... É verdade que lhe disse isso?

- Já me fala nisso há muito tempo.

- É, faz muito tempo que penso nisso. Outro dia, perguntei-lhe incidentalmente se aceitaria ler comigo os manuscritos; foi o que o levou imediatamente a chamar-se de redator-chefe. Deixei-o falar e, imediatamente... É bem dele, não acha? Que figura! Precisa que lhe cortem um pouco as asas... Não fuma mesmo?

- Fumo, sim, disse Olivier, aceitando dessa vez. Obrigado.

- Permita-me dizer-lhe, Olivier... quer que o chame de Olivier? Não posso tratá-lo por "senhor", é moço demais, e sou por demais íntimo de seu irmão Vincent para chamá-lo de Molinier. Pois bem, Olivier, permita-me dizer-lhe que tenho infinitamente mais confiança em seu gosto do que no de Sidi Dhurmer. Aceitaria assumir essa direção literária? Um pouco sob a minha vigilância, naturalmente, pelo menos nos primeiros tempos. Mas prefiro que meu nome não apareça na capa. Explicarei mais tarde por quê... Tomaria um cálice de vinho do Porto? Tenho um excelente.

Apanhou sobre uma espécie de pequeno aparador, ao alcance de sua mão, uma garrafa e dois copos, que encheu.

- Muito bem, o que acha?

- Excelente, com efeito.

-- Não falo do vinho do Porto, protestou Robert, rindo; mas do que lhe disse há pouco.

Olivier fingira não compreender. Receava aceitar depressa demais e demonstrar demais sua alegria. Enrubesceu um pouco e balbuciou confusamente:

- Meu exame não me...

- Acabou de me dizer que ele não lhe tomava muito

tempo, interrompeu Robert. E além disso a revista não será publicada imediatamente. Pergunto-me mesmo se não será melhor adiar o lançamento para a época da volta às aulas. Mas, de qualquer modo, era importante sondá-lo. Seria preciso ter vários números preparados antes de outubro, e necessitaríamos nos ver assiduamente durante o verão, para falarmos deles. O que pretende fazer nestas férias?

- Oh! Não sei muito bem. Meus pais provavelmente irão para a Normandia, como em todos os verões.

- E será preciso que os acompanhe?... Aceitaria deixar-se desligar um pouco?...

- Minha mãe não consentirá.

- Devo jantar hoje à noite com seu irmão. Permiteme falar com ele?

- Ora, Vincent não irá conosco. - E então, percebendo que esta frase não correspondia à pergunta, acrescentou: - E além do mais não adiantaria nada.

- Entretanto, se encontrarmos boas razões para dar à mamãe?

Olivier não respondeu. Amava sua mãe com ternura, e o tom trocista que Robert usara ao falar dela o desgostara. Robert compreendeu que se precipitava um pouco demais.

- Então, aprecia meu vinho do Porto, disse, para mudar de assunto. Quer mais um copo?

- Não, não, obrigado... Mas é excelente.

- É, fiquei muito impressionado com a maturidade e a segurança de seu julgamento, na outra noite. Não tem a intenção de se dedicar à crítica?

- Não.

- Versos?... Sei que escreve poesias. Olivier enrubesceu novamente.

- É, seu irmão o traiu. E com certeza conhece outros jovens que estariam prontos a colaborar... É preciso que esta revista se torne uma plataforma de reunião da juventude. É sua razão de ser. Gostaria que me ajudasse a redigir uma espécie de prospecto-manifesto que indicaria, sem defini-las demais, as novas tendências. Voltaremos

a falar sobre isso. É preciso escolher dois ou três epítetos; nada de neologismos; velhas palavras bem gastas, às quais daremos um novo sentido e que imporemos.

Depois de Flaubert, tivemos: "Harmonioso e ritmado", depois de Leconte de Lisle: "Hierático e definitivo"... Veja, o que pensaria de "Vital"? Hein?
"Inconsciente e vital"... Não?... "Elementar, robusto e vital"?...

- Acho que poderíamos encontrar algo melhor, atreveu-se a dizer Olivier, que sorria sem parecer aprovar muito.

- Vamos, um outro copo de vinho...

- Não totalmente cheio, por favor.

- Veja, a grande fraqueza da escola simbolista foi só ter trazido uma estética. Todas as grandes escolas trouxeram, com um novo estilo, uma nova ética, um novo caderno de encargos, novas tábuas, uma maneira nova de ver, de compreender o amor e de se comportar na vida. O simbolista, esse é bem simples: ele não se comportava diante da vida, não procurava compreendê-la, ele a negava, dava-lhe as costas. Era absurdo, não acha? Eram pessoas sem apetite, e até mesmo sem gula. Nada parecidos conosco, não é?

Olivier havia terminado seu segundo copo de vinho e seu segundo cigarro. Entrefechava os olhos, semi-estendido em sua confortável poltrona, e, sem nada dizer, demonstrava sua concordância por leves movimentos de cabeça. Nesse momento, ouviu-se a campainha, e quase que imediatamente um criado entrou, apresentando a Robert um cartão.

Robert apanhou o cartão, passou-lhe os olhos e colocou-o junto a si, na escrivaninha:

- Está bem. Peça-lhe que espere um instante. - O criado saiu. -- Escute, meu pequeno Olivier, gosto muito de sua companhia e creio que poderemos nos entender muito bem. Mas eis aqui alguém que realmente preciso receber e que faz questão de me ver a sós.

Olivier pusera-se de pé.

- Vou fazê-lo sair pelo jardim, se me permite... Ah! Antes que me esqueça: gostaria de ter meu novo livro? Tenho aqui exatamente um exemplar em edição de luxo.

- Não esperei recebê-lo de suas mãos para lê-lo, disse Olivier, que não gostava muito do livro de Passavant e procurava responder com amabilidade mas sem bajulação.

Teria Passavant percebido no tom da frase uma leve nuance de desdém? Retrucou rapidamente:

- Oh! Não tente falar-me dele. Se me disser que o apreciou, serei forçado a ter dúvidas quanto ao seu bom gosto ou quanto à sua sinceridade. Não, sei melhor do que ninguém o que falta a esse livro. Eu o escrevi depressa demais. Para falar a verdade, durante todo o tempo em que o escrevia, pensava no meu próximo livro. Ah! Nesse, sim, confio, confio muito. Verá, verá... Sinto muito, mas agora é imprescindível que se vá... A não ser que... Não, não, ainda não nos conhecemos o bastante, e seus pais certamente

o esperam para o jantar. Bem, até logo. Até breve... vou escrever seu nome no livro, permita-me.

Levantara-se; aproximou-se da escrivaninha. Enquanto ele se inclinava para escrever, Olivier deu um passo à frente e olhou com o canto dos olhos o cartão que o criado acabara de trazer:

VICTOR STROUVILHOU ::>::

Esse nome não lhe dizia nada.

Passavant estendeu a Olivier o exemplar de A barra fixa, e, como Olivier se apressava em ler a dedicatória:

- Verá isso mais tarde, disse-lhe Passavant, colocando-lhe o livro sob o braço.

Somente na rua Olivier tomou conhecimento daquela epígrafe manuscrita, extraída do próprio livro que ornamentava, e que o conde de Passavant acabara de inscrever em forma de dedicatória:

: "Por favor, Orlando, mais alguns passos. Ainda

não estou seguro de ousar compreendê-lo inteiramente",

abaixo da qual acrescentara: ..

"Para OLIVIER MOLINIER seu amigo presuntivo u CONDE ROBERT DE PASSAVANT"

Epígrafe ambígua, que deixou Olivier pensativo, mas que, afinal, poderia interpretar como quisesse.

Olivier voltou para casa quando Édouard acabava de sair, cansado de esperá-lo.

XVI

A cultura positiva de Vincent o impedia de acreditar no sobrenatural, o que dava ao demónio grande vantagem. O demónio não atacava Vincent frontalmente, pegava-o de forma astuciosa e furtiva. Uma de suas atividades consiste em fazer-nos crer serem triunfantes nossas derrotas. E o que levava Vincent a considerar seu modo de agir para com Laura uma vitória de sua vontade sobre seus instintos afetivos era que, naturalmente bom, ele havia precisado forçar-se, obstinar-se, para se mostrar duro para com ela.

Examinando bem a evolução do caráter de Vincent nesta trama, distingo nela diversos estágios, que quero expor, para a edificação do leitor:

1.º O período do bom motivo. Probidade. Conscienciosa necessidade de reparar uma falta cometida. Neste caso: a obrigação moral de destinar a Laura a quantia que seus pais haviam economizado penosamente para fazer frente às primeiras despesas de sua carreira. Isso não é sacrificar-se? Esse motivo não é decente, generoso, caritativo?

2.º O período da inquietação. Escrúpulos. Não ter certeza se essa quantia será suficiente não é estar pronto para ceder, quando o demónio fizer brilhar diante dos olhos de Vincent a possibilidade de aumentá-la?

3.º Constância e força de caráter. Necessidade, após a perda daquela quantia, de se sentir "acima da adversidade". É esta "força de caráter" que lhe permite confessar sua

perda no jogo a Laura; e que lhe permite, na mesma ocasião, romper com ela.

4.º Renúncia ao bom motivo, considerado um logro à luz da nova ética que Vincent se vê levado a inventar, para legitimar sua conduta. Pois ele permanece sendo um ser de bons costumes, e o diabo só lhe vencerá a resistência fornecendo-lhe razões de auto-aprovação. Teoria da imanência, da totalidade no momento, da alegria gratuita, imediata e sem motivo.

5.º Exaltação do vencedor. Desdém pela reserva. Supremacia.

A partir do que, o jogo está ganho pelo demónio.

A partir do que, o ser que se crê inteiramente livre não é senão um instrumento a seu serviço. O demónio portanto não descansará antes que Vincent tenha entregue seu irmão àquele cúmplice maldito í}ue é Passavant.

Apesar de tudo, Vincent não é mau. Tudo isso, embora ele o faça, deixa-o insatisfeito, constrangido. Acrescentemos ainda algumas palavras; V...

Chama-se de "exotismo", creio, a toda profundeza matizada de maia¹ diante da qual nossa alma se sente alheia e que a priva de pontos de apoio. Essa virtude poderia por vezes resistir, então o diabo, antes de atacar, desorienta-a. Certamente, se não houvessem estado sob novos céus, longe de seus pais, das lembranças de seu passado, do que os mantém na consequência de si mesmos, nem Laura teria cedido a Vincent nem Vincent seria tentado a seduzi-la. com certeza parecer-lhes-ia que aquele ato de amor, ali, não seria digno de ser levado em consideração... Restaria muito a ser dito, mas o acima já é suficiente para melhor nos explicar Vincent.

Junto a Lilian, igualmente, ele se sentia desorientado.

- Não ria de mim, Lilian, dizia ele naquela mesma noite. Sei que você não me compreenderá, e apesar disso preciso falar-lhe como se pudesse me compreender, pois não consigo mais tirá-la do pensamento.

Semideitado aos pés de Lilian, estendida sobre o divã baixo, ele apoiava amorosamente sobre os joelhos da amante a cabeça que ela amorosamente acariciava.

- O que me preocupava hoje pela manhã... sim, talvez fosse o medo. Você poderia ficar séria um instante?

1 No budismo e no vedanta, o conjunto das ilusões que constituem este mundo. (N. da T.)

Poderia se esquecer um instante, para me compreender, não daquilo em que acredita, pois você não acredita em nada, mas, exatamente, esquecer que não acredita em nada? Eu também não acreditava em nada, você sabe, em mais nada além de nós mesmos, em você, em mim, e no que eu posso ser com você, no que, graças a você, eu serei...

- Robert chega às sete horas, interrompeu Lilian. Não quero apressá-lo, mas, se não andar mais depressa, ele nos interromperá exatamente quando você começar a se tornar interessante. Pois suponho que prefira não continuar diante dele. É curioso que hoje você precise tomar tantas precauções. Você tem o ar de um cego que toca antes com sua bengala cada lugar onde quer pisar. E no entanto está vendo que estou séria. Por que não tem confiança?

- Tenho, desde que conheço você, uma extraordinária confiança, replicou Vincent. Posso muito, eu o sinto; e, você vê, tudo dá certo para mim. Mas aí está exatamente

o que me apavora. Não, cale-se... Refleti o dia inteiro sobre o que me contou hoje pela manhã, a respeito do naufrágio do BourgOgne, e das mãos rrtarlq<; daqueles que queriam subir na barca. Parece-me que algo quer subir na minha barca -Tpara que me entenda que me sirvo de sua imagem -, algo que quero impedir que suba...

- E quer que eu o ajude a afogá-lo, velho covarde!... Ele continuou, sem olhá-la:

•- Algo que repilo, mas cuja voz escuto... uma voz que você nunca ouviu, que eu ouvia na minha infância...

- E o que diz essa voz? Você não ousa repeti-la. O que não me espanta. Aposto que nisso aí há catecismo, hein?

- Mas, Lilian, compreenda-me: a única maneira de me livrar desses pensamentos é contá-los a você. Se você ri, eu os guardarei para mim mesmo, e eles me envenenarão.

- Então, fale, disse ela com um ar resignado. E como ele se mantivesse calado e puerilmente escondesse o rosto em sua saia: - Vamos, o que está esperando?

Segurou-o pelos cabelos e forçou-o a erguer a cabeça:

- Mas será possível que ele realmente leve isto a sério? Está pálido. Escute, benzinho, se quer bancar a criança, comigo não funciona. É preciso querer o que se quer. E, além disso, você sabe: não gosto de trapaceiros. Quando você procura fazer subir na sua barca, sorrateiramente, aquilo que não tem nada que subir, está trapaceando. Quero jogar com você, mas jogo limpo, e aviso: é para que você ganhe. Acho que você pode se tornar alguém muito

importante, considerável. Sinto em você uma grande inteligência e uma grande força. Quero ajudá-lo. Já há bastantes mulheres que arruinam a carreira daqueles pelos quais se apaixonam; comigo quero que aconteça o contrário. Você já me falou de seu desejo de abandonar a medicina pelos trabalhos de ciências naturais, lamentava não ter dinheiro suficiente para isso... Em primeiro lugar, você acaba de ganhar no jogo cinquenta mil francos, já é alguma coisa. Mas prometa que não jogará mais.

Colocarei à sua disposição todo o dinheiro que será preciso, com a condição de que, se alguém disser que você se deixa sustentar, você tenha força para dar de ombros.

Vincent se levantara. Aproximou-se da janela. Lilian recomeçou:

-:"Em primeiro lugar, e para acabar com o assunto Laura, acho que poderíamos muito bem enviar-lhe os cinco mil francos que você lhe havia prometido. Agora que tem dinheiro, por que não cumpre sua palavra? Será por necessidade de se sentir ainda mais culpado diante dela? Isso não me agrada nem um pouco. Tenho horror a patifarias.

Você não sabe cortar mãos decentemente. Isso feito, iremos passar o verão onde for mais proveitoso para seus trabalhos. Você me falou de Roscoff, eu preferiria Mônaco, já que conheço o príncipe, que poderá nos levar num cruzeiro e lhe dar um lugar em seu instituto.

Vincent mantinha-se calado. Desagradava-lhe dizer a Lilian, e só mais tarde lhe contou, que, antes de vir ao seu encontro, havia passado pelo hotel no qual Laura tão desesperadamente o havia esperado. Ansioso para se sentir finalmente livre, colocara num envelope aquelas notas com as quais ela não mais contava. Entregara aquele envelope a um rapaz e esperara no vestíbulo a certeza de que o rapaz o houvesse entregue nas mãos certas. Alguns instantes depois, o rapaz havia descido, trazendo o envelope, sobre o qual Laura havia escrito: "Tarde demais".

Lilian tocou a campainha, pediu que lhe trouxessem seu casaco. Quando a criada saiu:

- Ah! Queria falar com você, antes que ele chegue: _se Robert lhe propuser uma aplicação para os seus cinquenta mil francos, desconfie. Ele é muito rico, mas sempre precisa de dinheiro. Preste atenção, acho que ouvi a buzina de seu carro. Ele está adiantado meia hora, mas tanto melhor... Pelo que dizíamos...

- Cheguei mais cedo, disse Robert ao entrar, porque pensei que seria divertido ir jantar em Versalhes. De acordo?

- Não, disse Lady Griffith. As fontes me deprimem. Vamos a Rambouillet, temos tempo. Não comeremos tão bem, mas conversaremos melhor. Quero que Vincent lhe conte suas histórias de peixes. Ele sabe algumas espantosas. Não sei se o que ele diz é verdade, mas é mais divertido do que os mais belos romances do mundo.

- Talvez esta não seja a opinião do romancista, disse Vincent.

Robert de Passavant trazia um jornal vespertino nas mãos:

- Sabiam que Brugnard acaba de ser nomeado chefe de gabinete, no Palácio da Justiça? É o momento

para condecorar seu pai, disse ele, voltando-se para Vincent. Este deu de ombros.

- Meu caro Vincent, continuou Passavant, permitame dizer-lhe que você o ofenderia muito não lhe pedindo esse pequeno favor - que ele ficará feliz por recusar.

- E se principiasse pedindo-o para si próprio? retrucou Vincent.

Robert fez uma espécie de careta afetada:

- Não, levo minha vaidade ao ponto de não ficar vermelho, nem mesmo na lapela. Depois, voltando-se para Lilian: - Sabe que, nos nossos dias, são raros aqueles que chegam aos quarenta anos sem sífilis e sem condecorações?!

Lilian sorriu, dando de ombros:

- Para fazer uma frase de efeito, ele consente em envelhecer! Diga: essa é uma citação de seu próximo livro? Vai esfriar... Desçam todos, vou apanhar o casaco e os encontro.

- Pensei que não quisesse mais vê-lo, disse Vincent a Robert, na escada.

- Quem? Brugnard?

- Você o achava tão estúpido... -

- Meu caro amigo - respondeu Passavant sem se apressar, parado num degrau e retendo Molinier com o pé no ar, pois via aproximar-se Lady Griffith e queria que ela o ouvisse -, saiba que não há um só dentre os meus amigos que, depois de uma convivência um pouco longa, não me tenha dado provas de imbecilidade. Garanto-lhe que

Brugnard resistiu à prova por mais tempo do que muitos outros.

- Do que eu, talvez? replicou Vincent.

- O que não me impede de continuar a ser seu melhor amigo, bem vê.

- E é isso o que em Paris chamam de espírito, disse Lilian, que se juntara a eles. Tome cuidado,

Robert, não há nada que envelheça mais depressa.

- Tranquelize-se, minha cara: as palavras só envelhecem quando impressas!

Entraram no automóvel, que os levou. Como sua conversa continuou a ser muito espirituosa, é inútil que eu a transcreva aqui. Sentaram-se no terraço de um hotel, diante de um jardim que o anoitecer enchia de sombras. Graças à noite, os assuntos foram pouco a pouco se tornando mais pesados. Encorajado por Lilian e Robert, finalmente havia •apenas Vincent a falar

XVII

- Eu me interessaria muito mais pelos animais, se me interessasse menos pelos homens, dissera Robert. E Vincent respondia:

- Talvez porque considere os homens muito diferentes deles. Não há nenhuma grande descoberta em zootecnia que não tenha tido ressonância no conhecimento humano.

Tudo isso está interligado, e creio que nunca é impunemente que um romancista, que se jacta de ser psicólogo, desvia os olhos do espetáculo da natureza e permanece

na ignorância de suas leis. No Diário dos Goncourt¹, que me deu para ler, deparei-me com a descrição de uma visita às galerias de história natural do Jardin des

Plantes, na qual seus encantadores autores deploram a pouca imaginação da natureza, ou de Deus. Por esta pobre blasfêmia se manifesta a imbecilidade e a incompreensão

de seus pobres espíritos. Que diversidade, pelo contrário! Parece que a natureza tentou, sucessivamente, todas as formas de estar viva, de se mover, empregou todas

as permissões da matéria e de suas leis. Que lição há no progressivo abandono de certas violências paleontológicas, irracionais e deselegantes! Que economia permitiu

a subsistência de certas formas! A contemplação destas me explica o abandono das outras. Até mesmo a botânica pode nos ensinar. Quando examino um ramo, per-

¹ Edmund Huoí de Goncourt (1822-1896) e seu irmão Jules Goncourt (1830-1870), escritores franceses da escola naturalista. (N. da T.)

cebo que na axila de cada uma de suas folhas se abriga um broto, capaz de, no ano seguinte, se desenvolver por sua vez. Quando observo que, entre tantos brotos,

no máximo dois se desenvolvem, condenando à atrofia, pelo seu próprio crescimento, todos os

outros, não posso deixar de pensar que o mesmo acontece com o homem.

Os brotos que se desenvolvem naturalmente são sempre os brotos terminais

- isto é, os que estão mais afastados do tronco familiar. Só a poda, ou a arqueadura, refluindo a seiva, força-a a animar os germes próximos ao tronco, que teriam

permanecido adormecidos. E é assim que são levadas a frutificar as espécies mais rebeldes, que, se deixadas à vontade, certamente só teriam produzido folhas. Ah!

Que boa escola é um pomar, ou um jardim! E que bom pedagogo não se faria, com frequência, de um horticultor! Aprende-se mais coisas, muitas vezes, por menos que

se saiba observar, num galinheiro, num canil, num aquário, numa coelheira ou num estábulo do que nos livros, e até mesmo, creiam-me, do que na sociedade dos homens,

onde tudo é mais ou menos sofisticado, -

Depois Vincent falou da seleção. Expôs o método comum dos especialistas para conseguir as mais belas sementeiras, sua escolha dos espécimes mais robustos, e aquela

fantasia experimental de um horticultor audacioso, que, por horror à rotina, pode-se mesmo dizer por desafio, atreveu-se a eleger, ao contrário, as sementes mais

débeis e as incomparáveis florações que obteve.

Robert, que a princípio ouvia distraidamente, como quem só espera coisas aborrecidas, não tentava mais interromper. Sua atenção encantava Lilian, como uma homenagem

a seu amante.

- Você deveria nos falar, disse-lhe ela, daquilo que me contava outro dia sobre os peixes e sua acomodação aos graus de salinidade do mar... É isso mesmo, não é?

- com exceção de algumas regiões, começou Vincent, o grau de salinidade é quase constante, e a fauna marinha geralmente só suporta variações de densidade muito

pequenas. Mas as regiões sobre as quais eu falava não são, apesar disso, desabitadas, são aquelas sujeitas a violentas evaporações, que reduzem a quantidade de

água em relação à proporção de sal, ou aquelas nas quais, ao contrário, um afluxo constante de água doce dilui o sal e, por assim dizer, dessaliniza o mar - as regiões

vizinhas às embocaduras dos grandes rios, ou às enormes correntes como aquela chamada

de Gulf Stream. Nessas regiões, os animais chamados stenohalins enfraquecem e acabam morrendo, e, como são incapazes de se defender dos animais chamados euryhalins,

dos quais se tornam presas inevitáveis, os euryhalins vivem de preferência nos confins das grandes

correntes, onde muda a densidade da água e onde os stenohalins vêm agonizar. Compreenderam, não é? que os steno são os que só podem suportar um grau constante de salinização. Enquanto os eury ...

- São os dessalgados, interrompeu Robert, que fazia sua qualquer ideia e só considerava, numa teoria, aquilo de que pudesse fazer uso.

- A maioria deles é feroz, acrescentou Vincent seriamente.

- Quando eu dizia que isso é melhor do que qualquer romance! exclamou Lilian, entusiasmada.

Vincent, como que transfigurado, permanecia insensível ao sucesso. Estava extraordinariamente sério, e recomeçou num tom mais baixo, como se falasse para si mesmo:

- A mais surpreendente descoberta dos últimos tempos - pelo menos a que mais me esclareceu - é a dos aparelhos fotogênicos dos animais dos baixios.

- Oh! Conte-nos, disse Lilian, que deixava apagar-se seu cigarro e derreter o sorvete que acabava de ser servido.

- A luz do dia, como sabem, não penetra muito no mar. Suas profundezas são tenebrosas... abismos imensos, que durante muito tempo foram considerados inabitados.

Depois, as dragagens tentadas trouxeram desses infernos uma infinidade de animais estranhos.

Aqueles animais eram cegos, pensava-se. Para que é necessário

o sentido da visão, no escuro? Evidentemente, não tinham olhos. Não podiam, não deviam tê-los. No entanto, ao examiná-los, constatou-se, com enorme surpresa,

que alguns têm olhos, que quase todos os têm, e inúmeros, às vezes excessivos, e que são antenas de uma prodigiosa sensibilidade. Ainda se pretendia duvidar:

por que olhos, para nada ver? olhos sensíveis, mas sensíveis a quê? ... E eis que se descobre

enfim que cada um daqueles animais, que inicialmente se

pretendia sombrios, emite e projeta diante de si, e ao seu redor, sua luz. Cada um deles clareia, ilumina, irradia. Quando, à noite, trazidos do fundo do abismo,

eram despejados sobre a ponte do navio, a noite se ofuscava. Fogos movediços, vibrantes, multicores, faróis giratórios, cintilações de astros,

de pedrarias, cujo esplendor, dizem os que os viram, nada poderia igualar.

Vincent calou-se. Permaneceram todos muito tempo sem falar.

- Vamos embora, estou com frio, disse subitamente Lilian.

Lady Lilian sentou-se ao lado do motorista, um pouco protegida pelo pára-brisa de cristal. No fundo do carro aberto, os dois homens continuaram a conversar. Durante quase todo o jantar, Robert ficara em silêncio, ouvindo Vincent. Agora era a sua vez.

- Peixes como nós, meu caro Vincent, agonizam em águas calmas, disse ele inicialmente, dando uma palmada no ombro do amigo. Permitia-se, com Vincent, algumas familiaridades, mas não teria suportado a reciprocidade. Vincent, aliás, não era dado a tais atitudes. - Sabe que eu o acho incrível! Que conferencista daria! Sinceramente, deveria abandonar a medicina. Realmente, não o vejo prescrevendo laxativos e acompanhando doentes. Uma cadeira de biologia comparada, ou sei lá o quê, no género, eis o que lhe conviria...

- Já pensei nisso, disse Vincent.

- Lilian talvez pudesse consegui-lo, interessando por suas pesquisas seu amigo, o príncipe de Mônaco, que é, creio, da mesma especialidade. . , Preciso falar com ela.

- Ela já me falou nisso.

- Então, decididamente, não há jeito de lhe prestar um serviço? disse ele, fingindo-se melindrado. Logo eu, que exatamente queria lhe pedir um favor.

- Será a sua vez de ser meu devedor. Está achando que tenho a memória curta.

- O quê? Ainda está pensando nos cinco mil francos? Mas já os devolveu, meu caro! Não me deve mais nada... a não ser um pouco de amizade, talvez. Acrescentou isso num tom quase terno, com uma das mãos sobre o braço de Vincent. - É para esta que venho apelar.

-• Estou ouvindo, disse então Vincent. Mas imediatamente Passavant exclamou, atribuindo a Vincent sua própria impaciência:

- Mas que pressa! Teremos tempo, daqui a Paris, imagino.

Passavant era particularmente hábil em fazer endossar por outrem seus próprios estados de espírito e tudo o que preferiria renegar. Então, parecendo mudar de assunto, como

és pescadores de truta, que, por receio de afugentar a presa, atiram a isca à distância e insensivelmente a vão reaproximando.

- A propósito, agradeço-lhe por me haver enviado seu irmão. Eu temia que houvesse se esquecido.

Vincent fez um gesto. Robert continuou:

- Esteve com ele, depois?... Não teve tempo, hein?... Então é estranho que ainda não me tenha perguntado nada sobre nosso encontro. No fundo, isso lhe é indiferente. Você é totalmente desinteressado do seu irmão. O que Olivier pensa, o que ele sente, o que é e o que gostaria de ser, nada disso o preocupa...

- Está me censurando?

- Mas é claro! Não entendo, não aceito sua apatia. Quando estava doente, em Pau, ainda se explicava, só tinha que pensar em si mesmo, o egoísmo fazia parte do tratamento.

Mas agora, Como? Tem a seu lado uma natureza jovem e vibrante, uma inteligência que desperta, cheia de promessas, à espera apenas de um conselho, de um apoio...

Esquecia-se, naquele momento, de que ele próprio tinha um irmão.

Vincent, entretanto, não era absolutamente tolo. O exagero daquele discurso advertia-o de que não era sincero, que a indignação só estava ali para conduzir a outra coisa. Vincent nada dizia, à espera. Mas Robert parou de repente: acabara de surpreender, à luz do cigarro de Vincent, um estranho vinco nos lábios deste, onde pensou ver um quê de ironia. Ora, a ironia era o que ele mais temia no mundo. Estaria então ali o que o fez mudar de tom? Pergunto-me se não teria sido mais a brusca intuição de uma espécie de conivência entre Vincent e ele... Recomeçou então, bancando o natural e com o ar de "não é mesmo preciso fingir com você":

- Muito bem, tive com o jovem Olivier uma conversa muito agradável. Gosto realmente desse rapaz.

Passavant tentava captar o olhar de Vincent (a noite não estava muito escura), mas este olhava

fixamente para a frente.

- E eis, meu caro Molinier, o pequeno favor que queria lhe pedir...

Mas, novamente, sentiu necessidade de fazer uma pausa e, por assim dizer, abandonar por um momento seu papel, como um ator seguro de ter o público nas mãos, desejoso de prová-lo a si e aos outros. Inclinou-se então para a fren-

te, em direção a Lilian, e, em voz bem alta, como para ressaltar o caráter confidencial do que havia dito e do que iria dizer:

- Minha cara amiga, tem realmente certeza de que não sente frio? Temos aqui uma manta de que não precisamos...

E, sem esperar a resposta, encostado no fundo do carro, junto a Vincent, novamente em voz baixa:

- Bem, eu gostaria de levar seu irmão comigo neste verão. É, digo-lhe diretamente; para que circunvoluções, entre nós?... Não tenho a honra de conhecer seus pais, que naturalmente não deixarão que Olivier parta comigo sem a sua ativa intervenção. com certeza encontrará o modo de colocá-los a meu favor. Imagino que os conheça bem e deva saber como abordá-los. Poderia fazer isso por mim?

Esperou por um momento, e, como Vincent não respondia, continuou:

-• Escute, Vincent... vou sair de Paris em breve... não sei ainda para onde. Tenho absoluta necessidade de levar um secretário... Sabe que estou fundando uma revista.

Falei sobre isso com Olivier. Ele me parece ter todos os requisitos... Mas não quero me colocar unicamente sob meu ponto de vista egoísta: digo que todas as qualidades dele podem ser aproveitadas na revista. Propus-lhe o lugar de redator-chefe... Redator-chefe de uma revista, na sua idade!... Confesse que não é comum.

- É tão pouco comum que receio que assuste um pouco meus pais, disse Vincent, voltando afinal os olhos para ele e encarando-o fixamente.

- É, deve ter razão. Talvez seja melhor não lhes falar sobre isso. Poderia simplesmente ressaltar o interesse e o lucro de uma viagem que eu lhe proporcionaria, que acha? Seus pais devem compreender que, na idade dele, é preciso conhecer o país. Enfim, dará

um jeito, não é?

Respirou fundo, acendeu mais um cigarro e continuou, sem mudar de tom:

- E já que vai me prestar um favor, tentarei fazer também algo em seu benefício. Creio poder fazê-lo aproveitar algumas vantagens que me oferecem num negócio absolutamente excepcional... que um meu amigo, que trabalha num banco importante, reserva para alguns privilegiados. Mas, por favor, que isto fique entre nós, nem uma palavra a Lilian. De qualquer forma, só disponho de um número

rauito restrito de cotas, não posso oferecer subscrição a ela e a você... Seus cinquenta mil francos de ontem à noite?...

- Já os apliquei, disse Vincent um tanto secamente, pois lembrava-se da advertência de Lilian.

- Está bem, está bem... replicou Robert imediatamente, como se se ofendesse. Não insisto. - Depois, num tom de "não saberia querer-lhe mal": - Se por acaso mudar de ideia, avise-me rápido... porque depois de amanhã às cinco horas será tarde demais.

Vincent admirava muito mais o Conde de Passavant desde que não o levava mais a sério.

XVIII

Diário de Édouard

"2 horas

Perdi minha mala. Bem feito. De tudo o que ela contém, só me importava com meu diário. Mas me importava demais. No fundo, bem divertido com a aventura. À espera, gostaria de ter de volta meus papéis. Quem os lerá?... Talvez, desde que os perdi, exagere sua importância. Aquele diário parava na minha partida para a Inglaterra.

Lá, anotei tudo num outro caderno, que abandono agora que estou de volta à França. O novo, no qual escrevo isto, não sairá do meu bolso tão cedo. É o espelho que levo comigo. Nada do que rne acontece assume para mim uma existência real enquanto não a vejo refletida. Mas, desde minha volta, parece-me que estou me agitando num sonho. Como aquela conversa com Olivier foi penosa! E eu me prometia tanta alegria... Tomara que o

tenha deixado tão insatisfeito quanto a mim, tão insatisfeito consigo mesmo quanto comigo. Não consegui nem falar nem fazê-lo falar, infelizmente. Ah! mo é difícil a menor palavra, quando envolve a aprovação total de todo o ser. O coração, quando se intromete, entorpece e paralisa o cérebro."

"7 horas

Minha mala foi encontrada, ou pelo menos quem ficou com ela. O fato de ser ele o melhor amigo de Olivier tece entre nós uma rede cujas malhas depende de mim apertar.

O perigo é que todo acontecimento inesperado me diverte a tal ponto que me faz perder de vista a finalidade a ser atingida.

Revi Laura. Meu desejo de ajudar se exaspera desde que se intrometa alguma dificuldade, desde que se deva insurgir contra o convencional, o banal e o costumeiro.

Visita ao velho La Pérouse. Foi a sra. de La Pérouse quem me recebeu. Eu não a via há mais de dez anos, e no entanto ela me reconheceu imediatamente. (Acho que eles não recebem muitas visitas.) Aliás, ela mudou muito pouco, mas (talvez eu esteja prevenido contra ela) seus traços me pareceram mais duros, seu olhar, mais áspero, seu sorriso, mais falso do que nunca.

- Receio que o sr. de La Pérouse não esteja em condições de recebê-lo, disse-me logo, evidentemente desejosa de me monopolizar. Depois, usando sua surdez para responder sem que eu nada perguntasse:

- Mas não, não, não me incomoda em absoluto. Entre.

Levou-me para o cómodo onde La Pérouse costuma dar suas aulas, cujas duas janelas dão para o pátio. E, assim que fui aprisionado:

- Estou especialmente feliz por poder falar-lhe a sós por um momento. O estado do sr. de La Pérouse, para com quem sei de sua antiga e fiel amizade, me inquieta muito. O senhor, a quem ele escuta, não poderia persuadi-lo para que se trate? Quanto a mim, qualquer coisa que repita é como se cantasse Marlborough.

E iniciou uma série infinda de recriminações: o velho se recusa a se tratar unicamente por necessidade de atormentá-la. Ele faz tudo o que não deveria fazer, e nada

do que deveria. Sai com qualquer tempo, nunca admitindo pôr um lenço no pescoço. Recusa-se a comer nas refeições: 'Não tem fome', e ela não sabe o que inventar para estimular seu apetite, mas, à noite, levanta-se e vira a cozinha de pernas para o ar para se regalar: com não se sabe o quê.

A velha, certamente, não inventava nada. Eu percebia, por seu relato, que a simples interpretação de mínimos gestos inocentes lhes conferia um significado ofensivo, e que

sombra monstruosa a realidade projetava sobre as paredes daquele cérebro estreito! Mas o velho, por sua vez, não interpretaria mal todos os cuidados, todas as atenções da velha, que se acreditava mártir e da qual ele se considerava carrasco? Renuncio a julgá-los, a compreendê-los; ou melhor, como sempre acontece, quanto mais os compreendo mais meu julgamento a seu respeito se atenua. Trata-se de dois seres amarrados um ao outro para toda a vida, e que se fazem sofrer abominavelmente. Tenho frequentemente percebido nos casais que a menor protuberância do caráter de um provoca no outro uma intolerável irritação, porque a 'vida em comum' faz com que o atrito se dê sempre no mesmo lugar. E se o atrito é recíproco, a vida conjugal se torna um inferno.

com sua peruca de cachos negros que endurece os traços de seu rosto pálido, e suas mitenes compridas e pretas das quais saem os dedinhos como garras, a sra. de La Pérouse tinha um aspecto de harpia.

- Ele me acusa de espioná-lo, continuou. Sempre teve necessidade de dormir muito, mas à noite finge deitar-se, e, quando acha que estou bem adormecida, levanta-se. Remexe em papéis velhos e às vezes fica até de manhã relendo, chorando, antigas cartas de seu falecido irmão. E quer que eu suporte tudo isso sem dizer nada!

Depois queixou-se de que o velho queria colocá-la num asilo, o que lhe seria ainda mais penoso, acrescentou ela, já que ele era absolutamente incapaz de viver sozinho e de passar sem seus cuidados. Isso era dito num tom apiedado, que transpirava hipocrisia.

Enquanto prosseguia em suas lamentações, a porta do salão abriu-se suavemente atrás dela, e La Pérouse, sem que ela ouvisse, entrou. Às últimas frases de sua esposa, ele me olhou, sorrindo ironicamente, e levou uma das mãos à testa, querendo dizer que ela estava louca. Depois, com uma impaciência, até mesmo uma brutalidade, das

quais eu não o julgaria capaz e que pareciam justificar as acusações da velha (mas também devidas ao diapasão que precisava empregar para se fazer ouvir por ela):

- Vamos, senhora! Deveria compreender que está cansando o senhor com seus discursos. Não foi a senhora que meu amigo veio ver. Deixe-nos.

A velha protestou então que a poltrona na qual estava sentada era dela, e que dali não sairia.

- Nesse caso, retrucou La Pérouse, trocista, com sua licença, sairemos nós. Então, virando-se para mim e num tom brando:

- Venha! Deixemo-la aí.

Esbocei um cumprimento constrangido e segui-o até o cómodo vizinho, o mesmo aonde me havia recebido da últi-

ma vez.

- Estou contente de que tenha podido ouvi-la, disseme ele. Pois bem, é assim o dia inteiro.

Foi fechar as janelas:

- com a barulheira da rua, não se escuta nada. Passo todo o tempo a fechar essas janelas, que a sra. de La Pérouse passa o tempo a abrir. Diz ela que sufoca. Exagera sempre. Recusa-se a se dar conta de que faz mais calor fora do que dentro. E tenho um pequeno termómetro, mas, quando o mostro a ela, diz que os números nada provam.

Quer ter razão, mesmo quando sabe que está errada. O grande negócio, para ela, é contrariar-me.

Pareceu-me, à medida que falava, que ele também não estava bem equilibrado. Continuou, numa crescente exaltação :

- Tudo o que ela faz de errado na vida é a mim que culpa. Seus julgamentos são todos falsos. Veja, vou fazê-lo compreender: sabe que as imagens de fora chegam invertidas ao nosso cérebro, onde um aparelho nervoso as corrige. Pois bem, a sra. de La Pérouse não tem aparelho retificador. Nela, tudo permanece invertido. Imagine como é penoso.

Ele sem dúvida se sentia aliviado dando explicações, e eu evitava interrompê-lo. Ele prosseguia:

- A sra. de La Pérouse sempre comeu demais. Pois bem, ela acha que eu é que como muito. Daqui a pouco, se ela me vir com um pedaço de chocolate (é meu principal alimento), vai murmurar: 'Sempre mastigando!' Ela me vigia. Acusa-me de me levantar à noite para comer escondido, porque uma vez me surpreendeu preparando uma xícara de chocolate na cozinha... Que quer? Vê-la à mesa, na minha frente, atirando-se sobre os pratos, já me tira todo o apetite. Então ela acha que me faço de difícil para atormentá-la.

Fez uma pausa, e, numa espécie de impulso lírico:

- São inacreditáveis as recriminações que ela me faz! Quando sofre com sua dor ciática, digo-lhe que tenho pena. Então ela me interrompe, e dá de ombros: 'Não precisa fingir que tem coração'. E tudo o que faço ou digo é para fazê-la sofrer.

Estávamos sentados, mas ele se levantava, depois sentava-se de novo, vítima de uma inquietação doentia.

- Imaginaria que, em cada um destes cômodos, há móveis que são dela e outros que são meus? Acabou de vê-la, com sua poltrona. Ela diz à faxineira, quando arruma a casa: 'Não, isto é do senhor, não mexa'. E quando, outro dia, por descuido, coloquei um bloco de música encadernado sobre uma mesinha que é dela, a senhora jogou-o no chão. Os cantos se partiram... Ai, isso não pode continuar por muito tempo. . , Mas ouça...

Segurou-me o braço e, abaixando a voz:

- Tomei minhas precauções. Ela me ameaça constantemente de, 'se eu continuar', ir se refugiar num asilo. Economizei uma certa quantia que deve bastar para pagar sua pensão em Sainte-Périne; dizem que é o que há de melhor. As poucas aulas que ainda dou quase não me rendem nada. Dentro de pouco tempo meus recursos chegarão ao fim; eu seria forçado a lançar mão desse dinheiro; não quero fazê-lo. Então, tomei uma decisão... Será dentro de pouco mais de três meses. Sim, já marquei a data. Se soubesse que alívio sinto ao pensar que a cada hora mais me aproximo dela!

Estava inclinado sobre mim; inclinou-se mais ainda:

- Tenho também uma apólice de seguro. Não é grande coisa, mas eu não podia fazer mais. A sra. de La Pérouse não sabe disso. Está na minha escrivania, num envelope em seu nome, com as instruções necessárias. Posso contar com você para me ajudar? Não entendo nada de negócios, mas um tabelião a quem consultei disse-me que a renda pode ser entregue diretamente a meu neto até sua maioridade, quando então ele entrará na posse do título. Achei que não seria abusar de sua amizade pedir-lhe que se assegure de que isso venha a ser feito. Desconfio tanto dos tabeliões... E ainda que, se quisesse me tranquilizar, aceitaria ficar desde já com esse envelope... Aceita, não é?... Vou buscá-lo.

Saiu andando com seus costumeiros passinhos curtos e apressados, e reapareceu com um grande envelope nas mãos.

- Desculpe-me por tê-lo escondido, foi para salvar as aparências. Tome.

Olhei o envelope e li, sob meu nome, em letra de forma: PARA ABRIR DEPOIS DE MINHA MORTE.

- Guarde-o logo no bolso, para que eu saiba que está em segurança. Obrigado. Ah! Eu esperava tanto que viesse!...

com frequência senti que, num momento assim solene, toda a emoção humana pode, em mim, dar lugar a um transe quase místico, uma espécie de entusiasmo, pelo qual meu ser se sente glorificado. Ou, mais exatamente, liberado de seus vínculos egoístas, como que desapaissado de si mesmo e despersonalizado. Aquele que nunca experimentou esse sentimento certamente não me saberá compreender. Mas eu sentia que La Pérouse o compreendia. Qualquer protesto de minha parte teria sido supérfluo, teria me parecido impróprio, e contentei-me em apertar fortemente a mão que ele deixou na minha. Seus olhos tinham um estranho brilho. Na outra mão, naquela que antes segurara o envelope, havia um outro papel:

- Escrevi aqui o endereço. Pois agora sei onde ele está: Saas-Fée. Conhece isso? Fica na Suíça. Procurei no mapa, mas não consegui encontrar.

- Sim, disse eu. É uma pequena aldeia perto do Cervino.

- Fica muito longe?

- Não tão longe que eu não possa ir até lá, talvez.

- Como? Faria isso?... Oh! Como é bom! disse ele. Estou velho demais para ir... E também não posso, por causa da mãe... Entretanto, parece-me que... Hesitou, procurando a palavra, e recomeçou: - que eu me iria mais facilmente, se ao menos pudesse vê-lo.

- Meu pobre amigo... Farei tudo o que for humanamente possível para trazê-lo aqui... Verá o pequeno Boris, eu lhe prometo.

- Obrigado... obrigado... Apertava-me convulsivamente nos braços.

- Mas prometa-me não mais pensar em...

- Oh! Isso é outra coisa, disse, interrompendo-me bruscamente. E logo, como que para me impedir de insistir, desviando minha atenção:

- Imagine que, outro dia, a mãe de uma de minhas antigas alunas quis levar-me ao teatro! Há mais ou menos um mês. Era uma vespéral da Comédie Française. Há mais de vinte anos eu não pisava numa sala de espetáculos. Encenavam Hernani, de Victor Hugo. Conhece? Parece que representavam bem. Todos se extasiavam. Quanto a mim, sofri de uma forma inacreditável. Se a educação não me se-

guiasse, nunca teria conseguido ficar... Estávamos numa frisa. Meus amigos procuravam acalmar-me. Eu teria interpelado o público. Como é possível, como é possível?

Sem compreender inicialmente a que se referia, perguntei:

- Achou os atores detestáveis?

- Evidentemente. Mas como se ousa apresentar tais ignomínias no palco?... E o público aplaudia! E havia crianças na plateia, as crianças que os pais haviam levado, conhecendo a peça... É monstruoso. E isso num teatro subvencionado pelo Estado!

A indignação daquele bom homem me divertia. Àquela altura, eu quase ria. Argumentei que não era possível haver arte dramática sem pintura de paixões. Ele por sua vez declarou que a pintura das paixões era fatalmente um mau exemplo. A discussão continuou nesse

tom por algum tempo, e, como eu então comparasse aquele acontecimento patético ao ímpeto dos instrumentos de sopro numa orquestra:

- Por exemplo, aquela entrada dos trombones, que o senhor admira numa das sinfonias de Beethoven...

- Mas absolutamente não admiro aquela entrada dos trombones! exclamou ele com extraordinária veemência. Por que quer me fazer admirar o que me perturba?

Todo o seu corpo tremia. O tom de indignação, quase de hostilidade em sua voz, surpreendeu-me, e pareceu também espantá-lo, pois prosseguiu com mais calma:

- Já reparou que todo o esforço da música moderna é para tornar suportáveis, até mesmo agradáveis, certos acordes que antes considerávamos discordantes?

- Exatamente, retruquei. Tudo deve afinal renderse e reduzir-se à harmonia.

- À harmonia! repetiu ele, dando de ombros. Vejo apenas um acostumar-se ao mal, ao pecado. A sensibilidade se embota, a pureza se retém, as reações se tornam menos vivas. Tolera-se, aceita-se...

- Ouvindo-o, não se ousaria mais sequer desmamar as crianças.

Mas ele prosseguia, sem me ouvir: |- Se pudéssemos recobrar a intransigência da juventude, o que mais nos indignaria seria aquilo em que nos transformamos?

Era tarde demais para nos lançarmos numa discussão teológica. Tentei trazê-lo de volta ao seu terreno:

- Não pretende entretanto restringir a música à

expressão única de serenidade? Nesse caso, um único acorde seria suficiente: um acorde perfeito contínuo.

Tomou-me ambas as mãos, e, como em êxtase, com o olhar perdido em adoração, repetiu várias vezes:

- Um acorde perfeito contínuo, sim, é isso, um acorde perfeito contínuo... Mas todo o nosso universo

é vítima da discordância, acrescentou tristemente.

Despedi-me dele. Acompanhou-me até a porta e, beijando-me, murmurou ainda:

- Ah! Como é preciso esperar pela resolução do acorde!"

Segunda parte SAAS-FÉE

De Bernard a Olivier

"Segunda-feira , . ●●●●●

Meu caro:

Que eu diga antes de tudo que desisti do exame. Você certamente percebeu não me vendo lá. Vou fazê-los em outubro. Uma ocasião única se apresentou para que eu partisse.

Agarrei-a, e não me arrependo. Era preciso decidir-me imediatamente, não tive tempo para refletir, e nem mesmo para me despedir de você. A propósito, estou encarregado

de exprimir toda a tristeza de meu companheiro de viagem por ter partido sem revê-lo. Pois sabe quem me trouxe? Adivinhou... foi Édouard, seu famoso tio, que conheci

na própria tarde em que chegou a Paris, em circunstâncias extraordinárias e sensacionais, que contarei mais tarde. Mas tudo é extraordinário nessa aventura, e, quando

penso, minha cabeça dá voltas. Ainda hoje custo a crer que seja verdade, que seja realmente eu quem está escrevendo isto, que eu esteja na Suíça com Édouard e...

Vamos, preciso contar-lhe tudo, mas por favor rasgue esta carta e guarde segredo de tudo.

Imagine que aquela pobre mulher abandonada por seu irmão Vincent, aquela que você ouviu soluçar, uma noite, junto à sua porta (e que foi bem idiota não a abrindo,

per-

mita-me dizer), é uma grande amiga de Édouard, a filha dos Vedei, irmã do seu amigo Armand. Eu não deveria contar-lhe tudo isso, pois se trata da honra de uma mulher,

mas morreria se não contasse a ninguém... Mais uma vez, guarde segredo sobre tudo isso. Você sabe que ela tinha acabado de se casar, sabe talvez que, pouco tempo

depois do casamento, ela ficou doente e foi tratar-se no Midi. Foi lá que conheceu Vincent, em Pau. Isso talvez você saiba. Mas o que não sabe é que esse encontro

teve consequências. É, meu velho, o desatinado do seu irmão fez-lhe um filho. Ela voltou grávida

para Paris, onde não ousou aparecer diante dos pais, menos ainda voltar ao lar conjugal. No entanto, seu irmão a abandonou nas condições que você sabe. Poupo-o de meus comentários, mas posso dizer que Laura Douviers não teve uma palavra de censura ou de ressentimento contra ele. Pelo contrário, inventa tudo o que pode para desculpar-lhe a conduta. Enfim, é uma mulher boa, realmente de bons sentimentos. E outro que é decididamente muito bom é Édouard. Como ela não sabia mais o que fazer, nem aonde ir, ele propôs-lhe levá-la para a Suíça, e ao mesmo tempo propôs-me que eu os acompanhasse, pois era-lhe embaraçoso viajar a sós com ela, a quem só dedica sentimentos de amizade. Partimos assim os três. Tudo foi decidido de repente, só com o tempo para fazer as malas dos dois e me arranjar roupas (pois você sabe que saí de casa sem nada). Do quanto Édouard foi gentil nesse caso, você nem faz ideia, e ainda por cima me repetia o tempo todo que era eu quem estava lhe fazendo um favor. É, meu camarada, você não mentiu: seu tio é um sujeito incrível. A viagem foi bastante penosa porque Laura estava muito abatida e seu estado (ela entra no terceiro mês de gravidez) exigia muitos cuidados, e o lugar aonde havíamos resolvido ir (por motivos que seriam muito longos para explicar) é de acesso bastante difícil. Laura aliás complicava as coisas recusando-se a tomar precauções, era preciso forçá-la, ela repetia a toda hora que um acidente era o que lhe poderia acontecer de melhor. Imagine como estávamos cheios de cuidados com ela! Ah! Meu amigo, que mulher admirável! Não me sinto mais o mesmo de antes de conhecê-la, e há pensamentos que não ousou formular, movimentos de meu coração que refreio, porque teria vergonha de não ser digno dela. Sim, realmente, junto a ela a gente se vê como que forçado a pensar com nobreza. Isso não impede que a conversa entre nós três seja muito livre, pois Laura

não é absolutamente beata - e falamos de tudo. Mas garanto-lhe que, diante dela, há uma série de coisas que não me dão mais nenhuma vontade de levar na gozação e que hoje me parecem muito sérias.

Você vai achar que estou apaixonado por ela. Pois bem, meu camarada, não se enganaria. É uma loucura, não é? Pode me imaginar apaixonado por uma mulher grávida, a quem naturalmente respeito e que não ousaria tocar com a ponta dos dedos? Bem vê que não me transformo num estróina.. .

Quando chegamos a Saas-Fée, depois de inúmeras dificuldades (alugamos uma cadeirinha para

Laura, pois os carros não vêm até aqui), o hotel só tinha dois quartos para nos ceder, um grande com duas camas e um menor, que combinamos, diante do hoteleiro, ser para mim - pois, para ocultar sua identidade, Laura passa por mulher de Édouard. Mas todas as noites é ela quem ocupa o quarto menor e eu vou ao encontro de Édouard no outro. Todas as manhãs é um troca-troca para enganar os empregados. Felizmente, os dois quartos são comunicantes, o que simplifica as coisas.

Já estamos aqui há seis dias. Não escrevi antes porque estava a princípio desorientado demais, e era preciso pôr-me de acordo comigo mesmo. Começo a conseguir me reconhecer.

Já demos, Édouard e eu, alguns passeios pela montanha, muito divertidos, mas, para falar a verdade, este país não me agrada muito, nem a Édouard. Ele acha a paisagem 'declamatória'. É exatamente isso.

O que há de melhor aqui é o ar que se respira, um ar virgem que purifica os pulmões. E depois não queremos deixar Laura muito tempo sozinha, pois é claro que ela não nos pode acompanhar. A frequência do hotel é bem divertida. Há gente de todas as nacionalidades. Nós nos damos mais com uma médica polonesa, que passa as férias aqui com sua filha e um garotinho que está sob seus cuidados. Foi aliás para encontrar esse menino que viemos até aqui. Ele sofre de uma espécie de doença nervosa que a médica trata de acordo com um método absolutamente novo. Mas o que mais faz bem ao garoto, que acho muito simpático, é o fato de estar perdidamente apaixonado pela filha da médica, alguns anos mais velha que ele, e que é sem dúvida a criatura mais bonita que já vi na vida. Estão juntos da

manhã à noite. São tão encantadores juntos que ninguém pensa em rir deles.

Não estudei muito, e não abri um livro desde que parti, mas refleti muito. A conversa de Édouard é prodigiosamente interessante. Ele não fala muito diretamente comigo, embora finja tratar-me como seu secretário, mas escuto-o conversar com os outros, sobretudo com Laura, a quem gosta de contar seus planos. Você não pode imaginar o quanto aproveito! Certos dias digo a mim mesmo que deveria tomar notas, mas acho que guardo tudo na memória. Certos dias sinto enormes saudades suas, digo-me que você é quem deveria estar aqui, mas não posso lamentar o que me acontece, nem desejar mudar nada. Pelo menos fique certo de que não o esqueço e de que foi graças

a você que conheci Édouard, e de que devo a você minha felicidade. Quando nos virmos de novo, acho que vai me achar muito mudado, mas continuo mais e mais profundamente do- que nunca sendo seu amigo.

Quarta-feira

P.S. - Acabamos de voltar de um enorme passeio. Subida do Hallalin - guias amarrados a nós com cordas, geleiras, precipícios, avalanches, etc. Deitados num refúgio no meio da neve, empilhados com outros turistas. Nem preciso dizer que não pregamos olho a noite toda. Dia seguinte, partida antes da aurora... Pois bem, meu camarada,

não_ falarei mais mal da Suíça: quando se está lá em cima, quando se perdeu de vista toda a cultura, toda a vegetação.

'tudo o que lembra a avareza e Imbecilidade dos homens, tem-se vontade de cantar, de rir, de chorar, de voar, 3è mergulhar em pleno céu ou "de cair de joelhos.

Bernard"

Bernard era espontâneo demais, natural demais, puro demais, conhecia Olivier mal demais, para imaginar o fluxo de sentimentos terríveis que essa carta provocaria nele, uma espécie de redemoinho em que se mesclavam despeito, desespero e raiva. Ele se sentia simultaneamente suplantado no coração de Bernard e no de Édouard.

A amizade de seus dois amigos excluía a sua. Uma frase, sobretudo, da carta

de Bernard o torturava, frase que Bernard jamais haveria escrito se pressentisse tudo o que Olivier poderia ver nela: "No mesmo quarto", repetia-se ele - e a abominável serpente do ciúme sejjgtgrcia em seu coração. "Elesdormem no mesmo quarto!). " U que não imaginava imediatamente! Seu cérebro se enchia de visões impuras que ele nem mesmo tentava afastar. Não sentia ciúmes particularmente nem de Édouard nem de Bernard, mas de ambos. Imaginava-os, ora um ora outro, ou ambos simultaneamente, e ao mesmo tempo os invejava. Recebera a carta ao meio-dia. "Ah! É assim..", repetia-se durante todo o resto do dia. Naquela noite, os demónios do inferno o possuíram.

Na manhã do dia seguinte, precipitou-se para a casa de Robert. O conde de Passavant estava à espera.

Diário de Édouard

"Não me foi difícil encontrar o pequeno Borís. No dia seguinte ao de nossa chegada, ele foi ao terraço do hotel e começou a olhar as montanhas através de uma luneta montada sobre um tripé, colocada ali à disposição dos viajantes. Reconheci-o imediatamente. Uma menina pouco maior que Boris logo se juntou a ele. Eu me instalara ali perto, no salão cuja porta-janela estava aberta, e não perdia uma só palavra de sua conversa. Tinha muita vontade de falar com ele, mas achei mais prudente travar primeiro relações com a mãe da menina, uma médica polonesa sob cujos cuidados está Boris e que o vigia de perto. A pequena Bronja é divina, deve ter uns quinze anos. Usa trançados os espessos cabelos louros, que lhe chegam até a cintura. Seu olhar e o som de sua voz parecem mais angelicais do que humanos. Transcrevo das duas crianças:

- Boris, mamãe prefere que não toquemos na luneta. Você não quer vir passear?

- Sim, quero. Não, não quero.

As duas frases contraditórias foram ditas num só fôlego. Bronja só deu atenção à segunda, e replicou:

- Por quê?

- Faz muito calor, faz muito frio. (Ele largara a luneta.)

- Vamos, Boris, seja bonzinho. Você sabe que mamãe ficaria contente se saíssemos juntos. Onde colocou seu chapéu?

- Vibroskomenopatof. Blaf blaf. ... ;

- O que é que quer dizer isso?

- Nada.

- Então por que você disse?

- Pra que você não entenda.
- Se isso não quer dizer nada, para mim tanto faz que eu não entenda.
- Mas, se quisesse dizer alguma coisa, você também não entenderia.
- Quando a gente fala, é para se fazer entender.
- Se você quiser, podemos brincar de inventar palavras só para nós dois entendermos.
- Trate primeiro de falar francês direito.

- A minha mãe, ela fala francês, inglês, romeno, russo, turco, polonês, italoescópio, espanhol, papagaies e xixitu.

Tudo isso dito muito depressa, numa espécie de furor lírico.

Bronja começou a rir.

- Boris, por que você vive dizendo coisas que não são verdade?

- Por que é que você nunca acredita no que eu digo?

- Acredito no que você diz, quando é verdade.

- Como você sabe quando é verdade? Eu acreditei em você, outro dia, quando me falou dos anjos.

Bronja, me diga: você acha que se eu rezasse bastante eu também os veria?

- Você talvez os veja, se perder o hábito de mentir e se Deus quiser mostrá-los a você. Mas Deus não os mostrará se você rezar só para vê-los. Há muitas coisas muito bonitas que veríamos se fôssemos menos maus.

- Bronja, você não é má, é por isso que pode ver os anjos. Quanto a mim, serei sempre mau.

- Por que não procura não ser mais? Se quiser, vamos até (aqui, a indicação de um lugar que eu não conhecia) e lá rezaremos juntos a Deus e à Virgem Santa para que o ajudem a não ser mais mau.

- Sim. Não, escute: vamos arranjar um bastão. Você segurará uma ponta e eu, a outra. Fecharei os olhos, e prometo que só os abrirei quando chegarmos lá,

; Afastaram-se um pouco, e, quando desciam a escada do terraço, ouvi Boris:

- Sim, não, desse lado, não. Espere que eu o limpe.

- Por quê?

- Eu o toquei.

A sra. Sophroniska aproximou-se de mim, quando eu terminava sozinho meu café da manhã e procurava exatamente o modo de abordá-la. Fiquei surpreso ao ver que ela tinha nas mãos meu último livro: perguntou-me, sorrindo, de modo extremamente afável, se tinha realmente o prazer de falar com o autor, e então lançou-se imediatamente numa longa apreciação sobre o livro. Seu julgamento, elogios e críticas pareceram-me mais inteligentes do que os que escuto habitualmente, embora seu ponto de vista não seja em absoluto literário. Disse-me que se interessava quase exclusivamente por questões psicológicas e pelo que pode trazer nova luz à alma humana. Mas que raros são, acrescentou, os poetas, dramaturgos ou romancistas que sabem não se contentar apenas com uma psicologia já pronta (a única, disselhe eu, capaz de contentar os leitores).

O pequeno Boris lhe foi confiado, durante as férias, por sua mãe. Evitei deixar transparecerem as razões que tinha para me interessar por ele. - Ele é muito delicado, disse-me a sra. Sophroniska. A companhia de sua mãe não lhe convém. Ela falou em vir para Saas-Fée conosco, mas só aceitei ocupar-me do menino se ela o entregasse inteiramente em minhas mãos. Senão, eu não poderia responder pelo tratamento. - Imagine, senhor, continuou, que ela mantém esse menino num estado de contínua exaltação, o que favorece nele a eclosão dos piores problemas nervosos. Desde a morte do pai, essa mulher precisa trabalhar para viver. Era apenas pianista - e, devo dizer, uma incomparável concertista, mas sua maneira de tocar, muito sutil, não poderia agradar ao grande público. Decidiu cantar em concertos, em cassinos, subir ao palco. Levava Boris para o seu camarim; creio que a atmosfera artificial do teatro contribuiu muito para o desequilíbrio dessa criança. Sua mãe o ama muito, mas, para dizer a verdade, seria melhor que ele não vivesse mais com ela.

- O que tem ele, exatamente? perguntei-lhe.

Ela começou a rir:

- É o nome de sua doença que quer saber? Adiantaria muito eu lhe dizer um belo nome científico...

- Diga-me simplesmente do que ele sofre.

- Ele sofre de um sem-número de pequenos problemas, tiques, manias, que nos levam a dizer: é uma criança nervosa, e que se trata geralmente com repouso ao ar livre e com higiene. É verdade que um organismo robusto não permitiria que esses problemas se produzissem. Mas se a debilidade os favorece, não chega a causá-los. Creio que sempre se pode encontrar sua origem num primeiro abalo do ser, devido a algum acontecimento que se precisa descobrir. O doente, desde que se torna consciente dessa causa, está a meio caminho da cura. Mas o mais frequente é que essa causa escape à sua lembrança; dir-se-ia que ela se dissimula à sombra da doença. É atrás desse abrigo que a procuro, para trazê-la à luz do dia, quero dizer, ao campo de visão. Acredito que um olhar claro limpa a consciência como um raio de luz purifica uma água infectada.

Contei a Sophroniska a conversa que havia ouvido na véspera, e segundo a qual parecia-me que Boris estava longe da cura.

- Acontece que também estou longe de conhecer do passado de Boris tudo o que precisaria. Não faz muito tempo que comecei meu tratamento.

- Em que consiste?

- Oh! Simplesmente em deixá-lo falar. Diariamente passo com ele uma ou duas horas. Interrogo-o, mas muito pouco. O importante é ganhar a sua confiança. Já sei muitas coisas. Pressinto muitas outras. Mas o menino ainda se defende, sente vergonha. Se eu insistisse demais e muito depressa, se quisesse forçá-lo a confidências, chegaria ao oposto do que desejo obter: um total abandono. Ele se revoltaria. Enquanto eu não conseguir vencer sua reserva, seu pudor...

A inquisição de que ela me falava pareceu-me a tal ponto atentatória que custei a reter um movimento

de protesto, mas minha curiosidade o afastava:

- Quer dizer que espera desse menino algumas revelações impudicas?

Foi sua vez de protestar:

- Impudicas? Não há aí mais impudor do que em se deixar auscultar. Preciso saber tudo, e em especial aquilo que mais se procura esconder. É preciso que eu leve Boris até a confissão completa; antes disso não poderei curá-lo.

- Suspeita então que ele tem confissões a fazer? Tem certeza, desculpe-me, de não sugerir o que gostaria que ele confessasse?

- Essa preocupação não deve nunca ser esquecida, e é o que me faz prosseguir com tanta lentidão. Tenho visto juizes inábeis insinuarem sem querer, a uma criança, um testemunho inteiramente inventado, e a criança, sob a pressão do interrogatório, mentir com absoluta boa fé e acreditar em culpas imaginárias. Meu papel é o de deixar vir e sobretudo nada sugerir. É preciso uma paciência extraordinária.

- Creio que, nesse caso, o valor do método depende do valor do operador.

- Eu não ousaria afirmá-lo. Garanto-lhe que, depois de algum tempo de prática, chega-se a uma extraordinária habilidade, uma espécie de pressentimento, de intuição, se preferir. Ainda assim, podem-se às vezes seguir pistas falsas; o importante então é não se obstinar. Veja: sabe como começam as nossas entrevistas? Boris começa contando-me o que sonhou durante a noite.

- Quem lhe diz que ele não inventa?

- E se inventasse? Toda invenção de uma imaginação doentia é reveladora.

Calou-se por alguns instantes e:

- Invenção, imaginação doentia... Não, não é isso. As palavras nos traem. Boris, comigo, sonha em voz alta. Ele concorda em permanecer, todas as manhãs, naquele estado de semiconsciência no qual as imagens que se apresentam escapam ao controle de nossa razão. Elas se agrupam e se associam, não mais de acordo com sua lógica

comum, mas de acordo com afinidades imprevistas. Respondem, sobretudo, a uma misteriosa exigência interior, exatamente a que importa descobrir. E essas divagações de uma criança me instruem muito mais do que o faria a mais inteligente análise do mais consciente dos assuntos. Muitas coisas escapam à razão, e aquele que, para compreender a vida, aplica unicamente a razão, é como alguém que procurasse segurar uma chama com pinças. Só tem diante de si um pedaço de madeira carbonizada, que logo deixa de arder.

Parou novamente e começou a folhear meu livro.

- Como penetra pouco na alma humana! exclamou; então acrescentou, rindo: - Oh! Não falo do senhor especialmente. Quero dizer, os romancistas. A maioria das per-

sonagens parece construída sobre pilotis, não tem nem fundações nem subsolo. Acho mesmo que se encontra mais verdade nos poetas; tudo o que é criado exclusivamente pela inteligência pura é falso. Mas estou falando do que não me diz respeito... Sabe o que me desorienta, em Boris? É que o imagino de uma grande pureza.

- Por que diz que isso a desorienta?

- Porque então não sei mais onde buscar a fonte do mal. Nove vezes em dez encontra-se, na origem de uma perturbação dessa ordem, um grande segredo vergonhoso.

- Podemos encontrá-lo em cada um de nós, talvez, disse eu. Mas isso não nos torna a todos doentes, graças a Deus.

Nesse momento, a sra. Sophroniska levantou-se. Acabara de ver Bronja passar pela janela.

- Olhe, disse, mostrando-me a filha, eis o verdadeiro médico de Boris. Ela está me procurando, preciso deixá-lo. Mas nós nos veremos novamente, não é?

Compreendo aliás o que Sophroniska afirma que falta ao romance, mas algumas razões de arte, algumas razões superiores lhe escapam, o que me faz pensar que não é de um bom naturalista que se pode fazer um bom romancista.

Apresentei Laura à sra. Sophroniska. Parecem se dar bem, e estou contente. Tenho menos escrúpulos em me isolar quando sei que estão conversando. Lamento que Bernard

não encontre aqui nenhum companheiro de sua idade, mas ao menos o exame para o qual se deve preparar o mantém ocupado durante várias horas por dia. Consegui voltar a me dedicar ao meu romance."

Apesar da primeira aparência, e ainda que cada um deles, como se diz, "desse de si", as coisas não iam inteiramente bem entre o tio Édouard e Bernard. Laura também não se sentia satisfeita. E como poderia? As circunstâncias a haviam forçado a assumir um papel para o qual absolutamente não nascera; sua honestidade a perturbava.

Como as criaturas ternas e dóceis que se tornam as esposas mais devotadas, ela tinha necessidade, para se apoiar, de decoro, e se sentia sem forças desde que estava fora de seu ambiente. Sua situação perante Édouard parecia-lhe cada dia mais falsa. O que mais a fazia sofrer, e que, por menos que pensasse, se tornava para ela insuportável, era o fato de viver à custa desse protetor, ou melhor, de nada lhe dar em troca. Ou ainda, mais exatamente, era Édouard quem não lhe pedia nada em troca, ao passo que ela estava pronta a conceder-lhe tudo. "Os favores, diz Tácito através de Montaigne, só são agradáveis quando podemos retribuí-los"; e sem dúvida isso só é verdadeiro para as almas nobres; mas Laura é evidentemente uma destas. Ela desejava dar, e era ela que sem cessar recebia, e isso a irritava contra Édouard.

Ademais, quando rememorava o passado, parecia-lhe que Édouard a havia enganado despertando nela um amor que ainda sentia vivo e depois furtando-se a esse amor e deixando-o sem função. Não estaria aí o motivo secreto de seus erros, de seu casamento com Douviers, ao qual se havia resignado, ao

qual Édouard a havia conduzido, e, depois, do seu deixarse levar, logo a seguir, pelas solicitações da primavera? Pois ela devia confessar que, nos braços de Vincent, era ainda Édouard que procurava. E, não se explicando aquela frieza de seu amante, fazia-se responsável, dizia-se que poderia tê-lo vencido, se fosse mais bela ou mais ousada. E, não conseguindo odiá-lo, acusava a si mesma, depreciava-se, negava-se qualquer valor, e suprimia sua razão de ser, e não mais reconhecia em si nenhuma virtude.

Acrescentemos ainda que aquela vida de acampamento, imposta pela disposição dos quartos, que podia parecer muito divertida para seus companheiros, ofendia-lhe o pudor. E ela não vislumbrava nenhuma saída para aquela situação, ainda assim dificilmente

prolongável.

Laura só encontrava um pouco de reconforto e de alegria inventando, para com Bernard, novos deveres de madrinha ou de irmã mais velha. Era sensível ao culto que lhe devotava aquele adolescente cheio de graça; a adoração da qual era objeto sustava-a na queda daquele desprezo por si mesma, daquela mágoa, que podem levar a resoluções extremas os seres mais irresolutos. Bernard, todas as manhãs, quando nenhuma excursão pela montanha o levava antes do amanhecer (pois ele gostava de se levantar cedo), passava duas horas inteiras junto dela lendo em inglês. O exame que deveria prestar em outubro era um pretexto cómodo.

Não se podia realmente dizer que suas funções de secretário lhe tomassem muito tempo. Estavam mal definidas. Bernard, quando as havia assumido, imaginara-se já sentado diante de uma mesa de trabalho, escrevendo o que lhe ditava Édouard, passando a limpo os manuscritos. Édouard nada ditava; os manuscritos, se é que havia, ficavam fechados na mala; em todas as horas do dia Bernard tinha liberdade. Mas como só dependia de Édouard utilizar mais um fervor que só pedia para ser empregado, Bernard não se preocupava muito com sua falta de ocupação e com o fato de não ganhar aquela vida bastante farta que levava graças à liberdade de Édouard. Estava decidido a não se deixar perturbar pelos escrúpulos. Acreditava, não ousou dizer na providência, mas ao menos em sua boa estrela, e que uma certa felicidade lhe era devida, assim como o ar aos pulmões que o respiram. Édouard era seu provedor, assim como o orador sacro, segundo Bossuet', era o da sabedoria divina.

Além do mais, Bernard considerava provisório o atual regime, imaginando poder retribuir um dia, assim que houvesse transformado em dinheiro as riquezas cuja abundância sentia em seu coração. O que realmente o deixava despeitado era que Édouard não procurasse auxílio em alguns dons que sentia ter e que não encontrava em Édouard.

"Não sabe me aproveitar", pensava Bernard, que humilhava seu amor-próprio e, sabiamente, acrescentava logo a seguir: "Azar o dele".

Mas então de onde poderia vir o embaraço entre Édouard e Bernard? Bernard parece-me ser daquela espécie de espíritos que encontram sua segurança na oposição. Ele não suportava que Édouard tivesse ascendência sobre ele, e, antes de ceder à influência, resistia. Édouard, que absolutamente não pensava em dobrá-lo, ao mesmo tempo

se irritava e se entristecia por senti-lo rebelde, pronto para se defender o tempo todo, ou, pelo menos, para se proteger. Chegava então a desconfiar que talvez tivesse cometido um engano trazendo consigo aqueles dois seres, que, ao que parecia, reunira apenas para que se unissem contra ele. Incapaz de penetrar nos sentimentos secretos de Laura, tomava por frieza seu retraimento e suas reticências. Ficaria bem embaraçado se pudesse ver claro, e isso Laura compreendia; de modo que seu amor desdenhado só concentrava sua força para ocultar-se e calar-se.

A hora do chá normalmente reunia os três no quarto maior. com frequência, acontecia que, a seu convite, a sra. Sophroniska se juntasse a eles, principalmente nos dias em que Boris e Bronja iam passear. Ela lhes dava bastante liberdade, apesar de sua pouca idade. Tinha absoluta confiança em Bronja; sabia-a muito prudente, sobretudo com Boris, que se mostrava particularmente dócil com ela. A região era segura, pois para eles não era o caso, obviamente, de se aventurar pelas montanhas e nem mesmo de escalar os rochedos próximos ao hotel. Certo dia em que as duas crianças haviam obtido permissão para ir até o sopé da geleira, com a condição de não se afastarem da estrada, a sra. Sophroniska, convidada para o chá e encora-

' Jacques Bossuet (1627-1704), prelado francês, escritor e orador sacro. (N. da T.)

jada por Bernard e Laura, animou-se a ponto de ousar pedir a Édouard que falasse de seu futuro romance, se aquilo não lhe fosse desagradável.

- Absolutamente, mas não posso contá-lo. Entretanto, ele pareceu quase zangar-se quando Laura

lhe perguntou (pergunta evidentemente inábil) "com que se pareceria o livro".

- com coisa nenhuma! exclamou, e imediatamente, como se só esperasse por aquela provocação: - Por que refazer o que outros já fizeram, ou o que eu mesmo já fiz, ou o que outros além de mim poderiam fazer?

Édouard mal acabara de proferir essas palavras quando percebeu-lhes a inconveniência, o exagero e o absurdo. Pelo menos essas palavras lhe pareceram inconvenientes e absurdas, ou pelo menos receava que assim parecessem ao julgamento de Bernard.

Édouard era muito melindroso. Desde que lhe falassem sobre seu trabalho, e sobretudo desde que lhe

fizessem falar dele, dir-se-ia que perdia a cabeça.

Tinha um profundo desprezo pela habitual presunção dos autores, desfazia-se como podia da sua própria, mas facilmente procurava na consideração alheia um reforço para a sua modéstia: se essa consideração viesse a faltar, a modéstia imediatamente fracassaria. A estima de Bernard era-lhe extremamente importante. Seria para conquistá-la que Édouard, assim que se via diante dele, deixava seu Pégaso empinar-se? ¹ Era a melhor maneira de perdê-la. Édouard sentia isso, dizia-se e repetia-se, mas, a despeito de qualquer decisão, logo que estava diante de Bernard, agia bem ao contrário do que gostaria e falava de um modo que imediatamente julgava absurdo (e que na verdade o era). Devido a isso, poder-se-ia pensar que o amava?... Não, não creio. Para obter de nós a hipocrisia, assim como muito amor, um pouco de vaidade é o bastante.

- Será porque, de todos os géneros literários, discorria Édouard, o romance continua a ser o mais livre, o mais lawless²... será talvez por isso, por medo dessa mesma liberdade (pois os artistas que mais suspiram pela liber-

¹ Pégaso, o cavalo alado da mitologia grega, nascido do corpo de Medusa, quando esta foi morta por Perseu, fez jorrar, com um golpe de seu casco, a fonte Hipocrene, consagrada às musas. Tornou-se, por isso, o símbolo da inspiração poética. (N. da T.)

² 'Sem leis.' Em inglês no original. (N. da T.)

dade são frequentemente os mais loucos desde que a obtém), que o romance sempre se agarrou tão temerosamente à realidade? E não falo somente do romance francês.

Da mesma forma o romance inglês, o romance russo, por mais que escape do constrangimento, submete-se à semelhança. O único progresso que visa é o de aproximar-se ainda mais do natural. O romance jamais conheceu essa "formidável erosão de contornos" de que fala Nietzsche, nem esse distanciamento voluntário da vida que originaram o estilo, nas obras dos dramaturgos gregos, ou nas tragédias francesas do século XVII. Conhecem algo mais perfeito ou mais profundamente humano do que essas obras?

Mas, precisamente, elas só são humanas se o forem em profundidade; elas não se gabam de parecê-lo, ou pelo menos de parecerem reais. Continuam sendo uma obra de arte.

Édouard se levantara e, com muito medo de parecer estar dando uma aula, servia o chá, enquanto falava, depois andava de um lado para outro, depois pingava limão em sua xícara, mas mesmo assim continuava:

- Porque Balzac era um génio, e porque todo génio parece trazer à sua arte uma solução definitiva e exclusiva, decretou-se que o objetivo essencial do romance era fazer "concorrência ao estado civil". Balzac edificou sua obra, mas nunca pretendeu codificar o romance, seu artigo sobre Stendhal demonstra-o bem. Concorrência ao estado civil! Como se já não existisse suficiente feiúra no mundo! O que tenho eu a ver com o estado civil? O estado sou eu, o artista. Civil ou não, minha obra pretende não fazer nenhuma concorrência.

Édouard, que se exaltava, talvez um pouco artificialmente, voltou a sentar-se. Fingia não olhar para Bernard, mas era para ele que falava. A sós com ele, não saberia dizer nada: estava agradecido àquelas duas mulheres por ajudá-lo.

- Às vezes me parece que, em literatura, não admiro nada tanto quanto, por exemplo, em Racine, a discussão entre Mitrídates e seus filhos, em que se sabe, perfeitamente, que nunca um pai e um filho poderiam falar daquele modo, e em que, apesar disso (e eu deveria dizer: por isso), todos os pais e todos os filhos podem se reconhecer.

Localizando e especificando, restringe-se. Não há verdade psicológica senão particular, é verdade, mas não existe arte senão geral. Todo o problema está precisamente

aí, em exprimir o geral pelo particular, em fazer exprimir pelo particular o geral. Permitem que eu acenda meu cachimbo?

- À vontade, à vontade, disse Sophroniska.

- Pois bem, eu queria um romance que fosse ao mesmo tempo tão verdadeiro e tão distanciado da realidade, tão particular e não geral, ao mesmo tempo, tão humano e tão fictício quanto Athalie, Tartufo ou Cinna.

- E... o tema desse romance?

- Não existe, replicou Édouard bruscamente; e talvez seja isso o que ele tem de mais espantoso. Meu romance não tem tema. Sim, eu sei, o que digo parece estúpido.

Digamos, se preferem, que ele não terá um tema... "Uma fatia de vida", dizia a escola naturalista. O grande defeito dessa escola é cortar sua fatia sempre no mesmo sentido, no sentido do tempo, no comprimento. Por que não na largura? Ou em profundidade? Por mim, eu gostaria de simplesmente não cortar. Compreendam-me, eu gostaria de fazer entrar tudo nesse romance. Sem golpes de tesoura para interromper, aqui ou ali, sua substância. Há mais de um ano que trabalho nele, nada me acontece que não coloque ali, e que não queira fazer caber: o que vejo, o que sei, tudo o que me ensina a vida alheia e a minha...

- E tudo isso estilizado? disse Sophroniska, afetando a maior atenção, mas indubitavelmente com um pouco de ironia. Laura não conseguiu reprimir um sorriso. Édouard sacudiu levemente os ombros e recomeçou:

- E nem é exatamente isso o que quero fazer. O que quero é apresentar de um lado a realidade, e do outro esse esforço para estilizá-la, de que lhes falava há pouco.

- Meu pobre amigo, vai fazer seus leitores morrerem de tédio, disse Laura. Não podendo mais esconder seu sorriso, ela decidira rir realmente.

- Absolutamente. Para obter esse efeito, veja, invento uma personagem de romancista, que coloco como figura central, e o tema do livro, se quiser, é precisamente a luta entre o que lhe oferece a realidade e aquilo que ele pretende fazer com isso.

- Sei, sei, percebo, disse polidamente Sophroniska, a quem o riso de Laura estava quase contagiando.

- Poderia ser bastante curioso. Mas, sabe, nos romances, é sempre perigoso apresentar intelectuais. Eles cansam o público, só se consegue fazê-los dizer asneiras, e, a tudo o que tocam, transmitem um ar abstrato.

- E depois eu sei muito bem o que vai acontecer,

exclamou Laura. Você não poderá deixar de se retratar nesse romancista.

Ela adquirira há algum tempo, ao falar com Édouard, um tom zombeteiro que espantava a ela mesma e que desconcertava Édouard ainda mais, porque este percebia um reflexo nos olhares maliciosos de Bernard. Édouard protestou:

- Mas não: terei o cuidado de fazê-lo muito desagradável.

Laura estava a todo o vapor:

- Mas é isso mesmo: todos irão reconhecê-lo, disse ela, explodindo num riso tão sincero que provocou o dos outros três.

- E o plano desse livro, está feito? perguntou Sophroniska esforçando-se por recuperar a seriedade.

- Claro que não.

- Como! claro que não?

- Vocês deveriam compreender que um plano, para um livro desse gênero, é essencialmente inadmissível. Tudo ficaria falseado se eu decidisse algo de antemão. Espero que a realidade me dite o livro.

- Mas pensei que quisesse se afastar da realidade.

- Meu romancista querera se afastar, mas eu o trarei de volta o tempo todo. Para dizer a verdade, esse será o tema: a luta entre os fatos propostos pela realidade e a realidade ideal.

A falta de lógica de seu discurso era flagrante, saltava aos olhos de uma maneira horrível. Ficava claro que, em seu cérebro, Édouard abrigava duas exigências inconciliáveis, e que se consumia querendo harmonizá-las.

- Está muito adiantado? perguntou polidamente Sophroniska.

- Depende do que considera adiantado. Para dizer a verdade, do livro mesmo, ainda não escrevi nem uma linha. Mas já trabalhei muito nele. Penso nele todos os dias e o tempo todo. Trabalho nele de um modo muito curioso, que vou lhe contar: num caderno, anoto diariamente o estado desse romance em meu espírito; sim, é uma espécie de diário que faço, como se faria o de uma criança... Quer dizer que, em lugar de me contentar em resolver, à medida que ela se propõe, cada dificuldade (e toda obra de arte é apenas a soma ou o produto das soluções de uma quantidade de pequenas dificuldades sucessivas), exponho e estudo cada uma dessas dificuldades. Se preferirem, esse cader-

no contém a crítica de meu romance, ou melhor, do romance em geral. Pensem no interesse que teria para nós um caderno semelhante escrito por Dickens, ou por Balzac; se tivéssemos o diário da Educação sentimental, ou dos Irmãos Karamázov! A história da obra, de sua gestação! Seria apaixonante... mais interessante do que a própria obra...

Édouard esperava confusamente que lhe pedissem para ler aquelas anotações. Mas nenhum dos outros três manifestou a menor curiosidade. Em vez disso:

- Meu pobre amigo, disse Laura, com um tom de tristeza; estou vendo que nunca escreverá esse romance.

- Pois bem, vou lhe dizer uma coisa, exclamou impetuosamente Édouard: pouco me importa. É, se eu não chegar a escrever esse livro, será porque a história do livro terá me interessado mais do que o próprio livro, que ela terá tomado o seu lugar, e será melhor assim.

- Não receia, saindo da realidade, perder-se em regiões mortalmente abstraídas e fazer um romance, não de seres vivos, mas de ideias? perguntou timidamente Sophroniska.

- E se assim fosse? gritou Édouard com redobrado vigor. Por causa dos desajeitados que nele se extraviaram, devemos condenar o romance de ideias? À guisa de romances de ideias só nos serviram até agora execráveis romances de teses. Mas não se trata disso, veja bem. As ideias... as ideias, confesso, interessam-me mais do que os homens, interessam-me mais do que tudo. Elas vivem, elas combatem, elas agonizam como os homens. Naturalmente pode-se dizer que nós só as conhecemos por intermédio dos homens, assim como só tomamos conhecimento do vento pelos caniços que ele inclina. Mas de qualquer modo o vento importa mais do que os caniços.

- O vento existe independentemente dos caniços, arriscou Bernard.

Sua intervenção fez Édouard pular, ele que a esperava há muito tempo.

- Sim, eu sei: as ideias só existem pelos homens; mas aí é que está o patético: elas vivem às custas deles.

Bernard havia ouvido tudo aquilo com uma atenção contida. Estava cheio de ceticismo, e pouco

faltou para que Édouard não lhe parecesse um sonhador. Nos últimos instantes, entretanto, a eloquência deste o havia emocionado; sob o sopro daquela eloquência, sentiu inclinar-se seu pensamento. Mas, dizia-se Bernard, como um caniço depois que

o vento passou, esse também logo se reerguerá. Ele memorava o que lhes era ensinado nas aulas: as paixões conduzem os homens, não as ideias. Enquanto isso, Édouard continuava:

- O que eu gostaria de fazer, compreendam-me, é algo que seria como a Arte da fuga. E não vejo por que o que foi possível em música seria impossível em literatura

..

Ao que Sophroniska retrucou que a música é uma arte matemática e que, além de tudo, ao não considerar excepcionalmente nada além do número, ao banir a ênfase e a humanidade, Bach realizara a obra-prima abstrata do tédio, uma espécie de templo astronómico, onde só conseguiam penetrar alguns raros iniciados. Édouard protestou imediatamente que considerava aquele templo admirável, que via ali o término e o ponto mais alto de toda a carreira de Bach.

•- Depois do que, acrescentou Laura, ficamos curados da fuga por muito tempo. A emoção humana, não podendo. mais habitá-la, procurou outras moradas.

A discussão" perdia-se em sofismas. Bernard, que até então se mantivera em silêncio, mas que começava a se impacientar na cadeira, finalmente não aguentou mais.

com uma deferência extrema, exagerada mesmo, como todas as vezes em que dirigia a palavra a Édouard, mas com aquela espécie de bom humor que parecia fazer dessa deferência uma brincadeira:

- Perdoe-me, senhor, disse ele, por conhecer o título de seu livro, visto que o sei por uma indiscrição, mas sobre a qual desejei, creio eu, passar uma esponja.

Porém, o título parecia anunciar uma história...

- Oh! Diga-nos esse título, disse Laura.

- Minha cara amiga, se o deseja... Mas previno-a de que é possível que eu o mude. Temo que seja um

pouco enganador... Vamos, diga-lhes, Bernard.

- Permite-me?... Os moedeiros falsos, disse Bernard. Mas agora diga-nos o senhor: esses moedeiros falsos, quem são?

- Ora, não tenho ideia, disse Édouard.

Bernard e Laura se entreolharam, depois olharam para Sophroniska. Ouviu-se um longo suspiro; creio que foi dado por Laura.

Para dizer a verdade, era em alguns de seus colegas que Édouard pensava a princípio, quando pensou em moe-

)
deiros falsos, e em especial no visconde de Passavant. Mas a atribuição logo se ampliou consideravelmente. Conforme o vento do espírito soprasse de Roma ou de outra parte, seus heróis se transformavam alternativamente em padres ou em maçons. Seu cérebro, se ele o abandonasse à deriva, rapidamente caía no abstrato, onde chafurdava à vontade. As ideias de câmbio, de desvalorização, de inflação, invadiam pouco a pouco seu livro, como as teorias do vestuário invadiram o Sartor Resartus de Carlyle - onde usurpavam o lugar das personagens. Édouard, não podendo falar disso, calava-se do modo mais constrangido, e seu silêncio, que parecia uma confissão de incapacidade, começava a perturbar bastante os outros três.

- Já lhes aconteceu ter nas mãos uma moeda falsa? perguntou finalmente.

- Já, disse Bernard, mas o "não" das duas mulheres cobriu-lhe a voz.

- Pois bem! Imaginem uma moeda de ouro de dez francos que seja falsa. Na realidade ela só vale dez cêntimos. Valerá dez francos enquanto não se descobrir que é falsa. Se eu então partir dessa ideia de que...

- Mas por que partir de uma ideia? interrompeu Bernard, impaciente. Se partisse de um fato bem exposto, a ideia viria habitá-lo por si mesma. Se eu escrevesse Os moedeiros falsos, começaria por apresentar a moeda falsa, a pequena moeda de que falou há pouco... e que eis aqui.

Ao dizer isso, tirou do bolso uma pequena moeda de dez francos, que jogou sobre a mesa.

- Ouçam como soa bem. Tem quase o mesmo som das outras. Juraríamos que é de ouro. Deixei-me enganar hoje de manhã, como o dono do armazém de quem a recebi também o fez, conforme ele mesmo me disse. Ela não tem exatamente o mesmo peso, creio, mas tem o brilho e quase o som de uma moeda verdadeira. É revestida de ouro, de modo que vale, apesar de tudo, um pouco mais de dez cêntimos, mas é de cristal. com o uso, vai se tornar trans: parente. Não, não a esfregue, pois a estragaria. Já quase se pode ver através dela.

Édouard havia-a apanhado e examinava-a com a mais atenta curiosidade.

- Mas de quem o dono do armazém a recebeu?

- Ele não sabe mais. Acha que a tinha há vários dias na gaveta. Divertia-se tentando passá-la para mim, para ver se eu me deixava enganar. Eu ia aceitá-la, palavra!

Mas,

como ele é honesto, disse-me a verdade; depois deixou-me ficar com ela por cinco francos. Queria guardá-la para mostrá-la aos que ele chama de "amadores". Pensei que não poderia haver ninguém melhor do que o autor dos Moedeiros falsos, e foi para lhe mostrar que eu quis ficar com ela. Mas agora que já a examinou, devolva-a a mim. Vejo, infelizmente, que a realidade não lhe interessa.

- Interessa, sim, disse Édouard. Mas me perturba.

- É pena, replicou Bernard.

Diário de Édouard

"Nessa mesma noite

Sophoniska, Bernard e Laura interrogaram-me sobre meu romance. Por que me deixei ser levado a falar? Só disse asneiras. Interrompido felizmente pela volta das duas crianças, vermelhas, sem fôlego, como se tivessem corrido muito. Assim que entrou, Bronja precipitou-se para a mãe; achei que ia soluçar.

- Mamãe, exclamou ela, brigue um pouco com Boris. Ele queria se deitar nu na neve.

Sophoniska olhou para Boris, que permanecia na soleira da porta, de cabeça baixa e com um olhar fixo que parecia quase de ódio. Ela pareceu não notar a expressão insólita daquela criança, e, com uma calma admirável:

- Escute, Boris, disse ela, não se deve fazer isso à tarde. Se você quiser, iremos lá amanhã de manhã, e, primeiro, você experimentará ficar descalço...

Ela acariciava ternamente a cabeça da filha, mas esta, subitamente, caiu no chão e contorceu-se em convulsões. Estávamos bastante inquietos. Sophroniska apanhou-a e estendeu-a sobre o sofá. Boris, sem se mover, olhava a cena com grandes olhos idiotas.

Considero os métodos de educação de Sophroniska excelentes em teoria, mas talvez ela abuse da resistência daquelas crianças.

- Age como se o bem devesse sempre triunfar sobre o mal, disse-lhe eu um pouco mais tarde, quando me vi a sós com ela. (Depois da refeição, fui saber notícias de Bronja, que não tinha podido descer para o jantar.)

- Realmente, disse-me ela. Creio firmemente que o bem deve triunfar. Tenho confiança"

- Entretanto, por excesso de confiança, pode se enganar.

- Todas as vezes em que me enganei, foi porq no jiiinha confiança não foi bastante forte. Hoje, ao deixar as crianças saírem, permiti-me demonstráFúm pouco de inquietação, e elas o sentiram. Todo o resto veio daí. Tomou-me a mão:

- Não tem o ar de acreditar na virtude das convicções... quero dizer, em sua força ativa.

- Realmente, disse eu rindo, não sou místico.

- Pois bem, exclamou ela num impulso admirável, eu acredito do fundo da alma que, sem misticismo, não se faz aqui embaixo nada de grande, nada de belo.

Descoberto no registro de hóspedes o nome de Víctor Strouvillou. De acordo com as informações do dono do hotel, ele deve ter deixado Saas-Fée na antevéspera de nossa chegada, depois de ter ficado aqui quase um mês. Teria tido curiosidade em revê-lo. Sophroniska

certamente conviveu com ele. Será preciso que eu a interrogue."

IV

- Queria perguntar-lhe, Laura, disse Bernard: acha que não existe nada, sobre a terra, que não possa ser posto em dúvida?... A tal ponto que desconfio se não se poderia tomar a própria dúvida como ponto de apoio, pois ela, afinal, creio eu, nunca nos decepcionará. Posso duvidar da realidade de tudo, mas não da realidade de minha dúvida. Eu gostaria... Desculpe-me se me expresso de um modo pedante, não sou pedante por natureza, mas estudei filosofia, e não imagina a marca que a dissertação frequente imprime no espírito. Vou me corrigir, juro-lhe.

- Por que esse parêntese? Gostaria de...?

- Eu gostaria de escrever a história de alguém que primeiro ouve cada um e que vai consultando de um em um, como Panurge', antes de decidir seja lá o que for. Depois de haver comprovado que as opiniões de uns e de outros, sobre cada ponto, se contradizem, ele tomaria a decisão de não ouvir nada mais além de si mesmo, e então se tornaria muito forte.

- É um projeto de velho, disse Laura.

- Sou mais maduro do que imagina. Há alguns dias tenho um caderno, como Édouard. Na página da direita escrevo uma opinião, desde que na página da esquerda, bem em frente, possa inscrever a opinião contrária. Veja, por exemplo, a outra noite; Sophroniska nos disse que fazia com

1 Personagem criada por Rabelais em Pantagruel. (N. da T.)

que Boris e Bronja dormissem com a janela totalmente aberta. Tudo o que ela nos disse em defesa desse regime nos pareceu perfeitamente razoável e convincente, não é verdade? Mas eis que ontem, no salão de fumar do hotel, ouvi aquele professor alemão, que acaba de chegar, sustentar uma teoria oposta, que me pareceu, confesso, ainda mais razoável e mais bem fundamentada. O importante, dizia ele, é, durante o sono, restringir ao máximo os gastos e esse tráfico de trocas que é a vida; o que ele chamava de carburação; somente assim o sono se torna realmente reparador. Dava como exemplo os pássaros que colocam a cabeça sob as asas, todos os animais

que se enrodilham para dormir, de modo a quase não respirarem. Assim como as raças mais próximas da natureza, dizia ele, os camponeses menos cultos se enfunam nos quartos, e os árabes, forçados a dormir ao ar livre, pelo menos cobrem o rosto com o capuz de seus albomozes. Mas, voltando a Sophroniska e às crianças que educa, chego a pensar que ela não deixa de ter razão, e que o que é bom para outros seria prejudicial para os meninos, pois, se compreendi bem, eles trazem consigo germes de tuberculose. Enfim, acho... Mas devo estar aborrecendo-a...

- Não se preocupe com isso. Você acha...?

- Não sei mais.

- Ora, vamos! Ele está amuado. Não tenha vergonha de seus pensamentos.

- Acho que nada é bom para todos, mas somente para alguns; que nada é verdadeiro para todos, mas somente em relação a quem o crê como tal; que não há método ou teoria que seja aplicável indiferentemente a todos. Que se, para agir, precisamos escolher, pelo menos temos a livre escolha. Que se não temos livre escolha a coisa é ainda mais simples, mas que isso me torna verdadeiro (não de modo absoluto, claro, mas em relação a mim), o que me permite o melhor emprego de minhas forças, a utilização de minhas virtudes. Pois ao mesmo tempo não posso conter minha dúvida, e tenho horror à indecisão. O "macio e suave travesseiro" de Montaigne não foi feito para a minha cabeça, pois ainda não tenho sono e não quero repousar. A estrada é longa, a que leva daquilo que eu acreditava ser àquilo que eu talvez seja. Tenho medo, às vezes, de me ter levantado cedo demais.

- Tem medo?

- Não, não tenho medo de nada. Mas saiba que já mudei muito, ou pelo menos minha paisagem interior não é

mais a mesma do dia em que saí de casa e, depois, a encontrei. Imediatamente deixei de buscar a minha liberdade acima de tudo. Talvez não tenha compreendido que estou às suas ordens.

- O que se deve entender por isso?

- Oh! Sabe muito bem. Por que quer me fazer dizê-lo? Espera que eu faça confissões? Não, não, por favor, não disfarce o seu sorriso, ou ficarei sem graça.

- Vamos, meu querido Bernard, não vai afirmar que começa a me amar.

- Eu não começo, diz Bernard. Talvez seja a seus olhos que isso comece a aparecer; mas não pode me impedir

- Era tão agradável para mim não ter que desconfiar de sua amizade! Se agora só puder me aproximar com precaução, como de matéria inflamável... Mas pense na criatura disforme e inchada que serei dentro em pouco. Só o meu aspecto será suficiente para curá-lo.

- Sim, se eu só amasse o seu aspecto. E além disso não estou doente; (ou se amá-la é estar doente, prefiro não me curar.

Eu dizia tudo aquilo seriamente, quase tristemente.

_lhaya-a mais ternamente do "amais o haviam feito Édouard ou Douviers. mas tão respeitosamente que ela não podia se inquietar. Ela segurava um livro inglês cuja

leitura havia interrompido e folheava-o distraidamente. Dirse-ia que não estava ouvindo, de modo que Bernard continuou, sem muito embaraço:

--Eu imaginava o amor como algo vulcânico, pelo
Amenos aquele para o qual nasci. Sim, realmente, eu achava

que só poderia amar de um modo selvagem, devastador. ao

estilo de Byron. Como eu me conhecia mal! Foi sua presen-

Laura, que fez com que eu me conhecesse; tão diferente do que eu imaginava ser! Eu fazia o papel de uma horrível personagem, esforçava-me para me parecer com ela.

Quando penso na carta que escrevi a meu falso pai antes de sair de casa, morro de vergonha, garanto-lhe. Considerava-me um revoltado, um proscrito, que pisoteia

tudo o que se opõe à sua vontade. E eis que, a seu lado. nem sequer tenho mais vontade. Eu aspirava à liberdade como um bem supremo, e assim que me vi livre submeti-me

aos seus... Ah! Se soubesse como é irritant eter na cabeça montes de frases de grandes autores, que vêm irresistivelmente aos lábios__

_quando se quer exprimir um sentimento sincero! Esse sen-

timento é tão novo para mim que ainda não soube inventar _sua linguagem.) Admitamos que não seja amor, já que essa "palavra a desagrada; que seja devoção. Dir-se-ia que àquela liberdade, que até então me parecia infinita, suas leis traçaram limites. Dir-se-ia que tudo o que em mim se agitava, turbulento, disforme, dança harmoniosamente à sua volta. Se algum de meus pensamentos vem a se afastar de sua lembrança, eu o abandono... Laura, não lhe peço que me ame, não sou nada mais que um estudante, não mereço a sua atenção, mas tudo o que desejo fazer no momento é para merecer um pouco a sua... (ah! a palavra é medonha) a sua estima.

Ele se ajoelhou diante dela, e embora ela houvesse recuado um pouco a cadeira, Bernard tocava com a cabeça seu vestido, de braços atirados para trás como em sinal de adoração. Mas, quando sentiu sobre a cabeça pousar a mão de Laura, segurou essa mão, sobre a qual encostou os lábios.

- Como é criança, Bernard! Eu também não sou livre, disse ela, retirando a mão. Tome, leia isto.

Tirou de dentro da blusa um papel amassado, que estendeu a Bernard.

Bernard viu primeiro a assinatura. Como receava, era de Félix Douviers. Por um instante, segurou a carta nas mãos, sem lê-la; ergueu os olhos para Laura. Ela chorava.

Bernard sentiu então romper-se em seu coração mais uma amarra, um daqueles elos secretos que unem cada um de nós a si mesmo, a seu passado egoísta. Então leu:

"Minha Laura bem-amada:

Em nome dessa criancinha que vai nascer, e que juro amar tanto quanto se fosse eu o seu pai, suplico-lhe que volte. Não imagine que nenhuma censura possa acolher sua volta. Não se acuse demais, pois é principalmente por isso que sofro. Não demore. Espero-a com toda a minha alma, que a adora e que se prostra a seus pés."

Bernard estava sentado no chão, defronte a Laura, mas foi sem olhá-la que perguntou:

- Quando recebeu esta carta?

- Esta manhã.

- Eu achava que ele ignorava tudo. Escreveu-lhe? í - Sim; confessei-lhe tudo.

- Édouard sabe?

i - Não, não sabe nada. .

Bernard ficou em silêncio algum tempo, de cabeça baixa. Depois, novamente virado para ela:

- E... que pretende fazer agora?

- Ainda me pergunta?... Voltar para junto dele. Meu lugar é ao seu lado. É com ele que devo viver. Sabe disso.

- Sei, disse Bernard.

Houve um longo silêncio. Bernard falou: -- Acredita que se possa amar o filho de outro tanto quanto o seu próprio, realmente?

- Não sei se acredito, mas espero.

- Por mim, acredito. E não acredito, ao contrário, no que tão idiotamente chamam de "a voz do sangue". É, creio que essa famosa voz não passa de um mito. Li que,

em alguns povos das ilhas da Oceânia, existe o hábito de adotar crianças de terceiros, e que esses filhos adotados são frequentemente preferidos aos outros. O livro dizia, lembro-me bem, "mais cercados de carinho". Sabe o que penso agora?... Penso que aquele que me fez as vezes de pai nunca disse nem fez nada que permitisse a suspeita de que eu não era seu verdadeiro filho, que ao escrever-lhe, como o fiz, que sempre houvera sentido a diferença, estava mentindo, e que, pelo contrário, ele demonstrava para comigo uma espécie de predileção, à qual eu era sensível. De modo que minha ingratidão para com ele é ainda mais abominável, porque agi mal com ele. Laura, minha amiga, queria perguntar-lhe... Será que acha que eu deveria implorar o seu perdão, voltar para junto dele?

- Não, disse Laura.

- Por quê? Se vai voltar para junto de Douviers...

- Disse-me há pouco que o que é verdade para um não o é para outrem. Sinto-me fraca; você é forte. O sr. Profitendieu pode amá-lo, mas, se dou crédito ao que me disse dele, não foram feitos para se entenderem... Ou, pelo menos, espere um pouco. Não volte derrotado para junto dele. Quer que lhe diga tudo o que penso? É por mim, e não por ele, que se propõe fazer isso. Para obter o que chama de minha estima. Não a terá, se eu não o sentir buscá-la. Não posso estimá-lo se não for natural. Deixe para mim o arrependimento; ele não foi feito para você, Bernard.

- Chego quase a gostar de meu nome, quando o ouço de seus lábios. Sabe do que eu mais tinha horror, lá? Era do luxo. Tanto conforto, tantas facilidades... Eu sentia

que me tornara anarquista. Agora, pelo contrário, sinto que me torno conservador. Compreendi isso subitamente, outro dia, diante da indignação que tomou conta de mim ao ouvir o turista da fronteira falar do prazer que sentia em burlar a alfândega. "Roubar o Estado não é roubar ninguém", dizia ele. Como protesto, compreendi repentinamente o que era o Estado. E comecei a gostar dele, simplesmente porque o prejudicavam. Nunca havia refletido sobre isso. "O Estado não passa de uma convenção", dizia ainda ele. Que belo seria, uma convenção que repousasse sobre a boa fé de cada um... se existissem somente pessoas íntegras. Veja, se me perguntassem hoje que virtude me parece a mais bela, eu responderia sem hesitar: a integridade. Oh! Laura! Eu gostaria de, durante toda a minha vida, ao menor choque, emitir um som

puro, íntegro, autêntico. Quase todas as pessoas que conheci soam falso. Valer exatamente o que se parece, não procurar parecer mais do que se vale... Queremos iludir, e preocupamo-nos tanto em parecer algo, que acabamos por não mais saber quem somos... Desculpe-me por lhe falar desse modo. Transmito-lhe as minhas reflexões noturnas.

- Está pensando na moeda que nos mostrou ontem. Quando eu partir...

Ela não conseguiu terminar a frase. As lágrimas lhe subiam aos olhos, e, com o esforço que fez para contê-las, Bernard viu seus lábios tremerem.

- Então, vai partir, Laura... retrucou ele tristemente. Tenho medo que, quando eu não mais a sentir junto a mim, nada mais tenha valor; ou terá tão pouco... Mas, diga-me, queria perguntar-lhe... Será que partiria, teria escrito aquela confissão, se Édouard... Não sei como dizer... (e enquanto Laura enrubescia) se Édouard valesse mais? Oh! Não proteste. Sei bem o que pensa dele.

- Diz isso porque ontem surpreendeu meu sorriso, enquanto ele falava. Imediatamente persuadiu-se de que o julgamos da mesma maneira. Mas não, não é nada disso. Para dizer a verdade, não sei o que penso dele. Ele nunca é o mesmo por muito tempo. Não se liga a nada, mas nada é mais atraente do que sua fuga. 'Conhece-o há muito pouco tempo para julgá-lo. Seu ser se desfaz e se refaz sem parar. Acreditamos que o prendemos... é Proteu¹. Assume a

¹ Deus marinho da mitologia, grega, filho de Poseidon, que tinha o dom de mudar de forma segundo sua vontade. (N. da T.)

forma do que ama. E para compreendê-lo, também, é preciso amá-lo.

- E o ama... Oh! Laura, não é de Douviers que sinto ciúmes, nem de Vincent: é de Édouard.

- Ciúmes, por quê? Amo Douviers, amo Édouard, mas de maneiras diferentes. Se devo também amá-lo, será ainda com um outro tipo de amor.

- Laura, Laura, você não ama Douviers. Sente por ele afeição, piedade, estima: mas isso não é amor. Acho que o segredo de sua tristeza (porque é triste, Laura) é que a vida a dividiu, o amor só a quis incompleta: distribui por vários o que teria gostado de dar a um só. Eu, só posso me dar se for por inteiro.

- É jovem demais para falar desse modo. Não pode saber, ainda, se a vida também não o "dividirá", como diz. De você, só posso aceitar essa... devoção que me oferece.

O resto terá suas exigências, que deverão ser satisfeitas em outra parte.

- Será verdade? Vai me fazer sentir nojo, antecipadamente, de mim e da vida.

- Ainda não conhece nada da vida. Pode esperar tudo dela. Sabe qual foi meu erro? Não esperar mais nada. Foi quando acreditei, infelizmente, que não tinha nada mais para esperar, que me abandonei. Vivi essa primavera, em Pau, como se nada mais importasse. Bernard, posso dizer-lhe, agora, que já fui punida; nunca desespere da vida.

De que serve falar assim a um jovem ser cheio de energia? Tanto mais que o que dizia Laura não era dirigido a Bernard. Levada por sua simpatia, ela pensava alto diante dele, mesmo sem o querer. Era incapaz de fingir, incapaz de se controlar. Assim como havia cedido inicialmente àquele impulso que a arrebatava quando pensava em Édouard, e no qual se traía seu amor, deixara-se levar por uma certa necessidade de fazer sermões, que sem dúvida herdara do pai. Mas Bernard tinha horror a recomendações, a conselhos, ainda que vindos de Laura. Seu sorriso a avisou, e ela recomeçou num tom mais calmo:

- Pensa em continuar a ser secretário de Édouard, ao voltarem para Paris?

- Sim, se ele consentir em me dar o emprego. Mas ele não me dá nada para fazer. Sabe o que me divertiria? Seria escrever com ele esse livro, que, sozinho, ele nunca escreverá, como lhe disse ontem. Acho absurdo aquele método de trabalho que ele nos expôs. Um bom romance é

escrito mais ingenuamente. E, antes de tudo, é preciso acreditar-se no que se conta, não acha? E simplesmente contá-lo. Acreditei a princípio que poderia ajudá-lo.

Se ele tivesse tido necessidade de um detetive, eu talvez satisfizesse as exigências do emprego, ele teria trabalhado sobre os fatos que minha polícia houvesse

descoberto... Mas, com um ideólogo, não há nada a fazer. Junto dele, sinto-me com alma de repórter. Se ele quiser persistir em seu erro, trabalharei pelo meu lado.

Precisarei ganhar a vida. Oferecerei meus serviços a algum jornal. Nesse meio tempo, escreverei

versos.

- Pois, junto aos repórteres, certamente se sentirá com alma de poeta.
- Ora, não zombe de mim. Sei que sou ridículo; não me faça senti-lo demais.
- Fique com Édouard. Ele irá ajudá-lo, e deixe-se ajudar por ele. Ele é bom.

Ouviu-se o sino anunciando o almoço. Bernard levantou-se. Laura tomou-lhe a mão:

- Diga-me outra coisa: aquela moeda que nos mostrou ontem... como uma lembrança sua, quando eu partir
- ela se controlou, e desta vez pôde terminar a frase -, quer dá-la a mim?
- Tome, aqui está, fique com ela, disse Bernard.

v

"É o que sobrevêm a todas as doenças do espírito humano, as quais nos jactamos de haver curado. Apenas as refluímos, como se diz em medicina, e as substituímos por outras."

Sainte-Beuve, Lundis, I, p. 19. -

Diário de Édouard

"Começo a entrever o que chamarei de 'tema profundo' de meu livro. É, será, sem dúvida, a rivalidade entre o mundo real e a representação que nós fazemos dele. A maneira pela qual o mundo das aparências se impõe a nós e aquela pela qual tentamos impor ao mundo exterior a nossa interpretação particular fazem o drama de nossa vida. A resistência dos fatos nos convida a transportar nossa construção ideal para o sonho, a esperança, a vida futura, na qual nossa crença se alimenta de todas as nossas mortificações atuais. Os realistas partem de fatos, acomodam suas ideias aos fatos. Bernard é um realista. Receio não poder entender-me com ele.

Como pude concordar quando Sophroniska me disse que eu nada tinha de místico? Estou pronto a

reconhecer, com ela, que sem misticismo o homem nada pode construir de grande. Mas não é precisamente o meu misticismo que Laura recrimina, quando lhe falo de meu livro?... Deixemos para elas esta discussão.

Sophoniska voltou a me falar de Boris, a quem conseguiu, acha ela, fazer confessar-se inteiramente. O pobre menino não tem mais em si o menor recanto, a menor moita na qual se possa abrigar dos olhares da médica. Está totalmente exposto. Sophroniska revela à luz do dia, desmon-

tadas, as mais íntimas engrenagens de seu organismo mental, como faz um relojoeiro com as peças do relógio que está limpando. Se, depois disso, o menino não funcionar na hora certa, ela perde seu latim. Eis o que Sophroniska me contou:

Boris, com cerca de nove anos, foi colocado na escola, em Varsóvia. Ligou-se a um colega de classe, um tal de Baptistin Kraft, um ou dois anos mais velho que ele, que o iniciou em práticas clandestinas, as quais aquelas crianças ingenuamente maravilhadas acreditavam ser 'magia'. Era o nome que davam a seu vício, por terem ouvido dizer, ou lido, que a magia permite entrar misteriosamente na posse daquilo que se deseja, que ela torna o poder ilimitado, etc. Acreditavam de boa fé haver descoberto um segredo que os consolava da ausência real pela presença ilusória, e alucinavam-se de prazer e extasiavam-se diante de um vazio que sua imaginação exaltada cumulava de maravilhas, com grande aumento de volúpia. É claro que Sophroniska não empregou esses termos; eu desejaria que ela tivesse me repetido exatamente os usados por Boris; mas ela afirma que, de toda uma confusão de dissimulações, reticências e imprecisões, só conseguiu deslindar o que está dito acima, cuja exatidão, porém, me afiançou.

- Encontrei aí a explicação que buscava há muito tempo, acrescentou ela, para um pedaço de pergaminho que Boris guardava sempre consigo, fechado num saquinho que ficava pendurado em seu peito, junto às medalhas de santos que sua mãe o obriga a usar - e no qual havia cinco palavras, em letras maiúsculas, infantis e caprichadas, cinco palavras cujo significado eu lhe perguntava em vão: GÁS.

TELEFONE. CEM MIL RUBLOS.

.- Mas isso não quer dizer nada. É magia' - respondia-me ele sempre que eu o pressionava. Era tudo

quanto conseguia obter. Sei agora que aquelas palavras enigmáticas foram escritas pelo jovem Baptistin, grande mestre e professor de magia, e que as cinco palavras eram para aquelas crianças como que uma fórmula mágica, o 'Abre-te, Sésamo' do paraíso vergonhoso em que a volúpia as mergulhava. Boris chamava aquele pergaminho de seu talismã. Eu já tivera muita dificuldade para conseguir que ele se decidisse a me mostrar, e mais ainda para que se desfizesse dele (foi no início de nossa estada aqui), pois eu queria que ele se livrasse, como sei agora que já se havia anteriormente libertado de seus maus hábitos. Tinha a esperança de que, com aquele talismã, fossem desaparecer os tiques e as manias de que sofre. Mas Boris se agarrava a ele, e a doença aí se agarrava também, como a um último refúgio.

- Disse, no entanto, que ele havia se libertado de seus hábitos...

- A doença nervosa só começou depois disso. Nasceu, sem nenhuma dúvida, do controle que Boris deve ter exercido sobre si mesmo para se libertar. Eu soube por ele que sua mãe o havia surpreendido um dia 'fazendo magia', como ele diz. Por que ela nunca me falou sobre isso?... Por pudor ?...

- E certamente porque sabia que ele se havia corrigido.

- É absurdo... e esta é a causa de eu ter andado tanto tempo às "cegas. Eu lhe disse que acreditava que Boris era inteiramente puro.

- Disse-me até mesmo que era isso o que a perturbava.

- Veja como eu tinha razão!... A mãe deveria ter me advertido. Boris já estaria curado, se eu soubesse tudo de saída.

- Dizia que os distúrbios só começaram depois...

- Digo que nasceram por protesto. Sua mãe o repreendeu, suplicou-lhe, passou-lhe sermões, imagino. Ocorreu a morte do pai. Boris persuadiu-se de que suas práticas secretas, que lhe eram pintadas tão culposas, haviam recebido sua punição. Considerou-se o responsável pela morte do pai, sentiu-se criminoso, amaldiçoado. Teve medo. E foi então que, como um animal acuado, seu organismo debilitado inventou essa quantidade

de pequenos subterfúgios pelos quais se purga a pena íntima e que são como várias confissões.

- Se é que eu a compreendo bem, considera que teria sido menos prejudicial para Boris haver continuado a se entregar livremente à prática de sua 'magia'?

- Acho que, para curá-lo, não era necessário apavorá-lo. A mudança de vida, que seria originada pela morte de seu pai, teria sido sem dúvida suficiente para distraí-lo, e a saída de Varsóvia o bastante para subtraí-lo à influência do amigo". Não se consegue nada de bom pelo pavor. Quando eu soube do que se tratava, falando-lhe sobre tudo isso e voltando atrás em seu passado, fiz com que se envergonhasse de ter preferido a posse de bens imaginários à posse de bens verdadeiros, que são, disse-lhe eu, a recompensa por um

esforço. Longe de procurar denegrir seu vício, representei-o simplesmente para ele como uma das formas da preguiça. E realmente acredito que seja uma delas, a mais sutil, a mais pérfida.

Lembrei-me, ao ouvir essas palavras, de algumas linhas de La Rochefoucauld que quis lhe mostrar, e, embora pudesse citá-las de memória, fui apanhar o pequeno livro das Máximas, sem o qual nunca viajo. Li para ela:

'De todas as paixões, a que nos é mais desconhecida é a preguiça; ela é a mais ardente e a mais maligna de todas, embora sua violência seja insensível e os prejuízos que causa sejam muito ocultos... O repouso da preguiça é um encanto secreto da alma que suspende subitamente as mais ardentes buscas e as mais férreas resoluções.

Para dar enfim a verdadeira ideia dessa paixão, é preciso dizer que a preguiça é como uma beatitude da alma, que a consola de todas as suas perdas e que substitui todos os seus bens'.

- Acredita, disse-me então Sophroniska, que La Rochefoucauld, ao escrever isso, quis insinuar o que dizíamos?

- Pode ser, mas não o creio. Nossos autores clássicos possuem todas as interpretações que se permitem. Sua precisão é ainda mais admirável por não pretender ser

exclusiva.

Pedi-lhe que me mostrasse o famoso talismã de Borís, Ela me disse que não o tinha mais, que o havia dado a alguém que se interessara por Boris e que o havia pedido como lembrança. - Um certo sr. Strouvilhou, que conheci aqui algum tempo antes de sua chegada.

Eu disse a Sophroniska que vira esse nome no registro de hóspedes, que conhecera anteriormente um Strouvilhou e que tinha curiosidade em saber se era o mesmo. Pela descrição que me fez, não poderia ser outro, mas ela não me disse nada a seu respeito que pudesse satisfazer minha curiosidade. Fiquei sabendo apenas que ele era muito amável, muito prestativo, que lhe parecera muito inteligente mas um pouco preguiçoso, 'se é que ainda ousou empregar esta palavra', acrescentou, rindo. Conteí-lhe por minha vez o que sabia de Strouvilhou, e isso me levou a falar do pensionato onde nos havíamos conhecido, dos pais de Laura (que, por sua vez, já lhe havia feito confidências), do velho La Pérouse, enfim, dos laços de parentesco que o ligavam ao pequeno Boris, e da promessa que eu havia feito, ao deixá-lo, de levar-lhe a criança. Como Sophroniska me havia dito anteriormente que não considerava desejável que Boris continuasse a viver com sua mãe: 'Por que não o coloca

como interno no Pensionato Azais? perguntei-lhe. Ao sugerir-lhe isso, eu pensava principalmente na imensa alegria do avô sabendo Boris bem junto a ele, em casa de amigos, onde poderia vê-lo à vontade. Mas não posso crer que, por seu lado, o menino fique bem. Sophroniska disse-me que iria refletir sobre aquilo; além disso, estava extremamente interessada em tudo o que eu acabara de lhe contar.

Sophroniska continua repetindo que o pequeno Boris está curado: essa cura deve corroborar seu método, mas receio que ela se antecipe um pouco. Naturalmente, não quero contradizê-la; e reconheço que os tiques, as indecisões, as reticências no falar, praticamente desapareceram. Mas me parece que a doença simplesmente tenha se refugiado numa região mais profunda do ser, como para escapar ao olhar inquisidor do médico, e que agora a própria alma tenha sido atingida. Assim como ao onanismo se sucederam os movimentos nervosos, estes agora cedem a não sei qual transe invisível. Sophroniska se inquieta, é verdade, por ver Boris, nos passos de Bronja, mergulhado numa espécie de misticismo pueril. Ela é muito inteligente para não compreender que esta nova 'beatitude da alma' que Boris procura agora não é afinal

muito diferente daquela que ele inicialmente provocava por artifícios e que, por ser menos dispendiosa, menos nefasta para o organismo, não o afasta menos do esforço e da realização. Mas, quando lhe falo sobre isso, responde-me que almas como as de Boris e de Bronja não se podem abster de um alimento quimérico, e que, se este lhes fosse tirado, sucumbiriam, Bronja no desespero e Boris num materialismo vulgar. Acredita, por outro lado, que não tem o direito de destruir a confiança dessas crianças, e, embora considerando mentirosa sua crença, quer ver nela uma sublimação dos instintos baixos, uma postulação superior, uma incitação, uma preservação, ou o que quer que seja... Sem acreditar ela mesma nos dogmas da Igreja, crê na eficácia da fé. Fala com emoção da piedade das duas crianças, que lêem juntas o Apocalipse, e se exaltam, e conversam com os anjos e revestem suas almas de sudários brancos. Como todas as mulheres, está cheia de contradições. Mas tinha razão: não sou decididamente um místico... muito menos um preguiçoso. Conto muito com a atmosfera do Pensionato Azais e de Paris para fazer de Boris um trabalhador, para curá-lo afinal da busca de 'bens imaginários'. Lá, para

ele, está a saúde. Sophroniska pensa, creio, em confiá-lo a mim, mas certamente o acompanhará a Paris, desejava de cuidar ela mesma de sua instalação em casa dos Azais e, assim, de tranquilizar a mãe, cuja aprovação faz questão de obter."

VI

"Há certos defeitos que, bem empregados, brilham mais do que a própria virtude."

La Rochefoucauld

De Olivier para Bernard

"Meu caro:

Que eu lhe conte antes de tudo que passei em meus exames. Mas isso não tem importância. Uma ocasião única de viajar se ofereceu para mim. Eu ainda hesitava, mas depois da leitura de sua carta agarrei-a. Leve resistência por parte de minha mãe, no princípio, mas sobre a qual logo triunfou Vincent, que se mostrou de uma gentileza que eu não esperava dele. Não posso crer que, na circunstância à qual sua carta faz alusão, ele tenha agido como um patife. Temos, na nossa idade, uma aborrecida

tendência para julgar as pessoas com muita severidade e para condenar sem apelação. Muitos atos não parecem repreensíveis, odiosos mesmo, simplesmente porque não lhes conhecemos suficientemente os motivos. Vincent não... Mas isso me levaria lon'ge demais, e tenho inúmeras coisas a contar.

Saiba que é o redator-chefe da nova revista AvantGarde quem lhe escreve. Depois de algumas deliberações, aceitei assumir essas funções, das quais o conde Robert de Passavant me julgou digno. É ele quem financia a revista, mas não quer que isso venha a público, e, na capa, só o meu nome figurará. Começaremos a circular em outubro; procure enviar-me algo para o primeiro número; eu ficaria desolado se o seu nome não brilhasse ao lado do meu no primeiro

sumário. Passavant gostaria que, no primeiro número, aparecesse algo bastante livre e picante, porque acha que a mais fatal censura a que se pode expor uma nova revista é a de ser pudica. Concordo com ele. Nós conversamos muito. Ele pediu-me que escrevesse, e me forneceu um tema um tanto arriscado para uma novela curta. Isso me aborrece um pouco por causa de minha mãe, a quem me arrisco a magoar, mas azar. Como diz Passavant: quanto mais se é jovem, menos o escândalo é comprometedor.

Escrevo de Vizzavone. Vizzavone é um lugarejo a meio flanco de uma das mais altas montanhas da Córsega, dissimulado no meio de uma espessa floresta. O hotel em que nos hospedamos fica bastante longe da aldeia e serve aos turistas como ponto de partida para excursões. Estamos aqui há poucos dias. Começamos nos instalando em um albergue, não muito distante da admirável baía de Porto, absolutamente deserta, onde descíamos para nos banhar pela manhã e onde se pode ficar à vontade o dia inteiro. Era maravilhoso, mas fazia calor demais e precisamos subir para a montanha.

Passavant é um companheiro encantador; não se preocupa absolutamente com seu título. Quer que eu o chame de Robert, e inventou chamar-me Olive. Diga, não é encantador? Faz tudo para me fazer esquecer sua idade, e garante-me que consegue. Minha mãe estava um pouco assustada por me ver partir com ele, pois mal o conhece. Eu hesitava, com medo de magoá-la. Antes de sua carta, quase havia renunciado. Vincent persuadiu-a, e sua carta de repente me deu coragem. Passamos os últimos dias, antes de partirmos, percorrendo as lojas. Passavant é tão generoso que queria sempre me oferecer tudo, e eu

precisava o tempo todo fazê-lo parar. Mas ele achava horríveis meus pobres trapos: camisas, gravatas, meias, nada do que eu tinha lhe agradava. Repetia que, se eu devia viver com ele algum tempo, ele sofreria demais não me vendo vestido corretamente - ou seja, como lhe agrada. Naturalmente, todas as compras eram enviadas à casa dele, para não inquietar mamãe. Ele próprio é refinadamente elegante, mas sobretudo tem muito bom gosto, e muitas coisas que me pareciam suportáveis tornaram-se atualmente odiosas. Você não imagina como ele podia ser divertido nas lojas. É tão espirituoso! Para lhe dar uma ideia: estávamos na Brentano, onde ele mandara consertar sua caneta. Havia atrás dele um enorme inglês que queria passar na frente e que, como Robert o empurrou um pouco

bruscamente, começou a gaguejar não sei o quê, em sua direção. Robert virou-se e, muito calmo:

- Não vale a pena. Não entendo inglês. O outro, furioso, retrucou, em puro francês:

- Deveria sabê-lo, senhor.

E então, Robert, sorrindo muito polidamente:

- O senhor bem vê que não vale a pena.

O inglês fuzilava, mas não soube mais o que dizer. Era de morrer de rir.

Outro dia, estávamos no Olympia. Durante o intervalo, passeávamos pelo corredor, onde circulavam inúmeras putas. Duas delas, de aspecto bem miserável, se aproximaram:

- Paga um chope, querido? Sentamo-nos a uma mesa, com as duas:

,; - Garçom, um chope para as senhoras. : - E para os senhores?

- Nós?... Oh! Nós tomaremos champanhe - disse ele negligentemente. E pediu uma garrafa de moétl, que nós dois bebemos de um trago. Se você tivesse visto a cara das pobres moças!... Acho que ele tem horror a putas. Confidenciou-me que nunca entrou num bordel, e deu-me a entender que ficaria muito zangado comigo se eu o fizesse.

Você pode ver que é um tipo muito decente, apesar de sua aparência e de suas frases cínicas - como quando diz que, numa viagem, chama de 'dia morno' aquele em que não encontra, before lunch 2, pelo menos cinco pessoas com quem tenha vontade de dormir. Devo

dizer, entre parênteses, que não recomecei... - você me entende.

Ele tem uma maneira de moralizar que é absolutamente divertida e especial. Disse-me outro dia:

- Veja, menino, o importante na vida é não se deixar levar. Uma coisa traz outra, e depois não se sabe mais aonde se vai. Por exemplo, conheci um rapaz de bem que deveria casar-se com a filha da minha cozinheira. Uma noite, ele entrou por acaso numa pequena joalheria. Ele matou. E, depois, roubou. E, depois, dissimulou. Você vê aonde isso leva. A última vez em que o vi, havia se tornado mentiroso. Tome cuidado.

E ele é assim o tempo todo. Como vê, não me aborreço. Partimos com a intenção de trabalhar muito, mas até

1 Referência ao Moët & Chandon, uma das mais conhecidas marcas de champanhe francês. (N. da T.)

2 "Antes do almoço." Em inglês no original. (N. da T.)

7

agora não fizemos mais do que nos banhar, secar-nos ao sol e conversar. Ele tem, principalmente, opiniões e ideias extremamente originais. Animo-o o mais que posso a escrever certas teorias totalmente novas, que me expôs a respeito dos animais do fundo do mar e ao que ele chama de 'luzes pessoais', que lhes permitem viver sem a luz do sol, e que ele compara à da graça e da 'revelação'. Exposto em poucas palavras, como faço, não quer dizer nada, mas garanto a você que, quando ele fala sobre isso, é interessante como um romance. Ninguém sabe, em geral, que ele é tão entendido em história natural; mas ele tem uma certa vaidade em esconder seus conhecimentos.

São o que chama de suas jóias secretas. Diz que só os rastaqueras têm prazer em exhibir, aos olhos de todos, seus adereços, e sobretudo quando são falsos.

Ele sabe servir-se admiravelmente das ideias, das imagens, das pessoas, das coisas; isso quer dizer que tira proveito de tudo. Diz que a grande arte da vida não está tanto em gozar, mas sim em aprender a tirar partido.

Escrevi alguns versos, mas não estou contente com eles o bastante para enviá-los a você.

Até a vista, meu caro. Até outubro. Você também me achará mudado. Ganho a cada dia um pouco

mais de segu_rança. Fico contente por sabê-lo na Suíça, mas bem vê que nada tenho a invejá-lo

*

Olivier"

Bernard estendeu essa carta a Édouard, que a leu sem nada deixar transparecer dos sentimentos que ela lhe causava. Tudo o que Olivier dizia tão prazerosamente sobre Robert o indignava e terminava por fazer com que o odiasse. Ressentia-se sobretudo de não ter sido nem mesmo citado na carta, e por Olivier parecer tê-lo esquecido.

Fez esforços vãos para decifrar, sob um espesso rabisco, as três linhas, escritas como post-scriptum, que se seguem:

"Diga ao tio É... que penso constantemente nele; que não posso perdoá-lo por ter me abandonado, e que disso me ficou no coração uma ferida mortal".

Essas linhas eram as únicas sinceras dessa carta afetada, ditada pelo despeito. Olivier as havia riscado.

Édouard devolvera a Bernard a horrível carta, sem uma palavra. Sem uma palavra, Bernard a recebera. Eu disse que eles não se falavam muito; uma espécie de constrangimento

estranho, inexplicável, pesava sobre ambos quando se viam a sós. (Não gosto desta palavra, "inexplicável", e só a escrevo aqui por insuficiência provisória.) Mas nessa noite, em seu quarto e enquanto se preparavam para dormir. Bernard, com grande esforço, e a garganta um pouco contraída, perguntou:

-• Laura mostrou-lhe a carta que recebeu de Douviers?

- Eu não tinha dúvidas de que Douviers aceitasse a coisa como deveria, disse Édouard, metendo-se na cama. É um homem de bem. Um pouco fraco, talvez, mas mesmo assim um homem de bem. Vai adorar essa criança, tenho certeza. E o garoto será certamente mais robusto do que ele próprio teria conseguido fazer. Pois não me parece lá muito parrudo.

Bernard gostava demais de Laura para não ficar chocado com a desenvoltura de Édouard, entretanto nada deixou transparecer.

- Ora! continuou Édouard, apagando sua vela, estou contente por ver terminar do melhor modo essa história, que parecia sem outra saída senão o desespero. Acontece a qualquer um dar um passo errado. O importante é não insistir...

- Evidentemente, disse Bernard, para evitar a discussão.

- É preciso que eu lhe confesse, Bernard, que receio ter dado um em relação a nós...

- Um passo errado?

- Palavra de honra. Apesar de toda a afeição que lhe dedico, há alguns dias venho me convencendo de que não fomos feitos para nos entender, e que... (hesitou alguns instantes, procurando as palavras), o fato de você me acompanhar por mais tempo vai atrapalhar o seu caminho.

Bernard pensava o mesmo, por tanto tempo quanto Édouard havia dito, mas Édouard certamente não poderia dizer nada mais adequado para prender Bernard. Dominado pelo instinto de contradição, este protestou:

- Não me conhece bem; eu mesmo não me conheço. Não me pôs à prova. Se não tem nenhuma queixa contra mim, posso pedir-lhe que espere um pouco mais? Admito que não nos parecemos, mas pensei, exatamente, que seria melhor, para cada um de nós, que não nos parecêssemos muito. Creio que, se posso ajudá-lo, é principalmente devido a nossas diferenças e pelo que eu lhe traria de novo. Se abuso, sempre será tempo de me advertir. Não sou do género

de me queixar, nem de recriminar. Mas escute, eis o que lhe proponho; talvez seja idiota... O pequeno Boris, se compreendi bem, deverá ir para o Pensionato Vedei-Azais.

Sophoniska não lhe falou de seus receios de que ele se sentisse um pouco perdido? Se eu próprio me apresentasse lá, com uma recomendação de Laura, não poderia esperar conseguir um emprego, de fiscal, de monitor, alguma coisa? Preciso ganhar a vida. Pelo que faria lá, não pediria muita coisa, casa e comida me bastariam... Sophroniska

confia em mim, e Boris se dá bem comigo. Eu o protegeria, ajudá-lo-ia, seria seu preceptor, seu amigo. Ficaria no entanto à sua disposição, trabalharia com você simultaneamente, e atenderia ao menor chamado seu. Diga-me, o que acha disso? E, como para dar mais peso a "isso", acrescentou:

- Há dois dias venho pensando.

O que não era verdade. Se não tivesse acabado de inventar esse belo projeto naquele mesmo instante, já teria falado a respeito dele com Laura. Mas o que era verdade, e que ele não dizia, é que desde sua indiscreta leitura do diário de Édouard e desde que conhecera Laura, pensava frequentemente no Pensionato Vedei. Queria conhecer Armand, aquele amigo de Olivier, de quem Olivier nunca lhe falara. Queria, mais ainda, conhecer Sarah, a irmã caçula. Mas sua curiosidade permanecia secreta: em respeito a Laura, não a confessava nem a si mesmo.

Édouard nada dizia; no entanto, o projeto que Bernard lhe apresentava lhe agradava, já que lhe garantia um domicílio. Preocupava-se em ter que hospedá-lo. Bernard soprou sua vela, depois continuou:

- Não creia que não compreendi nada do que disse sobre seu livro e sobre o conflito que imagina existir entre a realidade bruta e a...

- Não o imagino, interrompeu Édouard. Ele existe.

- Mas, precisamente, não seria bom se eu lhe trouxesse alguns fatos, para permitir-lhe lutar contra eles? Eu observaria, em seu lugar.

Édouard desconfiava que o outro estivesse se divertindo à sua custa. A verdade é que se sentia humilhado por Bernard. Ele se exprimia bem demais.

- Pensaremos nisso, disse Édouard.

Um longo tempo decorreu. Bernard tentava em vão dormir. A carta de Olivier o atormentava. Finalmente, não se contendo mais, e como ouvisse Édouard agitando-se em sua cama, murmurou:

- Se não está dormindo, queria perguntar-lhe ainda uma coisa... Qual a sua opinião sobre o conde de

Passavant?

- Ora, pode imaginar muito bem; disse Édouard. E um instante depois: - E a sua?

- Eu, disse Bernard com selvageria... eu o mataria.

VII

O viajante, chegando ao alto da colina, senta-se e olha antes de retomar seu caminho, agora em declive. Procura distinguir para onde o conduz afinal aquela estrada sinuosa que tomou, que lhe parece perder-se nas sombras e, já que finda o dia, na noite. Assim o autor imprevidente pára um instante, retoma fôlego, e pergunta-se com inquietação aonde o levará sua narrativa.

Receio que, ao confiar o pequeno Boris aos Azais, Édouard cometa uma imprudência. Como impedi-lo? Cada ser age de acordo com sua lei, e a de Édouard o leva sem cessar a experiências. Ele tem um bom coração, sem dúvida, mas eu com frequência preferiria, para o repouso dos outros, vê-lo agir por interesse, pois a generosidade que o arrasta não é, na maioria das vezes, senão a companheira de uma curiosidade que poderia se tornar cruel. Ele conhece o Pensionato Azais, sabe o ar empestado que lá se respira, sob o sufocante pretexto da moral e da religião. Conhece Boris, sua ternura, sua fragilidade. Deveria prever a que atritos o expõe. Mas ele não admite considerar nada além da proteção, da força e do apoio que a precária pureza da criança pode encontrar na austeridade do velho Azais. A que sofismas dá ouvidos? O diabo certamente os sopra, pois ele não os escutaria, se vindos de outrem.

Édouard mais de uma vez me irritou (quando fala de Douviers, por exemplo), indignou-me mesmo. Espero não tê-lo demonstrado demais, mas posso dizê-lo agora. Sua ma-

neira de se comportar com Laura, tão generosa às vezes, pareceu-me, em certas ocasiões, revoltante.

O que não me agrada em Édouard são as razões que ele se dá. Por que procura se persuadir, atualmente, de que conspira para o bem de Boris? Mentir aos outros, ainda passa, mas a si mesmo! Pretende ele levar uma criança a beber da torrente que a afoga?... Não nego que existam, pelo mundo afora, atitudes nobres, generosas, e mesmo desinteressadas. Digo apenas que sob o mais belo motivo por vezes se esconde um diabo hábil e que

sabe tirar proveito daquilo que acreditávamos estar-lhe roubando.

Aproveitemos este clima de verão que dispersa nossas personagens para examiná-las à vontade. Tanto mais por estarmos no ponto médio de nossa história, em que sua marcha diminui e parece tomar um novo impulso, para em breve precipitar seu curso. Bernard é certamente jovem demais para assumir a direção de uma trama. Ele se compromete a preservar Boris: poderá, no máximo, observá-lo. Já vimos Bernard se modificar; as paixões podem mudá-lo ainda mais. Encontro num caderno algumas frases em que anotei o que pensava dele anteriormente:

"Eu deveria ter desconfiado de um gesto tão excessivo quanto o de Bernard no começo de sua história. Parece-me, a julgar por suas disposições subsequentes, que ele como que esgotou todas as suas reservas de anarquia, que sem dúvida teriam sido cultivadas se ele houvesse continuado a vegetar, como de praxe, na opressão de sua família. A partir do que, ele viveu em reação e como que em protesto contra aquele gesto. O hábito que assumiu, de revolta e oposição, leva-o a se revoltar contra a própria revolta. Certamente não é um de meus heróis que me tenham mais decepcionado, pois talvez não fosse um daqueles dos quais eu esperasse mais. Talvez ele se tenha deixado levar por si mesmo cedo demais".

Mas isso não me parece mais muito justo. (Creio que ainda é preciso dar-lhe crédito) Muita generosidade o anima. Sinto nele virilidade, e força; ele é capaz de indignação. Ele se ouve falar um pouco demais, mas é também porque fala bem. Desconfio dos sentimentos que encontram depressa demais sua expressão. É um bom aluno, mas os sentimentos novos não se introduzem facilmente nas formas aprendidas. Um pouco de invenção o forçaria a gaguejar. Já leu demais, reteve demais, e aprendeu muito mais nos livros do que na vida. '••'•

Não posso me consolar da passagem que o fez tomar o lugar de Olivier junto a Édouard. Os acontecimentos se arranjaram mal. Era Olivier quem amava Édouard. com que cuidado este não o teria formado? com que amoroso respeito não o teria guiado, apoiado, trazido até ele? Passavant vai destruí-lo, não há dúvida. Nada é mais pernicioso para ele do que esse envolvimento sem escrúpulos. Eu esperava de Olivier que ele tivesse sabido se defender melhor; mas ele é de natureza terna, e sensível à adulação.

Tudo lhe sobe à cabeça. Ademais, creio ter compreendido, por certos tons de sua carta a Bernard, que ele é um pouco vaidoso. Sensualidade, despeito, vaidade, como tudo isso o torna vulnerável! Quando Édouard o reencontrar, será tarde demais, receio. Mas ele ainda é jovem, e temos o direito de ter esperanças.

Passavant... melhor nem falar, não é mesmo? Nada é simultaneamente mais nefasto e mais aplaudido do que os homens de sua espécie, a não ser as mulheres semelhantes a Lady Griffith. No princípio, confesso, esta me causava . bastante admiração. Mas rapidamente reconheci meu erro. Tais personagens são talhadas em matéria sem densidade.

A América exporta várias delas, mas não é a única a produzi-las. Fortuna, inteligência, beleza, parece que têm tudo, à exceção de alma. Vincent, certamente, em breve deverá ' se convencer disso. Eles não sentem pesar sobre si nenhum passado, nenhuma restrição: são sem lei, sem mestres, sem escrúpulos. Livres e espontâneos, fazem o desespero do romancista, que não obtém deles senão reações sem valor. Espero não rever Lady Griffith por muito tempo. Lamento que ela nos tenha tirado Vincent, que, ele sim, interessavame bem mais, mas que se banaliza ao conviver com ela. Envolvido por ela, perde os contornos. É pena: ele os tinha bastante belos.

Se ainda me acontecer um dia inventar uma história, não a deixarei mais ser habitada a não ser por caracteres enérgicos, que a vida, longe de embotar, aguce. Laura, Douviers, La Pérouse, Azais... o que fazer de toda essa gente? Não os procurei, foi seguindo Bernard e Olivier que os encontrei em meu caminho. Pior para mim; agora, estou preso a eles.

'terceira parte PARIS

"Quando possuímos mais algumas boas monografias regionais novas - então, mas somente então, agrupandolhes os dados, comparando-os, confrontando-os minuciosamente, poderemos retomar a questão como um todo, jazê-la dar um passo novo e decisivo. Proceder de outro modo seria partir, munido de duas ou três ideias simples e grosseiras, para uma espécie de excursão rápida. O que seria passar, na maioria dos casos, ao largo do particular, do individual, do irregular - isto é, em suma, do mais interessante."

Lucien Febvre, A Terra e a evolução humana.

"Sua volta a Paris não lhe trouxe nenhum -prazer."

... , Flaubert, A educação sentimental.

Diário de Édouard

"22 de setembro

Calor, tédio. Volto a Paris oito dias antes do devido.

Minha precipitação sempre me fará adiantar-me ao chamado. Curiosidade, mais do que cuidado. Desejo de antecipação. Nunca soube me conciliar com minha sede.

Levei Boris a seu avô. Sophroniska, que o fora prevenir na véspera, fez-me saber que a sra. de La Pérouse fora para o asilo. Ufa!

Eu deixara o menino no patamar, depois de tocar a campainha, achando que seria mais discreto não assistir ao primeiro encontro: eu receava os agradecimentos do velho.

Interroguei o menino, depois, mas nada consegui obter. Sophroniska, a quem reví, disse-me que a criança também não lhe disse nada. Quando, uma hora mais tarde, ela foi buscá-lo, conforme o combinado, uma criada abriu-lhe a porta. Sophroniska encontrou o velho sentado diante de um jogo de damas; o menino, num canto do outro lado da sala, entediava-se.

- É curioso, disse La Pérouse, perplexo, ele parecia se divertir, mas de repente ficou farto. Receio que me falte um pouco de paciência.

Havia sido um erro deixá-los a sós muito tempo."

"27 de setembro

Esta manhã, encontrei Molinier perto do Odéon. Pauline e Georges só retornam depois de amanhã. Sozinho em Paris desde ontem, se Molinier se entediava tanto quanto eu, nada de surpreendente que tenha parecido maravilhado por me encontrar. Fomos nos sentar no Luxemburgo, à espera da hora de almoçar, já que havíamos combinado fazê-lo juntos.

Molinier adota comigo um tom metido a engraçado, às vezes até mesmo galhofeiro, que certamente considera deva agradar a um artista. Uma certa preocupação em se mostrar ainda jovem.

'No fundo, sou um apaixonado', declarou-me. compreendi que queria dizer: um libidinoso. Sorri, como se faria ao ouvir uma mulher declarar que tem pernas bonitas; um sorriso que significa: 'Tenha certeza de que nunca duvidei disso'. Até hoje, eu só havia visto nele o magistrado; o homem enfim se descartava da toga.

Esperiei até que estivéssemos sentados no Foyot para lhe falar sobre Olivier. Disse-lhe que havia tido recentemente notícias dele por um de seus colegas e que soubera que estava na Córsega com o conde de Passavant.

- É verdade, é um amigo de Vincent, que lhe propôs levá-lo. Como Olivier acabara de se diplomar com notas brilhantes, sua mãe achou que não deveria recusar-lhe esse prazer... É um literato, esse conde de Passavant. Deve conhecê-lo.

Não lhe ocultei em absoluto que não gostava muito nem de seus livros nem de sua pessoa.

- Entre confrades, o julgamento é por vezes um pouco severo, retrucou. Tratei de ler seu último romance, ao qual alguns críticos dão grande valor. Não vi grande coisa, mas, como sabe, não entendo disso... Então, como eu exprimissemos meus receios sobre a influência que Passavant poderia exercer sobre Olivier:

- Para dizer a verdade, acrescentou ele pastosamente, eu, pessoalmente, não aprovava essa viagem. Mas é preciso se dar conta de que, a partir de uma certa idade, os filhos nos escapam. É a regra, e não há nada a fazer contra isso. Pauline gostaria de ficar debruçada sobre eles. Às vezes digo a ela: 'Você aborrece os seus filhos. Deixe-os tranquilos. É você quem lhes dá ideias, com todas as suas perguntas...' Acho que de nada adianta vigiá-los tempo demais. O impor-

tante é que uma educação inicial lhes incuta alguns bons princípios. O importante é principalmente que tenham a quem sair. A hereditariedade, veja, meu caro, essa triunfa sobre tudo. Há certos indivíduos maus que nada corrige, aqueles a quem chamamos predestinados. É preciso, a estes, manter bem presos. Mas quando se está lidando com naturezas boas, pode-se soltar um pouco o freio.

- Dizia-me, no entanto, continuei, que esse rapto de Olivier não tinha o seu consentimento.

- Ora! Meu consentimento... meu consentimento, disse ele com o nariz no prato, às vezes não é

levado muito em conta, o meu consentimento. É preciso considerar que nos casamentos, e falo dos mais unidos, nem sempre é o marido quem decide. Mas não é casado, isso não lhe interessa...

- Desculpe-me, disse eu, rindo, sou romancista...

- Então já pôde certamente perceber que nem sempre é por fraqueza de caráter que um homem se deixa conduzir por sua mulher.

- Realmente existem, concedi como adulação, homens firmes, e mesmo autoritários, que se descobre serem, em casa, de uma docilidade de carneiro.

- E sabe a que se deve isso? continuou ele... Nove vezes em dez, quando o marido cede à mulher, é porque tem algo a se fazer perdoar. Uma mulher virtuosa, meu caro, tira vantagem de tudo. Se o homem curva as costas por um momento, ela lhe monta nos ombros. Ah! Meu amigo, os pobres maridos são muitas vezes dignos de pena. Quando somos jovens, desejamos esposas castas, sem saber o quanto nos custará sua virtude.

com os cotovelos sobre a mesa e o queixo entre as mãos, eu contemplava Molinier. O pobre homem não desconfiava do quanto a posição curvada da qual se lamentava parecia natural à sua espinha. Ele enxugava a testa com frequência, comia muito, não tanto como um gourmet quanto como um glutão, e parecia apreciar especialmente o velho borgonha que pedíramos. Feliz por se sentir ouvido, compreendido e, certamente imaginava, aprovado, ele transbordava de confissões.

- Na qualidade de magistrado, continuava, conheci algumas que só cediam aos maridos contra a vontade, contra os sentidos... e que no entanto ficam indignadas quando o infeliz rejeitado vai buscar em outra parte sua razão.

O magistrado começara a frase no passado, o marido a

terminava no presente, num inegável reparo pessoal. Acrescentou sentenciosamente, entre duas garfadas:

- Os apetites alheios parecem facilmente excessivos, se não são partilhados. Tomou um grande gole de vinho, e então: - E isso lhe explica, caro amigo, como um marido perde a direção de sua casa.

Eu compreendia de sobra, e descobria, sob a incoerência aparente de suas palavras, seu desejo de fazer cair sobre a virtude de sua mulher a responsabilidade de seu fracasso. Seres assim deslocados como esse fantoche, dizia eu comigo mesmo, contam apenas com seu egoísmo para conservar unidos entre si os elementos desconjuntados de seu corpo. Um pouco de esquecimento de si mesmos, e se fariam em pedaços. Ele se calava. Senti a necessidade de colocar algumas reflexões, como se coloca óleo numa máquina que acaba de concluir uma etapa, e, para convidá-lo a recomeçar, arrisquei:

- Felizmente, Pauline é inteligente.

Ele disse um 'Sim..' longo, a ponto de ser dúbio, e então:

- Mas há entretanto coisas que ela não compreende. Por mais inteligente que seja uma mulher... Aliás, reconheço que, nas circunstâncias, não fui muito hábil. Havia começado a falar-lhe sobre uma aventurazinha, já que acreditava, que estava realmente convencido, de que a história não iria longe. A história foi mais longe... e as suspeitas de Pauline também.. Eu havia cometido um erro ao pôr-lhe, como se diz, a pulga atrás da orelha. Precisei dissimular, mentir... Eisno que dá ter tido no início a língua comprida demais. O que quer? Sou naturalmente confiante... Mas Pauline é terrivelmente ciumenta, e não imagina o quanto precisarei ser astucioso.

- Isso foi há muito tempo?

- Ah! Isso já dura há quase cinco anos, e acreditei que a houvesse inteiramente tranquilizado. Mas tudo vai recomeçar. Imagine que anteontem, ao chegar a casa...

E se pedíssemos um outro vinho?

- Não para mim, obrigado.

- Talvez tenham meias-garrafas. Depois irei dormir um pouco. O calor me sufoca... Eu dizia que anteontem, ao voltar para casa, abro minha escrivaninha para arrumar uns papéis. Puxo a gaveta onde havia escondido as cartas de... da pessoa em questão. Imagine meu estupor, meu caro: a gaveta estava vazia. Bolas, vejo bem o que se terá

passado: há uns quinze dias, Pauline veio a Paris com Georges, para o casamento da filha de um de meus colegas, ao qual não me era possível ir, como sabe, eu estava na Holanda... e, além disso, essas cerimônias são mais assunto de mulheres. Sem nada para fazer, naquele apartamento vazio, com o pretexto de pôr as coisas em ordem, sabe como são as mulheres, sempre um pouco curiosas... ela deve ter começado a dar buscas... oh! sem maldade. Não a acuso. Mas Pauline sempre teve uma maldita necessidade de arrumar... Então, que quer que eu lhe diga, agora que tem nas mãos essas provas? Se pelo menos a garota não me chamasse pelo nome! Um casal tão unido! Quando penso no que me espera...

O pobre homem chafurdava na confiança. Secou a testa, abanou-se. Eu bebera muito menos do que ele. O coração não fornece compaixão sob encomenda, e eu nada sentia por ele a não ser repugnância. Aceitava-o como pai de família (ainda que me fosse penoso dizer-me que era o pai de Olivier), burguês bem-comportado, honesto, aposentado. Apaixonado, eu só o imaginava ridículo. Estava sobretudo constrangido pela inabilidade e trivialidade de suas palavras, de sua mímica. Os sentimentos que expunha, nem seu rosto nem sua voz me pareciam feitos para exprimir; dir-se-ia um contrabaixo tentando efeitos de alto; seu instrumento só obtinha guinchos.

- Disse-me que Georges estava com ela...

- Sim, ela não quis deixá-lo sozinho. Mas naturalmente, em Paris, ele não estava sempre nas suas saias... Se eu lhe dissesse, meu caro, que em vinte e seis anos de casamento nunca tive com ela a menor cena, a menor altercação... Quando penso na que se prepara... Pois Pauline volta dentro de dois dias... Ora, vamos! Falemos de outra coisa. Muito bem, e o que me diz de Vincent? O príncipe de Mônaco, um cruzeiro... Que tal? Como, não sabia?... É, partiu para inspecionar as sondagens e a pesca perto dos Açores. Ah! com esse não tenho que me preocupar, garanto-lhe. Fará sua vida sozinho.

- E sua saúde?

- Completamente restabelecida. Inteligente como é, vejo-o no caminho da glória. O conde de Passavant não me escondeu que o considerava um dos homens mais notáveis que já encontrou. Dizia mesmo: o mais notável... mas é preciso levar em conta o exagero...

A refeição terminava; ele acendeu um charuto.

- Posso perguntar-lhe, continuou, quem é esse amigo de Olivier que lhe deu notícias dele? Direi que dou especial e grande importância às relações de meus filhos.

Considero que nunca é demais tomar esse tipo de cuidado. Os meus têm felizmente uma tendência natural para se ligar apenas ao que há de melhor. Veja, Vincent com o seu príncipe, Olivier com o conde de Passavant... Quanto a Georges, reencontrou em Houlgate um antigo colega de classe, um jovem Adamanti, que vai aliás entrar para o Pensionato VedelAzais com ele. Um menino absolutamente tranquiilo; seu pai é senador da Córsega. Mas veja como é preciso tomar cuidado: Olivier tinha um amigo que parecia de muito boa família, um certo Bernard Profitendieu. Devo dizer-lhe que o velho Profitendieu é meu colega, um homem dos mais notáveis e a quem estimo muito especialmente. Mas... (que isto fique entre nós) eis que venho a saber que ele não é pai do rapaz que usa seu nome! Que me diz disso?

- Foi exatamente o jovem Bernard Profitendieu quem me falou sobre Olivier, eu disse.

Molinier puxou grandes baforadas de seu charuto, e, erguendo bastante as sobrancelhas, o que cobriu sua testa de rugas:

- Prefiro que Olivier não se dê muito com esse rapaz. Tenho dele informações deploráveis, que aliás não me espantaram muito. Dizem com razão que não se pode esperar nada de bom de uma criança nascida nessas tristes condições. Não que um filho natural não possa ter grandes qualidades, até mesmo virtudes, mas o fruto da desordem e da insubmissão traz necessariamente em si os germes da anarquia... É, meu caro, o que deveria acontecer aconteceu. O jovem abandonou subitamente a casa da família, na qual nunca deveria ter entrado. Foi 'viver a sua vida', como dizia Émile Augier¹, viver não se sabe como, e não se sabe onde. O pobre Profitendieu, que me pôs pessoalmente a par desse escândalo, mostrava-se a princípio extremamente perturbado. Fiz-lhe compreender que não deveria levar a coisa tão a sério. No fim das contas, a partida desse rapaz põe as coisas em ordem.

Protestei, dizendo que conhecia Bernard o bastante para garantir sua gentileza e sua honestidade (abstendo-me,

¹ Émile Augier, autor dramático francês (1820-1889), cujas comédias sociais ilustram a moral

burguesa da época. (N. da T.)

é claro, de falar da história da mala), mas Molinier, reagindo de imediato:

- Mas qual! Vejo que preciso contar-lhe mais. E inclinando-se para a frente e a meia voz:

- Meu colega Profitendieu foi encarregado de instruir um caso extremamente escabroso e aborrecido, tanto em si próprio quanto pela repercussão e seguimento que pode ter. É uma história inacreditável e à qual gostaríamos bem de não dar crédito... Trata-se, meu caro, de uma verdadeira empresa de prostituição, de um... não, não quero empregar palavras feias, digamos de uma casa de chá que apresenta algo de particularmente escandaloso: os frequentadores de seus salões são, na maioria, e quase exclusivamente, colegiais ainda bem jovens. Digo-lhe que é de não se acreditar. Essas crianças certamente não se dão conta da gravidade de seus atos, pois praticamente nem tentam fazê-los às escondidas. Tudo acontece na hora de saída das aulas. Comem, conversam, divertem-se com as damas, e os jogos vão continuar nos quartos contíguos aos salões. Naturalmente, não entra lá quem quer. É preciso ser apresentado, iniciado. Quem arca com as despesas dessas orgias? Quem paga o aluguel do apartamento? Era o que não parecia difícil de descobrir, mas as investigações só podiam ser conduzidas com extrema prudência, por receio de descobrir demais, de se deixar levar, de ser forçado a prosseguir e, enfim, comprometer famílias respeitáveis, cujos filhos suspeitava-se estarem entre os principais clientes. Fiz então o que pude para moderar o zelo de Profitendieu, que se lançava como um touro nesse caso, sem considerar que, com sua primeira chifrada... (ah! desculpe-me, não disse isso de propósito, ah! ah! ah! é engraçado, escapou-me) - ele se arriscava a espetar o filho. Felizmente, as férias dispersaram todos, os colegiais se disseminaram, e espero que todo esse caso esfrie, seja abafado depois de alguns conselhos e sanções sem escândalo.

- Tem certeza de que Bernard Profitendieu estava envolvido nisso?

- Não absoluta, mas...

- O que o leva a crer?

- Primeiro, o fato de que é um filho natural. Considere que um rapaz de sua idade não foge de casa

sem ter feito o pior... E depois imagino que Profitendieu foi tomado por alguma suspeita, pois seu zelo arrefeceu subitamente, não sei, ele pareceu dar marcha à ré, e a última vez que lhe

perguntei em que ponto estava o caso, pareceu confuso: 'Acho que, afinal de contas, isso não vai dar em nada', disse-me, e mudou rapidamente de assunto. Pobre Profitendieu!

Pois é, não merece o que está lhe acontecendo, sabe? É um homem honesto e, o que talvez seja mais raro, um ótimo sujeito. Ah! Sua filha acaba de fazer um ótimo casamento.

Não pude assistir a ele porque estava na Holanda, mas Pauline e Georges vieram para isso. Já lhe disse? Está na hora de ir dormir... O quê? Realmente, quer pagar tudo? Deixe disso! Entre nós, entre amigos, divide-se. .. Nada feito? Então, adeus. Não se esqueça de que Pauline volta dentro de dois dias. Venha nos visitar. E não me chame mais de Molinier, diga Oscar, simplesmente. Há tempos queria pedir-lhe isso.

Esta noite, um bilhete de Rachel, a irmã de Laura:

'Tenho coisas sérias a lhe dizer. Poderia, se não for muito incómodo, passar no pensionato amanhã à tarde? Prestar-me-ia um grande favor'.

Se fosse para me falar de Laura, não teria esperado tanto. É a primeira vez que ela me escreve."

II

Diário de Édouard (Continuação)

"28 de setembro ..

Encontrei Rachel à porta do salão de estudos, no térreo do pensionato. Duas empregadas limpavam o assoalho. Ela própria, de avental e com um esfregão nas mãos.

- Sabia que poderia contar com o senhor, disse-me, estendendo-me a mão, com uma expressão de tristeza terna, resignada e, apesar disso, sorridente, mais tocante que a beleza. - Se não está com muita pressa, seria melhor que subisse primeiro para fazer uma visita ao vovô, e à mamãe. Se soubessem que veio aqui e não foi vê-los, ficariam magoados. Mas reserve-me um pouco de seu tempo, é imperioso que lhe fale. O senhor me encontrará aqui mesmo; como vê, fiscalizo o trabalho.

Por alguma espécie de pudor, ela nunca diz: eu trabalho. Rachel se apagou durante toda a vida, e nada é mais discreto, mais modesto, do que sua virtude. A abnegação lhe é tão natural que nenhum dos seus reconhece seu perpétuo sacrifício. É a mais bela alma de mulher que conheço.

Subi ao segundo andar, aos aposentos de Azais. O velho quase não sai de sua poltrona. Fez-me sentar junto dele e quase imediatamente falou-me de La Pérouse.

- Preocupo-me sabendo que ele está sozinho, e gostaria de persuadi-lo a vir morar no pensionato... Como sabe, somos velhos amigos. Tenho ido vê-lo, ultimamente. Receio que a partida de sua querida mulher para SaintePérine o tenha afetado muito. Sua criada me disse que ele quase não se alimenta mais. Considero que, geralmente, comemos demais, mas em todas as coisas é preciso observar um meio-termo, e pode haver excesso nos dois sentidos. Ele acha inútil que se faça comida só para ele, mas se fizesse suas refeições conosco, se visse os outros comerem, ele se reanimaria. Ficaria mais junto a seu encantador netinho, a quem de outro modo quase não teria ocasião de ver, pois da Rue Vavin ao Faubourg Saint-Honoré é uma viagem. Ademais, eu não gostaria de deixar essa criança sair sozinha em Paris. Conheço Anatole de La Pérouse há muito tempo. Ele sempre foi original. Isso não é uma censura, mas ele é de natureza um pouco orgulhosa, e talvez não aceitasse a hospitalidade que lhe ofereço sem dar um pouco de si. Pensei então que poderia propor-lhe fiscalizar as classes, o que não o cansaria e teria ademais o bom feito de distraí-lo, de tirá-lo um pouco de dentro de si mesmo. É um bom matemático, e poderia, se fosse preciso, dar aulas de geometria ou de álgebra. Agora que ele não tem mais alunas, seus móveis e seu piano não lhe servem mais; deveria se desfazer deles, e, como economizaria o aluguel se vivesse aqui, pensei que, ademais, poderíamos combinar um pequeno preço de estadia, para deixá-lo mais à vontade e para que não se sinta na minha dependência. Deveria tentar convencê-lo, e sem muita demora, pois com seu péssimo regime, receio que enfraqueça rapidamente. Ademais, as aulas começam dentro de dois dias, seria útil saber o que esperar, e se podemos contar com ele... como ele pode contar conosco.

Prometi ir falar com La Pérouse no dia seguinte. Imediatamente, como que aliviado:

- Ora, que excelente rapaz é o seu jovem protegido, Bernard. Ofereceu-se amavelmente para executar

pequenos serviços, falou em supervisionar os estudos, mas receio que seja um pouco jovem demais e não saiba se fazer respeitar. Conversei longamente com ele e achei-o muito simpático. É com caracteres dessa têmpera que se formam os melhores cristãos. É absolutamente lamentável que a direção dessa alma tenha sido desviada pela sua primeira educação. Ele me confessou que não tinha fé, mas disse-o num tom que

me deu esperanças. Respondi-lhe que esperava encontrar nele todas as qualidades necessárias à formação de um bravo soldadinho de Cristo, e que ele deveria se preocupar com a ideia de valorizar os talentos que Deus lhe confiara. Relemos juntos a parábola, e creio que a boa semente não caiu em mau terreno. Ele se mostrou comovido com minhas palavras e prometeu-me refletir.

Bernard já me havia falado sobre aquela conversa com o velho. Eu sabia o que pensava, de modo que o assunto se tornava penoso para mim. Já me havia levantado para partir, mas ele, segurando a mão que eu lhe estendia:

- Mas, olhe, revii a nossa Laura! Eu sabia que a querida menina havia passado um mês inteiro em sua companhia, na bela montanha, parece que lhe fez muito bem.

Estou contente por sabê-la novamente junto de seu marido, que já devia estar sofrendo com sua longa ausência. É lamentável que seu trabalho não o tenha deixado reunir-se a vocês.

Esforçava-me para sair, cada vez mais perturbado, pois ignorava o que Laura pudesse ter-lhe dito, mas, com um gesto brusco e autoritário, ele me puxou para junto de si, e, inclinando-se até meu ouvido:

- Laura me confidenciou que tem esperanças, mas psiu!... Ela prefere que ainda não se saiba. Digo-lhe porque sei que está a par, e que ambos somos discretos.

A pobre menina estava toda confusa ao me falar, e enrubescia. Ela é tão reservada! Como estava de joelhos à minha frente, agradecemos juntos a Deus por ter abençoado aquela união.

Parece-me que Laura deveria ter adiado aquela confidência, à qual seu estado ainda não a forçava. Se me tivesse consultado, eu a teria aconselhado que esperasse haver reencontrado Douviers, antes de dizer algo. Azais estava deslumbrado; mas nem toda a família

será tão ingénuas.

O velho executou ainda algumas variações sobre diversos temas pastorais, depois disse-me que sua filha ficaria contente por me ver, e desci ao andar dos Vedei.

Reli o acima. Ao falar assim de Azais, é a mim que torno odioso. Sinto-o assim, e acrescento estas linhas para uso de Bernard, para o caso de que sua encantadora indiscrição venha a levá-lo a meter novamente o nariz neste caderno. Por menos que continue a conviver com o velho, compreenderá o que quero dizer. Gosto muito do velho e 'ademais', como diz ele, respeito-o. Mas quando estou junto

dele não consigo mais me sentir; isso faz com que sua companhia se torne um tanto penosa para mim.

Gosto muito de sua filha, a pastora. A sra. Vedei parece-se com a Elvira, de Lamartine, uma Elvira envelhecida. Sua conversa não deixa de ter certo encanto. Acontece-lhe com frequência não terminar as frases, o que dá a seu pensamento uma espécie de leveza poética. Faz o infinito com o impreciso e o inacabado. Espera da vida futura tudo o que lhe falta aqui embaixo, e isso lhe permite aumentar indefinidamente sua esperança. Toma impulso sobre a estreiteza de seu chão. O fato de só ver Vedei muito pouco permite-lhe imaginar que o ama. O digno homem está sempre de partida, requisitado por mil cuidados, mil preocupações, sermões, visitas aos pobres e doentes. Só nos cumprimenta de passagem, mas sempre cordialmente.

- Apressado demais para conversar hoje.

- Ora, nós nos encontraremos no céu, digo-lhe; mas ele não tem tempo para me ouvir.

- Nem um momento para si mesmo, suspira a sra. Vedei. Se soubesse tudo o que ele deixa ser jogado em suas costas, desde que... Como sabem que nunca se recusa, todos o... Quando ele chega à noite, está às vezes tão cansado que quase não ousa falar-lhe, de medo de... Dá-se tanto aos outros que não sobra nada dele para os seus.

E enquanto ela falava, eu me lembrava de certas chegadas de Vedei, no tempo em que eu morava no pensionato. Via-o pôr a cabeça entre as mãos e suspirar por um pouco de trégua. Mas, já então, eu pensava que, essa trégua, ele temia muito mais do que desejava, e que

nada mais penoso lhe poderia ser dado do que um pouco de tempo para refletir.

- Aceita uma xícara de chá? perguntou-me a sra. Vedei, enquanto uma criadinha trazia uma bandeja repleta.

- Senhora, acabou o açúcar.

- Já lhe disse que é a srta. Rachel que tem que pedir. Ande logo... Já preveniu os senhores?

- O sr. Bernard e o sr. Boris saíram.

- Bem, e o sr. Armand?... Apresse-se, vamos. Então, sem esperar que a criada saísse:

- Esta pobre moça chegou de Estrasburgo. Não tem nenhuma... A gente precisa lhe dizer tudo... Então, está esperando o quê?

A criada virou-se como uma cobra em cuja cauda se

tivesse pisado:

•- Está lá embaixo o professor, que quer subir. Ele disse que não irá embora antes de ser pago.

Os traços da sra. Vedei exprimiram um enfado trágico.

- Quantas vezes ainda precisarei repetir que não sou eu quem se ocupa de assuntos de pagamento? Diga-lhe que fale com a senhorita. Vá! Nem uma hora de tranquilidade!

Não sei realmente em que pensa Rachel.

- Não vamos esperá-la para o chá?

-• Ela nunca toma... Ah! Essa volta às aulas nos traz preocupações. Os professores que se apresentam pedem preços exorbitantes, ou, quando seu preço é aceitável, são eles que não o são. Papai teve queixas do último, mostrou-se fraco demais com ele; agora é ele quem ameaça. Ouviu o que disse a garota. Toda essa gente só pensa em dinheiro... como se não houvesse nada mais importante no mundo. Enquanto isso, não sabemos como substituí-lo. Prosoer sempre acha que basta rezar a Deus para que tudo se arranje.. .

A criada voltava com o açúcar.

-• Avisou o sr. Armand? v,

- Sim, senhora, ele virá em seguida. •- E Sarah? perguntei.

•- Ela só voltará dentro de dois dias. Está na Inglaterra, em casa dos pais daquela moça que viu aqui conosco. Foram muito amáveis, e estou feliz por Sarah poder um pouco... É como Laura. Achei que está com uma cara muito melhor. Essa estada na Suíça, depois do Midi, fez-lhe muito bem, e foi muito amável de sua parte tê-la convencido a ir. Só mesmo o pobre Armand não saiu de Paris durante as férias inteiras.

- E Rachel?

- Ah, é verdade, ela também não. Teve diversos convites, mas preferiu ficar em Paris. E, também, o avô precisava dela. Aliás, nesta vida, nem sempre se faz o que se quer. É o que, de tempos em tempos, sou obrigada a repetir para as crianças. Também é preciso pensar nos outros. Será que não imagina que também teria me agradado ir passear em Saas-Fée? E Prosper, então, quando viaja, acha que é para se divertir? Armand, você sabe muito bem que não gosto que venha aqui sem o colarinho, acrescentou ela ao ver entrar o filho.

- Minha cara mãe, a senhora me ensinou religiosamente a não dar grande importância ao meu traje, disse

ele, estendendo-me a mão; e muito oportunamente, pois a lavadeira só volta na terça, e todos os colarinhos que me restam estão puídos.

Eu me recordava do que me dissera Olivier sobre seu colega, e pareceu-me, com efeito, que uma expressão de profunda preocupação se ocultava atrás de sua maldosa ironia. O rosto de Armand se tornara mais fino, o nariz se aduncava, arqueava-se sobre os lábios finos e descorados. Ele prosseguia:

- A senhora já participou a seu nobre visitante que juntamos à nossa tropa ordinária e contratamos, para a abertura de nossa estação de inverno, algumas vedetas sensacionais: o filho de um senador de prestígio e o jovem visconde de Passavant, irmão de um

escritor ilustre? Sem contar com os dois recrutados que já conhece, e que por esta razão são ainda mais ilustres: o príncipe Boris e o marquês de Profitendieu, e mais alguns outros cujos títulos e virtudes ainda é preciso descobrir.

- Bem vê que ele não muda, disse a pobre mãe, que sorria às suas brincadeiras.

Eu tinha tanto medo que ele começasse a falar de Laura, que encurtei minha visita e desci, o mais rapidamente possível, para encontrar Rachel.

Ela havia arregaçado as mangas de sua blusa para ajudar na arrumação da sala de estudos, mas abaixou-as precipitadamente ao me ver aproximar-me.

- É extremamente penoso para mim precisar recorrer aos seus préstimos, começou ela, levando-me para uma saleta vizinha, que serve para as aulas particulares. Eu preferiria dirigir-me a Douviers, que se oferecera, mas desde que revi Laura compreendi que não poderia mais fazê-lo...

Estava muito pálida, e, ao proferir estas últimas palavras, seu queixo e seus lábios foram agitados por um tremor convulso, que por alguns instantes a impediu de falar. Por receio de perturbá-la, desviei dela o olhar. Ela se apoiou contra a porta, que havia fechado. Quis tomar-lhe as mãos, mas ela as arrancou das minhas.

Recomeçou afinal, com a voz como que contraída por um imenso esforço:

- Poderia emprestar-me dez mil francos? O início das aulas se anuncia muito bem e espero poder devolvê-los em breve.

- Quando precisa deles? Ela não respondeu.

- Tenho comigo um pouco mais de mil francos, con-

1

tinuei. Amanhã pela manhã, completarei a quantia... Esta noite, se for preciso.

- Não, amanhã estará bem. Mas se puder, se não lhe fizer falta, deixar-me mil francos desde agora...

Tirei-os da carteira e estendi-os a ela,

- Quer mil e quatrocentos francos?

Ela abaixou a cabeça e disse um 'sim' tão fraco que quase não a ouvi, depois aproximou-se cambaleando de um banco escolar sobre o qual se deixou cair e, com os cotovelos apoiados sobre a carteira diante de si, permaneceu alguns instantes, com o rosto entre as mãos. Pensei que chorasse, mas quando encostei a mão em seu ombro, ergueu a cabeça, e vi que seus olhos estavam secos.

-- Rachel, eu lhe disse, não fique confusa por precisar pedir-me isso. Fico feliz em poder ajudá-la.

Olhou-me seriamente:

- O que me é penoso é precisar pedir-lhe sem nada dizer nem ao vovô nem à mamãe. Desde que me confiaram as contas do pensionato, deixo-os crer que... enfim, eles não sabem. Não lhes diga nada, suplico-lhe. O vovô está velho, e a mamãe tem muito trabalho.

- Rachel, não é ela quem tem todo esse trabalho... É você.

- Ela trabalhou muito. Agora está cansada. É a minha vez. Não tenho nada mais para fazer.

Ela dizia com simplicidade essas palavras simples. Eu não sentia em sua resignação nenhuma amargura, mas, pelo contrário, uma espécie de serenidade.

- Mas não vá achar que tudo esteja indo mal, recomeçou. É somente um momento difícil, porque alguns credores se mostram impacientes.

- Ouvi há pouco a criada falar de um professor que reclamava seu pagamento.

- Sim, ele veio fazer uma cena muito penosa ao vovô, que infelizmente não consegui impedir. É um homem brutal e vulgar. Devo ir pagá-lo.

- Quer que eu vá em seu lugar?

Ela hesitou por um instante, esforçando-se em vão por sorrir.

- Obrigada. Mas não, é melhor que seja eu... Mas saia comigo, por favor. Tenho um certo medo dele. Vendo-o, certamente não ousará dizer nada.

O pátio do pensionato fica alguns degraus acima do jardim, do qual é separado por um balaustrada, em que o

professor se apoiava, com os cotovelos jogados para trás. Ele usava um enorme chapéu de feltro mole e fumava cachimbo. Enquanto Rachel parlamentava com ele, Armand veio ao meu encontro.

- Rachel lhe deu uma facada, disse cinicamente. Chegou bem na hora para tirá-la de uma bruta angústia. É outra vez Alexandre, o porco do meu irmão, que se endivida nas colónias. Ela quis esconder isso de meus pais. Ela já tinha abandonado a metade de seu dote para aumentar um pouco o de Laura, e desta vez todo o resto foi embora. Ela não lhe disse nada, aposto. Sua modéstia me exaspera. Essa é uma das brincadeiras mais sinistras deste mundo sujo: sempre que alguém se sacrifica pelos outros, pode-se ter certeza de que vale mais do que eles... Tudo o que ela fez por Laura! E a outra a recompensou bem, a puta!...

- Armand! exclamei indignado, não tem o direito de julgar sua irmã.

Mas ele continuou, numa voz áspera e sibilante:

- Pelo contrário, é porque não sou melhor que ela que a julgo. Eu me conheço. Já Rachel não nos julga. Ela nunca julga ninguém... É, a puta, a puta... O que penso dela não mandei dizer, juro... E o senhor que acobertou, que protegeu tudo isso! O senhor não sabia... Vovô não enxerga nada. Mamãe se esforça para não compreender.

Quanto a papai, ele se entrega ao Senhor, é mais cómodo. A cada dificuldade, cai em preces e deixa que Rachel se vire. Tudo o que ele pede é para não ver claro.

Corre, agita-se, quase nunca está em casa. Entendo que ele sufoque aqui dentro; eu morro aqui. Ele procura se atordoar, bolas! Enquanto isso, mamãe escreve poesias.

Oh! Não estou zombando dela. Também faço a mesma coisa. Mas, pelo menos, sei que não passo de um cretino, e nunca procurei posar de outra coisa. Diga-me se não é nojento: vovô 'bancando o caridoso' com La Pérouse, porque precisa de um professor. .. E, de repente: - O que é que aquele porco ali ousa dizer à minha irmã? Se ele não a cumprimentar ao sair, meto-lhe a mão na cara...

Lançou-se em direção ao fulano, e achei que fosse agredi-lo. Mas o outro, ao vê-lo aproximar-se, dobrou-se, tirando o chapéu, num cumprimento teatral e irónico,

e foi-se. Nesse momento, o portão se abriu para dar passagem ao pastor. Ele estava de sobrecasaca, cartola e luvas negras, como quem voltasse de um batismo ou de um enterro. O ex-professor e ele trocaram um cumprimento cerimonioso.

Rachel e Armand se aproximaram. Quando Vedei se juntou a eles, a roeu lado:

- Tudo está arranjado, disse Rachel a seu pai. Este beijou-a na testa:

- Vê o que eu dizia, minha filha? Deus nunca abandona aquele que confia nele.

Então, estendendo-me a mão:

- Já está de partida?... Até qualquer dia, não é mesmo?"

in

Diário de Édouard (Continuação)

"29 de setembro

Visita a La Pérouse. A criada hesitava em me deixar entrar. 'O patrão não quer ver ninguém.' Insisti tanto que ela me introduziu no salão. As persianas estavam fechadas.

Na penumbra, quase não distingui meu velho professor, afundado numa grande poltrona. Ele não se levantou. Sem me olhar, estendeu-me de lado sua mão mole, que caiu

depois que a apertei. Sentei-me ao seu lado, de modo que só o via de perfil. Seus traços permaneceram duros e parados. Por uns instantes, seus lábios se agitaram,

mas ele nada disse. Eu chegava a duvidar que me tivesse reconhecido. O pêndulo bateu quatro horas.

Então, como se movido por um mecanismo de relojoaria, ele girou

lentamente a cabeça e, numa voz solene, forte mas átona, e como que de alémtúmulo:

- Por que o deixaram entrar? Eu havia recomendado à criada que dissesse, a quem perguntasse por mim, que o sr. de La Pérouse morreu.

Fiquei extremamente perturbado, não por essas palavras absurdas, mas pelo tom, um tom teatral, incrivelmente

afetado, ao qual meu velho professor, de hábito tão natural comigo e tão confiante, não me havia acostumado.

- A moça não quis mentir, respondi enfim. Não ralhe com ela por ter me deixado entrar. Estou contente por revê-lo.

Ele repetiu estupidamente: 'O sr. de La Pérouse morreu'. Depois mergulhou novamente em seu mutismo. Tive um movimento de irritação e levantei-me, pronto para partir, deixando para outro dia o trabalho de procurar a razão dessa triste comédia. Mas nesse momento a criada entrou: trazia uma xícara de chocolate fumegante.

- O patrão precisa fazer um esforço. Não comeu nada ainda, hoje.

La Pérouse teve um sobressalto de impaciência, como um ator do qual algum companheiro desastrado roubasse um bom efeito:

- Mais tarde. Quando este senhor tiver saído. Mas a criada nem bem acabara de fechar a porta:

- Meu amigo, seja bom, traga-me um copo de água, por favor. Um simples copo de água. Estou morto de sede.

Encontrei na sala de jantar uma garrafa e um copo. Ele encheu o copo, esvaziou-o de um trago e enxugou os lábios na manga de seu velho paletó de alpaca.

- Está com febre? perguntei.

Minha frase levou-o imediatamente ao sentimento de

sua personagem:

- O sr. de La Pérouse não tem febre. Ele não tem mais nada. Desde quinta-feira à noite, o sr. de La Pérouse deixou de viver.

Eu tinha dúvidas sobre se o melhor não seria entrar no jogo:

- Não foi exatamente quarta-feira que o pequeno Boris veio vê-lo?

Ele virou a cabeça na minha direção. Um sorriso, como a sombra de outrora, iluminou seus traços, ao nome de Boris, e, consentindo afinal em abandonar seu papel:

- Meu amigo, preciso contar-lhe: esta quarta-feira era o último dia que restava. Depois continuou, em voz mais baixa: - Exatamente o último dia que eu me havia permitido, antes de... de acabar.

Era-me extremamente doloroso ver La Pérouse voltar àqueles sinistros propósitos. Compreendia que nunca havia levado muito a sério o que ele me dissera anteriormente, pois havia deixado minha memória se desfazer daquilo, e

agora me censurava por isso. Agora me lembrava de tudo, mas me espantava, pois ele me falara antes num prazo mais extenso, e, como eu o mencionasse, confessou-me, num tom de voz novamente natural e até com um pouco de ironia, que me havia enganado quanto à data, que a havia adiado um pouco por temor de que eu tentasse impedi-lo ou que por isso precipitasse minha volta, mas que se ajoelhara noites a fio, suplicando a Deus que lhe permitisse ver Boris antes de morrer.

- E até mesmo combinara com Ele, acrescentou, que se fosse preciso eu adiaria por alguns dias minha partida. .. por causa daquela garantia que me deu de que o traria, lembra-se?

Segurei sua mão; estava gelada, e eu a aquecia entre as minhas. Ele continuou, numa voz monótona:

- Então, quando vi que não esperou o fim das férias para voltar e que eu poderia ver o menino sem para tanto adiar minha partida, acreditei que... pareceu-me que Deus levava em consideração minha prece. Achei que me aprovava. Sim, acreditei nisso. Não compreendi imediatamente que ele zombava de mim, como sempre.

Retirou a mão das minhas, e, num tom mais animado:

- Era portanto quarta-feira à noite que eu me havia prometido terminar, e foi na tarde de quarta-feira que me trouxe Boris. Não senti ao vê-lo, devo dizer-lhe, toda a alegria que me havia prometido. Refleti sobre isso, a seguir. Evidentemente, eu não tinha o direito de esperar que esse menino pudesse ficar feliz por me ver. Sua mãe nunca falava de mim.

Ele parou, seus lábios tremeram, e achei que ia chorar.

- Boris só deseja amá-lo, mas dê-lhe tempo para conhecê-lo, arrisquei.

- Depois que o menino saiu, continuou La Pérouse, sem me ouvir, quando à noite me vi sozinho (pois sabe que a sra. de La Pérouse não está mais aqui), disse a mim mesmo: 'Vamos! Chegou a hora'. É preciso que saiba que meu irmão, aquele que perdi, legou-me um par de pistolas que sempre guardo comigo, num estojo, à cabeceira da cama. Sentei-me numa poltrona, aqui, como estou agora. Carreguei uma das pistolas...

Virou-se para mim e, bruscamente, brutalmente, repetiu, como se eu duvidasse de sua palavra: - Sim, eu a carreguei. Pode ver, ainda está carregada. O que aconteceu?

Não consigo compreender. Levei a pistola à cabeça. Man-

tive-a por muito tempo junto à têmpora. E não atirei. Não pude... No último momento, tenho vergonha de dizer... Não tive coragem de atirar.

Ele se animara ao falar. Seu olhar tornara-se mais vivo, e o sangue coloria debilmente suas faces. Olhava-me sacudindo a cabeça.

- Como explica isso? Uma coisa que eu havia resolvido fazer, na qual há meses pensava sem parar... Talvez até seja por isso. Talvez de antemão eu tenha esgotado minha coragem em pensamento...

- Como, antes da chegada de Boris, havia esgotado a alegria do encontro, disse-lhe eu, mas ele prosseguia:

- Fiquei muito tempo com a pistola contra minha têmpora. Tinha o dedo no gatilho. Apertava um pouco, mas não o bastante. Dizia a mim mesmo: 'Num instante, vou apertar com mais força, e o tiro sairá'. Sentia o frio do metal, e me dizia: 'Num instante, não sentirei mais nada. Mas antes vou ouvir um barulho terrível...' Imagine!

Tão perto do ouvido!... Foi principalmente isso o que me deteve: o medo do barulho... É absurdo, pois no momento em que se morre... Sim, mas eu espero a morte como um sono, e uma detonação não adormece, acorda... Sim, certamente era disso que eu tinha medo, de, em vez de adormecer, acordar bruscamente.

Pareceu voltar a si, ou melhor, juntar seus pedaços, e, por alguns instantes, novamente seus lábios se moveram sem nada dizer.

- Tudo isso, recomeçou ele, só o pensei depois. A verdade, se não me matei, é que não estava livre.

Agora eu digo: 'Tive medo', mas não, não foi isso. Algo completamente estranho à minha vontade, mais forte que a minha vontade, me detinha... Como se Deus não quisesse me deixar partir. Imagine uma marionete que quisesse sair de cena antes do fim da peça... Alto lá! Ainda precisamos de você para o

final. Ah! Achou que poderia partir quando quisesse?...- (Compreendi que aquilo a que chamamos nossa vontade são os fios que fazem andar a marionete, e que são puxados por Deus) Não está me entendendo? Vou explicar. Veja: agora eu digo: 'erguer meu braço direito', e o ergo. (Realmente, ele o ergueu.) Mas foi porque o barbante já estava puxado para me fazer pensar e dizer: 'Quero erguer meu braço direito...' E a prova de que não sou livre é que, se devesse erguer o outro braço, teria dito: 'vou erguer meu braço esquerdo...' Não, vejo que não me compreende. Não

está livre para me compreender... Oh! Dou-me conta, agora, de que Deus se diverte. O que nos faz fazer, diverte-se deixando-nos crer que nós queríamos fazer. É seu jogo sujo... Acha que estou ficando louco? A propósito: imagine que a sra. de La Pérouse... Sabe que ela foi para um asilo?... Pois bem, imagine que ela se persuade de que é um asilo de alienados e que a internei para me desembaraçar dela, com a intenção de fazê-la passar por louca... Admita que é curioso: qualquer um que passe pela rua compreenderia isso melhor do que aquela a quem se dedicou a vida... No princípio, eu ia vê-la todos os dias. Mas, assim que ela me via: 'Ah! Está aí. Veio de novo me espionar...' Tive que renunciar às visitas, que só serviam para irritá-la. Como quer que alguém se sinta preso à vida, quando não pode mais fazer bem a ninguém?

Soluços embargaram-lhe a voz. Baixou a cabeça, e achei que ia cair novamente em sua prostração. Mas, num súbito impulso:

- Sabe o que ela fez, antes de partir? Forçou minha gaveta e queimou todas as cartas de meu falecido irmão. Ela sempre teve ciúme do meu irmão, sobretudo depois que ele morreu. Fazia cenas quando me surpreendia, à noite, relendo suas cartas. Exclamava: 'Ah! Esperou que eu estivesse deitada. Esconde-se de mim'. E ainda mais: 'Faria melhor se fosse dormir. Está cansando os olhos'. Dir-se-ia que estava cheia de atenções, mas eu a conheço: era ciúme. Ela não quis me deixar a sós com ele.

* ----- .

- É porque ela o amava.(Não há ciúme sem amorT")

- Pois bem, admita que é triste, quando o amor, em vez de fazer a felicidade da vida, torna-se sua calamidade... É certamente assim que Deus nos ama.

Ele se havia animado muito ao falar, e, de repente:

- Estou com fome, disse. Quando quero comer, essa criada me traz sempre chocolate. A sra. de La Pérouse deve ter-lhe dito que eu não comia outra coisa. Seria gentil e iria até a cozinha... a segunda porta à direita, no corredor... : para ver se não há ovos? Acho que ela me disse que havia.

- Gostaria que eu lhe preparasse um ovo estalado?

- Acho que comeria dois. Far-me-ia esse favor? Não consigo me fazer entender.

- Caro amigo, disse-lhe eu ao voltar, seus ovos estarão prontos num instante. Se me permite, ficarei para vê-lo comê-los. Sim, isso me dará prazer. Foi-me muito penoso escutá-lo dizer, há pouco, que não podia mais fazer bem a

ninguém. Parece esquecer-se de seu neto. Seu amigo, o sr. Azais, propõe que vá viver junto dele, no pensionato. Encarregou-me de dizer-lhe isso. Ele acha que, agora que a sra. de La Pérouse não está mais aqui, nada o prende.

Eu esperava alguma resistência, mas ele praticamente não indagou sobre as condições da nova experiência que se lhe oferecia.

- Se não me matei, não deixo de estar morto. Aqui ou lá, pouco importa, dizia ele. Pode levar-me.

Combinei vir apanhá-lo dois dias depois, e que, até lá, poria à sua disposição duas malas, para que pudesse arrumar as roupas de que precisaria e aquilo que fizesse questão de levar.

- Aliás, acrescentei, como este apartamento ficará à sua disposição até o prazo de vencimento do aluguel, sempre haverá tempo para vir buscar o que lhe faltar.

A criada trouxe os ovos, que ele devorou. Encomendei-lhe um jantar, aliviado por ver afinal tudo voltando ao normal.

- Eu lhe dou muito trabalho, repetia ele. Você é bom.

Eu gostaria que ele me confiasse as pistolas, com as quais, eu lhe disse, nada mais tinha a fazer; mas não consentiu em entregá-las a mim.

- Não há mais o que temer. O que não fiz naquele dia, sei que nunca poderei fazê-lo. Mas elas são agora a única lembrança que me resta de meu irmão, e preciso que elas me repitam também que sou apenas um brinquedo nas mãos de Deus."

IV

Fazia muito calor naquele dia. Pelas janelas abertas do Pensionato Vedei, viam-se os topos das árvores do jardim, sobre o qual flutuava ainda uma imensa quantidade de verão disponível.

Aquele dia de início das aulas era para o velho Azais a ocasião de um discurso. Ele estava junto ao púlpito, de pé, encarando os alunos, como deve ser. No púlpito, sentava-se o velho La Pérouse. Havia-se levantado à entrada dos alunos, mas um gesto amistoso de Azais o convidara a voltar a sentar-se. Seu olhar inquieto pousara desde o princípio em Boris, e esse olhar aborrecia Boris, tanto mais que Azais, em seu discurso, apresentando aos alunos seu novo mestre, acreditara dever fazer uma alusão ao parentesco deste com um deles. La Pérouse, entretanto, afligia-se por não encontrar o olhar de Boris: indiferença, frieza, pensava.

"Oh! pensava Boris, que ele me deixe em paz! Que não me faça 'notar'!" Seus colegas o apavoravam. Ao sair do liceu, tivera que juntar-se a eles, e, durante o trajeto do liceu ao "buraco", ouvira suas conversas. Teria querido participar, por grande necessidade de simpatia, mas sua natureza, delicada demais, sentia-se repugnada.

As palavras morriam em seus lábios, e ele se odiava por seu embaraço, esforçava-se para nada deixar transparecer, esforçava-se até mesmo para rir, a fim de evitar zombarias, mas era inútil. Entre os outros, ele tinha o ar de uma menina; sentia-o, e sofria por isso.

Os grupos se formaram, quase que de imediato. Um certo Léon Ghéridanisol centralizava as atenções e já se impunha. Um pouco mais velho do que os outros, e também mais adiantado nos estudos, de pele morena, cabelos negros, olhos negros, não era nem muito alto

nem especialmente forte, mas tinha o que se chama de "descaramento".

Um enorme descaramento, na verdade. Até mesmo o jovem Georges Molinier admitia que Ghéridanisol o havia deixado "de queixo caído"; "e, olhe, para me deixar de queixo caído, é preciso muito!" Pois não o havia visto, com seus próprios olhos, naquela manhã, aproximar-se de uma jovem mulher, esta com uma criança nos braços:

- É sua esta criança, minha senhora? (isso dito com um grande cumprimento). Não é nada feio, o seu guri. Mas tranquilize-se: ele não viverá.

Georges ainda tinha ataques de riso.

- Não? Sério? dizia Philippe Adamanti, seu amigo, a quem Georges contava a história.

Aquela frase insolente os enchia de alegria, não podiam imaginar nada mais espirituoso. Piada já bem velha, Léon a aprendera com seu primo Strouvilhou, mas Georges não precisava saber.

Na pensão, Molinier e Adamanti conseguiram sentar-se no mesmo banco que Ghéridanisol: o quinto, para não ficar muito à vista do inspetor. Molinier tinha Adamanti à sua esquerda, à direita Ghéridanisol, chamado de Ghéri. Na extremidade do banco sentava-se Boris. Atrás deste, encontrava-se Passavant.

Gontran de Passavant levou uma triste vida desde a morte de seu pai, e a que levava antes já não fora muito alegre. Compreendera havia muito tempo que não tinha a esperar de seu irmão nenhuma simpatia, nenhum apoio. Fora 'passar as férias na Bretanha, levado por sua velha empregada, a fiel Séraphine, na casa da família desta.

Todas as suas qualidades se concentraram num único objetivo: estudar. Um desejo secreto o estimula, o de provar a seu irmão que vale mais do que ele. Por sua livre vontade entrou para o pensionato, também pelo desejo de não mais viver com o irmão, naquela mansão da Rue Babylone, que só lhe traz lembranças tristes. Séraphine, que não quer abandoná-lo, alugou um apartamento em Paris: a pequena renda que lhe entregam os dois filhos do falecido conde, por cláusula expressa do testamento, permite-lhe isso. Gontran tem ali o seu quarto, que usa nos dias de folga; ele o decorou a

seu gosto. Faz duas refeições por semana com Séraphine; esta cuida dele e zela para que nada lhe falte. Junto dela, 1 Gontran conversa à vontade, embora

não possa falar-lhe sobre quase nada do que o preocupa. No pensionato, não se deixa envolver pelos outros. Ouve seus colegas se divertirem, sem lhes dar muita atenção, e com frequência se recusa a participar. Também por preferir a leitura aos jogos -; que não sejam ao ar livre. Gosta de esportes, de todos os ; esportes, mas de preferência os solitários. Também por ser orgulhoso e não se misturar com qualquer um. Aos domingos, conforme a estação, patina, nada, sai de barco ou parte para imensas caminhadas no campo. Tem repugnâncias, que ; não procura superar, assim como não procura expandir seu espírito, mas sim fortalecê-lo. Talvez ele não seja tão 'simples quanto se acredita, quanto procura ser, nós o vimos à cabeceira do leito de morte de seu pai, mas não gosta de mistérios, e, se deixa de se parecer consigo mesmo, aborrece- ; se. Se é o primeiro da classe, é por aplicação, não por facilidade. Boris encontraria proteção junto dele, se soubesse procurá-la, mas é seu vizinho Georges quem o atrai. Quanto a Georges, só dá atenção a Ghéri, que não dá atenção a ninguém.

Georges tinha notícias importantes a comunicar a Phi- 3 lippe Adamanti, mas que considerava mais prudente não escrever. •

Ao chegar à porta do liceu, naquela manhã de volta à ')

escola, quinze minutos antes do início das aulas, ele o havia ;

esperado em vão. Foi ao andar de um lado para outro de- :

fronete à porta que havia ouvido Léon Ghéridanisol inter- ;

pelar tão espirituosamente uma moça, depois do que os dois moleques começaram a conversar, para descobrir, para grande alegria de Georges, que seriam colegas de pensionato.

À saída do liceu, Georges e Phíphi puderam afinal encontrar-se. Dirigindo-se ao Pensionato Azais

com os outros pensionistas, mas um pouco distante destes, de modo a poderem falar livremente:

- Você faria melhor se escondesse isso, começara Georges, apontando a roseta amarela que Phiphi continuava a exhibir na lapela.

- Por quê? perguntava Phiphi, percebendo que Georges não mais usava a sua.

- Está se arriscando a ir em cana. Menino, eu queria dizer isso antes da aula, você só tinha era que chegar mais cedo. Esperei na porta para avisá-lo.

- Mas eu não sabia, dizia Phiphi.

- Eu não sabia, eu não sabia, retrucava Georges, imitando-o. Você deveria pensar que eu talvez tivesse coisas para dizer, já 'que não pude vê-lo em Houlgate.

A eterna preocupação desses dois meninos é levar vantagem um sobre o outro. Phiphi deve à sua situação e à fortuna de seu pai alguma superioridade, mas Georges ganha longe por sua audácia e seu cinismo. Phiphi precisa se esforçar um pouco para não ficar para trás. Não é um mau rapaz, mas é fraco.

- Então? Fale de uma vez, dizia ele.

Léon Ghéridanisol, que se aproximara, escutava-os. Não desagradava a Georges ser ouvido por ele: se o outro o havia deixado perplexo pouco antes, Georges reservava-se com que surpreendê-lo por sua vez. Dizia então a Phiphi, num tom bem natural:

- Praline foi em cana.

- Praline! exclamou Phiphi, a quem o sangue-frio de Georges apavorava. E, como Léon dava impressão de se interessar, Phiphi perguntava a Georges:

- Podemos contar a ele?

- Bolas! dizia Georges sacudindo os ombros. Então Phiphi a Ghéri, apontando Georges:

, - É a piranha dele. V E a Georges:

- Como é que você sabe?

- Foi Germaine que me disse, quando a encontrei. E contava a Phiphi que, quando passara por Paris havia

doze dias, tendo querido rever certo apartamento que o procurador Molinier designava como "o palco daquelas orgias", encontrara a porta fechada. Que, vagando pelo bairro, pouco tempo depois, havia encontrado Germaine, a piranha de Phiphi, que lhe informara: houvera uma batida da polícia no começo das férias. O que aquelas mulheres e aquelas crianças ignoravam era que Profitendieu tivera o cuidado de esperar, para essa operação, uma data em que os delinquentes menores estivessem dispersos, preocupado em não envolvê-los na prisão e em poupar do escândalo seus pais.

- Puxa vida, camarada!... repetia Phiphi, sem comentários. Puxa vida, camarada!... considerando que Georges e ele haviam escapado de boa.

- Você está com frio na espinha, hein? dizia Georges, zombeteiro. Que ele próprio houvesse ficado apavorado,

julgava absolutamente inútil confessar, sobretudo diante de Ghéridanisol.

Poder-se-ia crer, por esse diálogo, que esses meninos sejam ainda mais depravados do que aparentam. É principalmente para se darem grandes ares que falam assim, estou certo. Entra aí muita fanfarronice. Pouco importa: Ghéridanisol os ouve; ouve-os e os faz falar. Essas conversas divertirão muito seu primo Strouvilhou, quando ele as contar para ele essa noite.

Nessa mesma noite, Bernard encontrava-se com Édouard.

- Foi bem o primeiro dia de aula?

- Tudo bem. E, como se calasse:

- Sr. Bernard, se não está disposto a falar por si mesmo, não conte comigo para forçá-lo. Tenho horror a interrogatórios. Mas permita-me lembrar-lhe que me ofereceu seus serviços e que tenho o direito de esperar do senhor alguns relatos...

- Que quer saber? respondeu Bernard de má vontade. Que o pai Azais pronunciou um discurso solene, em que propôs aos meninos "arremessarem-se num impulso comum, e com um ardor juvenil..." Guardei essas palavras, pois surgiram três vezes. Armand afirma que o velho as usa em todos os seus palavrórios. Estávamos, ele e eu, sentados no último banco, bem no fundo da classe, observando a entrada dos guris, como Noé a dos animais na arca. Havia-os de todos os géneros: ruminantes, paquidermes, moluscos e outros invertebrados. Quando, depois do discurso, começaram a falar entre si, reparamos, Armand e eu, que quatro em dez de suas frases começavam por: "Aposto que você não..."

- E as outras seis?

- Por "Eu..."

- Isso não foi mal observado, receio... Que mais?

- Alguns me pareciam ter uma personalidade fabricada.

- O que quer dizer com isso? perguntou Édouard.

- Penso especialmente num deles, que estava sentado ao lado do jovem Passavant e que me parece simplesmente um garoto sério. Seu vizinho, a quem observei longamente, parece ter adotado como norma de vida o Ne quid

nimis¹ dos antigos. Não acha que, na idade dele, essa divisa é absurda? Suas roupas são justas, sua gravata é mínima; isso vai até os cordões dos sapatos, que acabam exatamente no nó. Por pouco que eu tenha conversado com ele, encontrou tempo para me dizer que via em toda parte um desperdício de força, e para repetir, como num refrão: "Nada de esforços inúteis".

- Ao inferno as economias, disse Édouard. Na arte, elas criam os prolixos.

- Por quê?

- Porque eles têm medo de perder algo. E o que mais? Não me disse nada sobre Armand.

- Uma figura curiosa, esse aí. Para dizer a verdade, não me agrada. Não gosto de simulações. Ele não

é idiota, sem dúvida, mas seu espírito só se dedica a destruir.

Aliás, é contra si mesmo que se mostra mais encarniçado. Tudo o que há de bom nele, de generoso, nobre ou terno, deixa-o envergonhado. Deveria fazer esportes, arejar.

Torna-se azedo por ficar fechado o dia inteiro. Parece procurar minha companhia; eu não fujo dele, mas não consigo me adaptar ao seu jeito.

- Não acha que seus sarcasmos e sua ironia ocultam uma sensibilidade excessiva, e talvez um grande sofrimento? É o que acha Olivier.

- Pode ser, já pensei nisso. Ainda não o conheço bem. O resto de minhas reflexões ainda não amadureceu. Preciso refletir. Dir-lhe-ei, mas mais tarde. Por esta noite, desculpe-me se o deixo. Faço meus exames dentro de dois dias, e, além disso, posso confessar-lhe... estou triste.

; Expressão latina, oriunda da cultura grega, cujo sentido pode ser traduzido por "qualquer excesso é um defeito", (N, da T.)

v •*_-••

"Só se deve considerar, se não me engano, a fina flor de cada coisa..." ••;

Fénelon

Olivier, de volta a Paris desde a véspera, levantara-se bem descansado. O ar estava quente; o céu, puro. Quando saiu, recém-barbeado, banhado, elegantemente vestido, consciente de sua força, de sua juventude, de sua beleza, Passavant ainda dormia.

Olivier se apressa em direção à Sorbonne. É nessa manhã que Bernard deve fazer o exame escrito. Como Olivier sabe? Mas talvez ele não o saiba. Vai se informar. Apressa-se.

Não reviu seu amigo desde aquela noite em que Bernard foi buscar refúgio em seu quarto. Quantas mudanças, desde então! Quem poderá dizer se ele não está ainda mais apressado para se mostrar a ele do que para revê-lo? Uma lástima que Bernard seja tão pouco sensível à elegância! Mas esse é um gesto que por vezes vem com a fartura.

Olivier teve a prova, graças ao conde de Passavant.

É o exame escrito que Bernard faz essa manhã. Só sairá ao meio-dia. Olivier o espera no pátio. Reconhece alguns colegas, aperta algumas mãos, depois afasta-se. Está

um pouco perturbado com suas roupas. Fica-o mais ainda quando Bernard, enfim livre, avança pelo pátio e exclama, estendendo-lhe a mão:

- Como ele está bonito!

Olivier, que imaginava nunca mais enrubescer, enrubescou. Como não ver nessas palavras, apesar de seu tom cordial, ironia? Bernard usa ainda o mesmo terno com que estava na noite de sua fuga. Não esperava encontrar Olivier.

Sempre fazendo perguntas, leva-o consigo. A alegria que sente por revê-lo é inesperada. Se a princípio sorriu um pouco diante do refinamento de seu traje, foi sem nenhuma malícia; ele tem bom coração, não tem maldade.

- Almoça comigo? Preciso voltar à uma e meia para o latim. Hoje pela manhã foi o francês.

- Satisfeito?

- Sim. Mas não sei se o que produzi estará a gosto dos examinadores. Tratava-se de dar sua opinião sobre quatro versos de La Fontaine:

"Papillon du Parnasse, et semblable aux abeilles
À qui lê bon Platon compare nos merveilles,
. Je suis chose légère et vole à tout sujet,

Je vais de fleur en fleur et d'objet en objet"1. >

Diga-me, o que teria feito com isso? '•;

Olivier não pôde resistir ao desejo de brilhar:

- Teria dito que, ao retratar a si mesmo, La Fontaine fizera o retrato do artista, daquele que só consente em levar do mundo o exterior, o superficial, a flor. Depois teria feito a comparação com um retrato do sábio, do pesquisador, daquele que investiga, e mostrado enfim que, enquanto o sábio busca, o artista encontra, que aquele que investiga se enterra, e quem se enterra se cega; que a verdade é a aparência, que o mistério é a forma, e que o que o homem tem de mais profundo é sua pele.

Esta última frase, Olivier ouvira de Passavant, que por sua vez colhera dos lábios de Paul-Ambroise, num dia em que este discursava num salão. Tudo o que não estivesse

impresso era aproveitado por Passavant, era o que ele chamava "as ideias no ar", ou seja: as dos outros.

Um não sei quê no tom de Olivier advertiu Bernard de que essa frase não era dele. A voz de Olivier estava perturbada. Bernard esteve a ponto de perguntar: "De quem é?", mas além de não querer ofender seu amigo, receava ter que ouvir o nome de Passavant, que o outro até o momento não havia pronunciado. Bernard contentou-se em olhar o amigo com insistência curiosa, e Olivier, pela segunda vez, enrubesceu.

1 "Borboleta do Parnaso, e tal como as abelhas, As quais o bom Platão compara nossas maravilhas, Sou leve e voo por qualquer motivo, vou de flor em flor e de uma coisa a outra." (N. da T.)

A surpresa de Bernard, por ouvir o sentimental Olivier exprimir ideias inteiramente diversas daquelas que conhecia nele, deu lugar quase imediatamente a uma violenta indignação, algo inesperado e surpreendente, irresistível como um ciclone. E não era exatamente contra as ideias que ele se indignava, ainda que lhe parecessem absurdas.

E talvez não fossem, afinal, tão absurdas assim. Em seu caderno de opiniões contraditórias, ele poderia inscrevê-las ao lado das suas próprias. Fossem autenticamente ideias de Olivier, não se teria indignado contra ele, nem contra elas, mas sentia alguém por trás daquilo, e era contra Passavant que se indignava.

- com tais ideias, envenena-se a França, exclamou com voz surda, mas veemente. Atacava de cima, desejoso de se elevar além de Passavant. E o que disse surpreendeu-o a si mesmo, como se sua frase houvesse precedido seu pensamento, e no entanto fora esse mesmo pensamento que desenvolvera naquela manhã em seu exame. Mas, por uma espécie de pudor, repugnava-lhe, em sua linguagem, e especialmente ao falar com Olivier, dar demonstrações do que chamava "grandes sentimentos". Repentinamente expressos, estes lhe pareciam menos sinceros. Olivier nunca então ouvira seu amigo falar sobre os interesses "da França": foi a sua vez de ficar surpreso. Arregalava os olhos e sequer pensava em sorrir. Não reconhecia mais o seu Bernard. Repetiu estupidamente:

- A França? - E então, livrando-se da responsabilidade, pois Bernard decididamente não estava brincando:

•- Mas, meu velho, não sou eu quem pensa assim, é La Fontaine.

Bernard tornou-se quase agressivo:

- Bolas! exclamou, estou cansado de saber que não é você quem pensa assim. Mas, meu velho, também não é La Fontaine. Se ele só tivesse tido a seu favor essa leveza, da qual, aliás, no fim da vida, arrepende-se e pela qual se desculpa, não teria nunca sido o artista que admiramos. Foi exatamente o que eu disse em minha dissertação desta manhã, e que reforcei com inúmeras citações, pois você sabe que tenho uma memória bastante boa. Mas, deixando logo de lado La Fontaine, e enfocando a autorização que alguns espíritos superficiais poderiam pensar encontrar naqueles versos, permiti-me um discurso contra o espírito de despreocupação, de bazófia, de ironia, enfim contra o que se chama de "espírito francês", que por vezes nos vale no exterior uma reputação bastante deplorável. Disse que era preciso ver nisso não o sorriso, mas a careta da França, que o verdadeiro espírito da França era um espírito de exame, de lógica, de amor e de penetração paciente. E que, se esse espírito não houvesse animado La Fontaine, ele talvez houvesse escrito seus contos, mas nunca suas fábulas, nem aquela admirável epístola (mostrei que a conhecia) da qual foram extraídos aqueles poucos versos que nos eram dados para comentar. Sim, meu velho, uma carga violenta, que talvez faça com que me reprovem. Mas pouco me importo, precisava dizer tudo aquilo.

Olivier não dava grande importância ao que exprimira havia pouco. Cedera à necessidade de brilhar, e de citar, como que negligentemente, uma frase que considerava capaz de causar estupefação ao amigo. Se agora este o atacava naquele tom, nada lhe restava senão bater em retirada. Sua grande fraqueza vinha do fato de que precisava muito mais da afeição de Bernard do que esta da sua. A declaração de Bernard mortificava-o, humilhava-o. Odiava-se por haver falado depressa demais. Agora, era muito tarde para se retratar, para concordar integralmente, como certamente teria feito se tivesse deixado Bernard falar primeiro. Mas como poderia ter previsto que Bernard, que fora tão crítico, iria posar de defensor de sentimentos e ideias que Passavant lhe ensinava a não considerar sem sorrir? De sorrir realmente não sentia mais vontade, sentia vergonha. E não podendo nem se retratar nem se erguer contra Bernard, cuja autêntica emoção o impressionava, não procurava nada além de se proteger, de se preservar:

- Enfim, se foi isto o que você escreveu na prova, não foi contra mim que falou... Prefiro assim.

Exprimiam-se como alguém encabulado, e nem um pouco no tom que gostaria.

- Mas é a você que o digo agora, retrucou Bernard. Esta frase atingiu Olivier em cheio. Bernard certamente

não a dissera com intenção hostil, mas como considerá-la de outro modo? Olivier se calou. Um abismo entre Bernard e ele se abria. Buscou as perguntas que, de um lado a outro desse abismo, poderia atirar para restabelecer o contato. Buscava sem esperanças. "Será que ele não compreende minha angústia?", dizia-se, e sua angústia aumentava. Talvez não tenha tido que engolir as lágrimas, mas dizia-se que havia do que chorar. Era sua culpa também: o reencontro ter-lhe-ia parecido menos triste se se houvesse prometido

menos alegria. Quando, dois meses antes, ele se precipitara ao encontro de Édouard, acontecera o mesmo. Seria sempre assim, dizia-se. Tinha vontade de deixar Bernard ali, ir para qualquer lugar, esquecer Passavant, Édouard... Um encontro inesperado, súbito, interrompeu o triste curso de seus pensamentos.

A alguns passos diante deles, no Boulevard SaintMichel, que subiam, Olivier acabara de entrever Georges, seu irmão. Agarrou Bernard pelo braço e, dando imediatamente meia-volta, arrastou-o precipitadamente.

- Acha que ele nos viu?... Minha família não sabe que estou de volta.

O jovem Georges não estava sozinho. Léon Ghéridanisol e Philippe Adamanti o acompanhavam. A conversa entre os três meninos estava muito animada, mas o interesse com que Georges participava não o impedia de "ficar de olho", como dizia. Para ouvi-los, deixemos por um instante Olivier e Bernard, tanto mais que, tendo entrado num restaurante, nossos dois amigos estão, por algum tempo, mais ocupados em comer do que em falar, para grande alívio de Olivier.

- Muito bem, então, vá você, diz Phiphi a Georges.

- Ah! Ele tá com cagaço, tá com cagaço! replica este, pondo na voz todo o irônico desprezo que consegue, destinado a instigar Philippe. E Ghéridanisol, superior:

- Meus carneiros, se não querem, melhor dizer de uma vez. Não tenho problemas em encontrar outros sujeitos que terão mais peito do que vocês. Vamos, devolva-me isso.

Vira-se para Georges, que tem uma pequena moeda na mão fechada.

- Claro que eu vou! exclama Georges num súbito impulso. Venham comigo. (Estão defronte a uma tabacaria.)

- Não, diz Léon, vamos esperá-lo na esquina. Venha, Phiphi.

Georges sai da loja um momento depois. Traz na mão um maço de cigarros chamados "de luxo", oferece-os aos amigos.

- E então? perguntou ansiosamente Phiphi.

- E então o quê? retruca Georges, com um ar de indiferença afetada, como se o que acabava de fazer se tivesse de repente tornado tão natural que não valesse a pena comentar. Mas Philippe insiste: ;

- Passou-a? '

- Óbvio!

- Não disseram nada? Georges dá de ombros:

- O que queria que me dissessem?

- E deram o troco?

Dessa vez Georges nem se digna responder. Mas como o outro, ainda um pouco cético e receoso, insiste: "Mostre", Georges tira o dinheiro do bolso. Philippe conta: os sete francos ali estão. Tem vontade de perguntar: "Pelo menos tem certeza de que esses aí são bons?", mas controla-se.

Georges havia pago um franco pela moeda falsa. Ficara combinado dividirem o troco. Estende três francos a Ghéridanisol. Quanto a Phiphi, não terá um centimo, quando muito um cigarro, isso lhe servirá de lição.

Encorajado por esse primeiro sucesso, Phiphi, agora, queria. Pede a Léon que lhe venda uma segunda moeda. Mas Léon acha Phiphi fraco, e, para sacudi-lo, finge um certo desprezo por sua anterior covardia, e simula estar agastado. "Ele deveria ter se decidido mais depressa; jogariam sem ele." Ademais, Léon acha imprudente arriscar uma nova experiência perto demais da primeira. E além disso, agora, é muito tarde. Seu primo Strouvillou o espera para almoçar.

Ghéridanisol não é tão imbecil que não saiba escoar sozinho suas moedas, mas, de acordo com as instruções de seu primo mais velho, procura assegurar-se de cúmplices.

Prestará contas de sua missão bem executada.

- Garotos de boa família, entenda, é desses que precisamos, porque depois, se o caso se torna público, os pais trabalham para abafá-lo. - (É o primo Strouvillou, seu responsável interino, que lhe fala desse modo, enquanto almoçam.) - Só que, com esse sistema de vender as moedas uma a uma, elas se escoam muito lentamente.

Tenho cinquenta e duas caixas de vinte moedas cada para colocar. É preciso vendê-las a vinte francos cada, mas não a qualquer um, entende? O melhor seria formar uma associação, da qual não se poderá fazer parte sem trazer garantias. É preciso que os garotos se comprometam e que mostrem o modo de segurar os pais. Antes de lhes dar as moedas, você tratará de fazê-los compreender isso. Oh! Sem amedrontá-los. Nunca se deve amedrontar as crianças. Você me disse que o pai de Molinier era magistrado? Isso é bom. E o pai de Adamanti?

- Senador.

- Melhor ainda. Você já é bastante maduro para entender que não há família sem algum segredo, que os interessados morrem de medo que apareçam. É preciso mandar os garotos à caça; isso os ocupará. Geralmente a gente se aborrece tanto, em família! E depois, isso pode ensiná-los a observar, a pesquisar. É muito simples: quem não trazer nada, não terá nada. Quando compreenderem que os temos nas mãos, alguns pais pagarão caro pelo silêncio. Ora, não temos a intenção de chantageá-los, somos pessoas honestas. Pretendemos simplesmente controlá-los. Seu silêncio pelo nosso. Que eles se calem, que façam calar; então nos calaremos, também. Bebamos à saúde deles.

Strouvilhou encheu dois copos. Brindaram.

- É bom, recomeçou ele, é mesmo indispensável, criar relações de reciprocidade entre os cidadãos, é assim que se formam as sociedades sólidas. Uns seguram os outros, ora! Nós seguramos os garotos, que seguram seus pais, que nos seguram. É perfeito. Percebe?

Léon percebia brilhantemente. Ria, zombeteiro.

- O jovem Georges... começou.

- Muito bem, o jovem Georges... o quê?

- Molinier, acho que está maduro. Afanou umas caixas de seu pai, de uma senhorita do Olympia.

- Você as viu?

- Ele as mostrou para mim. Eu o ouvia, conversando com Adamanti. Acho que estavam gostando que eu os estivesse ouvindo; em todo caso, não se escondiam de mim. Eu já havia tomado umas medidas quanto a isso, e já lhes havia feito engolir uma de suas histórias, para conquistar-lhes a confiança. Georges dizia a Phiphi (para embasbacá-lo):

"Meu pai tem uma amante". Ao que Phiphi, para não ficar para trás, replicava: "O meu pai tem duas". Era idiota, e não havia com que se impressionar; mas aproximei-me e disse a Georges: "O que você sabe sobre isso?" "Vi as cartas", disse-me ele. Fiz cara de quem não acreditava e disse: "Que piada..." Enfim, deixei-o fora de si.

Acabou me dizendo que tinha consigo as tais cartas, tirou-as de uma enorme carteira e mostrou-as.

- Você as leu?

- Não tive tempo. Vi apenas que todas eram escritas com a mesma letra, uma delas endereçada a "Meu gatinho querido".

- E assinadas?

- "Tua ratinha branca." Perguntei a Georges: "Como

as conseguiu?" Então, às gargalhadas, ele tirou do bolso da calça um imenso molho de chaves e me disse: "Há para todas as gavetas".

- E o que dizia o sr. Phiphi?

- Nada. Acho que estava com ciúme.

- Georges lhe daria essas cartas?

- Se for preciso, saberei levá-lo a isso. Não gostaria de toma-las dele. Se Phiphi entrar no jogo, ele me dará todas. Os dois se instigam.

- É o que se chama emulação. E você não sabe de outros, no pensionato?

- Procurarei.

- Eu queria dizer-lhe ainda... Deve haver, entre os internos, um menino Boris. Deixe-o em paz. Ele hesitou por um instante e então acrescentou, mais baixo: - Por enquanto.

Olivier e Bernard estão agora sentados à mesa de um restaurante. A angústia de Olivier, diante do caloroso sorriso de seu amigo, derrete-se como a geada ao sol.

Bernard evita pronunciar o nome de Passavant; Olivier o percebe, um secreto instinto o adverte; mas ele tem esse nome nos lábios, é preciso que fale, aconteça seja lá o que for.

- É, voltamos mais cedo do que eu dissera à minha família. Hoje à noite, os Argonautas oferecem um banquete. Passavant faz questão de ir. Ele quer que nossa nova revista viva em bons termos com sua irmã mais velha, e que não se dê ares de rival... Você deveria ir, e, sabe... deveria levar Édouard... Talvez não ao banquete em si, porque é preciso ser convidado, mas logo depois. Estaremos numa sala do primeiro andar, na Taverna do Panthéon. Os principais redatores dos Argonautas estarão lá, e muitos dos que deverão colaborar na Avant-Garàe. Nosso primeiro número está quase pronto, mas... diga, por que não me mandou nada?

- Porque não tinha nada pronto, responde Bernard um tanto secamente.

A voz de Olivier torna-se quase implorante:

- Coloquei seu nome ao lado do meu, no expediente. .. Esperaríamos um pouco, se fosse preciso...

Qualquer coisa, mas alguma coisa... Você nos tinha quase prometido

..

' ' É penoso para Bernard magoar Olivier, mas ele se endurece:

- Escute, meu caro, é melhor que eu diga de uma vez: receio não me entender bem com Passavant.

- Mas se sou eu quem dirige! Ele me deixa inteiramente livre.

- E, além disso, é exatamente mandar qualquer coisa o que me desagrada. Não quero escrever "qualquer coisa".

- Falei em "qualquer coisa" porque sabia que qualquer coisa sua sempre seria boa... que exatamente nunca seria "qualquer coisa".

Não sabe o que dizer. Balbucia. Se não sentir seu amigo a seu lado, aquela revista não o interessa mais. Era tão bonito o sonho de começarem juntos!

- E depois, meu velho, se já começo a saber muito bem o que não quero fazer, não sei ainda muito bem o que farei. Nem mesmo sei se escreverei.

Essa declaração consterna Olivier. Mas Bernard recomeça:

- Nada do que eu escreveria com facilidade me tenta. É porque construo bem as frases que tenho horror de frases bem-construídas. Não é que eu goste da dificuldade por si mesma, mas acho que, realmente, os literatos de hoje não se atormentam. Para escrever um romance, ainda não conheço bastante a vida alheia, e eu mesmo ainda não vivi. Os versos me aborrecem, o alexandrino já deu o que tinha que dar, o verso livre é amorfo. O único poeta que me satisfaz, hoje em dia, é Rimbaud.

- É exatamente o que digo no manifesto.

- Então, não vale a pena que eu o repita. Não, meu velho, não, não sei se escreverei. Parece-me às vezes que escrever impede de viver, e que podemos nos exprimir melhor por atos do que por palavras.

- As obras de arte são atos que duram, arriscou temerosamente Olivier, mas Bernard não o ouvia.

-É isso o que mais admiro em Rimbaud: ter preferido a vida -

- Ele destruiu a sua.

- Como é que você sabe?

- Ah, isso, meu velho...

- seje julgar a vida dos outros pelo exterior.. Mas, enfim, admitamos que ele falhou: teve azar, sofreu miséria e doença... Assim como é a vida dele, eu a invejo.

É, invejo-a muito mais, com seu fim sórdido, do que a de...

Bernard não terminou a frase. A ponto de mencionar um contemporâneo ilustre, hesitava entre nomes demais. Deu de ombros e continuou:

- Sinto em mim, confusamente, aspirações extraordinárias, espécies de ondas profundas, movimentos, agitações incompreensíveis, e que não quero procurar compreender, que nem mesmo quero observar, por medo de impedi-las de se produzirem. Há não muito tempo, eu me analisava sem parar. Tinha o hábito de falar constantemente comigo mesmo. Agora, que eu gostaria de fazê-lo, não consigo mais. Essa mania acabou subitamente, sem que eu me tenha mesmo dado conta. Acho que esse monólogo, esse "monólogo interior", como dizia nosso professor, continha uma espécie de desdobramento do qual deixei de ser capaz desde o dia em que comecei a amar alguém além de mim, mais do que a mim.

- Quer falar de Laura, disse Olivier. Continua amando-a do mesmo modo?

- Não, disse Bernard; mas amo-a mais. Acho que é próprio do amor, isso de não poder permanecer o mesmo, de ser forçado a crescer, sob pena de diminuir, e que é isso o que o distingue da amizade. _

- Ela também, entretanto, pode enfraquecer, disse Olivier tristemente.

- Acho que a amizade não tem margens tão grandes.

- Diga-me... não vai se zangar se eu perguntar uma coisa?

- Você ficará sabendo.

- É que eu não queria aborrecê-lo.

- Se guardar as suas perguntas para você, ficarei muito mais aborrecido.

- Eu queria saber se você sente por Laura... desejo. Bernard tornou-se subitamente muito sério.

- Só mesmo porque é você... começou. Pois bem, meu caro, dá-se comigo algo curioso: é que, desde que a conheço, não sinto mais desejos. Eu que, antes, você se lembra, me inflamava ao mesmo tempo por vinte mulheres que encontrava pela rua (e era exatamente o que me impedia de escolher uma), agora acho que não posso mais ser sensível, nunca mais, a outra forma de beleza que não a dela. Que nunca poderei amar outro rosto senão o dela, seus lábios, seu olhar. Mas é veneração o que sinto por ela, e, junto a ela, todo pensamento impuro me parece ímpio. Acho que eu estava enganado a meu respeito, e que Trunnir natureza é

muito a Laura, meus instintos se sublimaram. Sinto em mim grandes forças latentes. Gostaria de empregá-las. Invejo o frade que dobra seu orgulho à regra, aquele a quem se diz: "Conto com você". Invejo o soldado... Ou melhor, não, não invejo ninguém, mas minha turbulência interior me oprime, e aspiro a discipliná-la. É como vapor em mim, pode evadir-se sibilando (isso é poesia), acionar pistões, rodas, ou até mesmo fazer explodir a máquina. Sabe qual o ato pelo qual por vezes me parece que me exprimiria melhor? É... Oh! Sei perfeitamente que não me mataria, mas compreendo admiravelmente Dmítri Karamázov, quando pergunta a seu irmão se compreende que alguém possa se matar por entusiasmo, por simples excesso de vida...

por explosão.

Um extraordinário brilho emanava de todo o seu ser. Como se expressava bem! Olivier o contemplava numa espécie de êxtase.

- Eu também, murmurou temerosamente, compreendo que alguém se mate, mas seria após ter experimentado uma alegria tão forte que toda a vida a seguir empalidecesse, uma alegria tal que se pudesse pensar: Basta, estou contente, nunca mais eu...

Mas Bernard não o ouvia. Ele se calou. De que serve falar para o vazio? Todo o seu céu novamente escureceu. Bernard olhou o relógio:

- Preciso ir. Então, esta noite, você dizia... a que horas?

- Oh! Acho que às dez estará bem. Você irá?

- Sim, tentarei levar Édouard. Mas, você sabe: ele não gosta muito de Passavant, e as reuniões de literatos o cansam. Seria unicamente para revê-lo. Diga-me, não podemos nos reencontrar, depois de meu exame de latim?

Olivier não respondeu imediatamente. Pensava, em desespero, que prometera a Passavant ir ao seu encontro na futura gráfica da Avant-Garde, às quatro horas. Quanto não teria dado para estar livre!

- Gostaria muito, mas tenho um compromisso. Nada transpareceu de sua angústia, e Bernard respondeu:

- Azar.

com o que, os dois amigos se separaram.

Olivier nada dissera a Bernard de tudo o que se havia

prometido dizer-lhe. Receava ter-lhe desagradado. Desagradava a si mesmo. Tão desenvolto estivera pela manhã, agora caminhava de cabeça baixa. A amizade de Passavant, da qual a princípio se orgulhava, perturbava-o pois sentia pesar sobre ela a reprovação de Bernard. À noite, no banquete, se encontrasse lá o amigo, sob os olhares de todos, não poderia falar-lhe. Não poderia ser divertido, esse banquete, a não ser que ambos se houvessem previamente entendido. E, levado pela vaidade, que triste ideia tinha tido de atrair também para lá o tio Édouard! Junto a Passavant, rodeado de mais velhos, de colegas, de futuros colaboradores da Avant-Garde, precisaria pavonear-se. Édouard faria dele um juízo ainda pior, julgá-lo-ia mal certamente para sempre... Se ao menos pudesse revê-lo antes desse banquete! Revê-lo imediatamente. Atirar-se-ia em seus braços, choraria talvez, abriria o coração... Até as quatro horas, há tempo. Rápido, um carro.

Dá o endereço ao motorista. Chega defronte à porta, com o coração batendo: toca a campainha...

Édouard saiu.

Pobre Olivier! Em lugar de se esconder de seus pais, por que não voltava simplesmente para casa? Teria encontrado seu tio Édouard junto a sua mãe.

VI

Diário de Édouard

"Os romancistas nos iludem quando desenvolvem o indivíduo sem levar em conta as pressões do meio. A floresta molda a árvore. Para cada uma, tão pouco lugar é deixado!

Quantos brotos atrofiados! Cada qual lança seus ramos para onde pode. O galho místico, na maioria das vezes, se deve ao sufocamento. Só pelo alto é possível escapar.

Não compreendo como Pauline faz para não criar galhos místicos, nem que pressões ainda espera. Falou-me com mais intimidade do que nunca. Eu não suspeitava, confesso, de tudo o que, sob a aparência de felicidade, ela esconde de dissabor e resignação. Mas reconheço que precisaria ser uma alma muito vulgar para não ter sido decepcionada por Molinier. Em minha conversa com ele, anteontem, pude avaliar seus limites. Como pôde Pauline casar-se com ele?... Infelizmente, a mais deplorável carência, a do caráter, é oculta, e só se revela com o uso?)

Pauline concentra todos os seus esforços em amainar as insuficiências e fraquezas de Oscar, em escondê-las dos olhos de todos, e especialmente dos olhos dos filhos.

Esforça-se para permitir a estes estimar o pai, e, na verdade, precisa esforçar-se muito. Mas fá-lo de tal modo que eu mesmo estava enganado. Fala do marido sem desprezo, mas com uma espécie de indulgência que deixa entrever muito. Las-

tima que ele não tenha mais autoridade sobre os filhos, e, como eu lamentasse ver Olivier com Passavant, compreendi que, se fosse apenas por ela, a viagem à Córsega não se teria realizado.

- Eu não aprovava essa partida, disse-me, e esse sr. Passavant, para dizer a verdade, não me agrada nem um pouco. Mas o que quer? O que vejo que não posso impedir, prefiro consentir de boa vontade. Oscar consente sempre; a mim também, ele se submete. Mas quando creio dever me opor a algum plano das crianças, negar-lhes, resistir-lhes, não encontro junto a ele nenhum apoio. Até mesmo Vincent interferiu. Então, que resistência poderia

eu opor a Olivier, sem arriscar-me a perder sua confiança? É sobretudo com ela que conto.

Ela cerzia velhas meias, as quais, dizia-me, Olivier não queria mais. Parou para enfiar uma agulha, e continuou num tom mais baixo, como que mais confiante e mais triste:

- Sua confiança... Se ao menos ainda estivesse certa de tê-la! Mas não, eu a perdi...

O protesto que, sem convicção, ensaiei fê-la sorrir. Deixou cair seu trabalho e recomeçou:

- Escute, sei que ele está em Paris. Georges o viu hoje pela manhã, disse-me acidentalmente, e fingi não ouvi-lo, pois não me agrada vê-lo denunciar o irmão. Mas, enfim, eu o sei. Olivier se esconde de mim. Quando nos encontrarmos, ele se sentirá forçado a me mentir, e eu darei a impressão de acreditar nele, como dou a impressão de acreditar em seu pai a cada vez que se esconde de mim.

- É por receio de magoá-la.

- Magoa-me bem mais. Não sou intolerante. Há um sem-número de pequenas faltas que tolero, diante das quais fecho os olhos.

- De que está falando agora?

- Oh! Tanto do pai quanto dos filhos.

- Fingindo não vê-las, mente para eles também,

- Mas o que quer que eu faça? Já é muito não me queixar, não posso no entanto aprovar! Não, veja, digo-me que, cedo ou tarde, perde-se o poder, e o mais terno amor não consegue nada. O que digo? Ele perturba, importuna. Chego mesmo a esconder esse amor.

- Agora fala de seus filhos.

- Por que diz isso? Imagina que eu não saiba mais amar Oscar? Por vezes digo-me o mesmo, mas digo-me também que é por medo de sofrer demais que não o amo tanto.

E... sim, deve ter razão: quando se trata de Olivier, prefiro sofrer.

•-• E Vincent?

- Há alguns anos, tudo o que lhe digo de Olivier, teria dito dele.

- Minha pobre amiga... Em breve, dirá o mesmo de Georges.

- Mas aos poucos nos resignamos. Entretanto, não pedíamos muito da vida. Aprende-se a pedir ainda menos... sempre menos. - Então acrescentou suavemente: - E de si mesma, sempre mais.

- com essas ideias, já se é quase cristã, retruquei, sorrindo.

- É o que me digo às vezes. Mas não basta tê-las, para ser cristão.

- Tanto quanto não basta ser cristão para tê-las.

- Pensei muitas vezes, deixe-me dizer-lhe, que, na falta do pai deles, eu poderia contar com você para falar aos meninos.

- Vincent está longe.

- É tarde demais para ele. É em Olivier que penso. Em sua companhia é que eu gostaria que tivesse partido.

Diante dessas palavras que me deixavam imaginar subitamente o que poderia ter sido se eu não houvesse irrefletidamente acolhido a aventura, uma terrível emoção me dominou, e a princípio não consegui encontrar o que dizer. Então, como as lágrimas me subissem aos olhos, desejando dar a minha perturbação uma aparência de motivo:

- Para ele também, receio que seja tarde demais, suspirei.

Pauline segurou-me então as mãos:

- Quanta bondade! exclamou.

Perturbado por vê-la me julgar erroneamente, e não podendo desenganá-la, quis ao menos desviar a conversa de um assunto que me deixava muito pouco à vontade:

- E Georges? perguntei.

- Ele me preocupa muito mais do que o fizeram os dois outros, recomeçou ela. Não posso dizer que perco a influência sobre ele, pois nunca foi nem confiante nem submisso.

Hesitou por um instante. Certamente, não lhe era fácil dizer o que se segue:

- Aconteceu um fato grave, neste verão, continuou afinal. Um fato que me é muito penoso contar-lhe e sobre o

qual, aliás, fiquei com algumas dúvidas... Uma nota de cem francos desapareceu do armário onde tenho o hábito de trancar meu dinheiro. O receio de suspeitar erroneamente me impediu de acusar alguém; a empregada que nos atendia no hotel era uma mocinha que me parecia honesta. Disse diante de Georges que havia perdido aquele dinheiro; devo dizer-lhe que minhas suspeitas recaíam sobre ele. Ele não se perturbou, não enrubesceu... Envergonhei-me de minhas suspeitas, quis persuadir-me de que me havia enganado, refiz meus cálculos. Infelizmente, não havia como duvidar, faltavam cem francos. Hesitei em interrogá-lo, e finalmente não o fiz. O medo de vê-lo acrescentar ao roubo uma mentira me reteve. Fiz mal?... Sim, censuro-me agora por não ter sido mais forte; talvez tenha também tido medo de precisar ser severa demais ou de não sabê-lo ser o bastante. Mais uma vez, fiz o papel da que ignora, mas garanto-lhe que com o coração bem atormentado. Deixara o tempo passar e me dizia que já seria tarde demais e que a punição estaria muito longe do erro. E como puni-lo? Nada fiz, e censuro-me por isso... mas o que poderia ter feito?

'Pensei em mandá-lo para a Inglaterra, queria mesmo pedir-lhe conselhos sobre isso, mas não sabia onde você estava... Pelo menos não escondi minha mágoa e minha inquietação, e creio que ele percebeu, pois tem bom coração, como sabe. Conto mais com as censuras que terá podido fazer a si mesmo, se é que realmente foi ele, que com as que eu lhe teria feito. Não o fará novamente, tenho certeza. Ele estava lá com um colega muito rico, que o levava, sem dúvida, a gastar. Certamente deixei o armário aberto... E, novamente, não tenho certeza de que tenha sido ele. Muita gente circulava pelo hotel...'

Eu admirava com que engenhosidade ela adiantava o que pudesse desculpar seu filho.

- Eu teria desejado que ele repusesse o dinheiro onde o havia apanhado, disse-lhe eu.

- Também cheguei a me dizer isso. E como ele não o fazia, quis ver aí uma prova de sua inocência. Disse-me também que ele não ousava.

- Falou sobre isso com o pai dele? Ela hesitou por um momento:

- Não, disse afinal. Prefiro que ele não saiba de nada.

com certeza imaginou ouvir ruídos na sala vizinha. Foi

certificar-se de que não havia ninguém, e, voltando a sentar-se a meu lado:

- Oscar me disse que almoçaram juntos, outro dia. Elogiou-o tanto, que logo imaginei que você principalmente ouviu o que ele dizia. (Sorria tristemente, ao dizer essas palavras.) Se ele lhe fez confidências, quero respeitá-las... embora eu saiba de sua vida privada muito mais do que ele imagina... Mas, desde que voltei, não compreendo o que ele tem. Mostra-se tão doce; eu ia dizer: tão humilde... Fico quase perturbada. Dir-se-ia que tem medo de mim. Está errado. Há muito tempo estou a par das relações que mantém... Sei até mesmo com quem. Ele acha que ignoro, e toma inúmeras precauções para escondê-las de mim, mas essas precauções são tão aparentes que, quanto mais ele as esconde, mais aparecem. Todas as vezes que ele, ao sair, assume um ar assoberbado, contrariado, preocupado, sei que corre para o seu prazer. Tenho vontade de lhe dizer: 'Mas, meu amigo, não o detenho; tem medo de que eu fique com ciúmes?' Eu riria, se tivesse coragem. Meu único temor é que as crianças percebam algo; ele é tão distraído, tão desajeitado! Às vezes, sem que ele desconfie, vejo-me forçada a ajudá-lo, como se fizesse o seu jogo. Acabo quase me divertindo, garanto-lhe. Invento desculpas para ele, recoloco no bolso de seu sobretudo cartas que deixa por aí.

- Exatamente, disse-lhe eu, ele receia que tenha descoberto umas cartas.

- Ele lhe disse? '!'•

- E é isso o que o torna tão medroso.

- Acredita que eu procuraria lê-las?

Uma espécie de orgulho ferido enrijeceu-a. Precisei acrescentar:

- Não se trata das que ele possa ter perdido inadvertidamente, mas de cartas que ele havia colocado numa gaveta e que diz não ter encontrado lá. Ele acredita que você as apanhou.

A essas palavras, vi Pauline empalidecer, e a terrível suspeita que lhe veio à mente apoderou-se de súbito de meu espírito. Eu lamentava haver falado, mas era tarde demais. Ela desviou de mim o olhar e murmurou:

- Quem me dera tivesse sido eu! Parecia arrasada.

- O que fazer? repetia, o que fazer? Então, erguendo novamente os olhos para mim: - Não poderia falai com ele?

Embora, assim como eu, ela evitasse pronunciar o nome de Georges, era evidente que era nele que pensava.

- Tentarei. Pensarei sobre isso, disse-lhe, levantando-me. E enquanto me acompanhava até a saleta:

- Não diga nada a Oscar, por favor. Que ele continue a suspeitar de mim, a acreditar no que acredita... É melhor assim. Volte para me ver."

VII

Olivier, entretanto, desolado por não ter encontrado o tio Édouard, e não podendo suportar sua solidão, pensou em dirigir para Armand seu coração em busca de amizade.

Encaminhou-se para o Pensionato Vedei.

Armand recebeu-o em seu quarto. Uma escada de serviço levava até lá. Era um aposento pequeno e estreito, cuja janela dava para um pátio interno, para o qual davam também os banheiros e as cozinhas do prédio vizinho. Um refletor convexo, de zinco, colhia ao alto a luz do dia e a refletia, descorada. O quarto era mal arejado, reinava ali um odor incómodo.

- Mas a gente se acostuma, dizia Armand. Você compreende que meus pais reservem os melhores

quartos para os pensionistas pagantes. É natural. Cedi o que ocupava o ano passado a um visconde: o irmão do seu ilustre amigo Passavant. É principesco; mas sob a vigilância do de Rachel. Há uma porção de quartos, aqui, mas nem todos são independentes. Assim, a pobre Sarah, que chegou esta manhã da Inglaterra, para chegar à sua nova toca, é obrigada a passar pelo quarto de nossos pais (o que para ela não é um bom negócio), ou pelo meu, que anteriormente não era mais, para falar a verdade, do que um banheiro ou um depósito. Aqui, pelo menos tenho a vantagem de poder entrar e sair quando quero, sem ser espionado por ninguém. Preferi isso às mansardas, onde ficam os criados. Para dizer a verdade, gosto bastante de estar mal instalado. Meu pai chamaria isso

de gosto pela maceração, e explicaria que o que é prejudicial para o corpo prepara a saúde da alma. Aliás, ele nunca entrou aqui. Você entende que ele tenha outras preocupações que não os aposentos de seu filho. É espantoso, o meu pai. Sabe de cor uma porção de frases consoladoras para os principais acontecimentos da vida. É bonito de se ouvir. Pena que ele nunca tenha tempo para conversar... Você está olhando para a minha galeria de quadros; pela manhã podese apreciá-la melhor. Isto é uma estampa em cores, de um aluno de Paolo Uccello, para uso dos veterinários. Num admirável esforço de síntese, o artista concentrou num só cavalo todos os males com a ajuda dos quais a Providência depura a alma equina. Você perceberá a espiritualidade do olhar... Isto é um quadro simbólico das idades da vida, desde o berço até o túmulo. como desenho, não é muito bom, vale sobretudo pela intenção. E, mais adiante, poderá admirar a fotografia de uma cortesã de Ticiano, que coloquei sobre minha cama para me dar ideias lúbricas. Aquela porta é a do quarto de Sarah.

O aspecto quase sórdido do lugar impressionava Olivier dolorosamente. A cama não estava arrumada, e, sobre a mesa, a bacia não fora esvaziada.

- É, eu mesmo arrumo meu quarto, disse Armand, em resposta ao seu olhar inquieto. Aqui, você pode ver minha mesa de trabalho. Não faz ideia do quanto a atmosfera deste quarto me inspira:

"A atmosfera de um retiro amado..."

É a ela que devo a ideia de meu último poema: O vaso noturno.

Olivier viera ao encontro de Armand com a intenção de lhe falar sobre sua revista e de obter sua colaboração para ela. Não mais o ousava. Mas Armand, por si, chegava ao assunto.

- O vaso noturno, que tal? Que belo título!... com esta epígrafe de Baudelaire:

"Estás, vaso fúnebre, à espera de algumas lágrimas?"

Retomo nele a antiga comparação (sempre nova) do oleiro criador, que modela cada ser humano como um vaso destinado a conter não se sabe o quê. E comparo a mim mesmo, num impulso lírico, ao mencionado vaso, ideia que, como

dizia, veio-me naturalmente ao respirar o odor deste quarto. Estou particularmente satisfeito com o começo da obra:

"Aquele que aos quarenta anos não tem hemorróidas..."

Anteriormente, eu havia posto, para tranquilizar o leitor, "Aquele que aos cinquenta anos...", mas me prejudicava a aliteração. Quanto a "hemorróidas", é sem dúvida a mais bela palavra da língua francesa... mesmo independentemente de seu significado - acrescentou com zombaria.

Olivier mantinha-se calado, com o coração oprimido. Armand continuou:

- Nem preciso dizer que o penico fica particularmente envaidecido quando recebe a visita de um pote todo perfumado como você.

- E você não escreveu nada além disso? acabou perguntando Olivier, desesperadamente.

- Eu ia propor meu Vaso noturno à sua gloriosa revista, mas, pelo tom com que você acaba de dizer "isso", vejo que ele não tem muita chance de lhe agradar. Em casos como este, o poeta tem sempre o recurso de argumentar: "Não escrevo para agradar", e de se persuadir de que criou uma obra-prima. Mas não vou esconder de você que acho meu poema execrável. Aliás, não escrevi nada além do primeiro verso. E, quando digo "escrevi", é ainda mais uma maneira de falar, pois acabo de fabricá-lo em sua homenagem, agora mesmo... Não, mas, realmente, você pensava em publicar alguma coisa

minha? Desejava minha colaboração? Então não me julgava incapaz de escrever algo adequado? Teria você descoberto em meu rosto pálido os estigmas reveladores do gênio? Sei que aqui a gente não enxerga muito bem para se olhar no espelho, mas, quando me contemplo, qual Narciso, vejo apenas uma cara de fracassado. Afinal, talvez seja somente efeito da pouca luz... Não, meu caro Olivier, não escrevi nada neste verão, e se contava comigo para sua revista, pode desistir. Mas chega de falar de mim.. E então, na Córsega, foi tudo bem? Aproveitou bastante sua viagem? Gostou? Descansou bastante de suas lidas? Você...

Olivier não aguentou mais:

- Cale-se, meu velho, chega de dizer bobagens. Se pensa que acho isso engraçado...

- Ora, e eu? exclamou Armand. Ah, não, meu caro, absolutamente! Não sou absolutamente tão estúpido. Tenho

;

ainda suficiente inteligência para compreender que tudo o que digo é idiota.

- Não pode então falar a sério?

- Vamos falar a sério, já que é o gênero sério que lhe agrada. Rachel, minha irmã mais velha, está ficando cega. Sua visão diminuiu bastante nos últimos tempos.

Há dois anos não consegue ler sem óculos. Achei, a princípio, que só precisaria trocar as lentes. Não era o bastante. A meu pedido, ela foi consultar um especialista.

Parece que é a sensibilidade da retina que enfraquece. Você sabe que há duas coisas muito diferentes: por um lado uma acomodação defeituosa do cristalino, que as

lentes remedia. Mas, mesmo após haverem afastado ou aproximado a imagem visual, esta pode impressionar insuficientemente a retina e ser transmitida ao cérebro de

forma confusa. Estou sendo claro? Você quase não conhece Rachel, conseqüentemente, não vai imaginar que procuro comovê-lo com sua sorte. Então, por que lhe conto

tudo isso?... Porque, refletindo sobre seu caso, concluí que as ideias, assim como as imagens, podem se apresentar ao cérebro com maior ou menor nitidez. Um espírito

obtuso recebe apenas percepções confusas, mas, por isso mesmo, não se dá conta com clareza de que é obtuso. Só começaria a sofrer com sua estupidez se se tornasse

consciente dessa estupidez, e, para que se tornasse consciente, seria preciso que se tornasse inteligente. Ora, imagine por um momento esse monstro: um imbecil inteligente o bastante para compreender claramente que é idiota.

- Bolas, não seria mais um imbecil.

- Sim, meu caro, creia-me. Eu o sei, aliás, já que este imbecil sou eu.

Olivier deu de ombros. Armand recomeçou:

- Um verdadeiro imbecil não tem consciência de uma ideia além da sua. Eu tenho consciência do "além". Mas sou, apesar de tudo, um imbecil. Já que, esse "além", sei que nunca poderei atingi-lo...

-(J)Mas meu pobre amigo, disse Olivier num impulso de simpatia, somos todos feitos de tal modo que poderíamos ser melhores, e creio que a maior inteligência é exatamente aquela que mais sofre com seus limites.

Armand empurrou a mão que Olivier pousava afetuosamente sobre seu braço.

- Outros têm o sentimento do que são, disse. Eu tenho apenas o sentimento de minhas faltas, _ Falta de di-

nheiro, falta de forças, falta de espírito, falta de amor. Sempre em déficit, ficarei sempre aquém.

Aproximou-se da penteadeira, molhou uma escova de cabelos na água suja da bacia e colocou horrorosamente os cabelos na testa.

- Eu disse que não tenho nada escrito; entretanto, nos últimos dias, tinha a ideia de um tratado, que teria chamado de o tratado da insuficiência. Mas, naturalmente, sou insuficiente para escrevê-lo. Teria dito... mas estou aborrecendo-o.

- Continue, você me aborrece quando brinca. Agora, interessa-me muito.

- Eu teria procurado, em toda a natureza, o pontolimite, aquém do qual nada é. Um exemplo vai fazê-lo entender. Os jornais contaram a história de um operário que acaba de ser eletrocutado. Manipulava descuidadamente os fios de transmissão, a voltagem não era muito alta, mas seu corpo, parece, estava suado. Atribui-se sua

morte a essa camada úmida que permitiu que a corrente lhe envolvesse o corpo. Se o corpo estivesse mais seco, o acidente não se daria. Mas acrescentemos o suor gota a gota... Mais uma gota, e pronto.

- Não vejo... disse Olivier.

- É que o exemplo é mal escolhido. Sempre escolho maus exemplos. Um outro: seis náufragos são recolhidos num barco. Depois de dez dias a tempestade os flagela.

Três morrem; salvam-se dois. O sexto estava desfalecido. Esperava-se ainda reanimá-lo. Seu organismo havia atingido o ponto-limite.

- Sim, compreendo, disse Olivier. Uma hora mais cedo, seria possível salvá-lo.

- Uma hora, como você exagera! Cômputo o instante extremo: pode-se ainda... Pode-se ainda. Não se pode mais! É uma aresta estreita, sobre a qual passeia meu espírito.

Essa linha de demarcação entre o ser e o não-ser empenho-me em traçá-la por toda parte. O limite da resistência... Olhe, por exemplo, ao que meu pai chamaria de

tentação. Resiste-se ainda, a corda está esticada, quase arrebitando, e o demónio a puxa... Um pouquinho mais, e a corda se parte: está-se condenado. Compreende

agora? Um pouquinho menos: o não-ser. Deus não teria criado o mundo. Nada teria sido... "A face do mundo teria mudado", disse Pascal. Mas não me basta pensar: "Se

o nariz de Cleópatra tivesse sido mais curto". Insisto. Pergunto: mais curto...

quanto? Pois, afinal, poderia ter encolhido um pouquinho, não é?... Gradação, gradação, então, salto brusco... *Natura non fecit saltus*¹, a grande piada! por mim,

sou como o árabe no deserto, que vai morrer de sede. Atinjo o ponto preciso, entende? em que uma gota d'água ainda poderia salvá-lo... ou uma lágrima...

Sua voz estava estrangulada, assumira um tom patético que surpreendia e perturbava Olivier. Recomeçou com mais suavidade, quase ternamente:

- Lembre-se: "Derramei por ti tal lágrima..." Certamente Olivier se lembrava da frase de Pascal, estava até mesmo aborrecido por seu amigo não a citar corretamente.

Não conseguiu deixar de retificar: "Derramei por ti tal gota de sangue..."

A exaltação de Armand esfriou de imediato. Deu de ombros:

- Que podemos fazer? Há os que serão recebidos sem esforços... Compreende agora o que é sentir-se sempre "no limite"? Faltar-me-á sempre um ponto. ?

Recomeçara _ Olivier pensou que era por medo de chorar. Gostaria de falar por sua vez, de dizer a Armand o quanto o emocionavam suas palavras, e tudo o que sentia de angústia sob aquela exasperante ironia. Mas a hora do encontro com Passavant o apressava. Olhou o relógio:

- Preciso deixá-lo, disse. Estará livre hoje à noite?

- Por quê?

- Para vir me encontrar na Taverna do Panthéon. Os Argonautas dão um banquete. Você chegaria no final. Haverá lá uma porção de tipos mais ou menos célebres e um pouco bêbados. Bernard Profitendieu prometeu-me que iria. Poderá ser divertido.

- Não estou barbeado, disse Armand num tom aborrecido. E depois, o que quer que eu vá fazer no meio de celebridades? Mas, sabe do que mais? Fale com Sarah, que voltou hoje mesmo da Inglaterra. Isso a divertiria muito, tenho certeza. Quer que eu a convide em seu nome? Bernard a levaria.

- Tudo bem, disse Olivier.

1 "A natureza não dá saltos"; aforismo científico enunciado por Gottfried Leibniz, filósofo e matemático alemão (1646-1716), em seus Novos ensaios sobre o entendimento humano, que afirma haver sempre um elo intermediário entre as espécies e gêneros criados pela natureza. (N. da T.)

VIII

Ficara então combinado que Bernard e Édouard, depois de jantarem juntos, passariam para apanhar Sarah um pouco antes das dez. Avisada por Armand, ela aceitara alegremente a proposta. Cerca das nove e meia, retirara-se, acompanhada da mãe, para seu quarto. Para ali chegar, era preciso atravessar o quarto dos pais, mas uma outra porta, supostamente condenada, comunicava o quarto de Sarah com o de Armand, que por sua vez dava, já o dissemos, para uma escada de serviço.

Sarah, diante da mãe, dera a impressão de que ia se deitar e pedira que a deixassem dormir, mas, tão logo se vira sozinha, aproximara-se da penteadeira para reavivar o brilho dos lábios e das faces. A penteadeira disfarçava a porta, e não era assim tão pesada que Sarah não pudesse movê-la sem ruído. Ela abriu a porta secreta.

Sarah temia encontrar o irmão, cuja zombaria receava. Armand protegia, sem dúvida, seus empreendimentos mais ousados; dir-se-ia que tinha prazer nisso, mas unicamente por uma espécie de indulgência provisória, pois fazia-o para julgá-lo a seguir, e ainda com mais severidade, de modo que Sarah não saberia dizer se a própria condescendência não faria parte do jogo do censor.

O quarto de Armand estava vazio. Sarah sentou-se numa cadeirinha baixa e, à espera, meditou. Por uma espécie de protesto preventivo, cultivava em si um fácil desprezo por todas as virtudes domésticas. A opressão familiar havia

exacerbado sua energia, exasperado seus instintos de revolta. Durante sua estada na Inglaterra, soubera revigorar sua coragem. Assim como Miss Aberdeen, a jovem pensionista inglesa, estava resolvida a conquistar sua liberdade, a tudo se permitir, tudo ousar. Sentia-se pronta para enfrentar todos os desprezos e todas as censuras, capaz de todos os desafios. Em seus avanços em relação a Olivier, já havia triunfado sobre sua modéstia natural e sobre um sem-número de pudores inatos. O exemplo de suas duas irmãs a ensinara; considerava a piedosa resignação de Rachel um logro; não admitia ver no casamento de Laura nada além de um lúgubre pacto, que conduzia à escravidão. A instrução que recebera, a que se dera, a que conseguira obter, predispunha-a muito mal, pensava, para o que chamava de devoção conjugal. Não via absolutamente em que aquele que poderia desposar lhe seria superior. Não passara em seus exames exatamente como um homem? Não possuía, e sobre qualquer assunto, suas próprias opiniões, suas ideias? Sobre a igualdade dos sexos, em particular. E parecia-lhe mesmo que, até em política se necessário, a mulher dava com frequência provas de mais bom senso do que muitos homens...

Passos na escada. Ouviu atentamente, depois abriu suavemente a porta.

Bernard e Sarah ainda não se conheciam. O corredor estava sem luz. No escuro, mal se distinguiam.

- Srta. Sarah Vedei? murmurou Bernard. Ela tomou-lhe o braço, sem cerimónias.

- Édouard nos espera na esquina, em um automóvel. Preferiu não descer, por receio de encontrar seus pais. Quanto a mim, não teria importância: como sabe, estou hospedado aqui.

Bernard tivera o cuidado de deixar o portão entreaberto, para não chamar a atenção do porteiro. Alguns instantes mais tarde, o automóvel deixava-os diante da Taverna do Panthéon. Enquanto Édouard pagava ao motorista, ouviram bater dez horas.

O banquete havia terminado. Os pratos e travessas haviam sido retirados, mas a mesa continuava abarrotada de xícaras de café, garrafas e copos. Todos fumavam; a atmosfera tornava-se irrespirável. A sra. dês Brousses, mulher do diretor dos Argonautas, pediu ar. Sua voz estridente superpunha-se às conversas pessoais. Abriram a janela. Mas Justinien, que queria fazer um discurso, fez com que a fechassem quase que de imediato, "para a acústica". Tendo-se

levantado, batia em seu copo com uma colher, sem conseguir chamar a atenção. O diretor dos Argonautas, a quem chamavam presidente Dês Brousses, interveio, acabou por conseguir um pouco de silêncio, e a voz de Justinien se expandiu em copiosas nuvens de tédio. A banalidade de seu pensamento escondia-se sob uma cascata de imagens.

Exprimia-se com uma ênfase que supria o espírito, e encontrava o modo de servir, a cada um, um cumprimento sem pé nem cabeça. À primeira pausa, e enquanto Édouard, Bernard e Sarah entravam, aplausos benevolentes irromperam: alguns os prolongaram, um pouco ironicamente sem dúvida, e como que na esperança de pôr fim ao discurso, mas em vão: Justinien recomeçou; nada desencorajava sua eloquência. Agora, era o conde de Passavant a quem cobria com as flores de sua retórica. Falou da Barra fixa como de uma nova Ilíada. Bebeu-se à saúde de Passavant. Édouard não tinha copo, assim como Bernard e Sarah, o que os dispensou de brindar.

u

O discurso de Justinien terminou com votos à nova revista e com alguns cumprimentos a seu futuro diretor, "o jovem e talentoso Molinier, amado das Musas, cuja nobre fronte não esperará muito tempo pelos louros".

Olivier se pusera junto à porta de entrada, de modo a logo poder receber seus amigos. Os

cumprimentos exagerados de Justinien perturbaram-no evidentemente, mas ele não se pôde furtar à pequena ovação que se seguiu.

Os três recém-chegados haviam jantado sobriamente demais para se sentirem no diapásão da assembleia. Nesse gênero de reuniões, os retardatários compreendem mal, ou bem demais, a excitação dos outros. Julgam, quando julgar não é o caso, e exercem, ainda que involuntariamente, uma crítica sem indulgência. Pelo menos era esse o caso de Édouard e Bernard. Quanto a Sarah, para quem, naquele ambiente, tudo era novo, não pensava senão em se instruir, não se preocupava senão em se adaptar.

Bernard não conhecia ninguém. Olivier, que o tomara pelo braço, quis apresentá-lo a Passavant e a Dês Brousses. Ele recusou. Passavant, entretanto, forçou a situação, e, aproximando-se, estendeu-lhe uma mão que ele não pôde recusar convenientemente:

- Ouço falar de você há tanto tempo que me parece já o conhecer.

- É recíproco, disse Bernard, num tal tom que a amenidade de Passavant se congelou. Imediatamente, este se aproximou de Édouard.

Embora viajasse com frequência e vivesse, mesmo quando em Paris, um tanto afastado, Édouard não deixava de conhecer vários dos convivas e não se sentia absolutamente embaraçado. Simultaneamente pouco querido, mas estimado por seus confrades, aceitava passar por orgulhoso enquanto era apenas distante. Ouvia mais prazerosamente do que falava.

- Seu sobrinho fez-me esperar que viesse, começou Passavant, numa voz suave e quase baixa. Alegrava-me, pois exatamente...

O olhar irônico de Édouard cortou-lhe o resto da frase. Hábil em seduzir e acostumado a agradar, Passavant tinha necessidade de sentir diante de si um espelho benevolente, para brilhar. Refez-se, entretanto, não sendo dos que perdem por muito tempo a segurança e que aceitam deixar-se confundir. Ergueu a cabeça e carregou de insolência os olhos. Se Édouard não se prestava de boa vontade ao seu jogo, saberia domá-lo.

- Queria perguntar-lhe... prosseguiu, como que continuando seu pensamento: Tem notícias de seu outro sobrinho, meu amigo Vincent? Era principalmente a ele que eu

estava ligado.

- Não, disse Édouard secamente.

Esse "não" desconcertou novamente Passavant, que não sabia bem se o devia considerar um desmentido provocante, ou uma simples resposta à sua pergunta. Sua perturbação durou apenas um instante. Édouard, inconscientemente, devolveu-lhe a segurança ao acrescentar, quase de imediato:

- Soube apenas, por seu pai, que ele viaja com o príncipe de Mônaco.

- Eu havia pedido a uma de minhas amigas que o apresentasse ao príncipe, realmente. Alegrei-me por inventar essa diversão, para distraí-lo um pouco de sua infeliz aventura com aquela sra. Douviers... que é sua conhecida, disse-me Olivier. Ele corria o risco de estragar a vida com aquilo.

Passavant manejava à perfeição o desdém, o desprezo, a condescendência; mas bastava-lhe haver ganho aquela partida e impor respeito a Édouard. Este procurava algo áspero. Estranhamente, faltava-lhe presença de espírito. Era sem dúvida por isso que apreciava tão pouco a sociedade; nada tinha do que era preciso para brilhar naquele meio. Suas sobrancelhas, no entanto, franziam-se. Passavant possuía

faro; quando alguém tinha coisas desagradáveis a lhe dizer, ele as sentia vir e saía de lado. Sem ao menos tomar fôlego, e mudando bruscamente de tom:

- Mas quem é essa deliciosa menina que o acompanha? perguntou, sorrindo.

- É, disse Édouard, a srta. Sarah Vedei, exatamente a irmã da sra. Douviers, minha amiga.

À falta de algo melhor, lançou este "minha amiga" como uma flecha, mas que não atingiu o alvo, e Passavant, deixando-a cair:

- Seria gentil de sua parte se me apresentasse a ela. Dissera estas últimas palavras, e a frase precedente,

alto o bastante para que Sarah pudesse ouvi-las, e, como ela se voltasse para eles, Édouard não pôde fugir:

- Sarah, o conde de Passavant aspira à honra de conhecê-la, disse com um sorriso constrangido.

Passavant mandara trazer três novos copos, que encheu de Kummel. Os quatro beberam à saúde de Olivier. A garrafa estava quase vazia, e, como Sarah se admirasse dos cristais que ficavam no fundo, Passavant esforçou-se para retirá-los com canudos. Uma espécie de imbecil estranho, de rosto enfarinhado, olhos de azeviche, cabelos colados como uma calota de oleado, aproximou-se, e, mastigando as sílabas com aparente esforço:

- Não conseguirá. Passe-me a garrafa, que eu a arrebento.

Segurou-a, quebrou-a de um só golpe contra o parapeito da janela e apresentou o fundo a Sarah:

- com estes pequenos poliedros cortantes, a gentil senhorita obterá sem esforço uma perfuração intestinal.

- Quem é esse pierrô? perguntou ela a Passavant, que a tinha feito sentar-se e se sentara a seu lado.

- É Alfred Jarry', o autor de Ubu rei. Os Argonautas lhe conferem o título de gênio, porque o público acaba de vaiar sua peça. Apesar de tudo, é o que de mais curioso foi levado aos palcos nos últimos tempos.

- Gosto muito de Ubu rei, disse Sarah, e estou muito contente por encontrar Jarry. Disseram-me que ele estava sempre bêbado.

- Deveria estar, esta noite. Eu o vi beber, durante o jantar, dois grandes copos de absinto puro. Não parece tê-lo

1 Escritor francês (1873-1907). Ubu rei, comédia burlesca de sátira à burguesia, foi encenada em Paris em 1896. (N. da T.)

afetado. Quer um cigarro? É preciso fumar, para não ficar asfisiado pela fumaça dos outros.

Inclinou-se para ela, oferecendo-lhe fogo. Ela mastigou alguns cristais:

- Mas é só açúcar-cândi, disse, um pouco decepcionada. Eu esperava que fosse muito forte.

Conversando com Passavant, ela sorria a Bernard, que ficara a seu lado. Seus olhos alegres brilhavam com uma centelha extraordinária. Bernard, que no escuro não

havia conseguido vê-la, estava perplexo por sua semelhança com Laura. Era a mesma testa, os mesmos lábios... Seus traços, é verdade, exprimiam uma graça menos angélica, e seus olhares provocavam inexplicáveis perturbações em seu coração. Um pouco embaraçado, ele se voltou para Olivier.

- Apresente-me ao seu amigo Bercaïl.

Ele já havia encontrado Bercaïl no Luxemburgo, mas nunca conversara com ele. Bercaïl, um tanto deslocado naquele ambiente em que Olivier acabara de introduzi-lo, e no qual sua timidez não se sentia bem, enrubescia a cada vez que seu amigo o apresentava como um dos principais redatores da Avant-Garde. O fato é que aquele poema alegórico, do qual ele falava a Olivier no início de nossa história, deveria aparecer em destaque na nova revista, logo após o manifesto.

- No lugar que eu havia reservado para você, dizia Olivier a Bernard. Tenho absoluta certeza de que gostará! É de longe o que há de melhor neste número. E é tão original!

Olivier sentia mais prazer em elogiar seus amigos do que em ouvir elogios a si mesmo. À aproximação de Bernard, Lucien Bercaïl levantara-se. Tinha nas mãos sua xícara de café, tão desajeitadamente que, em sua emoção, entornou a metade sobre o colete. Nesse momento, ouviu-se bem junto dele a voz mecânica de Jarry:

- O pequeno Bercaïl vai se envenenar, porque eu pus veneno em sua xícara.

Jarry divertia-se com a timidez de Bercaïl, e tinha prazer em desconcertá-lo. Mas Bercaïl não tinha medo de Jarry. Deu de ombros e esvaziou tranquilamente sua xícara.

- Quem é esse, afinal? perguntou Bernard.

- Como?! Você não conhece o autor de Ubu rei?

- Não é possível! Jarry? Imaginava que fosse um criado.

- Ora, assim também não, disse Olivier um pouco

contrariado, pois sentia orgulho de seus grandes homens. Olhe-o melhor. Não o acha extraordinário?

- Ele faz o que pode para parecê-lo, disse Bernard, que só dava valor ao natural, mas mesmo assim tinha grande admiração por Ubu.

Vestido como um típico rato de hipódromo, tudo, em Jarry, recendia a afetação. Acima de tudo sua maneira de falar, em cuja imitação vários Argonautas rivalizavam, martelando as sílabas, inventando estranhas palavras, estropiando estranhamente algumas outras. Mas na verdade só o próprio Jarry era capaz de conseguir aquela voz sem timbre, sem calor, sem entonação, sem relevo.

- Quando o conhecemos, garanto-lhe que é encantador, continuou Olivier.

- Prefiro não conhecê-lo. Tem um ar feroz.

- É um género que faz. Passavant acredita que ele seja, no fundo, muito gentil. Mas bebeu tremendamente esta noite, e nem uma gota de água, acredite-me, nem sequer vinho: nada além de absinto e licores fortes. Passavant teme que ele cometa alguma excentricidade.

Mesmo sem o querer, o nome de Passavant lhe vinha aos lábios, e tanto mais obstinadamente quanto mais o queria evitar.

Exasperado por se ver tão pouco senhor de si, e como que acuado por si mesmo, mudou de terreno:

- Você deveria ir conversar um pouco com Dhurmer. Receio que ele me odeie mortalmente por eu lhe ter roubado a direção da Avant-Garde, mas não é culpa minha, eu não poderia fazer outra coisa senão aceitar. Você deveria tentar fazê-lo compreender, acalmá-lo. Pass... Disseram-me que ele estava furioso comigo.

Tropeçara, mas dessa vez não caíra.

- Espero que ele tenha ido recuperar seus originais. Não gosto do que ele escreve, disse Bercail. E, voltando-se para Profitendieu: - Mas o senhor, pensei que...

- Oh, não me chame de senhor... Sei que tenho um sobrenome enorme e ridículo... Pretendo adotar um pseudónimo, se escrever...

- Por que não nos deu nada?

- Porque não tinha nada pronto.

Olivier, deixando seus dois amigos a conversar, aproximou-se de Édouard.

- Como foi amável em ter vindo! Estava tão ansioso para revê-lo! Mas teria desejado revê-lo em qualquer outro

lugar que não aqui... Hoje à tarde, fui bater à sua porta. Disseram-lhe? Fiquei desolado por não encontrá-lo, e se tivesse sabido onde achá-lo...

Estava feliz por se exprimir tão facilmente, lembrando-se do tempo em que a perturbação o deixava mudo. Devia essa desenvoltura, infelizmente, à banalidade de suas palavras e às libações. Édouard percebia-o com tristeza.

- Estava em casa da senhora sua mãe.

- Foi o que eu soube, ao voltar, disse Olivier, a quem a cerimônia do tratamento de Édouard consternava. Hesitava em dizer-lhe isso.

- neste ambiente que irá viver de agora em diante? perguntou-lhe Édouard, olhando-o fixamente,

- Oh! Não me deixei contaminar. _ --Tem certeza?

_ Isso foi dito num tom grave, tão terno, tão fraternal... Olivier sentiu vacilar sua segurança.

- Acji.a que faço mal em conviver com estas pessoas? -Não cão todas talvez, mas sem duvida- oni aí

Olivier tomou este plural por um singular. Achou que Édouard visava especialmente Passaat, e aquilo foi, em seu céu interior, como um raio ofuscante e doloroso atravessando a névoa que desde a manhã se condensava terrivelmente em seu coração. Amava Bernard, amava Édouard demais, para suportar-lhes o menosprezo. Junto a Édouard, o que havia de melhor nele era exaltado. Junto a Passavant, era o que havia de pior; admitia-o agora; e não o havia reconhecido desde sempre? Sua cegueira, junto a Passavant, não fora voluntária? Sua gratidão por tudo o que o conde fizera por ele se transformava em rancor. Renegava-o desesperadamente. O que viu acabou de exacerbar seu ódio por ele:

Passavant, inclinado sobre Sarah, passara o braço ao redor de sua cintura e mostrava-se cada vez

mais solícito. Advertido sobre os rumores desairosos que corriam a respeito de suas relações com Olivier, procurava iludir a todos. E, para se exhibir ainda mais, prometera a si mesmo fazer com que Sarah se sentasse em seu colo.

Sarah, até o momento, defendera-se pouco, mas seu olhar buscava o de Bernard, e, quando o encontrou, ela sorria, como para dizer-lhe:

- Veja o que se pode ousar comigo.

Entretanto, Passavant receava ir depressa demais. Faltava-lhe prática.

"Se eu ao menos conseguir fazê-la beber um pouco mais, arriscarei", dizia a si mesmo, estendendo a mão livre para uma garrafa de curaçu.

Olivier, que o observava, adiantou-se ao gesto. Apoderou-se da garrafa, unicamente para tirá-la de Passavant; mas de imediato pareceu-lhe que reencontraria no licor um pouco de coragem, daquela coragem que sentia desfalecer e da qual precisava para levar até Édouard o lamento que lhe subia aos lábios:

- Só teria dependido de você...

Olivier encheu seu copo e esvaziou-o de um trago. Nesse momento, ouviu Jarry, que circulava de grupo em grupo, dizer a meia voz, ao passar atrás de Bercaïl:

- E agora vamos matar o pequeno Bercaïl. Este voltou-se bruscamente:

- Repita isso em voz alta.

Jarry já se havia afastado. Esperou até contornar a mesa e repetiu numa voz de falsete:

- E agora vamos matar o pequeno Bercaïl. Então, tirou do bolso uma grande pistola com a qual os Argonautas já o haviam visto brincar com frequência, e apontou-a.

Jarry havia criado para si uma reputação de atirador. Protestos se fizeram ouvir. Não se sabia bem se, no estado de embriaguez em que se encontrava, ele saberia se manter no simulacro. Mas o pequeno Bercaïl quis mostrar que não tinha medo, e, subindo numa cadeira, de braços cruzados às costas, assumiu uma pose napoleônica.

Estava um pouco ridículo, e alguns risos se ergueram, abafados de imediato por aplausos.

Passavant disse rapidamente a Sarah:

- Isto pode acabar mal. Ele está completamente bêbado. Esconda-se debaixo da mesa.

Dês Brousses tentava segurar Jarry, mas este, soltando-se, subiu por sua vez em uma cadeira (e Bernard reparou que ele usava sapatilhas de bale). Bem defronte de Bercaïl, estendeu o braço para mirar.

- Apaguem as luzes! Apaguem! gritou Dês Brousses. Édouard, junto à porta, girou o comutador.

Sarah se levantara, seguindo a ordem de Passavant, e, assim que escureceu, forçou o corpo contra o de Bernard, a fim de levá-lo consigo para baixo da mesa.

O tiro partiu. A pistola só estava carregada com pólvora seca. Porém ouviu-se um grito de dor: era Justinien, que acabara de receber a bucha no olho.

E quando a luz foi acesa, puderam admirar Bercaïl, ainda de pé sobre a cadeira, na mesma pose, imóvel, apenas um pouco mais pálido.

Enquanto isso, a presidenta tinha uma crise de nervos. Todos se apressaram em acudi-la.

- É idiota criar emoções desse tipo!

Como não havia água sobre a mesa, Jarry, descendo de seu pedestal, molhou um lenço em álcool para friccionar-lhe as têmporas, à guisa de desculpas.

Bernard só ficara sob a mesa um instante, o tempo suficiente para sentir os lábios escaldantes de Sarah esmagarem voluptuosamente os seus. Olivier os havia seguido:

por amizade, por ciúme... A embriaguez exasperava nele o sentimento terrível, que conhecia bem, de se sentir à margem. Quando por sua vez saiu de sob a mesa, sua cabeça rodava um pouco. Ouviu então Dhurmer exclamar:

- Vejam Molinier! Ele é poltrão como uma mulher.

Era demais. Olivier, sem saber bem o que fazia, lançou-se, de mão erguida, contra Dhurmer, Parecia-lhe estar se movendo num sonho. Dhurmer esquivou-se do golpe.

Como num sonho, a mão de Olivier só encontrou o vazio.

A confusão se generalizou. E, enquanto alguns se ocupavam da presidenta, que continuava a gesticular, soltando guinchos estridentes, outros rodeavam Dhurmer, que gritava: "Ele não me atingiu! Não me atingiu!", e outros, Olivier, que, com o rosto em fogo, preparava-se para atacar novamente, e que a custo tentavam acalmar.

Atingido ou não, Dhurmer devia se considerar esbofeteado. Era o que Justinien, sempre tapando o olho, esforçava-se para fazê-lo compreender. Era uma questão de dignidade.

Mas Dhurmer dava muito pouca importância às lições de dignidade de Justinien. Ouviam-no repetir obstinadamente:

- Não me atingiu... não me atingiu...

- Deixem-no em paz, disse Dês Brousses. Não se pode forçar alguém a brigar contra a vontade.

Olivier, entretanto, declarava em voz alta que, se Dhurmer não estava satisfeito, ele estava pronto a

esbofeteá-lo novamente, e, disposto a levar o outro à luta, pedia a Bernard e a Bercaill que lhe servissem de testemunhas. Nenhum dos dois sabia nada sobre os casos ditos "de hon-

rã", mas Olivier não ousava dirigir-se a Édouard. O nó de sua gravata desfizera-se, seus cabelos caíam-lhe sobre a testa inundada de suor, um tremor convulsivo agitava-lhe as mãos.

Édouard segurou-lhe o braço:

- Venha passar um pouco de água no rosto. Você parece um louco.

Levou-o até um lavabo.

ITão logo se viu fora do salão, Olivier compreendeu que estava embriagado. Quando vira a mão de Édouard em seu braço, sentira-se desfalecer e deixara-se levar sem resistência. De tudo o que lhe havia dito Édouard, ele só compreendera o tom de intimidade. Como uma grande nuvem de tempestade se desfaz em chuva, parecia-lhe que seu coração repentinamente se derretia em lágrimas. Uma toalha molhada que Édouard lhe aplicou na testa fê-lo voltar à consciência. Que acontecera? Tinha uma vaga lembrança de ter agido como uma criança, como um animal. Sentia-se ridículo, abjeto... Então, trémulo de angústia e ternura, atirou-se nos braços de Édouard, e, abraçando-o, soluçou:

- Leve-me daqui.

Édouard também estava extremamente emocionado

- Seus país? perguntou.

- Não sabem que voltei da viagem.

Quando atravessavam o restaurante para sair, Olivier disse ao amigo que precisava escrever um bilhete.

- Colocando-o esta noite no correio, chegará amanhã logo cedo.

Sentado a uma mesa escreveu: >-••<••.•;"

"Meu caro Georges: '!->)

Sim, sou eu quem lhe escreve, para lhe pedir que me faça um pequeno favor. Não contarei nada de novo dizendo que estou em Paris, pois acho que você me viu hoje pela manhã, perto da Sorbonne. Fui para a casa do conde de Passavant (deu o endereço), minhas coisas ainda estão lá. Por motivos muito longos para contar, e que não interessariam a você, prefiro não voltar para lá. Só posso contar com você para pedir que apanhe minhas coisas. Não se importará de me fazer esse favor, sabendo que pagarei na mesma moeda, não é? Há uma mala fechada. Quanto ao que está em meu quarto, ponha-o você mesmo na mala e traga tudo para a casa do tio Édouard. Pagarei o táxi. Amanhã é

domingo, felizmente; você poderá fazer isso assim que receber este bilhete. Conto com você, está bem? Seu irmão,

Olivier

P.S. - Sei que você sabe se virar, e acredito que faça tudo isso muito bem. Mas tome cuidado, se tiver que falar diretamente com Passavant, para se mostrar bem frio com ele. Até amanhã de manhã."

Os que não haviam ouvido as palavras ofensivas de Dhurmer não sabiam explicar a súbita agressão de Olivier. Ele parecia haver perdido a cabeça. Se tivesse sabido manter o sangue-frio, Bernard tê-lo-ia aprovado, não gostava de Dhurmer. Mas reconhecia que Olivier havia agido como um louco e parecia não ter nenhuma razão. Bernard sofria por ouvi-lo ser julgado severamente. Aproximou-se de Bercaïl e marcou um encontro com ele. Por mais absurdo que fosse aquele caso, era importante para ambos serem corretos. Combinaram ir instigar seu cliente no dia seguinte, às nove horas.

Tendo seus dois amigos partido, Bernard não tinha mais nenhuma razão para ficar, e nenhuma vontade de fazê-lo. Procurou Sarah com o olhar, e seu coração inchou numa espécie de raiva, vendo-a sentada no colo de Passavant. Ambos pareciam bêbados, mas Sarah levantou-se ao ver Bernard aproximar-se.

- Vamos embora, disse ela, tomando-lhe o braço. Ela quis voltar a pé. O trajeto não era longo; eles o

fizeram sem trocar uma palavra. No pensionato, todas as luzes estavam apagadas. Receando chamar a atenção, chegaram tateando até a escada de serviço, e então acenderam fósforos. Armand estava acordado. Quando os ouviu subindo, saiu para o patamar, com um lampião nas mãos.

- Você segura a lâmpada, disse ele a Bernard (tratavam-se por você desde a véspera). Ilumine o caminho para Sarah; não há vela no quarto dela... E passe-me os seus fósforos, para que eu acenda a minha.

Bernard acompanhou Sarah até o segundo quarto. Nem bem haviam entrado, quando Armand, atrás deles, inclinou-se, apagou o lampião com um grande sopro, e disse, zombeteiro:

- Boa noite! Mas não façam barulho. Ao lado, os pais dormem.

E, recuando subitamente, fechou diante dos dois a porta e passou o trinco.

IX

Armand deitou-se vestido. Sabe que não conseguirá dormir. Espera pelo final da noite. Medita. Escuta. A casa descansa, a cidade, toda a natureza. Nem um só ruído.

Logo que uma fraca claridade, trazida pelo refletor do alto do estreito céu, permite-lhe distinguir novamente a fealdade de seu quarto, ele se levanta. Vai até a porta que trancou na véspera à noite; suavemente a entreabre...

As cortinas do quarto de Sarah não estão fechadas. A aurora nascente clareia a vidraça. Armand se aproxima da cama onde descansam sua irmã e Bernard. Um lençol encobre parte de seus membros enlaçados. Como são belos! Armand os contempla longamente. Gostaria de ser o seu sono, o seu beijo. Primeiro sorri, depois, aos pés da cama, entre os cobertores caídos, repentinamente se ajoelha. A que deus pode estar rezando assim, de mãos postas? Uma inexprimível emoção o oprime. Seus lábios tremem...

Percebe, sob o travesseiro, um lenço manchado de sangue. Ergue-se, apanha-o, leva-o consigo, e, sobre a pequena mancha âmbar, pousa os lábios, soluçando.

Mas na soleira da porta ele se volta. Queria acordar Bernard. Este precisa voltar para seu quarto antes que alguém se levante no pensionato. Ao leve ruído que faz

Armand, Bernard abre os olhos. Armand foge, deixando a porta aberta. Sai do quarto, desce a

escada, irá se esconder em qualquer lugar, sua presença embaraçaria Bernard, não quer encontrá-lo.

De uma janela da sala de estudos, alguns instantes depois, ele o verá passar, rente aos muros como um ladrão...

Bernard não dormiu muito. Mas experimentou, nessa noite, um esquecimento mais repousante que o sono: exaltação e aniquilamento simultâneo de seu ser. Desliza para uma nova jornada, estranho a si mesmo, disperso, leve, novo, calmo e vibrante como um deus. Deixou Sarah ainda a dormir, libertou-se furtivamente de seus braços.

Mas como? Sem um outro beijo, sem um último olhar, sem um supremo abraço amoroso? É por insensibilidade que a deixa deste modo? Não sei. Ele mesmo não sabe. Esforça-se para não pensar, perturbado por dever incorporar essa noite sem precedentes de sua história. Não, é um apêndice, um anexo, que não encontra lugar no corpo do livro - livro no qual a narrativa de sua vida, como se nada houvesse acontecido, vai continuar, não é mesmo? vai recomeçar.

Ele subiu até o quarto que divide com o pequeno Boris. Este dorme profundamente. Que criança! Bernard desmancha sua cama, amarrota os lençóis para manter as aparências.

Lava-se demoradamente. Mas a visão de Boris o transporta a Saas-Fée. Recorda-se do que Laura lhe dizia então: "Não posso aceitar nada além desta devoção que me oferece.

O resto terá suas exigências, que deverão ser satisfeitas em outra parte". Aquela frase o revoltava. Parecelhe ouvi-la ainda. Não pensava mais naquilo, mas, nessa manhã, sua memória está extraordinariamente clara e ativa. Seu cérebro funciona, mesmo contra a sua vontade, com uma jovialidade maravilhosa. Bernard afasta a imagem de Laura, quer abafar suas lembranças; e, para se impedir de pensar, toma um livro, restringe-se a preparar seus exames. Mas esse quarto é sufocante. Desce para estudar no jardim. Gostaria de sair pelas ruas, andar, correr, ir para longe, arejar-se. Vigia o portão: assim que o porteiro o abre, ele escapa.

Chega ao Luxemburgo com seu livro, e senta-se num banco. Seus pensamentos se enovelam sedosamente, mas são frágeis; se ele puxa, o fio se rompe. Desde que quis estudar, entre o livro e ele passeiam lembranças indiscretas. E não as lembranças dos instantes sutis de sua alegria, mas pequenos detalhes impertinentes, mesquinhos, aos quais seu amor-próprio se aferra, e se fere, e se mortifica. De ora em diante, não se mostrará mais

tão novato.

Cerca das nove horas, levanta-se e vai ao encontro de Lucien Bercail. Os dois se dirigem à casa de Édouard.

Édouard morava em Passy, no último andar de um edifício. Seu quarto dava para um grande ateliê. Quando, de manhãzinha, Olivier se levantara, Édouard a princípio não se inquietou.

"vou descansar um pouco no sofá", havia dito Olivier. E como Édouard receasse que ele sentisse frio, dissera a Olivier para levar alguns cobertores. Um pouco mais tarde, Édouard se levantara por sua vez. Certamente havia dormido, pois agora se surpreendia de que já fosse dia claro. Queria saber como Olivier se havia instalado, queria revê-lo, e talvez um indistinto pressentimento o guiasse...

O ateliê estava vazio. Os cobertores estavam ao pé do sofá, ainda dobrados. Um terrível cheiro de gás o preveniu. Dando para o ateliê, um pequeno cómodo servia de banheiro. O cheiro certamente vinha dali. Correu para lá, mas a princípio não conseguiu empurrar a porta: havia algum obstáculo, era o corpo de Olivier caído junto à banheira, despido, lívido, gelado e horripelantemente sujo de vômitos.

Édouard imediatamente fechou a torneira do aquecedor, que deixava escapar o gás. Que acontecera? Acidente? Congestão?... Não conseguia acreditar. A banheira estava vazia. Tomou o moribundo nos braços, levou-o para o ateliê, estendeu-o sobre o tapete, diante da janela aberta. De joelhos, ternamente debruçado, auscultou-o. Olivier ainda respirava, mas debilmente. Então Édouard, desesperadamente, esforçou-se para reanimar aquele pouco de vida prestes a se extinguir. Ergueu ritmadamente os braços frouxos, comprimiu os flancos, friccionou o tórax, tentou tudo o que se lembrava que devia ser feito em casos de asfixia, desolando-se por não poder fazer tudo ao mesmo tempo. Olivier continuava de olhos fechados. Édouard ergueu com o dedo suas pálpebras, que retombaram sobre um olhar sem vida. No entanto, o coração batia.

Procurou em vão conhaque, sais. Havia esquentado água, lavado a parte superior do corpo e o rosto. Deitou então o corpo inerte sobre o sofá e estendeu sobre ele os cobertores. Gostaria de chamar um médico, mas não ousava se afastar. Uma criada vinha todas as manhãs para arrumar a casa, mas só chegaria às nove horas. Assim que a ouviu, mandou-a em busca de um charlatão do bairro, e imediatamente a chamou de volta,

receando expor-se a um inquérito.

Olivier, entretanto, voltava lentamente à vida. Édouard sentara-se à sua cabeceira, junto ao sofá. Contemplava aquele rosto estático e se deparava com seu enigma.

Por quê? Por

quê? Pode-se agir irrefletidamente à noite, na embriaguez, mas as resoluções do amanhecer trazem em si uma carga total de integridade. Renunciava a compreender algo, à espera do momento em que Olivier pudesse finalmente lhe dizer. Não o deixaria mais, até lá. Segurara-lhe uma das mãos, e concentrava toda a sua interrogação, seu pensamento, sua vida inteira naquele contato. Enfim pareceu-lhe sentir a mão de Olivier responder fracamente à pressão da sua... Então curvou-se, pousou os lábios sobre aquela testa franzida por uma imensa e misteriosa dor.

Bateram à porta. Édouard se levantou para ir abrir. Eram Bernard e Lucien Bercail. Édouard reteve-os no vestíbulo e os preveniu. Depois, chamando Bernard de lado, perguntou-lhe se sabia se Olivier era sujeito a vertigens, a crises... Bernard de imediato lembrou-se de sua conversa da véspera, e em particular de certas palavras de Olivier, que praticamente não ouvira, mas que voltava a ouvir agora, claramente.

- Era eu quem lhe falava de suicídio, disse a Édouard. Perguntava-lhe se compreendia que alguém pudesse se matar por simples excesso de vida, "por entusiasmo", como dizia Dmítri Karamázov. Eu estava tão absorto em meu pensamento, então, que só prestei atenção em minhas próprias palavras, mas lembro-me agora do que ele me respondeu.

- E o que ele respondeu? insistiu Édouard, pois Bernard se calara e parecia não querer dizer mais nada.

- Que compreendia que alguém se matasse, mas somente após haver atingido um tal ápice de alegria que só fosse possível, a seguir, voltar a descer.

Ambos, sem nada acrescentar, entreolharam-se. Fazia-se luz em seus espíritos. Édouard desviou enfim o olhar, e Bernard odiou-se por ter falado. Aproximaram-se de Bercail.

- O aborrecido, disse então este, é que poderão imaginar que ele quis se matar para evitar ter que

duelar.

Édouard não pensava mais naquele duelo.

-• Façam como se nada houvesse acontecido, disse. Vão ao encontro de Dhurmer e pecam-lhe para pô-los em contato com suas testemunhas. Será a elas que darão explicações, se esse caso idiota não se resolver por si mesmo. Dhurmer não demonstrava ter vontade de ir em frente.

- Não lhe contaremos nada, disse Lucien, para deixarlhe toda a vergonha de recuar. Porque ele vai se esquivar, tenho certeza. .

Bernard perguntou se não poderia ver Olivier. Mas Édouard queria que o deixassem descansar tranquilamente.

Bernard e Lucien iam sair, quando chegou o jovem Georges. Vinha da casa de Passavant, mas não conseguira recuperar as coisas do irmão.

"O senhor conde saiu, haviam-lhe dito. Não nos deixou ordens."

E o criado batera-lhe com a porta no nariz.

Uma certa gravidade no tom de Édouard e na postura dos dois outros inquietou Georges. Farejou o insólito, e indagou. Édouard teve que lhe contar tudo.

- Mas não diga nada a seus pais.

Georges estava encantado por fazer parte do segredo.

- A gente sabe calar a boca, disse. E, desocupado naquela manhã, propôs-se a acompanhar Bernard e Lucien até a casa de Dhurmer.

Depois que os três visitantes o deixaram, Édouard chamou a empregada. Ao lado de seu quarto havia um de hóspedes, que lhe pediu para preparar, a fim de ali poder instalar Olivier. Então, entrou sem ruído no ateliê. Olivier repousava. Édouard sentou-se junto a ele. Havia apanhado um livro, mas logo o pôs de lado sem tê-lo aberto, e observou seu amigo a dormir.

"Nada é simples, daquilo que se oferece à alma; e alma nunca se oferece simples, a assunto algum"

Pascal

- Acho que ele ficará contente em revê-lo, disse Édouard a Bernard, no dia seguinte. Perguntou-me, hoje de manhã, se não viera ontem. Deve ter ouvido sua voz, quando eu o imaginava desacordado... Continua de olhos fechados, mas não dorme. Não diz nada. com frequência, leva a mão à testa, num gesto de sofrimento. Assim que me dirijo a ele, franze a testa, mas se me afasto, ele me chama e me faz sentar a seu lado... Não, não está mais no ateliê. Instalei-o no quarto ao lado do meu, para que eu possa receber visitas sem perturbá-lo.

Entraram.

- Vim saber notícias suas, disse Bernard com muita suavidade.

Os traços de Olivier se animaram ao ouvir a voz de seu amigo. Era quase um sorriso.

- Eu o esperava.

- Vou embora, se o canso.

- Fique.

Mas, ao dizer essa palavra, Olivier punha um dedo sobre os lábios. Pedia que não lhe falassem. Bernard, que devia se apresentar para as provas orais dentro de três dias, não andava mais sem um daqueles manuais onde se concentra, em elixir, todo o amargor das matérias de seus exames. Instalou-se à cabeceira do amigo e mergulhou na leitura. Olivier, de rosto virado para a parede, parecia dormir. Édouard fora para o seu quarto, e às vezes aparecia

por instantes à porta de comunicação, que ficara aberta. De duas em duas horas, fazia com que Olivier tomasse uma xícara de leite, mas apenas desde aquela manhã.

Durante todo o dia anterior, o estômago do doente não conseguira suportar nada.

Transcorreu um longo tempo. Bernard ergueu-se para partir. Olivier virou-se, estendeu-lhe a mão,

esforçando-se para sorrir:

- Voltará amanhã?

No último momento, chamou-o de volta, fez-lhe sinal para que se inclinasse, como se receasse não conseguir se fazer ouvir, e, bem baixo:

- Não imagine que fui idiota!

Então como para se adiantar a um protesto de Bernard, levou novamente um dedo aos lábios:

- Não, não... Mais tarde eu explicarei.

; No dia seguinte, Édouard recebeu uma carta de Laura. Quando Bernard chegou, mostrou-a a ele:

"Meu caro amigo:

Escrevo-lhe com muita pressa para tentar prevenir uma infelicidade absurda. Tenho certeza de que me ajudará, se esta carta chegar às suas mãos cedo o bastante.

Félix acaba de partir para Paris, com a intenção de ir vê-lo. Pretende obter de você esclarecimentos que me recuso a dar, saber o nome daquele a quem gostaria de desafiar para um duelo. Fiz o que pude para retê-lo, mas sua decisão é inquebrantável, e tudo o que lhe digo serve apenas para reforçá-la. Talvez você seja o único que consiga dissuadi-lo. Ele confia em sua amizade e o ouvirá, espero. Lembre-se de que ele nunca teve nas mãos nem pistolas nem floretes. A ideia de que possa arriscar a vida por mim é-me intolerável, mas receio sobretudo, quase não ousou confessá-lo, que ele se cubra de ridículo.

Desde a minha volta, Félix é para comigo cheio de cuidados, de ternura, de gentileza, mas não consigo mais fingir por ele um amor que não sinto. Ele sofre com isso.

e creio que é o desejo de forçar minha estima, minha admiração, que o leva a esse passo que lhe parecerá insensato, mas no qual ele pensa diariamente, e que se tornou, desde que voltei, sua ideia fixa. Sem dúvida perdoou-me, mas odeia mortalmente o outro.

iln Suplico-lhe que o receba tão afetosamente quanto receberia a mim, não poderia me dar uma prova de amizade que me sensibilizasse mais. Perdoe-me por não ter

escrito antes para repetir-lhe todo o reconhecimento que tenho por sua dedicação e pelos cuidados com que me cumulou durante nossa estada na Suíça. A lembrança daqueles dias me aquece e me ajuda a suportar a vida.

Sua amiga sempre inquieta e sempre confiante, ,

Laura"

- O que pretende fazer? perguntou Bernard devolvendo-lhe a carta.

- O que quer que eu faça? respondeu Édouard, um pouco irritado, não tanto pela pergunta de Bernard, mas porque já se perguntara o mesmo. - Se ele vier, vou recebê-lo o melhor que puder. vou aconselhá-lo o melhor que puder, se me consultar. E tentarei persuadi-lo de que o melhor que tem a fazer é ficar tranquilo. Pessoas como esse pobre Douviers sempre erram ao procurar aparecer demais. Pensaria o mesmo se o conhecesse, acredite-me. Laura, essa, nasceu para os papéis principais. Cada um de nós assume um drama à sua altura, e recebe seu contingente de trágico. O que podemos fazer? O drama de Laura é ter se casado com um figurante. Nada se pode fazer quanto a isso.

- E o drama de Douviers é ter se casado com alguém que sempre será superior a ele, não importa o que faça.

- Não importa o que faça... repetiu Édouard, em eco - e não importa o que possa fazer Laura. O admirável é que, por remorso por seu erro, por arrependimento, Laura queria se humilhar diante dele, mas ele logo se prosternava ainda mais baixo. Tudo o que um e outro fizessem só levava a rebaixá-lo, e a engrandecê-la.

- Sinto muito por ele, disse Bernard. Mas por que não admite que ele, com essa prostração, também possa se engrandecer?

- Porque lhe falta lirismo, disse Édouard irrefutavelmente.

- Que quer dizer?

- Que ele nunca se esquece de si mesmo naquilo que sente, de modo que nunca sente nada de grande. Não me provoque muito quanto a esse assunto. Tenho minhas ideias;

mas são contrárias aos moldes estabelecidos, e não procuro

medi-las por eles. Paul-Ambroise costuma dizer que não aceita levar em conta nada que não possa ser numerado, e em relação a isso imagino que ele brinca com a expressão "levar em conta", pois "afinal de contas", como dizem, assim somos forçados a omitir Deus. É para isso que ele se encaminha, e é o que deseja... Veja: acho que chamo de lirismo o estado do homem que consente em se deixar vencer por Deus.

- Não é esse exatamente o significado da palavra "entusiasmo"?

- E talvez o da palavra "inspiração". Sim, é bem isso o que quero dizer. Douviers é um ser incapaz de inspiração. Concordo em que Paul-Ambroise tenha razão quando considera a inspiração dos fatores mais prejudiciais à arte, e creio realmente que só se é artista com a condição de dominar o estado lírico; mas é preciso, para dominá-lo, havê-lo experimentado antes.

- Não acredita que esse estado de visitação divina seja explicado psicologicamente por...

- Bela frase de efeito! interrompeu Édouard. Tais considerações, para ser exatas, servem apenas para constranger os tolos. Não há dúvida de que não há um só movimento místico que não tenha seu correspondente material. E depois? O espírito, para se manifestar, não pode prescindir da matéria. Daí o mistério da encarnação.

- Em compensação, a matéria prescinde perfeitamente do espírito.

-- Sobre isso, de nada sabemos, disse Édouard, rindo.

Bernard estava se divertindo muito por ouvi-lo falar assim. Em geral Édouard se abria pouco. A exaltação que deixava transparecer nesse dia vinha da presença de Olivier. Bernard compreendeu.

"Ele me fala como gostaria de falar desde já com ele, pensou. É Olivier quem deve ter como secretário. Assim que Olivier estiver curado, eu me retirarei; meu lugar é em outra parte."

Pensava assim sem amargura, atualmente ocupado com Sarah, que revira na noite anterior e a quem

se preparava para rever essa noite.

- Afastamo-nos bastante de Douviers, exclamou, rindo também. Vai falar-lhe sobre Vincent?

- Mas claro que não! De que serviria?

- Não acha que é extremamente maléfico para Douviers não saber contra quem dirigir suas suspeitas?

'*!•"'

- Talvez tenha razão. Mas isso deve ser dito a Laura. Eu não poderia falar sem traí-la... Aliás, nem mesmo sei onde ele está.

- Vincent?... Passavant deve saber.

O toque da campainha interrompeu-os. A sra. Molinier vinha saber notícias de seu filho. Édouard foi ao seu encontro no ateliê.

Diário de Édouard

visita de Pauline. Eu estava embaraçado, sem saber como preveni-la. Mas não podia deixá-la ignorar que seu filho estava doente, julguei inútil contar-lhe a incompreensível tentativa de suicídio; falei simplesmente de uma violenta crise de fígado, que realmente é o mais claro resultado dessa aventura.

- Já estou tranquila sabendo que Olivier está em sua casa, disse-me Pauline. Eu mesma não cuidaria melhor dele, pois percebo bem que o ama tanto quanto eu

as últimas palavras, ela me olhou com curiosa insistência. Tere imaginado a intenção que ela me pareceu"ter posto naquele olhar? Sentía diante de Pauline aquilo

"que se costuma chamar de 'consciência pesada', e só consegui balbuciar qualquer coisa indistinta. É preciso dizer que, sobrecarregado de emoções há dois dias, eu perdera todo o controle sobre mim mesmo. Minha perturbação deve ter sido bem transparente, pois ela acrescentou:

- Seu rubor é eloquente... Meu pobre amigo, não espere censuras de mim. Eu as faria, se achasse que não o ama... "Posso vê-lo?"

Levei-a até Olivier. Bernard, ao nos ouvir chegar, retirou-se.

- Como é belo! murmurou ela, inclinando-se sobre a cama. Depois, virando-se para mim: -Beije-o por mim. Receio acordá-lo.

Pauline é decididamente uma mulher extraordinária. Não é de hoje que penso assim. Mas não poderia esperar que levasse tão longe sua compreensão. Entretanto, pareciame, através da cordialidade de suas palavras e daquela espécie de bom humor que punha no tom de sua voz, distinguir um certo constrangimento (talvez em virtude do esforço que eu fazia para ocultar minha perturbação), e lembrava-me de uma frase de nossa conversa anterior, frase que

já me parecera das mais sábias quando eu não estava interessado em considerá-la como tal: 'Prefiro concordar de boa vontade com o que sei que não poderia impedir'.

Evidentemente, Pauline fazia um esforço na direção da boa vontade, e, como que em resposta a meu pensamento secreto, disse-me, quando estávamos novamente no ateliê:

- Não me escandalizando, há pouco, receio tê-lo escandalizado. Há algumas liberdades de pensamento das quais os homens gostariam de manter o monopólio.

Não posso, no entanto, fingir uma reprovação que não sinto. A vida me ensinou. Compreendi o quanto a pureza dos meninos era precária, mesmo quando parecia mais preservada.

Ademais, não creio que os mais castos adolescentes sejam mais tarde os melhores maridos, nem mesmo, infelizmente, os mais fiéis, acrescentou, sorrindo tristemente. Enfim, o exemplo de seu pai fez-me desejar outras virtudes para meus filhos. Mas receio para eles a devassidão, ou ligações degradantes. Olivier deixa-se envolver com facilidade. Será do seu interesse contê-lo. Acho que pode lhe fazer bem. Só depende de sua vontade...

Tais palavras me deixavam confuso.

- Torna-me melhor do que sou.

Foi tudo o que consegui encontrar para dizer, da forma mais banal e mais acanhada. Ela continuou, com extrema delicadeza:

- Será Olivier quem o tornará melhor. O que não obtemos de nós mesmos, pro amo.

- Oscar sabe que ele está comigo? perguntei, para pôr um pouco de ar entre nós.

- Não sabe sequer que está em Paris. Já lhe disse que ele não se preocupa muito com os filhos. Por isso é que contava com você para falar com Georges. Já o fez?

- Não; ainda não.

O rosto de Pauline ensombreceu-se bruscamente.

- Estou cada vez mais inquieta. Ele adotou um ar de segurança no qual não vejo senão indiferença, cinismo e presunção. Estuda bem, seus professores estão satisfeitos com ele, minha inquietação não sabe em que se basear...

E de repente, abandonando a calma, com um arrebatamento no qual eu quase a desconhecia:

- Faz ideia do que está acontecendo com minha vida? Venho restringindo minha felicidade. A cada ano que passou, precisei diminuí-la. Uma a uma, cortei minhas esperanças.

Cedi, tolerei, fingi não compreender, não ver... Mas

afinal a gente se agarra a alguma coisa, e quando até mesmo esse pouco escapa!... À noite, ele vem estudar ao meu lado, sob o lampião. Quando às vezes ergue a cabeça de seu livro, não é afeição que encontro em seu olhar: é desafio. Eu não fiz nada para merecer isso... Às vezes me parece, repentinamente, que todo o meu amor por ele se transforma em ódio; e eu gostaria de nunca ter tido filhos. :

Sua voz tremia. Tomei-lhe a mão.

- Olivier a recompensará. Prometo-lhe. , Fez um esforço para se acalmar.

- Claro, sou louca de falar assim, como se não tivesse três filhos. Quando penso num, não vejo senão aquele... Vai me achar bem pouco sensata... Mas em certos momentos, realmente, o bom senso não me basta mais.

- O bom senso é, no entanto, o que mais admiro em sua personalidade, disse eu sem rodeios, na esperança de acalmá-la. - E, como nada respondeu, acrescentei:

- Outro dia, falava-me de Oscar com tanta sensatez... Pauline assumiu bruscamente um ar altivo.

Olhou-me

e deu de ombros.

- É sempre quando uma mulher se mostra mais resignada que ela parece mais sensata! exclamou, num tom impertinente.

Essa reflexão irritou-me exatamente por ser justa. Para não deixá-la perceber, continuei logo: -- Nada de novo, quanto às cartas?

- De novo? de novo!... O que quer que aconteça de novo entre mim e Oscar?

- Ele esperava uma explicação.

- Eu também esperava uma explicação. Durante toda a vida esperam-se explicações.

- Enfim, continuei um pouco impaciente, Oscar sentia-se numa situação falsa.

- Mas, meu amigo, sabe muito bem que não há nada que se eternize tanto quanto as situações falsas. É problema de vocês, romancistas, procurar resolvê-las. Na vida, nada se resolve, tudo continua. Ficamos na incerteza, e permanecemos até o fim sem saber o que fazer. Enquanto isso, a vida continua, como se nada houvesse. E com isso a gente se acostuma, como com todo o resto... como com tudo. Bem, adeus.

Afetava-me dolorosamente a ressonância de algumas sonoridades novas que eu distinguia em sua voz: uma espécie de agressividade que me obrigava a pensar (talvez não

naquele momento, mas ao rememorar nosso encontro) que Pauline se acostumava com muito menos facilidade do que dizia com minhas relações com Olivier, com menos facilidade do que com todo o resto. Quero acreditar que não as reprova totalmente, que até mesmo se felicita sob certos aspectos, como me fez saber; mas, sem talvez confessar a si mesma, não deixa de sentir ciúme.

É a única explicação que encontro para aquela súbita atitude de revolta, logo após, em relação a um assunto que, afinal, a atingia bem menos. Dir-se-ia que, cedendo-me inicialmente o que mais lhe custava, ela acabou por esgotar sua reserva de mansidão e se encontrou subitamente sem reservas. Daí, suas palavras descontroladas, quase

extravagantes, das quais ela mesma deve se espantar ao pensar no que disse, e onde seu ciúme se traía.

No fundo, pergunto-me qual poderia ser o estado de uma mulher que não fosse resignada. Digo, de uma 'mulher honesta'... Como se o que se chama 'honestidade', nas mulheres, não implicasse sempre resignação!

No fim da tarde, Olivier começou a passar visivelmente melhor. Mas a vida que retorna traz consigo a inquietação. Esforço-me para tranquilizá-lo.

Seu duelo? - Dhurmer tirara o corpo fora. Também não se podia ir correr atrás dele.

A revista? - Bercaïl se encarrega.

As coisas que deixou em casa de Passavant? - Era o ponto mais delicado. Precisei confessar que Georges não conseguira recuperá-las, mas comprometi-me a ir apanhá-las pessoalmente amanhã. Ele temia, pareceu-me, que Passavant as retivesse como penhor, o que não admiti nem por um instante.

Ontem, eu me demorava no ateliê após ter escrito estas páginas, quando ouvi Olivier me chamar. Corri até ele.

- Eu mesmo iria, se não estivesse fraco demais, disse-me. Quis me levantar, mas, quando fico de pé, minha cabeça gira, e tenho medo de cair. Não, não me sinto pior, pelo contrário... Mas precisava falar com você. É preciso que me prometa algo... Nunca procurar saber por que eu quis me matar anteontem. Acho que eu mesmo não sei.

Querida dizer, de verdade! Não conseguiria... Mas é preciso que não pense que foi por alguma coisa misteriosa em minha vida, algo que você não soubesse. E, em voz mais baixa:

- E também não vá imaginar que foi por vergonha...

Embora estivéssemos no escuro, escondeu o rosto em meu ombro.

- Ou, se sinto vergonha, é do banquete da outra noite, de minha bebedeira, de meu arrebatamento, de minhas lágrimas, e desses meses de verão... e de ter esperado por você tão mal.

Depois afirmou que em nada de tudo aquilo admitia se reconhecer, que fora tudo aquilo que quisera matar, que matara, que apagara de sua vida.

Eu sentia, mesmo em sua agitação, sua fraqueza, e o embalava, sem nada dizer, como a uma criança. Ele precisaria descansar; seu silêncio fazia-me esperar seu sono, mas ouvi-o murmurar, enfim:

- Perto de você, sou feliz demais para dormir. Só me deixou separar-me dele pela manhã."

XI

Bernard, naquela manhã, veio cedo. Olivier ainda dormia. Bernard, como fizera nos dias anteriores, instalou-se à cabeceira do amigo com um livro, o que permitiu a Édouard interromper sua vigília e ir à casa do conde de Passavant, como havia prometido fazer. Àquela hora da manhã era
, certo encontrá-lo.

O sol brilhava, um vento forte livrava as árvores de suas últimas folhas, tudo parecia límpido, azulado. Édouard não saía há três dias. Uma alegria imensa dilatava-lhe o coração, e parecia-lhe mesmo que todo o seu ser, invólucro aberto e vazio, flutuava sobre um mar indiviso, um divino oceano de bondade. O amor com tempo ilimitam assim nossos contornos. "

Édouard sabia que precisaria de um carro para levar as coisas de Olivier; mas não se apressava em tomá-lo; sentia prazer em caminhar. O estado de cordialidade em que se encontrava com relação à natureza inteira predispunha-o mal para enfrentar Passavant. Dizia-se que deveria execrá-lo, repassava em seu espírito todas as ofensas, mas não lhes sentia mais a dor. Aquele rival, que detestava ainda ontem, ele acabara de suplantar, e tão completamente que não podia odiá-lo por mais tempo. Pelo menos, não o podia nessa manhã. E, como por outro lado considerava que nada deveria transparecer dessa reviravolta, que se arriscava a trair sua felicidade mais do que se mostrar desarmado, teria preferido furtar-se à entrevista. Em verdade, por que diabos ele ia, exatamente ele, Édouard? Apresentar-se-ia à Rue Babylone e reclamaria as coisas de Olivier, a título de quê? Missão aceita bem levianamente, dizia-se caminhando,

e que deixaria entrever que Olivier escolhera sua casa como morada, exatamente o que preferia esconder... Tarde demais para recuar: Olivier tinha sua palavra. Pelo menos, era importante mostrar-se a Passavant muito frio, muito firme. Passou um táxi, que chamou.

Édouard conhecia mal Passavant. Ignorava um dos traços de seu caráter. Passavant, que nunca era apanhado desprevenido, não suportava ser feito de bobo. Para não precisar reconhecer seus fracassos, fingia sempre ter desejado sua sorte, e, sem se importar com o que lhe acontecesse, afirmava sempre que era o que queria. Assim que compreendeu que Olivier lhe escapava, só se preocupou em dissimular sua raiva. Longe de procurar correr-lhe atrás, e de se arriscar ao ridículo, retesou-se, forçou-se a dar de ombros. Suas emoções nunca eram violentas a ponto de ele não poder manejá-las. Muitos se felicitam por isso, sem se permitir reconhecer que, com frequência, devem este domínio de si mesmos menos à força de seu caráter do que a uma certa indigência de temperamento. Nego-me a generalizar; digamos que o que disse só se aplica a Passavant. Este, então, não teve muita dificuldade em se persuadir de que exatamente estava farto de Olivier, que naqueles dois meses de verão havia esgotado todo o atrativo de uma aventura que poderia estorvar-lhe a vida, que além disso havia superestimado a beleza daquele menino, sua graça e seus dons de espírito, que era mesmo tempo de abrir os olhos para os inconvenientes de confiar a direção de uma revista a alguém assim tão jovem e tão inexperiente. Pensando bem, Strouvilhou se sairia muito melhor - como diretor de revista, bem entendido. Acabava de escrever-lhe, e havia-o convocado para aquela manhã.

Acrescentemos que Passavant se enganava quanto à causa da deserção de Olivier. Pensava ter excitado seu ciúme ao se mostrar interessado demais em Sarah. Compraziase com essa ideia, que adulava sua presunção natural; seu despeito estava acalmado.

Esperava, então, Strouvilhou, e como havia dado ordens para que o fizesse entrar imediatamente, Édouard beneficiou-se dessas instruções e viu-se diante de Passavant sem ter sido anunciado.

Passavant não deixou transparecer sua surpresa. Feliz-

mente para ele, o papel que deveria fazer convinha à sua natureza e não lhe desviava os pensamentos. Assim que Édouard expôs o motivo de sua visita:

- Como estou feliz pelo que me diz! Então, realmente? Quer mesmo ocupar-se dele? Não lhe atrapalhará demais a vida?... Olivier é um menino encantador, mas sua presença aqui começava a me embaraçar terrivelmente. Eu não ousava deixá-lo perceber, ele é tão gentil... E sabia que ele preferia não voltar para a casa dos pais... Os pais, não é mesmo, depois que os deixamos... Mas, aliás, a mãe dele não é sua meia irmã?... ou algo assim? Olivier deve ter-me explicado isso, algum dia. Então, nada mais natural que more com você. Ninguém pode encontrar motivos para sorrir (o que ele, aliás, não deixava de fazer ao dizer estas palavras). Em minha casa, compreende, sua presença era mais escabrosa. Esta era aliás uma das razões que me faziam desejar que ele se fosse... Ainda que eu não tenha absolutamente o hábito de me preocupar com a opinião pública. Não, era no interesse dele, sobretudo...

O encontro não começara mal, mas Passavant não resistia ao prazer de derramar sobre a felicidade algumas gotas do veneno de sua perfídia. Tinha-as sempre de reserva: não se sabe o que pode acontecer...

Édouard sentiu que sua paciência se esgotava. Mas subitamente lembrou-se de Vincent, do qual Passavant deveria ter tido notícias. Sem dúvida, havia prometido a si mesmo não falar de Vincent a Douviers, se este viesse a interrogá-lo, mas, para melhor se sair do interrogatório, parecia-lhe bom estar informado, isso fortaleceria sua resistência. Aproveitou esse pretexto de digressão.

- Vincent não me escreveu, disse Passavant. Mas recebi uma carta de Lady Griffith - sabe quem é: a substituta -, na qual ela me fala longamente dele. Tome, eis aqui a carta... Afinal de contas, não vejo por que não tomaria conhecimento.

Estendeu-lhe a carta. Édouard leu:

"My dear:

O iate do príncipe partirá sem nós de Dakar. Quem sabe onde estaremos quando esta carta que leva chegar às suas mãos? Talvez às margens do Casamance, onde gostaríamos, Vincent de herborizar, e eu de caçar. Não sei mais se eu o levo ou se ele me leva, ou se, antes, não é o demônio da aventura que nos provoca desse modo. Fomos

apresentados a ele pelo demônio do tédio, que conhecemos a bordo... Ah! Dear, é preciso viver num

iate para aprender a conhecer o tédio. Em dias de borrasca, a vida ainda é suportável, participa-se da agitação do barco. Mas a partir de Tenerife, nem mais um sopro, nem mais uma onda no mar.

grande espelho

de meu desespero. "

E sabe a que me tenho dedicado desde então? A odiar Vincent. Sim, meu caro, parecendo-nos o amor demasiado insípido, decidimos nos odiar. Para dizer a verdade, isso começou muito antes, sim, desde nosso embarque. A princípio, era apenas irritação, uma surda animosidade que não impedia o corpo-a-corpo. com o bom tempo, tornou-se feroz. Ah! Sei agora o que é sentir paixão por alguém..."

A carta ainda era longa.

- Não preciso ler mais, disse Édouard, devolvendo-a a Passavant. Quando ele volta?

- Lady Griffith não fala em volta.

Passavant estava mortificado por Édouard não demonstrar mais apetite por aquela carta. A partir do momento em que ele lhe permitia lê-la, deveria considerar aquela falta de curiosidade como uma afronta. Repelia facilmente os oferecimentos, mas suportava mal que os seus fossem desdenhados. Aquela carta o havia enchido de satisfação.

Nutria uma certa afeição por Lilian e por Vincent, até mesmo havia provado a si mesmo que podia ser útil a ambos, apoiá-los. Mas sua afeição enfraquecia tão logo não precisavam mais dela. Como, ao deixá-lo, seus dois amigos não houvessem navegado para a felicidade, eis o que o convidava a pensar: bem feito!

Quanto a Édouard, sua felicidade matinal era demasiado sincera para que ele conseguisse, diante da pintura de sentimentos arrebatados, deixar de sentir-se aborrecido.

Fora sem afetação alguma que devolvera a carta.

Era importante para Passavant retomar imediatamente o controle da situação:

- Ah! Gostaria de dizer-lhe ainda: tem conhecimento de que eu havia pensado em Olivier para a direção de uma revista? Naturalmente, não é mais o caso.

- Isso é óbvio, retrucou Édouard, a quem Passa-

vant, sem se dar conta, libertava de uma grande preocupação. Este compreendeu, pelo tom de Édouard, que acabara de fazer o que ele queria e, sem perder tempo mordendo os lábios:

- As coisas deixadas por Olivier estão no quarto que ele ocupava. Tem um táxi à sua espera, com certeza. Mandarei levá-las até lá. A propósito, como está ele?

- Muito bem.

Passavam se levantara. Édouard fez o mesmo. Os dois se despediram com um cumprimento dos mais frios.

A visita de Édouard acabava de aborrecer terrivelmente o conde de Passavant:

- Ufa! disse ele ao ver entrar Strouvilhou. Embora Strouvilhou fosse um adversário à altura. Passavaní sentia-se à vontade com ele, ou mais exatamente: punha-se à vontade. Sem dúvida, lidava com um concorrente temível sabia-o, mas achava-se forte e ansiava para prová-lo.

- Meu caro Strouvilhou, sente-se, disse, empurrando uma poltrona em sua direção. Estou realmente feliz em vê-lo.

- O senhor conde mandou-me chamar. Eis-me aqui ao seu dispor.

Strouvilhou adotava geralmente com ele uma insolência de laçao, mas Passavant estava acostumado às suas maneiras.

- Direto ao ponto: é hora, como dizia o outro, de sair de baixo dos móveis. Sei que já teve diversas ocupações... Gostaria de propor-lhe hoje um verdadeiro posto de ditador. Apressemos-nos a acrescentar que se trata apenas de literatura.

- Paciência. E, como Passavant lhe estendesse sua cigareira: - Se me permite, prefiro...

- Não permito absolutamente. com seus horríveis charutos de contrabando, vai me empestar a sala. Jamais compreendi o prazer que alguém possa ter fumando isso.

- Oh! Não posso dizer que os adoro. Mas incomoda os vizinhos.

- Sempre implicante?

- Não seria acertado, entretanto, tomar-me por um imbecil.

E sem responder diretamente à proposta de Passavant,

Strouvilhou achou conveniente explicar-se e definir as posições de ambos. Depois, veriam. Continuou:

- A filantropia nunca foi meu forte.

- Eu sei, eu sei, disse Passavant.

- O egoísmo também não. E é isso o que não sabe... Queriam nos fazer acreditar que não existe para o homem outra fuga do egoísmo além de um altruísmo ainda mais horrível! Quanto a mim, considero que, se há algo mais desprezível do que o homem, e mais abjeto, são muitos homens. Nenhum raciocínio poderia convencer-me de que a soma de unidades sórdidas possa dar um total delicado. Não entro num bonde ou num trem sem desejar um belo acidente que reduza a farinha todo aquele lixo vivo.

Oh! Eu inclusive, é claro. Nem numa sala de espetáculos sem desejar a queda do lustre ou o estouro de uma bomba, e, como eu deveria explodir junto, de boa vontade a levaria debaixo do paletó, se não me reservasse para coisa melhor. Dizia?...

- Não, nada, continue, eu o ouço. Sei que não é um daqueles oradores que aguardam o chicote da contradição para prosseguir.

- É que me pareceu ouvi-lo oferecer-me um cálice de seu inestimável vinho do Porto.

Passavant sorriu.

- E fique com a garrafa, disse, entregando-a. Esvazie-a, se quiser, mas fale.

Strouvilhou encheu seu cálice, mergulhou numa poltrona funda e começou:

- Não sei se tenho o que se chama de coração seco; sinto muita indignação, muito desdém, para acreditar nisso, e pouco me importo. É verdade que reprimi, de há muito, nesse órgão, tudo o que pudesse enternecê-lo. Mas não sou incapaz de admiração, e de uma espécie de devotamento absurdo, pois, na qualidade de homem, desprezo-me e odeiome tanto quanto aos outros. Ouço repetir-se sempre e em toda parte que a literatura, as artes, as ciências, em última instância, trabalham para o bem-estar da humanidade, e isso seria o suficiente para me fazer execrá-las. Mas nada me impede de mudar o conceito, e então eu respiro. Sim, o que me agrada imaginar é, ao contrário, toda a humanidade servil trabalhando para algum monumento cruel, um Bernard Palissy (como nos encheram com esse aí) quei-

1 Escritor, sábio e esmaltador francês (1510-1590) que, em busca de aperfeiçoamento para seus esmaltes, chegou a queimar seus móveis e o assoalho de sua casa. (N. da T.)

mando mulher e filhos, e a si mesmo, para obter o verniz de um belo prato. Gosto de inverter os problemas, que quer? considero que se mantém em melhor equilíbrio assim, de cabeça para baixo. E se não posso suportar a ideia de um Cristo se sacrificando pela salvação ingrata de todas essas pessoas horrendas que me circundam, encontro alguma satisfação, e até mesmo uma espécie de serenidade, em imaginar essa turba apodrecendo para produzir um Cristo... embora preferisse outra coisa, pois todo o Seu ensinamento só serviu para afundar um pouco mais a humanidade na lama. A infelicidade vem do egoísmo dos ferozes. Uma ferocidade devotada, eis o que produziria grandes coisas. Ao proteger os infelizes, os fracos, os raquíticos, os feridos, estamos no caminho errado, e é por isto que odeio a religião que o ensina. A grande paz que os próprios filantropos pretendem extrair da contemplação da natureza, fauna e flora, vem do fato de que, no estado selvagem, só os seres robustos prosperam; todo o resto, o resíduo, serve de adubo. Mas as pessoas não sabem ver tudo isso; não querem reconhecê-lo.

- Claro, claro, eu o reconheço muito bem. Continue.

- E diga-me se não é vergonhoso, miserável... que o homem tenha se esforçado tanto para obter raças soberbas de cavalos, de gado, de aves, de cereais, de flores, e que ele próprio, para si próprio, ainda esteja buscando na medicina um alívio para suas misérias,

na caridade, um paliativo, na religião, um consolo, e na embriaguez, o esquecimento. É para o aprimoramento da raça que é preciso trabalhar. Mas toda seleção implica a supressão dos indesejados, e a isso nossa sociedade cristã não se decidiria. Ela nem mesmo consegue se encarregar de castrar os degenerados, e estes são os mais prolíficos. O que precisaríamos, não seria de hospitais, mas de haras.

- Ora, ora, agrada-me falando assim, Strouvílhô.

- Receio que se tenha enganado a meu respeito até agora, senhor conde. Tomou-me por um cético, e sou um idealista, um místico. O ceticismo nunca produziu nada de bom. Sabemos, aliás, a que conduz... à tolerância! Para mim, os cétricos são pessoas sem ideal, sem imaginação; para mim são idiotas... E não ignoro tudo o que se suprime de delicadezas e sutilezas sentimentais com a produção desta humanidade robusta; mas ninguém mais estaria lá para lamentá-las, já que, com elas, seriam suprimidos os delicados. Não se engane, tenho o que se chama de cultura, e

sei muito bem que, esse meu ideal, alguns gregos já o pressentiram. Ao menos gosto de imaginá-los e lembrar-me de que Cora, filha de Ceres, desceu aos infernos cheia de piedade pelas sombras, mas, tornada rainha, esposa de Plutão, só é chamada por Homero de "a implacável Prosérpina". Ver Odisseia, canto sexto. "Implacável" é o que tem a obrigação de ser um homem que se afirma virtuoso.

- Alegro-me por vê-lo voltar à literatura... se é que chegamos a abandoná-la. Pergunto-lhe então, virtuoso Strouvílhô, se aceitaria tornar-se um implacável diretor de revista.

- Para dizer a verdade, meu caro conde, devo confessar-lhe que, de todas as nauseabundas emanações humanas, a literatura é uma das que mais me repugnam. Não vejo nela senão condescendências e adulações. E chego a duvidar de que possa se tornar outra coisa, pelo menos enquanto não houver varrido o passado. Vivemos sobre sentimentos admitidos, e que o leitor imagina experimentar, pois acredita em tudo o que se imprime. O autor especula sobre esses sentimentos como sobre convenções que acredita serem as bases de sua arte. Tais sentimentos soam falso, mas encontram crédito. E, como se sabe que "o dinheiro falso expulsa o verdadeiro", aquele que oferecesse ao público moedas verdadeiras parecer-nos-ia não ter sentido. Num mundo em que

todos trapaceiam, é o homem verdadeiro quem faz papel de charlatão.

Advirto-lhe: se eu dirigir uma revista, será para arrebentar os sacos de dinheiro, para desvalorizar todos os belos sentimentos, e essas ordens de pagamento: as palavras.

- Eu gostaria de saber como o faria, palavra!

- Deixe-me fazer e verá. Já refleti muito sobre isso.

- Ninguém o compreenderá, e ninguém o seguirá.

- Ora, vamos! Os jovens mais espertos já estão atualmente prevenidos contra a inflação poética. Sabem o vazio que se esconde por trás dos ritmos sábios e das sonoras lengalengas líricas. Que se proponha demolir, e sempre se encontrarão braços. Quer que fundemos uma escola que não tenha outra finalidade a não ser pôr tudo abaixo?... Isso o amedronta?

- Não... se não pisarem no meu jardim.

- Temos com que nos ocupar em outra parte... por enquanto. A hora é propícia. Conheço alguns que só esperam por um toque de reunir, alguns bem jovens... Sim, isso lhe agrada, bem sei, mas advirto-o de que não darão

ouvidos a galanteios... Pergunto-me com frequência por que prodígio a pintura está adiantada, e como pode ser que a literatura se tenha deixado distanciar desse modo. Em que descrédito cai, hoje, o que se costumava considerar, em pintura, como "o motivo"! Um belo tema! Isso faz rir. Os pintores nem sequer ousam mais arriscar um retrato, a menos que evitem qualquer semelhança. Se fizermos acertadamente nosso trabalho, e pode contar comigo para tanto, não peço dois anos para que um poeta de amanhã se sinta desonrado se se compreender o que quer dizer. Sim, senhor conde, quer apostar? Será considerado como antipoético qualquer sentido, qualquer significado.

Proponho trabalhar a favor do ilogismo. Que belo título, para uma revista: Os Semeadores!

Passavant escutara, impassível.

-• Entre seus acólitos, perguntou depois de um momento em silêncio, conta com seu jovem sobrinho?

- O pequeno Léon é um puro, e conhece minha teoria como a palma de sua mão. Realmente é um prazer instruí-lo. Antes do verão, ele achou pitoresco ultrapassar os fortes em tradução de sua classe e arrebatou todos os prêmios. Desde a volta às aulas, não liga para mais nada. Não sei o que está preparando, mas tenho confiança nele e sobretudo não quero chateá-lo.

- Trá-lo-ia para mim?

- O senhor conde está brincando, creio... e então, a revista?

- Voltaremos ao assunto. Preciso deixar amadurecerem em mim os seus projetos. Enquanto isso, deveria me conseguir um secretário. O que eu tinha deixado de me satisfazer.

- Eu lhe enviarei, amanhã mesmo, o pequeno CobLafleur, que devo encontrar daqui a pouco, e que fará sem dúvida o seu género.

- Do tipo "saneador"?

- Um pouco.

- Ex uno. ...!

- Não, não julgue todos por ele. Este é um moderado. Especialmente escolhido para servi-lo.

Strouvilhou se levantou.

- A propósito, exclamou Passavant, ainda não lhe

; "Por um..." Em latim no original. (N. da T.)

havia dado, creio, meu livro. Lamento não ter mais nenhum exemplar da primeira edição...

- Como não tenho intenção de revendê-lo, isso não tem nenhuma importância.

- Simplesmente, a impressão era melhor.

- Oh! Como também não tenho intenção de lê-lo... Até breve. E, se seu coração assim disser, às suas ordens. Tenho a honra de saudá-lo.

Diário de Édouard

"Entregue a Olivier sua bagagem. Logo ao voltar da casa de Passavant, trabalho. Exaltação calma e lúcida. Alegria desconhecida até hoje. Escritas trinta páginas dos Moedeiros falsos, sem hesitação, sem rasuras. Como uma paisagem noturna à súbita luz de um raio, todo o drama surgiu da escuridão, muito diferente do que o que eu me esforçava em vão por inventar. Os livros que escrevi até agora parecem-me comparáveis àqueles lagunhos dos jardins públicos, de contornos precisos, perfeitos, talvez, mas nos quais a água cativa é inanimada. Agora, quero deixá-la escoar-se livremente, ora rápida, ora lenta, por meandros que me recuso a prever.

X... sustenta que o bom romancista deve, antes de começar seu livro, saber como esse livro terminará. Quanto a mim, que deixo o meu seguir ao acaso, considero que a vida nunca nos propõe nada que, tanto quanto um final, não possa ser considerado um novo ponto de partida. 'Poderia continuar...': é com essas palavras que gostaria de terminar meus Moedeiros falsos.

Visita de Douviers. É evidentemente um ótimo rapaz.

Como eu exagerasse minha simpatia, precisei suportar efusões bem aborrecidas. Ao falar com ele, repetia para mim mesmo estas palavras de La Rochefoucauld: 'Sou pou-

co sensível à piedade, e gostaria de não sê-lo totalmente... Penso que é preciso contentar-se em testemunhá-la e evitar cuidadosamente senti-la'. No entanto, minha simpatia era real, inegável, e eu estava emocionado até às lágrimas. Para dizer a verdade, minhas lágrimas pareceram consolá-lo ainda melhor que minhas palavras.

Acredito mesmo que renunciou à sua tristeza assim que me viu chorar.

Eu estava firmemente decidido a não lhe entregar o nome do sedutor. Mas, para minha surpresa, ele não me perguntou. Creio que seu ciúme diminuiu quando ele deixou de se sentir contemplado por Laura. Ê, de qualquer modo, seus esforços junto a mim diminuiram-lhe um pouco a energia.

Quanto ilogismo no seu caso: indigna-se por ter o outro abandonado Laura. Argumentei que, sem esse

abandono, Laura não teria voltado para ele. Promete amar a criança como amaria a sua própria. As alegrias da paternidade, quem sabe se, sem o sedutor, ele não teria podido conhecer jamais? Foi o que evitei observar-lhe, pois, à lembrança de suas insuficiências, seu ciúme se exaspera. Mas desde então resulta em amor-próprio e deixa de me interessar.

Que um Otelo seja ciumento, é compreensível: a imagem do prazer obtido por sua mulher com outro o obceca. Mas um Douviers, para se tornar ciumento, precisa julgar que deve sê-lo.

E sem dúvida ele alimenta em si essa paixão por uma secreta necessidade de dar corpo à sua personagem, um pouco frágil. A felicidade ser-lhe-ia natural, mas ele tem necessidade de se admirar, e é o obtido, e não o natural, que aprecia. Esmerei-me então em pintar-lhe a simples felicidade mais meritória do que o tormento, e muito difícil de ser atingida. Só o deixei partir depois de serenado.

Inconsequência de caracteres. As personagens que, de um extremo a outro do romance ou do drama, agem exatamente como se poderia prever... Essa constância é submetida à nossa admiração, e eu as considero, pelo contrário, artificiais e construídas.

E não afirmo que a inconsequência seja o indício certo do natural, pois encontramos, e em especial nas mulheres, uma série de inconsequências afetadas. Por outro lado, posso admirar, em algumas raras, o que se chama de 'espírito

de continuidade'. Mas o mais frequente é que essa consequência do ser só seja obtida por uma obstinação vaidosa e à custa do natural. O indivíduo, quanto mais generoso é no íntimo e quanto mais abundantes suas possibilidades, mais está disposto a mudar, menos facilmente deixa seu passado decidir sobre seu futuro. O *justam et tenacem propositi virum*¹, que nos é proposto como modelo, com frequência oferece apenas um solo rochoso e refratário à cultura.

Conheci alguns de uma outra espécie, que forjam assiduamente uma consciente originalidade, e cuja principal preocupação consiste em, após haver escolhido alguns hábitos, jamais abandoná-los. Vivem em estado de alerta, e não se permitem o abandono. (Penxo em X... que recusava seu copo ao Montrachet que eu lhe oferecia: 'Só gosto de bordeaux', dizia. Quando o fiz passar por um bordeaux, o Montrachet lhe pareceu delicioso.)

Quando mais jovem, tomava resoluções que imaginava virtuosas. Preocupava-me menos em ser o que era do que em me tornar o que pretendia ser. Atualmente, pouco falta para que veja na irresolução o segredo de não envelhecer.

Olivier perguntou-me em que eu trabalhava. Deixei-me levar a falar-lhe de meu livro, e até mesmo a ler para ele, tanto parecia interessado, as páginas que acabava de escrever. Receava seu julgamento, conhecendo a intransigência de sua juventude e a dificuldade que esta encontra em admitir um outro ponto de vista que não o seu. Mas as poucas observações que ele temerosamente ousou pareceram-me das mais judiciosas, a ponto de tê-las imediatamente aproveitado.

É por ele é através dele, que sinto e que respiro A

Continua inquieto quanto a revista que deveria dirigir e em particular quanto àquele conto que renega, escrito a pedido de Passavant. As novas disposições adotadas por este acarretarão, disse-lhe eu, um remanejamento do sumário, e ele poderá recuperar seu original.

1 "O homem de propósitos justos e tenazes." Em latim no original. (N. da T.)

Recebi a visita, bem inesperada, do senhor juiz instrutor Profitendieu. Este enxugava a testa e respirava fortemente, não tanto por falta de fôlego por haver subido seis andares quanto por estar perturbado, pareceu-me. Conservava nas mãos o chapéu, e só se sentou depois de meu convite. É um homem de belo aspecto, bem-feito de corpo e de inegável presença.

- O senhor é, creio, o cunhado do presidente Molínier, disse-me. É a propósito de seu filho Georges que tomei a liberdade de vir vê-lo. Desculpar-me-á, sem dúvida, por uma atitude que lhe pode a princípio parecer indiscreta, mas que a afeição e a estima que dedico a meu colega bastarão para justificar, espero.

Calou-se por um momento. Levantei-me e fechei um reposteiro, receando que minha criada, que é muito indiscreta e que eu sabia estar no cómodo vizinho, pudesse ouvir.

Profitendieu aprovou-me com um sorriso.

- Como juiz instrutor, continuou ele, ocupo-me de um caso que me embaraça ao extremo. Seu jovem sobrinho já se envolvera anteriormente numa aventura... - que isto fique entre nós, não é mesmo? - uma aventura um tanto escandalosa, na qual quero crer, considerando sua pouca idade, que sua boa fé, sua inocência, foram iludidas, mas que exigiu de minha parte, confesso-o, alguma habilidade para... circunscrever, sem prejudicar os interesses da justiça. Diante de uma reincidência... de natureza bem diversa, apresso-me a dizer... não posso garantir que o jovem Georges se saia tão bem. Tenho mesmo dúvidas quanto a ser do interesse do menino procurar poupá-lo, apesar de todo o desejo amistoso de evitar esse escândalo a seu cunhado. Tentarei, entretanto; mas tenho agentes, o senhor compreende, que demonstram um zelo excessivo e aos quais nem sempre posso conter. Ou, se o prefere, posso fazê-lo ainda, mas amanhã não o poderei mais. Eis por que pensei que o senhor deveria falar com seu sobrinho, dizer-lhe a que se expõe...

A visita de Profitendieu, por que não o confessar? deixara-me a princípio terrivelmente inquieto, mas, tão logo compreendi que ele não vinha nem como inimigo nem como juiz, passou a me divertir. Mais ainda quando continuou:

- Há algum tempo, circulam moedas falsas. Fui avisado. Ainda não consegui descobrir sua origem. Mas sei que o jovem Georges - inocentemente, quero crer - é um dos que as usam e as colocam em circulação. São uns poucos, da

idade de seu sobrinho, que se prestam a esse vergonhoso tráfico. Não coloco em dúvida que estejam abusando de sua inocência e que essas crianças sem discernimento estão sendo vítimas nas mãos de alguns culpados mais velhos. Já nos poderíamos ter apoderado dos delinquentes menores e, sem esforço, tê-los feito confessar a origem das moedas, mas sei muito bem que, ultrapassando um certo ponto, um caso nos escapa, por assim dizer... quer dizer, uma instrução não pode voltar atrás e nos vemos forçados a saber o que às vezes preferiríamos ignorar. Nessa questão, pretendo chegar a descobrir os verdadeiros culpados sem recorrer ao testemunho dos menores.

Dei portanto ordens para que não os perturbassem. Mas estas ordens são apenas provisórias. Gostaria que seu sobrinho não me forçasse a suspendê-las. Seria bom que ele soubesse que estamos de olhos abertos. O senhor não faria mal se o assustasse um pouco, ele está num mau caminho...

Afirmar que faria o que fosse possível para adverti-lo, mas Profitendieu parecia não me ouvir. Repetiu duas vezes: 'No que se chama de mau caminho', e calou-se.

Não sei quanto tempo durou seu silêncio. Sem que formulasse seu pensamento, parecia-me vê-lo desenrolar-se, e eu já ouvia, antes mesmo que ele as dissesse, suas palavras:

- Eu também sou pai, senhor...

E tudo o que dissera antes desapareceu, nada mais houve entre nós senão Bernard. O resto era apenas pretexto, era para me falar dele que havia vindo.

Se a efusão me aborrece, se o exagero dos sentimentos me importuna, nada, ao contrário, me poderia tocar mais do que aquela emoção contida. Ele a reprimia ao máximo, mas com tão grande esforço que seus lábios e suas mãos tremiam. Não conseguiu continuar. Subitamente, escondeu o rosto nas mãos, e o alto de seu corpo foi sacudido pelos soluços.

- O senhor vê, balbuciava, o senhor vê que um filho pode nos tornar miseráveis.

Que necessidade havia de subterfúgios? Extremamente emocionado eu também.

- Se Bernard o visse, exclamei, seu coração se partiria, asseguro-lhe.

Eu não deixava, no entanto, de estar profundamente embaraçado. Bernard quase nunca me falara de seu pai. Eu aceitara que houvesse abandonado a família, pronto que sou

a encarar semelhante deserção como natural, e disposto a só ver nisso o benefício do rapaz. O caso de Bernard era acrescido do fator de sua bastardia... Mas eis que se revelavam, em seu falso pai, sentimentos ainda mais fortes, sem dúvida, por não serem obrigatórios, e tanto mais sinceros por não serem ditados pelo dever.

E, diante desse amor, dessa dor, eu era forçado a me perguntar se Bernard fizera bem em partir. Não tinha mais coragem de aprová-lo.

•- Disponha de mim se acreditar que eu lhe possa ser útil, disse-lhe, se acreditar que eu deva falar com ele. Ele tem bom coração.

- Eu sei, eu sei... Sim, o senhor pode me ser muito útil. Sei que ele esteve com o senhor durante o verão. Minha vigilância é bastante bem feita... Sei também que fará hoje seu exame oral. Escolhi a hora em que o sabia na Sorbonne para vir aqui. Receava encontrá-lo.

Há alguns instantes, minha emoção diminuía, pois eu acabava de perceber que o verbo 'saber' figurava em quase todas as suas frases. Comecei a me preocupar menos em prestar atenção ao que me dizia do que em observar esse hábito que podia ser profissional.

Disse-me ainda 'saber' que Bernard havia feito com brilhantismo seu exame escrito. A boa vontade de um examinador, que vinha a ser seu amigo, permitira-lhe até mesmo tomar conhecimento da composição francesa de seu filho, que, parecia, era das melhores. Falava de Bernard com uma espécie de admiração contida que me fazia imaginar se talvez, apesar de tudo, não se acreditaria seu verdadeiro pai.

- Senhor! acrescentou, principalmente não lhe fale sobre isto! Ele é de natureza tão orgulhosa, tão desconfiada!... Se imaginasse que, desde sua partida, não deixei de pensar nele, de segui-lo... Mas, ainda assim, pode dizer-lhe que esteve comigo. (Respirava penosamente entre cada frase.) - O que só o senhor poderá dizer-lhe é que não o quero mal (e numa voz que enfraquecia), que nunca deixei de amá-lo... como a um filho. Sim, sei que o senhor sabe... O que lhe pode dizer também... (e, sem me olhar, com dificuldade, num estado de extrema confusão) é que sua mãe me deixou... sim, definitivamente, neste verão. E que, se ele quisesse voltar, eu...

Não conseguiu terminar.

Um homem importante, robusto, positivo, estabelecido na vida, com uma carreira solidamente firmada, que, repentinamente, renunciando a todo o decoro, abre-se e desfaz-se

diante de um estranho, e proporciona a este, que era eu, um espetáculo um tanto extraordinário. Pude na ocasião constatar uma vez mais que me emociono mais facilmente com as efusões de um desconhecido do que com as de alguém familiar. Procurarei me explicar quanto a isto um outro dia.

Profitendieu não me escondeu as prevenções que alimentara, a princípio, a meu respeito, não

havendo compreendido, não compreendendo ainda, que Bernard tivesse desertado do lar para ficar comigo. Fora o que o impedira, inicialmente, de me procurar. Não ousei contar-lhe a história da minha mala, e falei apenas da amizade de seu filho por Olivier, a qual, disse-lhe, nos havia unido desde logo.

- Esses jovens, continuou Profitendieu, lançam-se na vida sem saber a que se expõem. A ignorância dos perigos é a causa de sua força, sem dúvida. Mas nós, que sabemos, nós, os pais, trememos por eles. Nossa solicitude os irrita, e o melhor é não deixá-la transparecer demais. Sei que algumas vezes ela é exercida importuna e desajeitadamente. Em lugar de repetirmos sem cessar para a criança que, o togo injrcõnsmtãosem deixá-la, se Queimar um pouco. A experiência ensina muito mais do que o conselho. Sempre dHei a Bernard o máximo de liberdade possível. ponto de levá-lo a crer, infelizmente, que não me preocupava muito com ele. Temo que aí esteja seu equívoco, que o levou à fuga. Mesmo então, achei melhor deixá-lo fazer o que queria, sempre velando por ele de longe, sem que desconfiasse. Graças a Deus, eu dispunha de meios para tanto. (Evidentemente, Profitendieu encontrava ali apoio para seu orgulho, e mostrava-se particularmente vaidoso da organização de seus agentes - era a terceira vez que mencionava o fato.) Achei que deveria evitar diminuir aos olhos do menino os riscos de sua iniciativa. Poderei confessar-lhe que esse ato de insubmissão, apesar da dor que me causou, resultou apenas em me ligar ainda mais a ele? Ví nisso uma prova de coragem, de valor...

Agora, sentindo-se confiante, o excelente homem não se calava mais. Procurei encaminhar a conversa na direção do que mais me interessava, e, interrompendo-o, perguntei se vira aquelas moedas falsas sobre as quais me falara inicialmente. Estava curioso para saber se seriam semelhantes à moedinha de cristal que Bernard nos havia mostrado. Mal acabei de falar-lhe sobre ela, Profitendieu mudou de expressão. Suas pálpebras se entrecerraram, enquanto no fun-

do de seus olhos se iluminava uma chama curiosa; os pés-de-galinha se acentuaram, os lábios se contraíram; a atenção repuxou para o alto todos os seus traços. Tudo o que me dissera antes deixou de ter importância. O juiz invadia o pai, e nada mais existia além de sua profissão. Crivou-me de perguntas, tomou notas e falou em mandar um agente a Saas-Fée, para levantar os nomes dos viajantes nos registros dos hotéis.

- Ainda que, provavelmente, acrescentou, essa moeda falsa tenha sido passada ao dono do armazém por um aventureiro de passagem e num lugar onde não se deteve.

Ao que retruquei que Saas-Fée ficava num beco sem saída e que não se podia ir e voltar facilmente num mesmo dia. Ele demonstrou ficar especialmente satisfeito com esta última informação e foi-se, depois de me agradecer calorosamente, com o ar absorto, extasiado, e sem querer tornar a mencionar Georges ou Bernard."

XIII

Bernard devia sentir, naquela manhã, que, para uma natureza generosa como a sua, não há maior alegria do que alegrar alegria lhe era recusada. Acabava Sé passar em seus "exames com louvor, e, não encontrando ninguém próximo a quem pudesse transmitir a feliz notícia, esta lhe pesava. Bernard sabia que aquele que ficaria mais satisfeito seria seu pai. Chegou a hesitar em ir ou não contar-lhe imediatamente, mas o orgulho o impediu. Édouard? Olivier? Realmente era dar importância demais a um diploma. Formara-se. Grande coisa! Agora é que começariam as dificuldades.

No pátio da Sorbonne, viu um de seus colegas, diplomado como ele, que se afastara dos outros e chorava. Aquele colega estava de luto. Bernard sabia que ele acabara de perder a mãe. Um forte impulso de simpatia empurrou-o para o órfão; ele se aproximou e então, por um absurdo pudor, passou adiante. O outro, que o viu aproximar-se, e passar, teve vergonha de suas lágrimas. Gostava de Bernard e sofreu com o que tomou por desprezo.

Bernard entrou no Jardim do Luxemburgo. Sentou-se num banco, naquele mesmo canto do jardim em que viera ao encontro de Olivier na noite em que buscava asilo. O ar estava quase morno e o azul lhe ria através dos galhos já sem folhas das grandes árvores. Era difícil acreditar que realmente se estava a caminho do inverno; os pássaros arrulhantes iludiam-se. Mas Bernard não olhava para o jardim;

vira diante de si estender-se o oceano de sua vida. Diz-se que_ na caminhos no mar; mas não estão traçados, e Bernard não "sabia qual "era_o seu. "-?

"Meditava há alguns instantes quando viu aproximar-se dele, deslizando e com pés tão leves que se sentia que teria podido pousar sobre as ondas, um anjo. Bernard

nunca vira anjos, mas não hesitou um só instante, e, quando o anjo lhe disse: "Venha", levantou-se docilmente e seguiu-o. Não estava mais surpreso do que estaria num sonho. Procurou mais tarde lembrar-se se o anjo o tomara pela mão; mas na realidade não se tocaram, e até mesmo mantiveram entre si uma certa distância. Voltaram ambos ao pátio onde Bernard havia deixado o órfão, decididos a falar-lhe, mas o pátio agora estava vazio.

Bernard dirigiu-se, acompanhado do anjo, para a igreja da Sorbonne, na qual o anjo entrou primeiro, na qual Bernard nunca entrara. Outros anjos circulavam no local; mas Bernard não tinha os olhos indispensáveis para vê-los. Uma paz desconhecida o envolvia. O anjo aproximou-se do altarmor, e Bernard, quando o viu se ajoelhar, ajoelhou-se também junto a ele. Não acreditava em nenhum deus, de modo que não podia rezar, mas seu coração estava invadido por uma amorosa necessidade de entrega, de sacrifício. Oferecia-se. Sua emoção era tão confusa que nenhuma palavra a teria exprimido, mas subitamente elevou-se o canto do órgão.

- Você se oferecia assim a Laura, disse o anjo, e Bernard sentiu sobre suas faces correrem as lágrimas. Venha, siga-me.

Bernard, enquanto o anjo o conduzia, quase esbarrou num de seus antigos colegas, que também acabara de fazer o exame oral. Bernard considerava-o um vadio e surpreendeu-se que tivesse passado. O vadio não notara Bernard, que o viu passar às mãos do sacristão o dinheiro para pagar uma vela. Bernard deu de ombros e saiu.

Quando se viu na rua, percebeu que o anjo o havia abandonado. Entrou numa tabacaria, exatamente aquela onde Georges, oito dias antes, havia arriscado a moeda falsa.

Passara várias outras, desde então. Bernard comprou um maço de cigarros e fumou. Por que o anjo se fora? Bernard e ele não tinham então nada a se dizer?... Soou meio-dia. Bernard sentia fome. Voltaria ao pensionato? Iria ver Olivier, dividir com ele o almoço de Édouard?... Certificou-se de ter suficiente dinheiro no bolso e entrou num

restaurante. Quando terminava de comer, uma voz suave murmurou:

- Chegou a hora de escolher um caminho. Bernard virou a cabeça. O anjo estava novamente a

seu lado.

- Vai ser preciso tomar uma decisão, dizia ele. Você só viveu a esmo. Deixará que o acaso disponha de você? Você quer servir a alguma coisa. É preciso saber a quê.

- Ensine-me, guie-me, disse Bernard.

O anjo levou Bernard a uma sala cheia de gente. Ao fundo da sala, um estrado, e sobre esse estrado, uma mesa, à qual um homem ainda jovem falava.

- É uma grande loucura, dizia ele, pretender nada descobrir. Nada temos que não tenhamos recebido. Cada um de nós é obrigado a compreender, jovem ainda, que dependemos de um passado e que esse passado nos impele. Por ele é traçado todo o nosso futuro.

Quando terminou de desenvolver esse tema, um outro orador tomou o seu lugar e começou por aprová-lo, depois ergueu-se contra o presunçoso que pretende viver sem doutrina, ou guiar a si mesmo segundo seus próprios conhecimentos.

- Uma doutrina nos foi legada, dizia ele. Ela já atravessou vários séculos. É certamente a melhor e a única; cada um de nós é obrigado a prová-la. É aquela que nos foi transmitida por nossos mestres. É a de nosso país, que, sempre que a renega, deve pagar caro por seu erro. Não se pode ser um bom francês sem conhecê-la, nem realizar nada de bom sem segui-la.

A esse segundo orador sucedeu-se um terceiro, que agradeceu aos dois outros por haverem tão bem traçado o que chamou de teoria do seu programa. Esclareceu então que esse programa visava nada menos do que à regeneração da França, graças ao esforço de cada um dos membros de seu partido. Dizia-se homem de ação, afirmava que toda teoria encontra na prática seu fim e sua prova, e que todo bom francês tinha a obrigação de ser um combatente.

- Mas infelizmente, acrescentava, quantas forças havia isoladas, perdidas! Qual não seria a grandeza de nosso país, a glória das obras, o reconhecimento do valor de cada um, se essas forças fossem ordenadas, se essas obras exaltassem a lei, se todos se arregimentassem!

E, enquanto continuava, jovens começaram a circular

pela plateia, distribuindo boletins da adesão nos quais bastava apenas apor a assinatura.

- Você queria se oferecer, disse então o anjo. Que espera?

Bernard apanhou uma daquelas folhas que lhe eram estendidas, cujo texto começava por estas palavras: "comprometo-me solenemente a..." Leu, olhou o anjo e viu que este sorria. Olhou então para a plateia e reconheceu entre os jovens o recém-formado de há pouco, que, na igreja da Sorbonne, acendia uma vela em reconhecimento pelo seu sucesso, e, subitamente, um pouco adiante avistou seu irmão mais velho, a quem não revira desde que deixara a casa paterna. Bernard não gostava dele, e ficava um pouco enciumado com a consideração que o pai demonstrava ter para com ele. Amassou nervosamente o boletim.

- Acha que eu deveria assinar?

- Certamente, se duvida de si mesmo, disse o anjo. •-• Não duvido mais, disse Bernard, e atirou longe o papel.

O orador, entretanto, continuava. Quando Bernard recomeçou a ouvi-lo, o outro ensinava um método certo para jamais se enganar, que era o de renunciar para sempre a julgar por si mesmo, e sim conformar-se sempre aos julgamentos de seus superiores.

- E quem são esses superiores? perguntou Bernard, e de súbito uma grande indignação apossou-se dele.

"Se você subisse ao estrado, disse ao anjo, e lutasse com ele, sem dúvida o derrubaria..." Mas o anjo, a sorrir:

- Será com você que lutarei. Esta noite, quer?...

- Sim, disse Bernard.

Saíram. Chegaram às grandes avenidas. A multidão que passava apressada parecia unicamente composta de pessoas ricas. Todos pareciam seguros de si, indiferentes aos

outros,

mas preocupados.

-- essa a imagem da felicidade? perguntou Bernard

sentindo seu coração cheio de lágrimas

Então o anjo levou Bernard a bairros pobres, de cuja miséria Bernard até então não suspeitara. Caía a noite. Vagaram por muito tempo por entre grandes casas sórdidas, onde viviam a doença, a prostituição, a vergonha, o crime e a fome. Foi somente então que Bernard tomou a mão do anjo, e o anjo afastou-se dele para chorar

Bernard não jantou naquele dia, e, quando voltou para

o pensionato, não procurou encontrar-se com Sarah, como havia feito nas outras noites, mas subiu diretamente para o quarto que ocupava com Boris.

Boris já estava deitado, mas ainda não dormia. Relia, à luz de uma vela, a carta que recebera de Bronja na manhã daquele dia.

"Receio, dizia-lhe a amiga, nunca mais vê-lo. Resfriei-me quando voltei para a Polónia. Estou tossindo, e, embora o médico não o diga, sinto que não posso viver por muito tempo mais."

Ao ouvir Bernard aproximando-se, Boris escondeu a carta sob o travesseiro e assoprou precipitadamente a vela.

Bernard entrou no quarto sombrio. O anjo entrara com ele, mas, apesar de a noite não estar muito escura, Boris só via Bernard.

- Está dormindo? perguntou Bernard em voz baixa. E, como Boris não respondesse, Bernard concluiu que dormia.

- Então, agora, a nós, disse Bernard ao anjo.

E durante toda a noite, até o amanhecer, os dois lutaram. Boris via confusamente Bernard se agitar. Imaginou que fosse sua maneira de rezar e tomou cuidado para

não interrompê-lo. No entanto, gostaria de falar com ele, pois sentia uma grande angústia. Levantando-se, ajoelhou-se aos pés de sua cama. Gostaria de rezar, mas conseguia apenas soluçar.

- Oh, Bronja! Você, que vê os anjos, você, que deveria me abrir os olhos, você me abandona! Sem você, Bronja, o que será de mim? Q que acontecerá comigo? -- '

Bernard e o anjo estavam ocupados demais para ouvi-lo. Os dois lutaram até a aurora. O anjo se retirou sem que nenhum dos dois fosse vencedor.

Quando, mais tarde, Bernard saiu por sua vez do quarto, cruzou com Rachel no corredor.

- Preciso falar-lhe, disse-lhe ela. Sua voz era tão triste que Bernard imediatamente compreendeu tudo o que ela tinha a lhe dizer. Ele não respondeu nada, abaixou a cabeça e, sentindo uma grande pena de Rachel, de súbito tomou-se de ódio por Sarah e de horror pelo prazer que experimentava com ela.

XIV

Por volta das seis horas, Bernard chegou à casa de Édouard, com uma maleta que era suficiente para conter as poucas roupas e os livros que possuía. Despedira-se de Azais e da sra. Vedei, mas não procurara rever Sarah.

Bernard estava sério. A luta com o anjo havia-o amadurecido. Já não se parecia com o despreocupado ladrão de mala que acreditava que neste mundo basta ousar. Começava a compreender que a felicidade dos outros é muitas vezes o preço da audácia.

- Venho buscar asilo a seu lado, disse a Édouard.

Eis-me novamente sem teto. "' '

- Por que deixou os Vedei?

- Razões secretas... permita-me não lhe dizer. Édouard havia observado Bernard e Sarah, na noite do banquete, o bastante para compreender mais ou menos aquele silêncio.

- Tudo bem, disse, sorrindo. O sofá de meu ateliê está à sua disposição para passar a noite. Mas

preciso dizerlhe primeiro que seu pai veio me ver ontem. - E narroulhe

a parte da conversa que julgava capaz de comovê-lo.

- Não é em minha casa que deveria dormir esta noite, mas na dele. Está à sua espera.

Bernard, entretanto, nada dizia.

- Vou refletir, falou afinal. Permita, por enquanto, que deixe aqui minhas coisas. Posso ver Olivier?

- O dia está tão bonito que o convenci a tomar um

pouco de ar. Queria acompanhá-lo, pois ainda está muito fraco, mas ele preferiu sair sozinho. Aliás, já faz uma hora que saiu, e não demorará a estar de volta. Espere-o...

Mas, diga-me... e seu exame?

- Passei; isso não tem importância. O que me importa é o que vou fazer agora. Sabe o que mais me impede de voltar para a casa de meu pai? É que não quero o dinheiro dele. Acha-me sem dúvida absurdo por fazer pouco dessa oportunidade, mas foi uma promessa que fiz a mim mesmo, de não depender dele. É importante para mim provar que sou um homem de palavra, alguém em quem posso confiar.

- Vejo nisso principalmente orgulho.

- Chame-o pelo nome que preferir: orgulho, presunção, insolência... Não conseguirá desacreditar, a meus olhos, o sentimento que me move. Mas, agora, eis o que queria saber: para se dirigir na vida, é necessário fixar os olhos numa meta?

C - Explique-se.

- Debati o assunto durante a noite inteira. A que fazer servir esta força que sinto em mim? Como tirar o melhor partido de mim mesmo? Será dirigindo-me para uma meta? Mas, e essa meta, como escolhê-la? Como reconhecê-la, enquanto não for atingida?

- Viver sem meta é deixar o acaso dispor de si.

- Receio que não esteja me compreendendo bem. Quando Colombo descobriu a América, sabia ele em direção de que estava navegando? Sua meta era seguir adiante, em frente. Sua meta era ele mesmo, e ele mesmo a projetava para diante...

- Pensei várias vezes, interrompeu Édouard, que na arte, e em especial na literatura, só têm valor os que se lançam ao desconhecido. Não se descobre uma nova terra sem consentir em perder de vista, desde logo e por muito tempo, qualquer costa. Mas nossos escritores receiam o mar aberto, são apenas costeiros.

1 - Ontem, ao sair de meu exame, continuou Bernard

sem ouvi-lo, entrei, empurrado não sei por que demônio, numa sala em que havia uma reunião pública. O assunto era a honra nacional, o devotamento à pátria, e uma porção de coisas que me faziam bater mais forte o coração. Muito pouco faltou para que eu não assinasse um certo papel no qual me comprometia, sob palavra de honra, a consagrar minha atividade ao serviço de uma causa que certamente me parecia bela e nobre.

- Alegro-me por não ter assinado. Mas o que o deteve?

- Sem dúvida algum instinto secreto... Bernard refletiu por alguns instantes, e acrescentou, rindo: - Acho que foi principalmente a cara dos adeptos, a começar pela de meu irmão mais velho, que reconheci na plateia. Parece-me que todos aqueles jovens estavam animados pelos melhores sentimentos do mundo, e que faziam muito bem em abdicar de sua iniciativa, pois ela não os teria levado muito longe de seu bom senso, pois era insuficiente, e de sua independência de espírito, pois esta logo estaria em maus lençóis. Disse-me ainda que era bom para o país que se pudesse contar, dentre os cidadãos, com um grande número daquela boa vontade servil, mas que minha vontade não seria jamais daquele tipo. Foi então que me perguntei como estabelecer uma regra, já que eu não aceitava viver sem regras, e que não aceitava as regras vindas dos outros.

--A resposta me parece simples: é encontrar em si mesmo as regras, ter como meta o autodesenvolvimento

- Sim... foi exatamente o que afirmei a mim mesmo. Mas isso não me ajudou muito. Se ao menos eu estivesse certo de preferir em mim o melhor, abriria caminho para ele. Mas não chego nem mesmo a conhecer o que tenho de melhor... Debati o assunto a noite inteira, já lhe disse. Pela manhã, estava tão cansado que pensava em adiantarme à convocação, em me alistar.

- Fugir à questão não é resolvê-la.

- Foi o que eu disse a mim mesmo, e também que essa questão, por ser adiada, ser-me-ia apresentada ainda mais seriamente depois do serviço militar. Então, vim ao seu encontro para ouvir seu conselho.

- Não tenho nenhum para lhe dar. Você só pode encontrar esse conselho em si mesmo, e só pode aprender como deve viver, vivendo.

- _E se eu viver mal, à espera de decidir como viver? A própria vida ensinará. É bom seguir-se o seu caminho, contanto que seja para cima

- Está brincando?... Não, acho que o compreendo, e aceito essa fórmula. Mas enquanto me desenvolvo, como diz, vou precisar ganhar a vida. Que pensaria de um brilhante anúncio nos jornais: "Rapaz de grande futuro emprega-se para qualquer coisa".

Édouard começou a rir.

melhor definir.

- Eu pensava numa das inúmeras pequenas engrenagens da organização de um grande jornal. Oh! Aceitaria um posto subalterno: revisor, linotipista... sei lá!.(Preciso de V tão pouco! j

Falava com hesitação. Na verdade, o que desejava era um lugar de secretário, mas temia dizê-lo a Édouard, devido ao seu desapontamento recíproco. Afinal, não fora culpa dele, Bernard, se aquela tentativa de secretariado fracassara tão deploravelmente.

- Eu talvez possa, disse Édouard, fazer com que entre para o Grana Journal, cujo diretor conheço.

Enquanto Bernard e Édouard assim conversavam, Sarah tinha com Rachel uma explicação das mais penosas. Que as admoestações de Rachel haviam sido a causa da súbita partida de Bernard, era o que Sarah compreendia repentinamente, e indignava-se com a irmã, que, dizia ela, impedia qualquer alegria ao seu redor. Ela não tinha o direito de impor aos outros uma virtude que seu exemplo bastava para tornar odiosa.

Rachel, a quem essas acusações perturbavam, pois sempre se havia sacrificado, protestava, muito

pálida e de lábios trémulos:

- Não posso deixar que se perca. Mas Sarah soluçava e gritava:

- Não posso crer no seu céu. Não quero ser salva. Decidiu naquele momento voltar para a Inglaterra, onde sua amiga a receberia. Pois, "afinal", era livre e pretendia viver como melhor lhe parecesse. Essa triste discussão deixou Rachel alquebrada.

XV

Édouard teve o cuidado de chegar ao pensionato antes da volta dos alunos. Não esteve com La Pérouse desde o início das aulas, e é com ele que quer falar primeiro.

O velho professor de piano dá conta de suas funções de inspetor como pode, isto é, bem mal. Inicialmente esforçou-se para se fazer estimado, mas falta-lhe autoridade.

As crianças aproveitam, tomam por fraqueza sua indulgência e saem dos limites excessivamente. La Pérouse procurará ser severo, mas tarde demais: suas admoestações,

suas ameaças, suas reprimendas acabam de indispor contra ele os alunos. Se levanta a voz, eles zombam; se dá murros na mesa sonora, dão gritos de terror fingido;

imitam-no, chamam-no de "Pai Lapère". De banco em banco, circulam caricaturas suas, representando-o, a ele que é tão complacente, feroz, armado de uma pistola enorme

(aquela pistola que Ghéridanisol, Georges e Phiphi descobriram durante uma indiscreta investigação em seu quarto), fazendo um enorme massacre de alunos, ou então

prostrado diante destes, de mãos postas, implorando, como o fazia nos primeiros dias, "um pouco de silêncio, por piedade". Dir-se-ia, em meio a uma matilha selvagem,

um pobre e velho cervo encurralado. Édouard ignora tudo isso.

Diário de Édouard

"La Pérouse recebeu-me numa saleta do térreo, que eu conhecia como a mais desconfortável do pensionato. De móveis, apenas quatro bancos presos a quatro carteiras,

diante de um quadro-negro, e uma cadeira de palha na qual La Pérouse me obrigou a sentar. Dobrou-se sobre um dos bancos, todo enviesado, depois de vãos esforços para introduzir sob a carteira suas pernas longas demais.

- Não, não. Estou muito bem, garanto-lhe.

E o tom de sua voz, a expressão de seu rosto, diziam:

- Estou terrivelmente mal, e espero que isso salte aos olhos, mas gosto de estar assim, e, quanto pior eu estiver, menos ouvirá minhas queixas.

Tentei gracejar, mas não consegui fazê-lo sorrir. Ele assumia uma atitude cerimoniosa e como que pretenciosa, destinada a manter distância entre nós e a me fazer compreender: 'Devo-lhe o fato de estar aqui'.

Entretanto, dizia-se muito satisfeito com tudo. Mas esquivava-se às minhas perguntas e irritava-se com minha insistência. No entanto, quando lhe perguntei onde ficava seu quarto:

- Um tanto longe demais da cozinha, proferiu subitamente. E, como eu me espantasse: - Às vezes, à noite, vem-me uma necessidade de comer... quando não consigo dormir.

Eu estava a seu lado; aproximei-me mais ainda e coloquei delicadamente a mão em seu braço. Continuou, num tom de voz mais natural:

- Devo dizer-lhe que durmo muito mal. Quando chego a dormir, não perco a sensação de meu sono. Isso não é realmente dormir, não é mesmo? Aquele que realmente dorme não sente que dorme; simplesmente, ao despertar, percebe que dormiu.

Então, com uma insistência esmiuçadora, chegando-se para mim:

-(As vezes, sinto-me tentado a acreditar que me iludo e que, apesar de tudo, durmo realmente, quando creio não dormir. Mas a prova de que não durmo realmente é que, se quero abrir os olhos, eu os abro. Em fíral não quero Compreende, não é, que não tenho nenhum interesse em fazê-lo? De que serviria provar a mim mesmo que não durmo? Tenho sempre a esperança de adormecer persuadindo-me de que já estou dormindo...

Inclinou-se mais ainda, e, em voz mais baixa:

- E depois, há algo que me perturba. Não diga nada... Não me queixei porque não há nada a fazer e porque daquilo que não se pode mudar não adianta nada se queixar, não é mesmo?... Imagine que, junto à minha cama, na parede, exatamente na altura de minha

cabeça, há algo que faz barulho.

Ele se animara ao falar. Propôs-lhe que me levasse até o seu quarto.

- Sim! Sim! disse, levantando-se rapidamente. Talvez possa me dizer o que é... Não consigo compreender. Venha comigo.

Subimos dois andares, depois seguimos por um corredor bastante comprido. Eu nunca estivera naquela parte da casa.

O quarto de La Pérouse dava para a rua. Era pequeno, mas decente. Percebi sobre a mesa-de-cabeceira, ao lado de um livro de orações, a caixa de pistolas que teimara em levar consigo. Segurara-me pelo braço, e, afastando um pouco a cama:

- Aqui. Veja... Encoste-se à parede... Está ouvindo?

Fiquei à escuta e, por muito tempo, prestei atenção. Mas, apesar da maior boa vontade do mundo, não consegui distinguir nada. La Pérouse se exasperava. Um caminhão passou, abalando a casa e fazendo baterem as vidraças.

- A esta hora do dia, disse eu, na esperança de acalmá-lo, o ruído que o irrita é encoberto pela barulheira da rua...

- Encoberto para os seus ouvidos, que não sabem distingui-lo dos outros ruídos, exclamou com veemência. Eu o ouço apesar de tudo, não é? Continuo mesmo assim a ouvi-lo.

Fico às vezes tão atormentado que me prometo falar com Azais, ou com o proprietário... Oh! Não tenho a pretensão de acabar com isso... Mas queria ao menos saber o que é.

Pareceu refletir por algum tempo, e então continuou:

- Parece que estão roendo. Tentei tudo para não ouvir mais. Afastei minha cama da parede. Coloquei algodão nos ouvidos. Pendurei meu relógio (está vendo, pus aqui um prego) exatamente no lugar onde passa o cano, suponho, a fim de que o tique-taque do relógio abafe o outro ruído... Mas então isso me cansa mais ainda, porque sou obrigado

a fazer um esforço para reconhecê-lo. É absurdo, não é? Mas ainda prefiro ouvi-lo claramente, já que de qualquer modo sei que ele está aí... Oh! Eu não deveria contar-lhe essas coisas. Está vendo? sou apenas um coelho.

Sentou-se à beira da cama e ficou como que idiotizado. A sinistra degradação da idade, em La Pérouse, não atinge tanto a inteligência, mas o mais profundo de seu caráter. O verme se instala no âmago do fruto, eu pensava, ao vê-lo, tão firme e tão orgulhoso outrora, abandonar-se a um desespero infantil. Tentei fazê-lo reagir falando de Boris.

- Sim, seu quarto fica perto do meu, disse ele, erguendo a cabeça. vou mostrá-lo a você. Siga-me.

Precedeu-me no corredor e abriu uma porta vizinha.

- Esta outra cama que vê é a do jovem Bernard Profitendieu. (Julguei inútil dizer-lhe que Bernard, exatamente a partir daquele dia, deixaria de dormir ali. Ele continuava:)

Boris está contente por tê-lo como colega, e acho que se entende bem com ele. Mas, sabe, ele não fala muito comigo. É muito fechado... Temo que esse menino tenha o coração um pouco seco.

Dizia isso com tanta tristeza que tomei o partido de protestar e afiançar os sentimentos de seu neto.

- Nesse caso, ele poderia demonstrá-los um pouco mais, replicou La Pérouse. Por exemplo: pela manhã, quando sai para a escola com os outros, debruço-me à janela para vê-lo passar. Ele sabe... Pois bem! Não se volta.

Quis persuadi-lo de que, sem dúvida, Boris receava expor-se a seus colegas e temia suas zombarias. Mas, nesse momento, um clamor veio do pátio.

La Pérouse agarrou-me o braço e, numa voz alterada:

- Ouça! Ouça! Ei-los de volta.

Olhei para ele. Todo o seu corpo começara a tremer.

- Esses moleques o amedrontam? perguntei.

- Não, não, disse ele confusamente. Como imagina que... Então, muito depressa: - Preciso descer. O

descanso dura apenas alguns minutos, e, como sabe, vigio os estudos.

Adeus, adeus.

Lançou-se pelo corredor sem sequer me apertar a mão. Um instante depois, ouvi-o tropeçando na escada. Fiquei por alguns momentos à escuta, não querendo passar pelos alunos. Ouvia-os gritar, rir e cantar. Depois, um toque de sineta, e repentinamente voltou o silêncio.

Fui ver Azais e obtive dele uma autorização para que Georges deixasse os estudos e viesse falar comigo. Encon-

tramo-nos naquela mesma saleta em que La Pérouse me havia recebido.

Tão logo se viu na minha presença, Georges achou melhor assumir um ar zombeteiro. Era a sua maneira de dissimular o embaraço. Mas eu não juraria que fosse ele o mais embaraçado de nós dois. Mantinha-se na defensiva, pois sem dúvida esperava ser repreendido. Pareceu-me que procurava reunir o mais depressa possível todas as armas que pudesse ter contra mim, pois, antes mesmo que eu abrisse a boca, ele me pedia notícias de Olivier num tom tão gozador que senti vontade de esbofeteá-lo.

Ele estava levando vantagem sobre mim. 'E além do mais, sabe? não tenho medo de você', pareciam dizer seus olhares irônicos, o ricto zombeteiro de seus lábios e o tom de sua voz. Perdi de imediato toda a segurança e preocupei-me apenas em não o demonstrar. O discurso que preparara pareceu-me repentinamente inadequado. Eu não tinha o prestígio necessário para bancar o censor. No fundo, Georges me divertia muito.

- Não venho fazer sermões, disse-lhe afinal. Queria apenas preveni-lo. (E, contra a minha vontade, todo o meu rosto sorria.)

- Diga primeiro se foi mamãe quem o mandou.

- Sim e não. Falei sobre você com sua mãe, mas isso já foi há alguns dias. Ontem tive, a seu respeito, uma conversa muito importante com alguém muito importante, que você não conhece, e que veio me ver para falar de você. Um juiz de instrução. É em seu nome que estou aqui... Sabe o que é um juiz de instrução?

Georges empalidecera repentinamente, e sem dúvida seu coração deixara de bater por um momento. Deu de ombros, é verdade, mas sua voz tremia um pouco:

- Então, desembuche o que lhe disse o velho Profitendieu.

O atrevimento daquele menino me desnorteava. Certamente teria sido bem simples ir direto ao assunto, mas meu espírito abomina exatamente o mais simples e irresistivelmente usa de rodeios. Para explicar uma atitude que imediatamente me pareceu absurda, mas que foi espontânea, posso dizer que minha última conversa com Pauline mexera extraordinariamente comigo. As reflexões que daí resultaram, eu as transferi logo a seguir para o meu romance, sob a forma de um diálogo que convinha à perfeição a algumas de minhas personagens. Acontece-me raramente tirar partido direto do que a vida me oferece, mas, dessa vez, a aventura

de Georges me servira. Parecia-me que meu livro a esperava, tanto ela lhe caía bem; precisei apenas modificar alguns detalhes. Mas não apresentei diretamente essa aventura (falo da de seus furtos). Ela podia ser entrevista, assim como suas consequências, através de conversas. Eu as anotara num caderno que trazia no bolso.

Ao contrário, a história da moeda falsa, tal como me havia sido contada por Profitendieu, não me poderia, parecia-me, ser de qualquer utilidade. E sem dúvida foi por isso que, em vez de abordar imediatamente com Georges esse ponto preciso, objetivo primeiro de minha vinda, tergiversei.

- Gostaria antes que lesse estas linhas, disse-lhe. Vai compreender por quê. - E estendi-lhe meu caderno, aberto na página que poderia lhe interessar.

Repito: esse gesto, agora, parece-me absurdo. Mas, em meu romance, era por uma leitura semelhante que pensava dever prevenir o mais jovem de meus heróis. Era importante para mim saber a reação de Georges; esperava que ela me esclarecesse... até mesmo quanto à qualidade do que havia escrito.

Transcrevo o trecho em questão:

'Havia naquele menino toda uma região tenebrosa, sobre a qual a afetuosa curiosidade de Audibert se debruçava. Não lhe bastava saber que o jovem Eudolfé havia roubado:

gostaria que Eudolfé lhe contasse como chegara a fazê-lo e o que sentira ao roubar -pela 'primeira vez. O menino, aliás, mesmo confiante, certamente não lhe diria.

E Audibert não ornava interrogá-lo, receando provocar respostas mentirosas.

Certa noite em que Audibert jantava com Hildebrant, falou com este sobre o caso de Eudolfe: sem lhe citar o nome, aliás, e colocando os fatos de modo que o outro não pudesse reconhecê-lo:

-(Não reparou, disse então Hildebrant, que os atos mais decisivos de nossa vida, quero dizer, os que mais são capazes de decidir _ todo o nosso futuro, são na maioria das vezes atos irrefletidos?

- Acredito, respondeu Audibert. É um trem no qual se sobe sem prestar atenção, e sem se perguntar aonde irá. E até mesmo, na maioria das vezes, só se compreende que se está sendo levado pelo trem depois que já é tarde demais para desembarcar.

- Mas talvez o menino em questão não queira absolutamente desembarcar?

- Não pensa ainda em desembarcar, sem dúvida. Por enquanto, ele se deixa levar. A paisagem o diverte, e pouco lhe importa aonde vai.

- Vai lhe fazer um sermão?

- 'É claro que Não adiantaria nada. Ele já foi saturado de sermões, até a alma.

- Por que roubava?

- Não sei ao certo. Certamente não por necessidade real. Mas para obter algum tipo de vantagem: para não ficar atrás dos amigos mais ricos... não sei... Por propensão natural e pelo simples prazer de roubar.

- Isso é o pior.

- Claro! Pois então recomeçará.

- Ele é inteligente?

- Por muito tempo achei que o era menos do que seus irmãos. Mas desconfio agora que estava enganado e que talvez minha má impressão viesse do fato de que ele ainda não houvesse compreendido o que podia obter de si mesmo. Sua curiosidade, até o momento, esteve desviada, ou melhor, permaneceu no estado embrionário, no terreno da indisciplina.

- Falará com ele?

- Pretendo fazê-lo colocar na balança o pouco proveito que obtém de seus roubos e o que, em compensação, sua desonestidade o faz perder, a confiança dos seus, a estima, entre outras a minha... todas as coisas que não se reduzem a cifras e cujo valor só pode ser apreciado pela enormidade do esforço posterior para recuperá-las.

Alguns gastaram nisso toda a sua vida. Dir-lhe-ei o que ele é ainda muito jovem para perceber: que de agora em diante será sempre sobre ele que recairão as suspeitas, seja o que for que aconteça ao seu redor de duvidoso, de ambíguo. Ver-se-à talvez acusado de faltas graves, injustamente, e não se poderá defender. O que já fez o acusa. Está o que chamamos de "queimado". Enfim, o que gostaria de lhe dizer... Mas temo seus protestos.

-• O que gostaria de lhe dizer?...

- Seria que o que fez criou um precedente, e que, se é preciso alguma determinação para um primeiro roubo, para os seguintes basta ceder ao impulso. Tudo o que vem a seguir é apenas indolência... O que gostaria de lhe dizer seria que, muitas vezes, um primeiro gesto, feito quase sem pensar, desenha irremediavelmente nosso contorno e começa a nos traçar feições que, depois, todos os nossos esforços não conseguirão apagar. Gostaria... mas não saberei falar com ele.

- Por que não escreve nossa conversa desta noite? Dá-la-ia a ele para ler.

- É uma ideia, disse Audibert. Por que não?'

Eu não desviara os olhos de Georges durante todo o tempo de sua leitura, mas seu rosto nada deixava transparecer do que pudesse pensar.

- Devo continuar? perguntou, prestes a virar a página.

- Inútil, a conversa acaba aí.

- É pena.

Devolveu-me o caderno e, num tom quase divertido:

- Gostaria de saber o que responde Eudolfe depois de ler o caderno.

- É exatamente o que espero saber.

- Eudolfe é um nome ridículo. Não poderia tê-lo batizado com outro?

- Isso não tem importância.

- O que ele possa responder também não. O que acontece com ele a seguir?

- Ainda não sei. Depende de você. Veremos.

- Então, se o compreendo bem, sou eu quem deve ajudá-lo a continuar seu livro. Não, mas confesse que...

Interrompeu-se, como se tivesse dificuldade em exprimir o pensamento.

- Que o quê? perguntei, para encorajá-lo.

- Confesse que ficaria bem enrolado, continuou ele afinal, se Eudolfe...

Interrompeu-se novamente. Imaginei compreender o que queria dizer e terminei por ele:

- Se se tornasse um rapaz honesto?... Não, meu menino. E de súbito me subiram lágrimas aos olhos. Coloquei a mão em seu ombro, mas ele, soltando-se:

- Porque, afinal, se ele não tivesse roubado, não poderia ter escrito tudo isso.

Só então compreendi meu erro. No fundo, Georges ficara lisonjeado por ter ocupado meu pensamento por tanto tempo. Sentia-se interessante. Eu havia esquecido Profitendieu, foi Georges quem me fez lembrar dele.

- E o que foi que lhe contou o seu juiz de instrução?

- Encarregou-me de preveni-lo que sabe que você faz circular moedas falsas...

Georges mudou novamente de cor. Compreendeu que de nada serviria negar, mas protestou confusamente:

- Não sou o único.

- ...e que, se vocês não parassem imediatamente com esse tráfico, ele se veria obrigado a prendê-los.

Georges ficara a princípio muito pálido. Agora suas faces estavam em fogo. Olhava fixamente para a frente, e as sobrancelhas franzidas criavam-lhe dois vincos na testa.

- Adeus, disse-lhe eu, estendendo a minha mão. Aconselho-o a prevenir também os seus colegas. Quanto a você, está avisado.

Apertou-me silenciosamente a mão e dirigiu-se para seus estudos sem se voltar.

Ao reler as páginas dos Moedeiros falsos que mostrei a Georges, achei-as bastante ruins. Transcrevi-as aqui tal como George as leu, mas todo esse capítulo precisa ser reescrito. Seria melhor falar com o menino, decididamente. Devo encontrar o modo de comovê-lo. Certamente, no ponto em que está, Eudolfe (mudarei esse nome, Georges tem razão) dificilmente seria reconduzível à honestidade. Mas pretendo reconduzi-lo, e pense Georges o que pensar, isso é o mais interessante, já que é o mais difícil. (Êis-me a pensar como Douviers!) Deixemos aos romancistas realistas a história das indolências."

Logo ao voltar para a sala de estudos, Georges comunicara a seus dois amigos as advertências de Édouard. Tudo o que este dissera a propósito de suas pilhagens deslizara sobre o menino sem emocioná-lo. Mas quanto às moedas falsas, que poderiam pô-los em maus lençóis, era preciso se livrar o mais depressa possível. Cada um deles guardava consigo algumas com a intenção de passá-las adiante numa próxima saída. Ghéridanisol as reuniu e correu a jogá-las no esgoto. Na mesma noite preveniu Strouvilhou, que tomou providências imediatas.

XVI

Nessa mesma tarde, enquanto Édouard conversava com seu sobrinho Georges, Olivier, depois que Bernard o deixou, recebeu a visita de Armand.

Armand Vedei estava irreconhecível: recém-barbeado, sorridente e de cabeça erguida, num terno

novo muito justo na cintura, um pouco ridículo talvez, sentindo-se assim e deixando transparecer que se sentia.

- Teria vindo visitá-lo antes, mas tive. tanto que fazer!... Já sabe que sou secretário de Passavant? Ou, se prefere, redator-chefe da revista dirigida por ele. Não pedirei que colabore, porque Passavant me parece bastante irritado com você. Aliás, a revista se inclina resolutamente para a esquerda. Foi essa a razão de ela haver começado por despachar Bercaill e suas poesias pastorais...

- Azar dela, disse Olivier.

- E foi a razão de, em compensação, ter acolhido meu Vaso noturno, que, diga-se entre parêntesis, será dedicado a você, se me permite.

- Azar o meu.

- Passavant queria até mesmo que meu genial poema aparecesse na primeira página do primeiro número, ao que se opunha minha modéstia natural, que foi submetida a duras provas por seus elogios. Se eu tivesse certeza de não cansar seus ouvidos convalescentes, faria a narrativa de minha primeira entrevista com o ilustre autor de A barra fixa, que até aquele dia eu só conhecia de ouvir você falar.

- Não tenho nada melhor para fazer além de escutado.

- A fumaça não o incomoda?

- Fumarei também, para tranquilizá-lo.

- É preciso que se diga, começou Armand, acendendo um cigarro, que sua deserção havia deixado nosso caro conde em apuros. Seja dito, sem bajulá-lo, que não se substitui facilmente esse feixe de dons, de virtudes, de qualidades, que fazem de você um dos...

- Enfim... interrompeu Olivier, a quem a impertinente ironia do outro exasperava.

- Enfim, Passavant precisava de um secretário. Acontece que ele conhecia um certo Strouvillhou, que por acaso também conheço, porque é o tio e responsável de um certo fulano do pensionato, o qual por acaso conhecia Jean CobLafleur, que você conhece.

- Que não conheço, disse Olivier.

- Pois bem, meu velho, deveria conhecê-lo! É um sujeito extraordinário, maravilhoso. Uma espécie de bebé murcho enrugado, maquilado, que vive de aperitivos e que, quando está bêbado, faz versos encantadores. Você os lerá em nosso primeiro número. Strouvillou inventa então mandá-lo à casa de Passavant para preencher o seu lugar.

Pode imaginar sua entrada na mansão da Rue Babylone. Preciso dizer que Cob-Lafleur usa roupas cobertas de manchas, que deixa flutuar um feixe de cabelos emaranhados sobre os ombros e que tem a aparência de não tomar banho há oito dias. Passavant, que sempre pretende dominar a situação, afirma que Cob-Lafleur lhe agradava muito.

Cob-Lafleur soubera mostrar-se doce, sorridente, tímido. Quando quer, consegue se parecer com o Gringoire de Banville¹. Passavant demonstrava estar seduzido e estava

a ponto de contratá-lo. É preciso que lhe diga que Lafleur não tem um centavo... Ei-lo que se levanta para se despedir: "Antes de deixá-lo, creio dever preveni-lo,

senhor conde, de que tenho alguns defeitos". "Quem de nós não os tem?" "E alguns vícios. Fumo ópio." "Não seja por isso, diz Passavant, que não se perturba por tão

pouco, tenho-o de excelente qualidade para lhe oferecer." "Sim, mas quando fumo, retruca Lafleur, perco completamente a noção da ortografia." Passavant imagina

tratar-se de uma brincadeira, esforça-se para rir e esten-

¹ Théodore de Banville, poeta francês (1823-1891), autor da comédia em um ato Gringoire, cujo herói se inspira em Pierre Gringoire, poeta dramático do início do século XVI. (N. da T.)

de-lhe a mão. Lafleur continua: "E além disso fumo haxixe". "Eu também já fumei algumas vezes", diz Passavant. "Sim, mas sob o domínio do haxixe, não consigo me

impedir de roubar." Passavant começa a ver que o outro está zombando dele, e Lafleur, embalado, continua impetuosamente: "E além disso bebo éter, e então destruo

tudo, quebro tudo..." E apodera-se de um vaso de cristal, que ameaça jogar na lareira. Passavant arranca-lhe o vaso das mãos: "Agradeçolhe por me prevenir".

- E o pôs porta afora?

- E depois se certificou, da janela, de que Lafleur não lhe metia uma bomba na adega, ao sair.

- Mas por que o seu Lafleur fez isso? perguntou Olivier depois de algum silêncio. Pelo que me disse,

ele precisava muito desse emprego.

- Afinal, é preciso admitir, meu caro, que há pessoas que sentem necessidade de agir contra seu próprio interesse. E além disso, Se quer que lhe diga: Lafleur...

o luxo de Passavant o enojou, sua elegância, suas maneiras amáveis, sua condescendência, a afetação de sua superioridade. Sim, isso revirou-lhe o estômago. E acrescento que o compreendo. .. No fundo, ele é um vomitório, o seu Passavant.

- Por que você diz "seu Passavant"? Sabe muito bem que não o vejo mais. E além disso, por que aceita dele esse emprego, se o acha tão repugnante?

- Porque exatamente gosto do que me enjoa... a começar por minha própria, ou porca, pessoa. E além disso, no fundo, Cob-Lafleur é um tímido, não teria dito nada daquilo se não tivesse se sentido perturbado.

- Ah! Sei... só faltava essa!

-; É sério. Ele estava perturbado, e tinha horror de se sentir perturbado por alguém a quem, no fundo, despreza. Foi para esconder sua perturbação que bancou o fanfarrão.

- Acho isso imbecil.

- Meu velho, nem todo mundo é tão inteligente quanto você.

- Você já me disse isso, da última vez.

- Que memória!

Olivier demonstrava estar decidido a resistir. - Procuro, disse ele, esquecer suas brincadeiras. Mas, da última vez, você finalmente me falou a sério. Disse-me coisas que não consigo esquecer.

m

O olhar de Armand se turvou: ele soltou uma risada forçada:

- Ah, meu velho, da última vez eu falei como você queria que eu falasse. Você pedia um trecho em tom menor; então, para lhe dar prazer, toquei meu lamento com a

alma em espiral, e angústias à Pascal... O que é que você quer? Só sou sincero quando faço piada.

- Nunca me fará acreditar que não era sincero falando-me daquela maneira. É agora que está representando.

- Ó ser repleto de inocência, de que alma angélica dá prova! Como se cada um de nós não representasse, mais ou menos sincera e conscientemente. A vida, meu caro, não é mais do que uma comédia. Mas a diferença entre mim e você é que eu sei que represento, enquanto...

-• Enquanto... repetiu Olivier agressivamente.

- Enquanto meu pai, por exemplo, e para não falar em você, ilude-se quando representa o pastor. Seja o que for que eu diga ou faça, sempre uma parte de mim fica para trás, e olha a outra se comprometer, e a observa, e zomba dela e a vaia, ou aplaude. Quando se está assim dividido, como quer que se seja sincero? Chego até mesmo a nem mais compreender o que pode querer dizer essa palavra. Nada a fazer quanto a isso: se estou triste, sinto-me grotesco, e isso me faz rir; quando estou alegre, faço brincadeiras tão imbecis que isso me dá vontade de chorar.

- A mim também, você dá vontade de chorar, meu pobre amigo. Não o imaginava tão doente.

Armand deu de ombros, e, num tom completamente diferente:

- Para se consolar, quer saber a composição de nosso primeiro número? Haverá então meu Vaso noturno, quatro canções de Cob-Lafleur, um diálogo de Jarry, poemas em prosa do jovem Ghéridanisol, nosso pensionista, e depois o Ferro de passar, um vasto ensaio de crítica geral, no qual se definirão as tendências da revista. Reunimo-nos todos, para produzir essa obra-prima.

Olivier, que não sabia o que dizer, argumentou bisonhamente:

-Nenhuma obra-prima é resultante de uma colaboração- (7)

Armand caiu na gargalhada: - *

- Mas, meu caro, eu disse obra-prima de brincadeira. Não se trata nem de uma obra, para dizer a

verdade. E antes de tudo, seria preciso saber o que se entende por "obra-

prima". O Ferro de passar se ocupa exatamente de tirar isso a limpo. Há tantas obras que são admiradas sem hesitação porque todos as admiram e porque ninguém, até agora, se lembrou de dizer, ou ousou dizer, que são estúpidas! Por exemplo, na primeira página da revista, vamos publicar uma reprodução da Gioconda, na qual foi colado um bigode. Você vai ver, meu velho: é de um efeito fulminante.

- Isso quer dizer que você considera a Gioconda uma imbecilidade.

- Mas claro que não, meu caro. (Ainda que eu não a considere tão fabulosa assim.) Você não me compreende, O que é imbecil é a admiração que lhe consagram. É o hábito que se tem de tirar o chapéu para falar do que se chama de "obra-prima". O Ferro de passar (este, aliás, será o título geral da revista) tem como finalidade tornar ridícula essa reverência, desacreditá-la... Um outro bom método é propor à admiração do leitor alguma obra imbecil (meu Vaso noturno, por exemplo), de um autor completamente desprovido de bom senso.

- Passavant aprova tudo isso?

- Diverte-se muito.

- Vejo que fiz bem em me retirar.

- Se retirar... Cedo ou tarde, meu velho, e queiramos ou não, sempre é preciso chegar lá. Essa sensata reflexão leva-me naturalmente a me despedir de você.

- Fique mais um pouco, seu palhaço... O que o levava a dizer que seu pai representava o papel de pastor? Não o acha convicto?

- O senhor meu pai arrumou sua vida de tal forma que não tem mais nem o direito nem o meio de não sê-lo. Sim, é um convicto profissional. Um professor de convicção.

Ele inculca a fé, essa é sua razão de ser, é o papel que assume, e que deve levar até o fim. Mas quanto a saber o que se passa no que ele chama de "seu foro íntimo"?...

Seria indiscreto, você entende, ir perguntar-lhe. E creio que ele nunca se pergunta. Arranja-se de

forma a nunca ter tempo de se perguntar. (Entulhou sua vida com uma porção de obrigações que perderiam todo o significado se sua convicção fraquejasse, de modo que essa convicção se encontra exigida e mantida por elas. Ele imagina que crê, porque continua a agir como se cresse. Não tem mais a liberdade de não crer. Se sua fé falhasse, meu velho... Mas isso seria a catástrofe! Um desmoronamento!

E pense que, de re-

rente, minha família não teria mais do que viver. É um fato a considerar, meu velho a fé de papai é o nosso ganha pão e vivemos todos às custas da fé de papai Então, vir-me perguntar se papai realmente tem fé, você vai admitir que não é muito delicado de sua parte.

- Eu imaginava que vocês vivessem sobretudo da renda do pensionato.

- O que não deixa de ser verdade. Mas também não é lá muito delicado cortar o meu efeito lírico.

- Então você não crê em mais nada? perguntou Olivier tristemente, pois gostava de Armand e sofria com sua sordidez.

- Jures renovarem a dor...! Você parece esquecer, meu caro, que meus pais pretendiam fazer de mim um pastor. Alimentaram-me para isso, entupiram-me com preceitos piedosos visando a obter uma dilatação da fé, se ousar dizer... Foi preciso reconhecerem que eu não tinha vocação. É pena! Eu talvez tivesse dado um pregador fantástico. Minha vocação pessoal era escrever o Vaso noturno.

- Meu pobre amigo, se soubesse como tenho pena de você!

- Você sempre teve o que meu pai chama de "um coração de ouro"... do qual não quero abusar por mais tempo.

Apanhou o chapéu. Já havia quase saído, quando, voltando subitamente:

- Não me pede notícias de Sarah?

- Porque você não me diria nada que eu já não saiba por Bernard.

- Ele disse que saiu do pensionato?

- Disse-me que sua irmã Rachel o convidou a sair. Armand tinha uma das mãos na maçaneta da porta. com a outra, com a ajuda da bengala, mantinha o reposteiro levantado. A bengala entrou num rasgão do reposteiro e o aumentou.

- Explique isso como puder, disse ele, e seu rosto assumiu uma expressão grave. - Rachel é, acho eu, a única pessoa no mundo a quem amo e respeito. Respeito-a porque é virtuosa. E ajo sempre de modo a ofender sua virtude. No que se refere a Bernard e Sarah, ela não desconfiava de nada. Fui eu quem lhe contou tudo... E o oculista, que lhe recomenda que não chore! É grotesco.

; "As alegrias renovam a dor." Em latim no original. (N. da T.)

- Devo achá-lo sincero, agora?

- Sim, creio que é o que tenho de mais sincero em mim: a honra, o ódio a tudo o que se chama Virtude. Não procure compreender. Você não sabe o que pode fazer conosco uma primeira educação puritana. Ela deixa no coração um ressentimento do qual nunca nos conseguimos curar... a julgar por mim, finalizou ele, num riso irónico. A propósito, você bem que poderia me dizer o que tenho aqui.

Largou o chapéu e aproximou-se da janela.

- Aqui, olhe, no lábio, na parte interna. Inclinou-se para Olivier e suspendeu o lábio com um dedo.

- Não vejo nada.

- Mas claro, aqui, no canto.

Olivier distinguiu, junto ao canto da boca, uma mancha esbranquiçada. Um pouco inquieto:

- É um afta, disse, para tranquilizar Armand. Este ergueu os ombros.

- Não diga asneiras, você, um homem sério. Para começar, "afta" é feminino, e depois, uma afta é mole e desaparece. Isso aí é duro e aumenta de semana a semana. E me dá uma espécie de mau gosto na boca.

- Faz muito tempo que tem isso?

- Faz mais de um mês que notei. Mas, como se diz (nas "obras-primas", "Meu mal vem de mais longe...")

•- E então, meu velho? Se está preocupado, é preciso ir ao médico.

- Se imagina que esperei o seu conselho...

- E o que disse o médico?

- Não esperei o seu conselho para me dizer que deveria ir ao médico. Mas também não fui, porque, se isso deve ser o que imagino, prefiro não saber.

- Isso é idiota!

- E não é mesmo idiota? E tão humano, meu caro, tão humano...

-O que é idiota é não se tratar

-E poder dizer, quando se começa o tratamento_ "É tarde demais!" E o que Lob-Lafleur exprime tão bem, num dos poemas que você lerá-

9

"É preciso render-se à evidência; _

Pois a dança, nestacruel vivência,

Precede muitas vezes a canção"?

- Pode-se fazer literatura com qualquer coisa.

- Você disse: com qualquer coisa. Mas, meu velho, isso já não é tão fácil. Vamos, adeus... Ah! Ainda queria lhe dar notícias de Alexandre. . , Mas, claro, você sabe: meu irmão mais velho, que se safou para a África, onde começou fazendo maus negócios e torrando todo o dinheiro que lhe mandava Rachel. Estabeleceu-se agora às margens do Casamance. Escreveu dizendo que seu comércio prospera e que

em breve vai até poder reembolsar tudo.

- Comércio de quê?

- E quem sabe? De borracha, de marfim, de negros talvez... de uma porção de coisas. Pede-me que vá ao seu encontro.

- Você iria?

- Amanhã mesmo, se não tivesse o meu trabalho. Alexandre é uma espécie de idiota do meu gênero. Acho que me daria bem com ele... Olhe, quer ver? Tenho aqui sua carta.

Tirou do bolso um envelope, e, do envelope, várias folhas de papel; escolheu uma, que entregou a Olivier.

- Não vale a pena ler tudo. Comece aqui. Olivier leu:

"Vivo há uma quinzena em companhia de uma criatura ,

singular que acolhi em minha cabana. O sol deste país deve • ter-lhe atingido o crânio. No começo tornei por delírio o • que é francamente loucura.

Este estranho rapaz - um fulano de cerca de trinta anos, alto e forte, bastante bonito • e sem dúvida 'de boa família', como se diz, a julgar por suas

maneiras, seu modo de falar e suas mãos macias demais para terem feito algum dia trabalhos pesados

- acredita-se possuído pelo diabo. Ou melhor, acha-se o próprio

diabo, se compreendi direito o que dizia. Deve ter vivido alguma aventura, pois, em sonho, ou no estado de semi-sono em que cai com frequência (e aí ele conversa

consigo mesmo, como se eu não existisse), fala sem parar em mãos cortadas. E, como nessas ocasiões ele se agita muito e lança olhares

alucinados, tomei a precaução de afastar dele qualquer

arma. No resto do tempo, é um excelente rapaz, uma com-

panhia agradável - o que aprecio, acredite, depois de meses de solidão -, que me auxilia em minha exploração. Nunca fala de sua vida passada, de modo que não consigo

descobrir quem possa ser. Interessa-se particularmente por insetos e plantas, e algumas das coisas

que diz deixam entre-

ver que é primorosamente culto. Parece sentir-se bem comigo e não fala em partir. Estou decidido a deixá-lo ficar aqui tanto quanto queira. Eu queria exatamente um ajudante; afinal, ele veio de encomenda.

Um horrendo negro que o acompanhava, subindo com ele o Casamance, e com quem conversei um pouco, fala de uma mulher que o acompanhava e que, se entendi bem, deve ter-se afogado no rio, num dia em que a embarcação virou. Não me espantaria se meu companheiro houvesse favorecido o afogamento. Neste país, quando se quer se desembaraçar de alguém, existem inúmeros métodos à escolha, e ninguém liga a mínima. Se algum dia souber mais, escrevo - ou conto pessoalmente quando você vier. Sim, eu sei... o problema do seu trabalho... Azar, esperarei. Pois convença-se de que, se quiser me ver novamente, será preciso que se decida a vir. Quanto a mim, sinto cada vez menos vontade de voltar. Levo aqui uma vida que me agrada e que me cai como uma luva. Meu comércio prospera, e o colarinho da civilização me parece uma coleira que nunca mais poderei suportar.

Anexo mais uma ordem de pagamento, que pode usar como quiser. A anterior foi para Rachel. Guarde essa para você."

x-''''

- O resto não é interessante, disse Armand. '''''' ' Olivier devolveu a carta sem dizer nada. Não lhe passou pela cabeça que o assassino de que se falava era seu irmão.

Vincent há tempos não dava notícias, seus pais o imaginavam na América. Para dizer a verdade, Olivier não se preocupava muito com ele.

XVII

Boris só soube da morte de Bronja por uma visita que fez a sra. Sophroniska à pensão, um mês depois. Desde a triste carta de sua amiga, Boris ficara sem notícias.

Viu a sra. Sophroniska entrar no salão da sra. Vedei, onde ficava habitualmente durante o recreio, e, como ela estava de luto fechado, antes mesmo que falasse, Boris compreendeu tudo. Estavam a sós na sala. Sophroniska tomou Boris em seus braços, e as lágrimas de ambos, só conseguiu repetir: "Minha pobre criança minha pobre

criança...", como se Boris fosse o mais digno de pena e como que esquecendo sua dor maternal diante da imensa mágoa daquela criança.

A sra. Vedei, que fora avisada, chegou, e Boris, ainda soluçando, afastou-se para deixar as duas senhoras conversarem. Gostaria que não falassem de Bronja. A sra.

Vedei, que não a conhecia, falava dela como de uma criança qualquer. Até mesmo as perguntas que fazia pareciam a Boris indelicadas em sua banalidade. Ele gostaria que Sophroniska não respondesse e sofria por vê-la exibir sua tristeza. Ocultava a sua, e guardava-a como a um tesouro.

Sem dúvida era nele que Bronja pensava quando perguntava, poucos dias antes de morrer: .

- Mamãe, queria tanto saber... Diga: O que é, em_ verdade, que se chama de idílio?

Essas palavras, que cortavam o coração, Boris queria ter sido o único a sabê-las.

A sra. Vedei serviu o chá. Havia uma xícara para Boris, que a engoliu precipitadamente, antes que o recreio terminasse. Despediu-se então de Sophroniska, que partia na manhã seguinte para a Polónia, onde negócios a esperavam. O mundo inteiro parecia-lhe sua mãe estava muito longe, sempre ausente; seu avô, velho demais; nem mestriio Rernard estava mais ali junto de quem se sentia confiante. Uma alma terna como a sua precisava de a quem dar era sua pobreza e sua pureza Não

quem dar em_ sua pobreza e sua pureza Não Tinha suficiente orgulho para satisfazer a si mesmo. Amara demais Bronia para poder esperar reencontrar um dia já razão de amar que perdia com ela. Nos anos ver, agora, sem ela, como acreditar? Até mesmo seu céu agora se

estudos como. quem, mergulhasse inferno Certamente poderia encontrar um amigo em Passavant; é um bom rapaz, e os dois são exatamente da mesma idade. Mas nada distrai Gontran de seus estudos. Philippe Adamanti também não é mau; ficaria contente ligando-se.a Boris, mas deixa-se conduzir por Ghéridanisol, a ponto de não mais ousar ter um único sentimento pessoal. Cede o passo a Ghéridanisol, que imediatamente o acelera. E Ghéridanisol não consegue suportar Boris. Sua voz musical, sua graça,

seu ar de menina, tudo nele o irrita, o exas pêra. Dir-se-ia que sente, ao vê-lo, a instintiva aversão que, V num rebanho, impele o forte contra o fraco. Talvez tenha ouvido os ensinamentos de seu primo e sua raiva seja um pouco teórica, pois assume a seus olhos o aspecto de reprovação. Encontra motivos para se felicitar por odiar. compreendeu muito bem o quanto Boris é sensível ao desprezo que lhe demonstra, diverte-se com isso e finge conspirar com Georges e Phiphi, com o único fim de ver o olhar de Boris toldar-se numa espécie de interrogação ansiosa.

- Mas como ele está curioso, afinal! diz então Georges. Devemos não vale a pena. Ele não entenderia.

"Ele não entenderia.", "Ele não ousaria." "Ele não saberia." Sem cessar, atiram-lhe ao rosto essas fórmulas. Ele sofre terrivelmente por ser excluído. Não compreende bem, em verdade, o humilhante apelido que lhe dão: "Não tem", ou se revolta ao compreendê-lo. O que não daria para provar _que nnão é o poltrão que imaginam!

- Não consigo aguentar" Boris, diz Ghéridanisol a À Strouvilhóu. Por que me pedia que o deixasse em paz? Ele

(
não faz tanta questão assim de ser deixado em paz. Fica sempre me olhando. Outro dia nos fez morrer de rir porque achava que "uma mulher em pêlo" queria dizer "uma mulher com barba". Georges debochou dele. E quando Boris percebeu que estava enganado, achei que ia começar a chorar.

Depois Ghéridanisol encheu seu primo de perguntas. Este acabou por lhe entregar o talismã de Boris, e lhe dizer como utilizá-lo.

Poucos dias depois, Boris, entrando na sala de estudos, encontrou sobre sua carteira aquele papel do qual quase não se lembrava mais. Afastara-o de sua memória justamente com tudo o que se relacionava com aquela "magia" de sua primeira infância, da qual hoje se envergonhava. Não o reconheceu de imediato, pois Ghéridanisol tivera o

cuidado de enquadrar a fórmula mágica:

GÁS... TELEFONE... CEM MIL RUBLOS

numa larga moldura vermelha e negra, que era decorada com pequenos diabretes obscenos, bastante bem desenhados, para dizer a verdade. Tudo isso dava ao papel um aspecto fantástico, "infernai", pensava Ghéridanisoi, aspecto que considerava suscetível de transtornar Boris.

Talvez tudo não passasse de uma brincadeira, mas a brincadeira ultrapassou qualquer expectativa. Boris enrubesceu muito, nada disse, olhou à direita e à esquerda, e não viu Ghéridanisoi, que, escondido atrás da porta, observava-o. Boris não podia suspeitar dele, nem compreender como o talismã estava ali. Parecia caído do céu, ou melhor, surgido do inferno. Boris estava em idade, é certo, de dar de ombros diante dessas diabruras de crianças, mas elas revolviam um passado turvo. Boris apanhou o talismã e guardou-o na blusa. Por todo o resto do dia, a lembrança das práticas de sua "magia" o obsedou. Lutou até o anoitecer contra uma solicitação tenebrosa, e então, como nada mais lhe dava ânimo em sua luta, tão logo se retirou para o quarto, sucumbiu.

Parecia-lhe que se perdia, que afundava muito longe do céu; mas sentia prazer ao se perder, e fazia da própria perdição sua volúpia. .

noentanto guardava em si, a despeito de sua angústia, no fundo de seu desamparo, tais reservas de ternura, um sofrimento tão forte pelo desdém com que os colegas

o

tratavam, que teria arriscado qualquer ato perigoso, absurdo porum pouco de consideração!

A ocasião surgiu Togô!

Depois que tiveram que renunciar ao seu tráfico de moedas falsas, Ghéridanisoi, Georges e Phiphi não permaneceram muito tempo desocupados. As míseras brincadeiras ridículas a que se dedicaram nos primeiros dias eram apenas um interlúdio. A imaginação de Ghéridanisoi forneceu em pouco tempo algo mais escabroso.

A Confraria dos Homens Fortes teve apenas como razão de ser inicial o prazer de não admitir Boris. Mas Ghéridanisoi logo compreendeu que, pelo contrário, seria muito

mais perverso admiti-lo: seria a maneira de levá-lo a se comprometer a tal ponto que poderiam em seguida induzi-lo a qualquer ato monstruoso. Desde então essa ideia se fixou nele, e, como acontece frequentemente num projeto, Ghéridanisol preocupou-se muito menos com o resultado do que com os meios de fazê-lo dar certo. Isso não parece nada, mas pode explicar muitos crimes. À espera, Ghéridanisol estava feroz, mas sentia a necessidade de, pelo menos aos olhos de Phiphi, esconder essa ferocidade. Phiphi nada tinha de cruel, esteve até o último momento convencido de que só se tratava de uma brincadeira.

Toda confraria precisa de uma divisa. Ghéridanisol, que tinha suas ideias, propôs: "O homem forte não liga para a vida". A divisa foi adotada, e atribuída a Cícero.

Como distintivo, Georges propôs uma tatuagem no braço direito, mas Phiphi, que tinha medo da dor, afirmou que bons tatuadores só eram encontrados nos portos. Ademais, Ghéridanisol objetou que a tatuagem deixava uma marca indelével, que poderia aborrecê-los mais tarde. Afinal, o distintivo não era muito necessário, os afiliados se contentariam em pronunciar um juramento solene.

Quando se tratara do tráfico de moedas falsas, fora preciso apresentarem garantias, e fora para tanto que Georges exibira as cartas de seu pai. Mas haviam deixado de pensar naquilo. Essas crianças, felizmente, não são muito constantes. Enfim, não determinaram praticamente nada, nem quanto às "condições de admissão" nem quanto às "qualidades necessárias". Para quê, se estava definido que todos os três "eram" e que Boris "não era"? Em compensação, decretaram que "aquele que se acovardasse seria considerado traidor, e para todo o sempre banido da confraria".

Ghéridanisol, que pusera na cabeça a ideia da entrada de Boris, insistiu muito nesse ponto.

Era preciso reconhecer que, sem Boris, a brincadeira ficava sem graça e a eficácia da confraria, sem utilidade. Para cercar o menino, Georges era mais qualificado que Ghéridanisol: este se arriscava a despertar sua desconfiança. Quanto a Phiphi, não era bastante astuto e preferia não se expor.

E talvez aí esteja, nessa abominável história, o que me parece mais monstruoso: essa comédia de amizade que Georges concordou em representar. Fingiu se tomar por Boris de uma súbita afeição; até então, poder-se-ia dizer que nem sequer olhara para ele. E chego a desconfiar se ele não teria sido envolvido por seu próprio jogo,

se os sentimentos que fingiu não estariam prestes a se tomar sinceros, se até mesmo já não o eram desde o instante em que Boris correspondera. Inclinava-se para ele com aparência de ternura; instruído por Ghéridanisol, falava-lhe... E, desde as primeiras palavras, Boris, que ansiava por um pouco de afeição, e de amor, foi conquistado.

Então Ghéridanisol elaborou um plano, que expôs a Phiphi e a Georges. Tratava-se de inventar uma "prova", à qual teria de se submeter o sócio que fosse designado por sorteio. E, para tranquilizar Phiphi, deixou claro que dariam um jeito para que fosse Boris o sorteado, de qualquer maneira. A prova teria como finalidade assegurarem-se de sua coragem.

O que seria exatamente essa prova, Ghéridanisol ainda não deixava entrever. Desconfiava que Phiphi oporia alguma resistência.

- Ah! Isso não! Nessa eu não entro! declarou ele realmente, quando, um pouco mais tarde, Ghéridanisol começou a insinuar que a pistola do Pai Lapère poderia encontrar ali sua utilidade.

- Mas como você é bobo! Pois se é uma piada, retrucou Georges, já conquistado.

- E depois, sabe? acrescentou Ghéri, se você gosta de bancar o idiota, é só dizer. Não precisamos de você.

Ghéridanisol sabia que esse tipo de argumento funcionava sempre com Phiphi, e, como havia preparado a folha de alistamento na qual cada um dos membros da confraria deveria assinar:

- Só que tem que dizer agora, porque, depois que tiver assinado, será tarde demais.

- Vamos, não fique zangado, disse Phiphi. Dê-me a folha. - E assinou.

- Eu, meu querido, bem que queria, dizia Georges, com o braço ternamente passado nos ombros de Boris. É Ghéridanisol que não quer saber de você.

- Por quê?

- Porque não tem confiança. Diz que você vai tirar o corpo fora.

- Como é que ele sabe?

' - E que você desertará logo na primeira prova.

- Veremos. ; ;

- Teria mesmo coragem de entrar no sorteio?

- Claro!

' - Mas você sabe a que isso obriga? i; Boris não o sabia, mas queria saber. Então, o outro lhe explicou. "O homem forte não ligava para a vida." Seria preciso provar.

Boris sentiu que a cabeça lhe dava voltas, mas controlou-se, e, ocultando sua perturbação:

- É verdade que vocês assinaram?

- Olhe, veja. E Georges entregou-lhe o papel no qual Boris pôde ler os três nomes.

- Será que... começou ele temerosamente.

- Será que o quê?... interrompeu Georges, com tanta brutalidade que Boris não usou continuar. O que teria querido perguntar, Georges sabia muito bem: era se os outros haviam realmente jurado a sério, e se poderia ter certeza de que eles também não iriam tirar o corpo fora.

- Não, nada, disse ele. Mas desde aquele instante, começou a duvidar dos outros, começou a desconfiar que os outros se poupariam e que não fariam jogo limpo. Azar, pensou a seguir. Que me importa se tirarem o corpo fora? Mostrarei a eles que sou mais corajoso. Então, olhando Georges bem nos olhos:

- Diga a Ghéri que podem confiar em mim.

- Então vai assinar?

Oh! Não era mais necessário: tinham sua palavra. Disse simplesmente:

- Se você quer. - E, abaixo da assinatura dos três Homens Fortes, na folha maldita, escreveu seu nome, numa letra caprichada.

Georges, triunfante, levou a folha aos outros dois.

Concordaram em que Boris agira com muita valentia. Os três deliberaram.

É claro! Não carregariam a pistola. Aliás, não tinham balas. O medo que sentia Phiphi vinha do fato de ter ouvido dizer que às vezes uma emoção muito forte era o bastante para ocasionar a morte. Seu pai, dizia ele, citava o caso de um simulacro de execução em que... Mas Georges mandou-os pastar:

- Seu pai é do Midi.

Não, Ghéridanisol não carregaria a pistola. Não era necessário. A bala que La Pérouse colocara um dia, La Pérouse não retirara. Era o que Ghéridanisol havia constatado, mas que evitara contar aos outros.

Colocaram os nomes num chapéu. Quatro papezinhos iguais e uniformemente dobrados. Ghéridanisol, que deveria "sortear", tivera o cuidado de escrever o nome de Boris outra vez, num quinto papel que guardava na mão. E, como que por acaso, foi esse que tirou. Boris suspeitou que trapaceavam, mas calou-se. Para que protestar? Sabia que estava perdido. Para se defender, não teria feito o menor gesto, e até mesmo, se a sorte houvesse designado um dos outros, teria se oferecido para substituí-lo, tão grande era seu desespero.

Meu velho, você não tem sorte! achou Georges

que deveria dizer. O tom de sua voz soou tão falso que Boris o olhou tristemente.

- Estava na cara! disse ele.

Depois do que, decidiram fazer um ensaio. Mas como corriam o risco de ser surpreendidos, ficou combinado que ainda não se serviriam da pistola. Só no último momento,

e quando representassem "a sério", é que a tirariam do estojo. Nada deveria dar o alarme.

Contentaram-se então, naquele dia, em combinar hora e local, o qual foi marcado com um círculo de giz no chão. Seria na sala de estudos, naquele canto formado, à direita da mesa do professor, por uma porta fechada, que antigamente dava acesso à abóbada da entrada. Quanto à hora, seria a de aula. Tudo deveria se passar sob os olhos de todos os alunos; levariam um belo susto.

Ensaïaram, enquanto a sala estava vazia, os três conjurados como únicas testemunhas. Mas, afinal, esse ensaio

não servia para nada. Simplesmente puderam constatar que,

do lugar ocupado por Boris ao marcado pelo giz, havia exatamente doze passos.

- Se não entrar em pânico, você não dará nem um passo a mais, disse Georges.

- Não entrarei em pânico, disse Boris, a quem aquela dúvida persistente insultava. A firmeza daquele menino começava a impressionar os outros três. Phiphi achava que deveriam parar por ali. Mas Ghéridanisol mostrava-se determinado a levar a brincadeira até o fim.

- Muito bem, até amanhã! disse ele, com um estranho sorriso no canto dos lábios.

- E se o beijássemos? exclamou Phiphi em seu entusiasmo. Pensava no abraço dos bravos cavaleiros, e de repente apertou Boris nos braços. Foi muito difícil para Boris reter as lágrimas, quando Phiphi, em suas faces, estalou dois grandes beijos infantis. Nem Georges nem Ghéri imitaram Phiphi; a atitude deste não parecia muito digna a Georges, Quanto a Ghéri, estava se lixando!...

XVIII

Na tarde do dia seguinte, a sineta havia reunido os alunos do pensionato.

Num mesmo banco, estavam sentados Boris, Ghéridanisol, Georges e Philippe. Ghéridanisol tirou o relógio, que colocou entre si e Boris. Marcava cinco e trinta e cinco.

A aula começara às cinco e devia durar até as seis. Cinco para as seis, ficara combinado, seria

quando Boris deveria se decidir, logo antes da dispersão dos alunos.

Era melhor assim: poderiam, logo depois, escapar mais depressa. E, pouco tempo depois, Ghéridanisol disse a Boris, em voz não muito baixa, e sem olhá-lo, o que dava às suas palavras, achava ele, um caráter mais fatal:

- Meu velho, você só tem um quarto de hora. Boris lembrou-se de um romance que lera outrora, no qual os bandidos, prestes a matar uma mulher, convidavam-na a fazer suas orações, a fim de convencê-la de que devia se preparar para morrer. Como um estrangeiro, na fronteira de um país do qual vai sair, prepara seus papéis, Boris procurou orações em seu coração e em sua cabeça, e nada encontrou. Mas estava tão cansado e ao mesmo tempo tão tenso que não se inquietou demais. Esforçava-se para pensar e não conseguia pensar em nada. A pistola pesava em seu bolso, não precisava tocá-la para senti-la.

- Só mais dez minutos.

Georges, à esquerda de Ghéridanisol, acompanhava a cena com o canto dos olhos, mas fingia nada ver. Escrevia

febrilmente. Nunca os estudos haviam sido tão calmos. La Pérouse não reconhecia seus pirralhos, e, pela primeira vez, respirava. Phiphi, no entanto, não estava tranquilo.

Ghéridanisol dava-lhe medo. Não tinha muita certeza de que aquela brincadeira pudesse acabar bem, o coração pesado o angustiava, e, mais de uma vez, deixou escapar grandes suspiros. Afinal, não se contendo mais, arrancou meia folha do caderno de história que estava à sua frente - pois precisava estudar para uma prova, mas as linhas se embaralhavam diante de seus olhos, os fatos e datas em sua cabeça

- e, embaixo da página, muito rapidamente, escreveu: "Tem certeza absoluta de que a pistola não está mesmo carregada?", e entregou o bilhete a Georges, que o passou para Ghéri. Mas este, depois de lê-lo, sacudiu os ombros sem nem mesmo olhar para Phiphi, e fez com o bilhete uma bolinha, que, com um piparote, atirou exatamente no lugar marcado pelo giz. Depois do que, satisfeito por ter mirado tão bem, sorriu. Esse sorriso, a princípio voluntário, persistiu até o fim da cena, dir-se-ia impresso em seus traços.

- Mais cinco minutos.

Isso foi dito em voz quase alta. Até Phiphi ouviu. Uma angústia intolerável tomou conta dele, e, embora a hora de estudos estivesse a ponto de terminar, fingindo uma necessidade urgente de sair, ou talvez realmente acometido de dores de barriga, ergueu a mão e estalou os dedos, como costumam fazer os alunos para pedir ao professor autorização, e então, sem ouvir a resposta de La Pérouse, atirou-se para fora do banco. Para alcançar a porta, precisava passar pela mesa do professor; quase corria, mas cambaleava.

Quase imediatamente depois que Phiphi saiu, Boris levantou-se por sua vez. O jovem Passavant, que estudava aplicadamente atrás dele, ergueu os olhos. Contou mais tarde a Séraphine que Boris estava "terrivelmente pálido", mas isso é sempre o que se diz nesses casos. Aliás, ele logo deixou de olhar e mergulhou novamente no estudo. Depois, censurou-se muito por isso. Se tivesse compreendido o que se passava, certamente teria impedido, dizia mais tarde, chorando. Mas não desconfiava de nada.

Boris adiantou-se então até o lugar marcado. Caminhava em passos lentos, como um autômato, de olhar fixo, talvez mais como um sonâmbulo. Sua mão direita segurara a pistola, mas mantinha-a oculta no bolso da camisa; só a retirou no último momento. O lugar fatal era, já o disse, junto à porta fechada, que formava, à direita da mesa, um vão,

de modo que o professor, de sua mesa, só poderia vê-lo debruçando-se.

La Pérouse debruçou-se. E a princípio não compreendeu o que fazia seu neto, ainda que a estranha solenidade de seus gestos fosse inquietante. com sua voz mais forte, que procurava tornar autoritária, começou:

- Sr. Boris, peço-lhe que volte imediatamente para o seu.. .

Mas subitamente reconheceu a pistola. Boris acabava de levá-la à têtora. La Pérouse compreendeu e imediatamente sentiu um frio intenso, como se o sangue se lhe congelasse nas veias. Quis se levantar, correr até Boris, detê-lo, gritar... Uma espécie de estertor rouco saiu-lhe dos lábios. Ele ficou estático, paralisado, sacudido por um violento tremor.

O tiro ecoou. Boris não tombou no mesmo instante.

Por um momento, seu corpo se manteve ereto, como que pregado no canto da sala. Então a cabeça, caída sobre o ombro, arrastou-o. Tudo desabou. -----

Por ocasião do inquérito, feito pela polícia um pouco mais tarde, todos se surpreenderam por não encontrar a pistola junto a Boris - quero dizer: junto ao lugar onde caíra, pois quase imediatamente haviam transportado o pequeno cadáver para uma cama. Na confusão que logo se seguiu, e enquanto Ghéridanisol permanecia em seu lugar, Georges, pulando por sobre o banco, conseguira escamotear a arma sem ser percebido por ninguém. Empurrara-a primeiro para trás, com um chute, e, enquanto os outros se debruçavam sobre Boris, apossara-se dela rapidamente, dissimulara-a sob o paletó, passando-a então, sub-repticiamente, para Ghéridanisol. A atenção de todos estava totalmente voltada para um ponto, e ninguém tampouco reparou em Ghéridanisol, que pôde correr despercebido até o quarto de La Pérouse e recolocar a arma no lugar de onde a havia tirado. Quando mais tarde, durante uma busca, a polícia encontrou a pistola em seu estojo, poder-se-ia ter duvidado de que houvesse sido retirada e de que Boris a houvesse utilizado, se Ghéridanisol tivesse ao menos pensado em retirar a cápsula. Certamente ele perdera um pouco a cabeça. Fraqueza passageira, pela qual se censurou mais tarde, bem mais, infelizmente, do que se arrependeu de seu crime. E no entanto foi essa fraqueza que o salvou. Pois, quando

desceu para se misturar aos outros, à visão do cadáver de Boris, que transportavam, foi acometido por um visível tremor, uma espécie de crise de nervos, na qual a sra. Vedei e Rachel, ambas a acudi-lo, quiseram ver o sinal de uma excessiva emoção. Prefere-se sempre supor tudo, menos a desumanidade num ser tão jovem, e, quando Ghéridanisol afirmou sua inocência, acreditaram nele. O bilhete de Phiphi que Georges lhe entregara, que ele mandara passear com um piparote, e que foi mais tarde encontrado sob um dos bancos, aquele bilhetinho amassado o ajudou. Claro, continuava culpado, assim como Georges e Phiphi, de ter participado de uma brincadeira cruel, mas não teria participado, afirmava, se houvesse imaginado que a arma estivesse carregada. Georges foi o único a continuar convencido de sua total responsabilidade.

Georges não estava tão corrompido a ponto de sua admiração por Ghéridanisol não ceder enfim ao

horror. Quando voltou, à noite, para a casa dos pais, atirou-se nos braços de sua mãe, e Pauline teve um impulso de agradecimento a Deus, que, através daquele drama terrível, restituía-lhe o filho.

Diário de Édouard

"Sem pretender exatamente explicar nada, gostaria de não apresentar nenhum fato sem uma motivação suficiente. É por isso que não me servirei, em meus Moedeiros falsos, do suicídio do pequeno Boris. Já me é difícil demais compreendê-lo. E além disso não gosto das 'notícias de jornal'. Têm algo de peremptório, de inegável, de brutal, de ultrajantemente real... Consinto que a realidade venha em apoio ao meu pensamento, como uma prova, mas não que o preceda. Desagrada-me ser surpreendido. O suicídio de Boris aparece-me como uma indecência, pois eu não o esperava. Há de covardia em todo suicídio, a despeitei

flo que Pérouse, que sem dúvida considera que seu neto foi mais corajoso do que Se aquela criança tivesse podido prever o desastre que seu gesto terrível traria para a família Vedei, ele seria indesculpável. Azais precisou fechar o pensionato - momentaneamente, diz ele, mas Rachel teme a ruína. Quatro famílias já retiraram seus filhos. Não pude dissuadir Pauline de reter Georges junto a si, ainda mais que esse menino, profundamente perturbado pela

morte de seu colega, parece disposto a se emendar. Quantos contragolpes provoca esse luto! Até mesmo Olivier mostra-se atingido. Armand, preocupado, apesar de seus ares cínicos, com a decadência que ameaça cair sobre os seus, oferece-se para dedicar ao pensionato todo o tempo livre que Passavant lhe deixa, pois o velho La Pérouse tornou-se visivelmente inadequado para o que se esperava dele.

Eu receava revê-lo. Foi em seu quartinho, no segundo andar do pensionato, que ele me recebeu. Tomou-me imediatamente o braço, e, com um ar misterioso, quase sorridente, que muito me surpreendeu, pois só esperava lágrimas:

- O ruído, sabe... Aquele ruído de que lhe falava outro dia...

- Sim?

- Acabou. Fim. Não o ouço mais. Por mais que preste atenção...

Como quem se submete a um jogo infantil:

- Aposto que, agora, disse-lhe eu, lamenta não mais o ouvir.

- Oh, não, não... É um descanso! Preciso tanto de silêncio... Sabe o que pensei? É que não podemos saber durante toda esta vida, o que realmente é silêncio. Nosso próprio sangue faz em nós uma espécie de ruído contínuo, não distinguimos mais esse ruído porque nos acostumamos a ele desde a infância... Mas penso que há coisas que, durante a vida, não chegamos a ouvir, harmonias... porque esse ruído as encobre. É, penso que só depois da morte é que poderemos ouvir realmente,

- Dizia-me antes que não acreditava...

- Na imortalidade da alma? Eu lhe disse isso?... Sim, deve ter razão. Mas também não acredito, compreenda-me, no contrário.

E como eu nada dissesse, continuou, balançando a cabeça e num tom sentencioso:

- Já percebeu que, neste mundo, Deus se cala sempre? Só o diabo é quem fala. Ou pelo menos, pelo menos... começou, qualquer que seja a nossa atenção, sempre só conseguimos ouvir o diabo. Não temos ouvidos para ouvir a voz de Deus. A palavra de Deus! Já se perguntou alguma vez o que pode ser isso?... Oh! Não falo daquela que transpuseram em linguagem humana... Lembra-se do começo do Evangelho? 'No princípio era a Palavra.' Pensei muitas vezes que a palavra de Deus era toda a criação.

Mas o diabo se apoderou dela. Seu ruído encobre agora a

voz de Deus. Oh! Diga-me: não acredita que, mesmo assim, será de Deus a última palavra?... E se o tempo, depois da morte, não existe mais, se entramos imediatamente no Eterno, pensa que então poderemos ouvir Deus... diretamente?

Uma espécie de transe começou a sacudi-lo, como se ele fosse ter um ataque de epilepsia, e repentinamente foi acometido por uma crise de soluços:

- Não! Não! exclamava confusamente, o diabo e o bom Deus são um só, eles se entendem. Nós nos esforçamos em acreditar que tudo o que há de mau na terra vem do diabo,

mas é porque de outro modo não encontraríamos em nós a força para perdoar Deus. Ele se diverte conosco, como um gato com o camundongo que tortura... E depois disso ainda pede que lhe sejamos reconhecidos. Reconhecidos por quê? por quê?...

Então, inclinando-se para mim:

- E sabe o que ele fez de mais horrível?... Foi sacrificar seu próprio filho para nos salvar. Seu filho! Seu filho!... A crueldade, eis o primeiro dos atributos de Deus.

Atirou-se sobre a cama, virou-se para a parede. Durante mais alguns instantes, tremores espasmódicos o agitaram, e depois, como parecesse adormecer, deixei-o.

Não me dissera uma palavra sobre Boris, mas pensei que era preciso ver, naquele desespero místico, uma expressão indireta de sua dor, espantosa demais para ser contemplada fixamente.

Fico sabendo, por Olivier, que Bernard voltou para a casa de seu pai, e, francamente, era o que de melhor tinha a fazer. Ao ter conhecimento, pelo pequeno Caloub, encontrado por acaso, que o velho juiz não passava bem, Bernard nada mais ouviu além de seu coração. Deveremos nos rever amanhã à noite, pois Profitendieu convidou-me para jantar, juntamente com Molinier, Pauline e os dois meninos. Estou bastante curioso para conhecer Caloub."

O AUTOR E SUA .

André Gide foi um dos mais festejados escritores franceses do século XX. Grande número de poetas, romancistas e filósofos, como Aragon, Saint-Exupéry, Malraux, Sartre e Camus, reconheciam a grande influência que tinham recebido ' âele. Mais recentemente, o ensaísta Roland Barthes declarava que o autor de "Os moedeiros falsos" contribuiu muitíssimo para a formação de seu pensamento.

Essas manifestações de apreço têm uma fonte comum: a extraordinária qualidade estética da obra de Gide, que evoluiu do simbolismo inicial para uma espécie de neoclassicismo, e a absoluta franqueza com que o autor expõe suas ideias e fala de sua vida pessoal. Particularmente importante nesse sentido foi a inequívoca posição que ele tomou

em relação ao homossexualismo.

André Gide nasceu no dia 22 de novembro de 1869, em Paris, dois anos antes de Marcel Proust. Seu pai era professor de direito, e sua mãe, uma rica, herdeira do Havre, o que lhe possibilitou não ter problemas de subsistência durante toda a vida. Por outro lado, a família do escritor era extremamente religiosa, o que marcou profundamente sua vida pessoal e artística. O puritanismo da mãe criou em seu espírito uma radical impossibilidade de fundir, em uma mesma mulher, o amor espiritual e a vida sexual.

Tendo se casado em 1895 com sua prima Madeleine Rondeaux, pela qual nutria imensa ternura e com quem viveu até o fim de seus dias, Gide jamais consumou carnalmente a ligação. Na mesma época, a influência de Oscar Wilde e duas viagens à África do Norte, onde descobriu "as delícias sensuais de uma sociedade pagã", cristalizaram para sempre o homossexualismo, em defesa do qual pôs o melhor de seu talento.

A obra de Gide é extensa e diversificada. Entre os primeiros livros que escreveu, está "Lês cahiers d'André

Walter" (1891), que trata do conflito entre "o anjo e a besta" no interior do protagonista. "F'aludes" (1895) satiriza os salões simbolistas que o autor frequentara até então. A personagem central reflete sobre o vazio de sua vida e sua incapacidade de criar um pensamento original. Em "Os frutos da terra" (1897), o angélico e o demoníaco superam seus conflitos e atingem um ponto de equilíbrio. "O imoralista", de 1902, apresenta um herói que dá uma nova direção à sua vida, ao recuperar-se de uma tuberculose na África do Norte. É a primeira obra em que se mostra toda a pureza clássica do estilo gideano. "Corydon" (escrito em 1911 e liberado para o público somente em 1924) é um ensaio no qual o autor defende com argumentos científicos o homossexualismo. "A sinfonia pastoral" narra a história de uma adolescente surda, muda e cega, que é educada por um pastor protestante. Ao recuperar a visão e descobrir que o pastor, embora inconscientemente, nutria um desejo carnal por ela, a protagonista se mata. "Os subterrâneos do Vaticano" (1914) centraliza-se no problema do ato gratuito, que, teoricamente, seria a suprema expressão da liberdade. "Os moedeiros falsos" (1926), o mais ambicioso de seus romances, é um precursor de várias obras de ficção surgidas posteriormente, como "Contraponto", de Aldous Huxley, e as do nouveau roman dos anos. Nele, Gide aprofunda alguns de seus temas mais queridos, entre os quais a liberdade individual e a repressão, a

autenticidade, a crítica social e religiosa. "Regresso da URSS" (1936) conta sua decepção com o comunismo, doutrina à qual aderira anos antes. O "Diário" é considerado pela maior parte da crítica especializada como a mais interessante e completa obra do autor. São vários volumes, que abrangem mais de meio século (1889-1949), nos quais o escritor mostra-se de corpo inteiro.

Prémio Nobel de literatura de 1947, André Gide faleceu em 19 de fevereiro de 1951, em Paris.